

Apresentação de
ROBIN
WILLIAMS

MARK M. WEBER

Aos meus filhos

AS ÚLTIMAS CARTAS
DE UM PAI



MARK M. WEBER

Aos meus filhos

AS ÚLTIMAS CARTAS
DE UM PAI

Apresentação de ROBIN WILLIAMS

Tradução:
Julio de Andrade Filho

 Planeta

Copyright © Tell My Sons LLC, 2012

Todos os direitos reservados

Título original: Tell my sons – A father's last letters

Esta tradução foi publicada em acordo com a Ballantine Books, selo da Random House Publishing Group, parte da Random House, Inc.

Preparação: André de Oliveira Lima

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Diagramação: Triall

Capa: Ana Dobón

Imagem de capa: Andrew Paterson/Getty Images

Conversão em epub: {kolekto}

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W382a

Weber, Mark M.

Aos meus filhos : as últimas cartas de um pai / Mark M. Weber ; tradução Júlio de Andrade Filho. – 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2013.

272 p. : il.

Tradução de: Tell my sons : a father's last letters

ISBN 978-85-422-0266-3

1. Weber, Mark M. 2. Estados Unidos - Exército - Oficiais - Biografia. 3. Morte - Aspectos psicológicos. I. Título.

13-04599

CDD: 977.6

CDU: 977.6

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo-SP
www.editoraplaneta.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Para Matthew, Joshua e Noah

Sumário

Apresentação, por Robin Williams

Prefácio

Introdução

*SER FORTE O SUFICIENTE PARA SABER QUANDO ESTÁ FRACO, CORAJOSO
O SUFICIENTE PARA ENCARAR A SI MESMO QUANDO ESTÁ COM MEDO.*

Capítulo 1

*NÃO PROCURAR O CAMINHO DO CONFORTO, MAS ENFRENTAR O
ESTRESSE E OS MOMENTOS DE DIFICULDADE E DESAFIO.*

Capítulo 2

NÃO SUBSTITUIR AÇÕES POR PALAVRAS.

Capítulo 3

*SER ORGULHOSO E INFLEXÍVEL NO FRACASSO HONESTO, MAS HUMILDE E
GENTIL NO SUCESSO.*

Capítulo 4

*BUSCAR E EXPERIMENTAR O VIGOR DAS EMOÇÕES, O FRESCOR DAS
FONTES PROFUNDAS DA VIDA, UM APETITE PELA AVENTURA EM VEZ DO
AMOR PELAS COISAS FÁCEIS.*

Capítulo 5

*BUSCAR UMA VONTADE PRUDENTE, UMA CAPACIDADE DE IMAGINAÇÃO,
UMA VITÓRIA DA CORAGEM SOBRE A TIMIDEZ.*

Capítulo 6

*SER MODESTO PARA QUE SE POSSA APRECIAR A VERDADEIRA SABEDORIA
COM A MENTE ABERTA E A MODÉSTIA DA VERDADEIRA FORÇA*

Capítulo 7

*SER SÉRIO, MAS NUNCA SE LEVAR MUITO A SÉRIO; CHORAR, MAS
TAMBÉM RIR*

Capítulo 8

*DESCOBRIR O SENTIMENTO DE ADMIRAÇÃO, A ESPERANÇA INABALÁVEL
SOBRE O QUE VEM A SEGUIR E A ALEGRIA E A INSPIRAÇÃO DA VIDA*

Epílogo

“COMO VOCÊ ESTÁ?”

Nota e Agradecimentos do Autor

Sobre o autor

O título de cada um dos capítulos foi extraído do discurso de despedida que o general Douglas MacArthur pronunciou em 1962 para o corpo de cadetes na Academia Militar do Exército americano em West Point.

Apresentação

Todos nós, mais cedo ou mais tarde, chegaremos ao fim de nossa trajetória. Para alguns, o caminho é longo. Para outros, é curto. Mas não é tanto a duração da viagem o que importa, e sim os passos que damos.

Se você descobrisse que uma doença está prestes a encurtar sua vida, ninguém poderia legitimamente criticá-lo por deixar a peteca cair. Mas para aqueles que se recusam a permitir que uma doença incurável os impeça de cumprir seu dever, para aqueles que continuam lutando, ou para aqueles que vivem a vida vigorosamente e com alegria até o fim, nós temos um nome. Nós os chamamos de heróis.

Eu tive o prazer de trabalhar com Mark durante uma turnê da USO¹ que ele ajudou a organizar para o presidente do Estado-Maior Conjunto, em 2004. Na época, ele me inspirou, da mesma forma que todos os militares o fazem. Todos aqueles que servem seu país merecem respeito por conta de seu sacrifício pessoal, e eles com certeza têm o meu. Mas depois de saber da batalha de Mark contra o câncer, meu respeito por ele cresceu exponencialmente.

Se a guerra é o inferno, como eles dizem, então lutar contra uma doença incurável é algo bem pior.

Soldados podem sobreviver a guerras. Vítimas de câncer em estágio IV

geralmente não têm a mesma sorte. Quanto mais a batalha se prolonga, mais as chances diminuem. Isso pode ser tanto um motivo de isolamento como uma oportunidade para enviar uma mensagem poderosa com o que restar de vida. Mark Weber escolheu a segunda opção. Em vez de se desligar do mundo, continuou a trabalhar. Ele reuniu seus pensamentos e histórias para seus filhos, e somos afortunados por ele ter deixado isso como legado, para que todos nós possamos ler.

O tenente-coronel Mark Weber marchou com determinação, humor, dignidade e honra. Este livro é sobre o que o motivava. É um olhar sobre quem ele era, no que ele acreditava e sobre o que esperava para a vida de seus filhos. Esta leitura também pode ajudar você a avançar por este mundo.

Que ele possa iluminar o caminho.

— *Robin Williams*



1. USO é uma organização que provê serviços recreacionais às Forças Armadas americanas em todo o mundo. (N. T.)

Prefácio

Queridos Matthew, Joshua e Noah,

Eu escrevi um livro para vocês. Comecei a escrevê-lo muito antes de qualquer um de vocês ter nascido e mesmo antes de conhecer sua mãe, mas ele sempre foi escrito para vocês.

Quando eu tinha 12 anos de idade, minha avó paterna morreu de um súbito ataque cardíaco. Enquanto ajudávamos vovô a arrumar as coisas dela, nos deparamos com uma carta que ele lhe escrevera em agosto de 1944. O trabalho de vovô os mantinha separados, e ele redigira a carta para contar sobre suas atividades, sobre o clima — sem mencionar a guerra mundial que era travada do outro lado do oceano — e para dizer como “parece que já passou um ano aqui sem você”. Vovô era brincalhão. Ele fez vários rabiscos nas margens do papel, um dos quais era um homem colocando a língua para fora. E fechou o relato lhe dizendo quanto apreciava o assado e o bolo que ela tinha feito para ele, e então rabiscou dois pássaros, um para cada um de seus filhos na época.

Aquela carta desbotada parecia um tesouro antigo, mas o que mais me impressionou foi que eu nunca tinha ouvido vovô falar ou agir daquele jeito tão doce. Ele nem sequer se lembrava de tê-la escrito e disse que não se parecia em nada com algo que ele teria feito. Isso me incomodava. Eu queria saber mais sobre a vovó. E eu com certeza não gostaria de esquecer como seria escrever uma carta como aquela.

Quando fiquei mais velho, descobri que nenhum de meus três avós restantes era bom com detalhes. É claro que eles tinham histórias para contar, mas nem sempre forneciam os detalhes que eu queria saber. Eles não conseguiam se lembrar de emoções ou de pensamentos de quando eram jovens e não falavam sobre seus maiores erros e

arrependimentos. As perguntas que eu tinha não correspondiam às respostas que eles queriam – ou podiam – dar.

Imaginei que um dia eu teria netos (sim, netos) que poderiam se mostrar tão interessados em mim quanto eu fora por meus avós. E, assim, comecei a escrever um diário, e o fiz de maneira brutalmente honesta. Olhando para trás, vejo que há um monte de coisas que fiz e das quais não me orgulho, mas imagino talvez que essas coisas horrosas refletiam meu processo de evolução ao longo dos anos. Este livro vem daquele diário.

Claro, imaginei que um dia poderia pessoalmente compartilhar essas histórias com vocês, mas agora estou morrendo, e percebo que não poderei fazer isso com vocês, rapazes, e muito menos com algum neto.

Se apenas a atitude perante a vida determinasse nossa sobrevivência, eu viveria mais 50 anos. Mas, infelizmente, nosso corpo tem um prazo de validade, e meu prazo de 40 anos vai se acabar mais cedo do que deveria. Apesar de alguns tratamentos impressionantes, eu ainda tenho câncer, não posso mais passar por novas cirurgias e a quimioterapia está falhando. Posso parecer invencível no meu uniforme do Exército ou enquanto corto árvores com uma serra elétrica presa acima do ombro, mas seria desonesto sugerir que não estou morrendo.

Por isso, comecei a pensar em maneiras de contar minha história.

Há um garoto de 18 anos de idade dentro de mim que vê vocês três rapidamente se aproximando dessa idade, na qual comecei a pensar de verdade sobre a vida. Há 23 anos, aquele garoto se destacou em um desfile de 4 de Julho como um soldado alistado no Exército, enquanto um narrador invisível recitava apaixonadamente uma adaptação do famoso discurso de 1962 do general Douglas MacArthur¹ aos cadetes de West Point. As palavras e a música de fundo me deram arrepios nos pelos dos braços e do pescoço, e eu senti as lágrimas rolando pelas minhas bochechas. Pela primeira vez, e para sempre depois desse dia, compreendi que a vida era muito maior do que as coisas que estavam acontecendo ao meu redor.

Gravei aquele discurso na memória e o recitei com a mesma paixão durante inúmeras cerimônias de reforma de velhos soldados e feriados militares nos últimos 20 anos. Vocês

três eram apenas bebês quando o Exército me reconheceu como um dos melhores capitães entre mais de 30 mil no Exército. A honra? O Prêmio General MacArthur Leadership.

A verdade é que eu não sou um grande fã de Douglas MacArthur e nunca fui. Frequentei um colégio militar e uso um uniforme do Exército desde os meus 14 anos, então eu sabia quem era MacArthur quando ouvi suas palavras pela primeira vez. Ele sempre me pareceu mais um personagem de filme do que uma pessoa real, e o que pensei naquele dia é que, se você quer ser um homem da vida real, você tem que aprender com os homens da vida real.

Mas aquele seu discurso fala sobre como ser um homem de verdade. É sobre a vida e a luta que ela é, e sobre nossa necessidade de abraçá-la, sobre as contradições, complexidades e confusões, sobre a coragem e a busca da sabedoria que precisamos ter para passar por tudo isso, e sobre lidar com tudo isso o mais honestamente possível.

Então, quando chegou a hora de compartilhar com vocês o que aprendi sobre a vida, sabia que tinha de recorrer a esse discurso só mais uma vez. Agora, vocês três seriam meus jovens aspirantes a “cadetes”, e cada capítulo seria enquadrado em uma moral contida naquele discurso.

Matthew, quando você tinha 12 anos, tentei lhe oferecer alguns conselhos depois de uma breve conversa sobre algum assunto cotidiano, e você me interrompeu. “Pai”, você disse em um tom elevado para chamar minha atenção, “vou resolver isso.” Você tinha razão, e ainda tem. Você tinha feito a pergunta, ganhou alguma ideia sobre o contexto e, em seguida, partiu em seu próprio curso. Com tal compreensão, tenho fé de que vocês três irão de fato resolver as coisas.

Por isso, estas páginas refletem mais minhas observações e perspectivas das coisas do que conselhos ou instruções. Embora eu escreva aqui com minha paixão e convicção de costume, sei que ganhei esses atributos durante um longo período e da mesma forma expressa por Matthew. Minhas histórias não são exemplos da maneira como vocês podem viver a vida; minhas histórias são apenas exemplos de um número infinito de caminhos.

Qual deles vocês devem seguir?

Com a ajuda de muitas outras pessoas que vocês encontrarão na vida, vocês vão

resolver isso.

Espero que, ao longo desse caminho, vocês voltem para consultar estas páginas tantas vezes e tão casualmente quanto fariam se eu ainda estivesse por aqui e pudesse pegar o telefone. Espero ainda que façam diversas perguntas ao livro em diferentes momentos da vida de vocês. Por fim, espero que venham a encontrar as respostas ou as perspectivas que correspondam às suas perguntas.

Detesto ter que escrever esta carta, mas detestaria ainda mais não escrevê-la. Nada pode substituir as longas conversas que eu esperava ter com vocês quando fôssemos pescar ou quando estivéssemos no carro, indo para alguma aventura distante, do mesmo modo que fiz com meu pai. Mas, felizmente, fui abençoado com tempo suficiente para repassar as experiências mais interessantes de minha vida. Por mais triste que sejam os motivos que me levaram a escrever isto, vamos ver se conseguimos espremer um pouco de alegria antes que eu tenha que partir.

Com amor,

Papai.

1. O general Douglas MacArthur foi chefe supremo das forças norte-americanas no Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial, administrou o Japão no pós-guerra durante a ocupação dos Aliados e liderou as forças da ONU nos primeiros meses da Guerra da Coreia. (N. T.)

Introdução

SER FORTE O SUFICIENTE PARA SABER QUANDO ESTÁ FRACO, CORAJOSO O SUFICIENTE PARA ENCARAR A SI MESMO QUANDO ESTÁ COM MEDO.



1993, Universidade Estadual de Minnesota, CPOR,
Centro Preparatório de Oficiais da Reserva

JUNHO DE 2010

É uma tarde de quarta-feira, e o general David Petraeus acaba de assumir o comando de todas as operações no Afeganistão logo após uma destituição amplamente divulgada do general Stanley McChrystal. A última vez que um presidente destituiu um general por má conduta foi quando Harry Truman demitiu o general MacArthur por causa de desentendimentos sobre a estratégia a ser usada na Guerra da Coreia.

A maioria dos líderes do Exército na Guarda Nacional em Minnesota sabia que Petraeus havia me selecionado para uma missão no Iraque em 2005–2006, quando eu era major e ainda estava no Exército regular. Muitos também sabiam que eu mantinha uma relação superficial com ele desde então, e que ele havia aceitado recentemente um convite para vir visitar Minnesota. Meus camaradas meio que brincavam, dizendo que eu receberia um telefonema.

Não houve esse telefonema de Petraeus, mas sim um e-mail, e nele o general propunha que eu participasse de sua equipe no Afeganistão em uma missão especial com os níveis mais altos do Parlamento afegão.

Petraeus procurou um de seus dois generais subordinados, e, 12 horas depois, recebi um inesperado telefonema em meu celular, enquanto sofria com o tráfego pesado na rodovia, nas primeiras horas da manhã.

– Mark, aqui quem fala é o tenente-general Caldwell – um general três estrelas – e estou ligando do Afeganistão... Você tem tempo para conversar?

Nós nunca tínhamos nos visto, mas ele falou em um tom e numa linguagem que a experiência me ensinou ser reservada apenas para a equipe mais próxima ou para um relacionamento consolidado. Ele me disse que um endosso de Petraeus era o melhor que se podia obter, “então vamos nessa”.

Ele perguntou o que eu tinha feito para merecer tais elogios e como eu pudera manter um relacionamento tão duradouro com os principais líderes iraquianos, especificamente com o general Babakir Zibari, chefe de Defesa iraquiano, a quem fui atribuído quando servi por lá. Minha explicação parecia modesta, mas era a verdade: muita energia, simples traquejo social e aprendizado do idioma curdo, que era a língua nativa do general iraquiano. Caldwell não parecia acreditar que foi assim tão simples, mas comentou:

– Bem, nós queremos e precisamos desse tipo de talento.

Deitei na cama naquela noite, olhando para o teto, minha mente repleta de sentimentos diversos. Eu teria que deixar todos vocês imediatamente e me ausentar por um ano em uma zona de guerra, o que me deixou triste e ansioso. Por outro lado, o combate é a razão da existência de soldados, e fazia cinco anos desde a última vez que tinha servido em operações, e esse tipo de atribuição era uma excepcional afirmação profissional para um soldado de qualquer patente.

Fiquei imaginando se esse pedido iria irritar a liderança do Exército em Minnesota, que teria de me substituir, sabendo que havia outros oficiais qualificados para tal atribuição. A ansiedade era despropositada. O major-general Larry Shellito, general adjunto de Minnesota, compartilhou comigo o e-mail de Caldwell assim que a mensagem chegou:

Mark se destacou como adido militar do chefe de Defesa iraquiano durante seu último turno de serviço no Iraque. Com base na sua experiência passada e excelente desempenho comprovado, eu gostaria de lhe oferecer a oportunidade de contribuir como adido militar do próximo ministro do Interior afegão, Bismillah Mohammadi. Seu conjunto de habilidades únicas e capacidade comprovada para

transitar pelas nuances e ambiguidades desta missão muito fora do padrão seriam um acréscimo valioso à equipe aqui. Estamos entrando em um período crítico nos ministérios, e Mark poderia nos trazer uma tremenda posição privilegiada [...] O general Petraeus e eu conversamos sobre Mark e, se você estiver de acordo, nós gostaríamos realmente de trazê-lo a bordo [...] Deixar Mark sair iria desfalcgar sua equipe, mas, se você for capaz de fazer isso dar certo, ficaríamos muito gratos.

O general Shellito aprovou imediatamente o gentil pedido. Na verdade, dentro de uma semana ele aprovou minha promoção imediata a tenente-coronel.

Em casa, havia uma paz e uma serenidade incomuns para uma transferência desse gênero. Kristin (ela pode ser “mamãe” para vocês, mas vai ser “Kristin” para mim durante toda esta história) aceitou a notícia com uma tranquila determinação. Ela não estava animada, mas se mostrou inabalável. Já havia se acostumado com a vida militar desordenada, mas dessa vez – e pela primeira vez em minha carreira – ela estava exatamente onde queria estar durante meu novo período de serviço.

Kristin estava em casa, em Minnesota.

Sua irmã e os pais viviam a 3 e a 20 quilômetros de nossa casa, respectivamente. Na verdade, nossas famílias, a minha e a dela, estavam no máximo a uma hora de carro. Ela também sabia que, assim que eu voltasse do Afeganistão, não teríamos que nos preocupar em ser transferidos para uma nova missão e um novo lar, como acontecera anteriormente.

Dessa vez, eu estava sendo promovido e recebera uma missão dos sonhos, com implicações em escala internacional. Kristin estava contente como nunca estivera com o caos que é a vida do Exército. Vocês, rapazes, nessa época, tinham tempo de finalmente conviver com seus parentes de uma forma que nunca puderam antes.

Poderia ter sido o momento mais feliz da minha vida.

O único obstáculo remanescente foi imposto por mim mesmo. Apesar de já

cl clinicamente liberado para ser transferido, eu queria um exame mais completo. Três anos antes, eu tinha sido diagnosticado com uma úlcera hemorrágica, e não era uma úlcera comum. Por duas vezes eu sofrera uma hemorragia maciça no intestino delgado, e a primeira quase me matou.

Talvez vocês se lembrem de passar o jantar de Ação de Graças sem mim em 2007, enquanto eu estava no hospital a milhares de quilômetros de distância, ou de quando minha cadeira ficou vazia logo após o 13º aniversário de Matthew em 2009, enquanto eu estava no hospital. A úlcera continuou sangrando lentamente ao longo dos 18 meses seguintes.

O histórico me dizia que era possível que eu sofresse outro episódio desses. Não precisa ter muita imaginação para adivinhar como as coisas iriam acabar se eu sofresse outra hemorragia durante uma missão em algum canto remoto do Afeganistão.

Por mais alarmantes que esses incidentes parecessem, eu estava tentado a deixar tudo de lado. Dois especialistas gastrointestinais civis disseram que eu tinha um problema de saúde que não era fatal e com o qual milhares de pessoas aprendem a conviver. Ambos rejeitaram a ideia de que o problema poderia ser qualquer coisa diferente de uma úlcera, e eu não tinha nenhuma razão para duvidar deles. Tinha acabado de espalhar 15 metros de húmus em nosso quintal (sim, com a sua ajuda, Matthew) e estava correndo três quilômetros três vezes por semana. Estava me sentindo cansado, mas não parecia nada anormal. Eu estava convencido de que sofria de uma infecção bacteriana não diagnosticada ou de um pequeno aneurisma perto da parede intestinal.

Esperei mais uma semana e me consultei com o terceiro especialista gastrointestinal em tantos anos, o dr. Jake Matlock. Ele disse que os diagnósticos de úlcera dos médicos anteriores não estavam exatamente errados, mas que meus sintomas exigiam um olhar mais atento, e sugeriu a realização de uma endoscopia (um endoscópio com luz que desce pela garganta e vai para dentro do estômago). Já passara por esse procedimento duas vezes antes,

então eu sabia o que vinha pela frente.

Após o procedimento, o dr. Matlock entrou na sala com uma fisionomia inexpressiva. Ele disse que tinha encontrado uma lesão do tamanho de um punho em meu duodeno (a primeira porção do intestino delgado, logo após o estômago). Tratava-se de algo dez vezes maior do que a descrição da úlcera encontrada no ano anterior. Ele também me disse que a pontuação normal em um teste de medição da presença de ferro no sangue variava entre 100 e 300. A minha era 2.

Eu não precisava de tradução para esses números, mas ainda não achava que tivesse alguma coisa que uma transfusão de sangue, antibióticos e uma cauterização local não pudessem resolver. O médico pediu uma tomografia computadorizada.

Kristin e eu voltamos no dia seguinte para discutir os resultados da tomografia. Conversamos nervosamente enquanto esperávamos. Minha mente estava sobretudo em outro lugar: o tempo disponível para minha transferência estava passando, e minha atenção estava toda voltada para o novo ministro afegão.

O dr. Matlock entrou na sala e sentou-se rapidamente. Seu rosto era inexpressivo, e ele não demorou para nos passar sua mensagem. Mas falou com uma voz suave e compassiva:

– Mark, as notícias não são muito boas... Na verdade, são más. A “úlcera” não é úlcera. Você está com câncer.

As palavras pareciam sair de sua boca em câmera lenta. A cena não parecia real. Era mais como o set de um filme, no qual eu interpretava um personagem. Eu tentei desconsiderar o significado daquela notícia, mas as imagens da tomografia não me deixariam fazer isso.

– Esta área inteira aqui, onde o estômago se liga ao intestino – ele apontou para o duodeno, o pâncreas, os demais dutos associados e os nodos linfáticos circundantes –, está simplesmente indistinguível dos tecidos circundantes.

A massa se estendia até cerca de 75 por cento do meu fígado, e havia uns 15

tumores de diferentes tamanhos. Os tumores no lobo esquerdo do fígado eram do tamanho de bolas de golfe, e aqueles no lobo direito eram do tamanho de moedas de dez e cinco centavos.

Essa explicação levou apenas um minuto ou dois. Quando ele olhou para Kristin, parou de falar, e a expressão em seu rosto me disse o motivo. A lembrança do rosto de Kristin ainda me dói e me oprime cada vez que penso nisso.

O comportamento dela era o de uma menina de 10 anos completamente aterrorizada. Ela estava na ponta da cadeira, sentada com as costas eretas e os olhos arregalados enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Seus lábios se curvaram em uma grande careta e tremeram quando ela perguntou baixinho:

– Dr. Matlock, nossos meninos vão ficar sem pai?

Ele não respondeu.

Ela virou-se para mim, olhou profundamente em meus olhos e guinchou na mesma voz:

– Nós deveríamos envelhecer juntos.

Eu simplesmente agarrei a mão dela e fiquei repetindo com um tom de voz determinado que tudo iria ficar bem. Mas que diabos eu sabia?

Estava me sentindo atordoado, mas ainda não oprimido pela notícia. Um lema do Exército me veio à mente: “O primeiro relatório de batalha está sempre errado”. A realidade poderia ser melhor, poderia ser pior, mas o primeiro relatório era quase sempre errado. No meu entender, nós devíamos nos concentrar em conhecer o resto da história, e não em planejar meu funeral.

O dr. Matlock, em seguida, disse algo solidário, mas óbvio:

– Não acho que você será capaz de fazer essa transferência.

Jura? Não diga...

Ele sugeriu a Clínica Mayo, em Rochester, a apenas uma hora e meia de carro de nossa casa, mas a conversa parou aí porque a Mayo não fazia parte da rede do meu seguro-saúde. Eu disse a Kristin que poderíamos resolver isso em

casa.

Nós havíamos ido em carros separados ao consultório porque Kristin viera diretamente do trabalho, e eu fiquei preocupado com ela guiando sozinha para casa em tal estado emocional. Eu nunca tinha visto minha mulher tão visivelmente abalada.

Quando cheguei em casa, passei pela porta preparado para uma explosão de dor e raiva, confusão e medo. Eu estava longe da verdade. Essa mulher despretensiosa e normalmente de fala mansa tinha falado ao telefone durante todo o percurso até nossa casa. Durante aqueles 15 minutos de carro, ela conseguira um pacote de consultas para dali a dois dias na Clínica Mayo: gastroenterologia, oncologia e cirurgia – ela marcara todos eles.

– Não vamos ficar esperando pela Tricare – disse ela com convicção, referindo-se à nossa companhia de seguros.

Seu tom de voz me disse que ela sabia que eu poderia fazer objeções. Eu perguntei como ela tinha conseguido tudo isso sem um diagnóstico formal ou encaminhamento médico.

– Eu não aceitei um não como resposta.

Meu coração de soldado dobrou de tamanho. Essa, sim, é uma esposa do Exército. Aquele também foi um dos exemplos mais poderosos de força e de coragem diante do medo que eu já vi.

Força. Fraqueza. Coragem. Medo.

Às vezes me pergunto se nós pensamos muito raramente no significado dessas palavras. Aprendemos desde cedo na vida que ter medo é algo de que devemos nos envergonhar. Isso é um equívoco. O medo é saudável. O medo nos mantém vivos. Quando passei pelas academias de paraquedismo e de ataque aéreo do Exército e aprendi a saltar de aviões e descer para o solo por cordas penduradas em helicópteros, fiz questão de não me sentar ao lado de algum soldado que não estivesse com um pouco de medo em relação ao que ele ou ela iria fazer.

A coragem, então, não se resume a evitar o medo ou tentar descobrir maneiras de

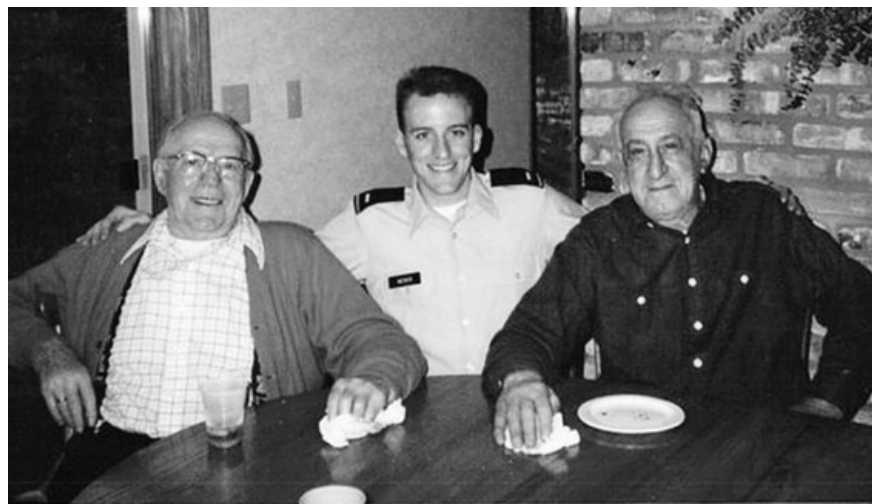
ignorá-lo; é uma reflexão sobre o que você pretende fazer com seu medo. Encarar isso significa entender tudo sobre a situação — as coisas boas e as coisas más — e então decidir o que fazer. Qualquer outra coisa será apenas uma variação do ato de se render.

A força envolve fazer algo, mesmo quando você tiver desculpas convincentes ou razões para não fazer nada. A mãe de vocês tem dificuldade em ver como ela exemplifica isso, mas ela o tem demonstrado todos os dias. Ela pode sentir a própria fraqueza, e isso a assusta como o diabo, mas, por mais triste e chateada que possa estar sobre o que a vida lhe reservou, ela nunca perde de vista o que deve ser feito para cuidar de sua família e de nossa casa.

O que vocês vão fazer quando esses momentos surgirem na vida de vocês?

Capítulo 1

NÃO PROCURAR O CAMINHO DO CONFORTO, MAS
ENFRENTAR O ESTRESSE E OS MOMENTOS DE
DIFICULDADE E DESAFIO.



1994. Meus avôs Franny (esquerda) e Mat (direita) na formatura.

JULHO DE 2010

A equipe médica da Clínica Mayo foi unânime na avaliação: não havia nenhum caminho de conforto. A equipe propôs uma cirurgia radical e maciça chamada “Whipple-plus”, conhecida também como “Duodenopancreatectomia”. Ela eliminaria a porção que restara do meu duodeno, os ductos pancreático e biliar, a cabeça do pâncreas, o entorno dos gânglios linfáticos, a vesícula biliar e talvez mais, dependendo do que pudessem encontrar quando me cortassem. A parte “plus” da cirurgia eliminaria 60 por cento do meu fígado e apenas metade do câncer, porque tinham planos de cuidar do resto mais tarde.

Os médicos eram incrivelmente otimistas, mas eles mencionavam uma quantidade absurda de condições e advertências.

Esqueça o câncer. Só a cirurgia poderia levar a meses de severas deficiências físicas e a uma mudança imediata no estilo de vida (alimentação, atividades, lazer, trabalho, interação social), e ainda restaria muito câncer dentro de meu corpo, já que os médicos aguardariam um tempo para retirar o restante.

Os médicos da minha equipe cirúrgica na Mayo realizavam em média cinco cirurgias de Whipple por semana, mas não esconderam sua inexperiência com a “Whipple-plus”, nem suavizaram os riscos. Com a cirurgia, eles disseram, eu *poderia* morrer em breve. Sem a cirurgia, eu *iria* morrer em breve.

Não foi uma decisão muito difícil para mim. Se eu fosse cair, então cairia

lutando.

Quando um exército está prestes a ir para a ofensiva, não há nada mais motivador do que um conjunto empolgante de observações feitas pelo oficial comandante. Por isso, decidi mobilizar meu pequeno exército de apoiadores da mesma maneira. A inspiração para o que escrever me veio numa manhã, logo que abri meus olhos. Por volta das seis da manhã, eu já estava digitando febrilmente minha própria adaptação das declarações do famoso general George Patton ao 3º Exército dos Estados Unidos nas vésperas do Dia D, a maior invasão na história do mundo. Meu discurso dizia, em parte:

Descansar! (que significa o mesmo que “Ouçam!”)

Agora, eu quero que vocês se lembrem de que ninguém jamais ganhou uma guerra morrendo pelo seu país. Ele a venceu fazendo com que seu pobre inimigo morresse pelo país dele. Família, amigos, todas essas coisas que vocês ouviram sobre o câncer sempre ganhar a batalha... Isso é um monte de bosta de cavalo.

Vocês sabem, meu Deus, que eu tenho realmente pena dessas pobres células cancerosas que vamos enfrentar. Tenho mesmo... Vamos assassiná-las aos montes...

Daqui a 30 anos, contando a partir de agora, quando estiverem sentados ao redor da lareira com meus netos no colo e eles perguntarem o que eu fiz no ano de 2010, vocês não terão que responder: “Bem, ele ficou sentado com pena de si mesmo”. Agora está claro, vocês já sabem como eu me sinto. Sejam fortes ao meu lado. Lutem comigo. Ah, e eu terei muito orgulho de liderar meus maravilhosos rapazes para a batalha – a qualquer momento, em qualquer lugar. E isso é tudo.

Não me passou despercebido que Patton havia sobrevivido a 36 anos de carreira militar e a duas guerras mundiais só para sofrer uma morte inglória por causa de ferimentos causados em um acidente de carro quatro meses após o fim da guerra. Agora parecia que eu poderia ter sobrevivido aos combates e a 21 anos no Exército apenas para sucumbir ao câncer, aos 39 anos de idade.

Mais do que isso, percebi que esses discursos em tempos de guerra parecem muito bons para os adultos, mas não funcionam tão bem para as crianças. Ao decidir como e o que dizer a vocês, rapazes, sobre meu câncer, concluímos que, se vocês iriam suportar o pouso forçado, seria melhor que estivessem a bordo para a decolagem.

As más notícias não ficam melhores com o passar do tempo. Mais cedo ou mais tarde, as pessoas que você ama e conhece acabarão descobrindo. E de quem você gostaria que elas ouvissem as más novas, de você mesmo ou de outra pessoa? E, caso fiquem sabendo por outra pessoa, quais são as chances de que sua má notícia vá se tornar algo pior, como uma conversa sobre o porquê você escondeu algo tão importante de um ente querido?

Manter as coisas em segredo até que tivéssemos mais informação não foi uma opção para nós, porque a informação estava fluindo no Facebook como uma bala perdida. Felizmente, Joshua e Noah, vocês tinham apenas 10 anos de idade e não tinham celular nem computador, e Matthew, você estava no Novo México, no acampamento Philmont dos escoteiros, onde não havia sinal. Nós precisávamos chegar até você antes da notícia, mas não antes que concluísse seu acampamento.

Philmont é um rito de passagem para os escoteiros, e você, um rapaz de 14 anos, estava a apenas um ou dois dias de completá-lo. Você já havia caminhado quase 100 quilômetros e escalado sete picos carregando uma mochila de 22 quilos durante 11 dias, todo dia debaixo de chuva e, em três deles, com chuva e neblina. A última coisa que eu queria que você ouvisse enquanto comemorava essa conquista surpreendente era um comentário casual do tipo “Ei, sinto muito pelo seu pai” de um de seus companheiros ou dos líderes escoteiros.

Minha transferência fornecia um pretexto perfeito, e juro que podia ouvir a música-tema de *Missão Impossível* ao fundo quando colocamos mãos à obra. Nós asseguramos que você fosse embora rápido assim que terminasse sua trilha e então desativamos seu celular e fechamos sua página no Facebook.

Com todos vocês em casa e com um plano já elaborado para o que viria a seguir, demos a notícia. Ao refletirmos sobre o que e quanto iríamos compartilhar, levamos em conta que livros inteiros foram escritos sobre esse assunto. Sabíamos que tínhamos de separar as coisas que precisavam ser tratadas a partir de agora das coisas que poderiam ser abordadas mais tarde.

Uma questão acabou por guiar nosso pensamento: o que vocês iriam ver ou ouvir nas próximas duas a quatro semanas?

Uma vez que há quase cinco anos de diferença entre vocês, contamos a notícia separadamente – primeiro para Matthew, e em seguida para todos os três juntos. Nós lhes passamos a mesma mensagem, mas a apresentamos de formas diferentes, com base em suas idades e personalidades. Em função de nossa vida militar, essa não seria a primeira vez que conversariamos sobre “E se acontecer alguma coisa realmente ruim com papai?”. E, antes de cada uma de minhas transferências, nós discutíamos a imensa responsabilidade que vocês precisavam assumir enquanto eu estava fora, quer eu sobrevivesse ou não.

Eu organizei meus pensamentos por escrito e ensaiei antes de falar com vocês.

– Rapazes, eu sei que vocês são espertos e que provavelmente já devem ter notado que um monte de coisa está acontecendo desde a semana passada, certo?

Noah, você balançou a cabeça lentamente e comentou:

– Eu tenho reparado que os olhos da mamãe estão vermelhos muitas vezes.

Você também comentou sobre o grande número de pessoas tristes que você viu por perto. E ainda acrescentou:

– E acho que eu ouvi a vovó Coughlin dizer algo sobre você e câncer quando ela estava no telefone na semana passada.

Não fiquei bravo com essa mancada, isso só me fez lembrar que as crianças veem e ouvem muito mais do que pensamos.

A tranquilidade em sua voz me disse que você conhecia a informação, mas não a entendia.

– Eu tenho câncer – disse eu. – Sei que não parece, mas por dentro estou muito, muito doente.

Seu rosto se transformou e ficou muito parecido com o de Kristin no médico. Você começou a chorar e estendeu a mão em direção à perna de Kristin. Eu parei. Joshua e Matthew, o rosto de vocês não demonstrava emoção, mas sei muito bem que ambos são mais introvertidos, e que estavam processando internamente aquela mesma emoção. Senti que eu precisava reconhecer tudo isso antes de continuar.

– Por que você está chorando? – perguntei calmamente a você, Noah.

– Porque você vai *morrer* – respondeu, enquanto revirava os olhos.

Tentei incluir vocês três na minha resposta.

– Bem, isso é parte da razão pela qual mamãe e eu estamos conversando com todos vocês agora, para ajudá-los a entender o que está acontecendo. Eu não vou mentir. Posso mesmo morrer em breve, mas ainda não estou morto, e me foi dada a chance que muita gente não tem.

Então, deliberadamente mudei para um tom de voz severo, o mesmo que eu uso para manter a disciplina:

– Recebi a chance de lutar, rapazes, e isso é exatamente o que eu vou fazer. Vocês precisam saber que essa luta será muito fácil agora, pois significa ficar esperto com essas coisas e fazer um bom planejamento, uma boa elaboração de estratégias, preparando-se. Mas vai ficar muito mais difícil com o passar dos dias. Em poucas semanas, vocês verão seu pai nocauteado para valer, e ficarei no hospital por um longo tempo. Minha aparência será bem... cruel. Esses serão os dias em que pode ser que eu não me pareça comigo mesmo, mas estarei lá... lutando.

E mudei para um tom muito mais suave.

– Pode ser que vocês não me vejam chorar muitas vezes, mas eu choro, sim. Fico com medo, e fico louco da vida com essa coisa de câncer. Vocês provavelmente vão experimentar esses mesmos sentimentos, e precisam saber que está tudo bem. Não há problema em ficar triste, louco da vida, frustrado,

com medo, e também não há problema em desfrutar de um pouco de negação de vez em quando. Mas vocês não podem ficar assim o tempo todo.

Expliquei que, quando eu era um jovem soldado, realizávamos missões de treinamento que duravam todo o dia e parte da noite por até uma semana de cada vez.

– Quando alguém da equipe se cansava, parávamos e nos sentávamos para descansar. Mas sempre voltávamos a nos levantar e nunca desistimos... *Nunca*. Assim como esses jovens soldados, todos nós podemos parar e descansar um pouco também, mas, se não levantarmos e seguirmos em frente, é muito provável que a gente morra ou desabe naquele lugar.

Contei a vocês que os soldados nem sempre ficam muito contentes em fazer isso, mas fazemos o que deve ser feito. E isto aqui também devia ser feito:

– Nós todos vamos passar por isso juntos, como uma equipe.

Continuamos discutindo as coisas saudáveis que vocês poderiam fazer, tipo conversar com algum professor, ou nadar ou jogar para ocupar a mente e gastar as energias. Também discutimos as coisas pouco saudáveis que deveriam ser evitadas quando lidassem com suas emoções e como essas mesmas emoções os deixariam vulneráveis.

Por exemplo, a raiva, o medo ou a tristeza de vocês a respeito do câncer poderiam levar à conclusão de que nada mais importa, e as coisas em que vocês nunca pensaram antes, como fumar, beber, mandar um adulto calar a boca ou descontar sua raiva nos amigos, de repente pareceriam normais de se fazer.

Tenho certeza de que vocês se lembram de que aproveitei a oportunidade, como normalmente fazia com o tema das emoções, para usar minha voz do Yoda de *Star Wars*:

– A raiva, o medo, a agressão, o lado escuro da Força eles são. Facilmente se levantam, rápidos para acompanhá-los numa batalha. Consumi-los eles vão, como fizeram com o aprendiz de Obi-Wan.

Todos vocês sorriram com desdém, como se esse não fosse o momento de brincar.

– Para com isso agora, pai, isso não é de verdade – foi a resposta que vocês me deram, mas eu sei que vocês todos amam *Star Wars* e se identificam com os personagens. Essa era a linguagem de vocês e eu queria aliviar um pouco o clima.

Mesmo assim, eu estava falando sério sobre a referência.

– Gente – voltei a falar –, eu sei que *Star Wars* não é real, mas é uma história escrita por pessoas de verdade que entendem as emoções. O que eles escreveram para Yoda sobre Anakin Skywalker é verdadeiro, e sua advertência se aplica a todos nós.

Eu então contei a história de meus primos mais novos, Michael e Katie Bryant. Vocês sabiam que Michael era o médico que estava me ajudando a navegar pelos obstáculos clínicos que surgiram após meu diagnóstico. Expliquei que, quando Michael tinha 7 anos, seu pai morreu, de forma horrível e instantânea, numa colisão frontal de seu carro com um trator. Michael não teve a chance de dizer ou fazer qualquer coisa com seu pai depois daquele terrível acidente.

O que Michael escolheu fazer com sua emoção e energia? Ele se tornou um médico. E sua irmã mais nova tornou-se advogada.

Parte de mim queria desesperadamente proteger vocês da dor e do sofrimento. Mas julguei que esse não era o melhor caminho, porque acho que vocês não precisam desse tipo de proteção. Acho que os jovens e as crianças são mais adaptáveis e flexíveis que a maioria dos adultos.

Dor e sofrimento são inevitáveis nesta vida, e proteger vocês disso não vai ajudá-los quando estiverem vivendo por conta própria. O que vocês precisam mais do que tudo é de orientação, e é isso que Kristin e eu tentamos fazer com vocês.

Meu objetivo desde o diagnóstico não é diferente do que era antes: ajudá-los a pensar sobre como navegar pelas dificuldades que certamente enfrentarão

na vida, e não como evitá-las.

★ ★ ★

Duvido que meus avós diriam que *queriam* enfrentar as dificuldades e os desafios da vida durante a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial, como MacArthur sugeriu que se devia fazer. Eles tinham pouca escolha sobre o “caminho do conforto”.

Vocês, no entanto, têm grande probabilidade de enfrentar um mundo diferente e em outras circunstâncias, o que significa que terão muito mais opções quando se trata de conforto ou dificuldade, assim como eu tive antes. O que meus avós me ensinaram por meio de sua falta de escolha sobre enfrentar dificuldades foi que haveria virtude na minha escolha de enfrentar a dificuldade.

Marie Lanoux se casou com meu avô, Mathew Garofalo, em 1947, quando ambos tinham 31 anos de idade. Apesar de um início relativamente tardio, ela deu à luz 15 filhos durante os 15 anos seguintes, com um par de gêmeos no meio deles para completar. O médico fez o parto de Marco de graça, porque ele completava uma dúzia.

Em 1981, quando minha avó tinha 63 anos e seu filho mais novo ainda estava terminando o ensino médio, ela sofreu um derrame e passou os 17 anos seguintes numa cadeira de rodas, com metade do corpo paralisado. Eu tinha 9 anos na época, e aqueles anos permanecem para mim como um incomparável exemplo de como enfrentar com dignidade e graça uma dificuldade inevitável.

Toda semana, minha mãe dirigia três quilômetros até a casa de vovó para fazer uma visita e ajudar ao menos durante algumas horas. Eu adorava ir junto para ajudar a fazer o mingau de aveia e o ovo cozido para minha avó, ou ir de bicicleta até a lojinha Cassetta para comprar sanduíches para o almoço.

Eu também era um garoto tagarela, então uma visita minha sempre incluía uma bela quantidade de conversas sobre nada em particular. A única vez em

que eu a ouvi levantar a voz foi para pedir a um dos filhos adultos que descesse para levá-la ao banheiro. Perceber isso foi mais do que casual para mim, aos 11 anos. Qual seria a sensação de ter de confiar em alguém para me levar ao banheiro?

Quando eu tinha 14 anos, comecei a perguntar se eu poderia ajudar mais – e não apenas com a louça ou as refeições. Eu queria ser capaz de cuidar desse pedido do banheiro assim que ela precisasse. Mas cuidar disso não era tarefa fácil. Vovó pesava pelo menos 75 quilos, e ela não era capaz de abaixar suas próprias roupas íntimas. Eu não posso pensar em uma tarefa mais humilhante para um menino de 14 anos diante de sua avó de 67 anos, mas ela nunca demonstrou nenhuma vergonha, então eu também não. Aquela tarefa precisava ser feita.

Ajudei a preparar as refeições, lavei roupas, deixei os pratos limpos, aspirei a casa, passei pano no chão da cozinha e fiz compras no mercado. Quando fiquei mais velho e já podia dirigir, eu a visitei na casa de repouso. Nós pintávamos cerâmicas e jogávamos bingo e cartas com suas amigas. Ela adorava me exibir para os outros moradores da casa, e eu gostava de receber apreciação ilimitada de alguém que queria tanto minhas pequenas doses de ajuda – e precisava disso.

Por mais que eu achasse que estava ciente da condição de vovó na época, posso olhar para trás e ver que não tinha de fato nenhuma ideia. Ela tomava uma quantidade de medicação que poderia derrubar um cavalo. Os pés dela estavam terrivelmente inchados. E sua cadeira era uma verdadeira prisão quando minha avó ficava sozinha.

Se ela alguma vez expressou uma queixa, não me lembro de ter ouvido.

Mas eu não considero nobre que ela tenha sofrido em silêncio; o que considero nobre é que vovó tenha concentrado suas ações e pensamentos na vida, e isso a ajudou a lidar com o sofrimento.

Quando eu tinha 20 e poucos anos e já era capaz de entender melhor a profunda dificuldade de sua situação, disse a ela:

– Durante 15 anos, eu vi a senhora viver a vida em sua cadeira de rodas. E posso dizer que a senhora sofre com isso. O que a faz seguir em frente todos os dias?

Vovó não sorriu nem disse uma única palavra. Ela apenas ergueu seu braço bom e apontou para as paredes a seu redor, indicando as mais de duas centenas de fotos que cobriam cada centímetro quadrado do espaço da pequena sala de estar: todos os seus filhos, cada casamento, mais de 30 netos e algumas fotos dos casamentos *deles* e, em seguida, as fotos dos bisnetos também.

Um caminho de conforto não era uma opção, mas vovó definiu o que, para ela, significava enfrentar o estresse e os momentos de dificuldade e desafio.

★ ★ ★

Se minha avó me ensinou a ter compaixão, tolerância e paciência, vovô Mathew Garofalo deve ter me ensinado o valor da paixão desenfreada e a ideia de que um desafio poderia ser divertido (embora de uma maneira muito estranha).

Mat era um homem alto, magro, incansável, que falava extremamente alto. Era um mecânico desbocado de 80 anos que tocava sua própria oficina da garagem de casa.

Ele foi convocado para a Segunda Guerra Mundial, mas não viu nenhuma honra nessa tarefa, nem na época nem mais tarde. Ele acreditava que seu maior triunfo na guerra foi que sua família convenceu o Departamento de Guerra a enviá-lo para casa em Minnesota, logo após ser convocado, para cuidar de seus pais italianos. Mesmo em retrospectiva, ele não achava que uma guerra mundial exercesse tanta influência no mundo quanto cuidar de sua família. E parece que suas palavras mais duras foram reservadas para aqueles que não viam as coisas da mesma maneira que ele, o que não me ajudou muito quando me alistei no Exército.

Apesar de sua profunda convicção sobre a família, ele tinha uma estranha

maneira de expressar afeição.

– Eu deveria ter tido porcos – gostava de dizer a seus filhos em anos posteriores. – Pelo menos eu poderia comê-los.

Seu gênio – que nossa família prefere definir como “sangue quente” – era lendário. Em duas ocasiões diferentes, vovô entrou em casa de um modo inflamado e quebrou toda a sala de jantar, deixando-a em pedaços por razões conhecidas apenas por ele.

Sangue quente, acho.

A personalidade de Mat era tão consistente e previsível que ele era praticamente um personagem da Disney (para maiores de 13 anos, na melhor das hipóteses). O único momento em que ele aparecia dentro de casa era durante as refeições. Caso contrário, ele estava na garagem ou trabalhando no porão.

– Quem não trabalha, não come – gostava de dizer.

Seu “escritório” ficava no porão, uma masmorra úmida e cavernosa repleta de peças de carro, ferramentas, latões e coisas de ferro-velho de parede a parede e do piso ao teto. Uma única trilha sinuosa atravessava todo o comprimento do aposento, de quase dez metros. Em um canto inacabado, havia um box de banho rudimentar que parecia ter sido trazido de uma cabana de barro do terceiro mundo. Lá do porão, ele costumava pedir coisas para nós batendo em um cano com uma chave inglesa e gritando suas demandas.

Vovô asfaltou seu quintal de 9 por 12 metros, justificando que assim não seria preciso aparar a grama (apesar de sua abundância de mão de obra gratuita). Quando nós, os meninos Weber, chegamos, o quintal de vovô consistia em nada além de pilhas de pneus e uma casinha de cachorro gigante para seu wolfhound, Igor.

As “palestras” de Mat eram sempre um show. Não importa o tema, ele incluía pelo menos um palavrão e repetia suas explicações pelo menos duas vezes. Já que ele sempre falava dessa maneira, nós aceitávamos e pronto. Para mim, aquilo soava como poesia. Qualquer aborrecimento comum poderia

motivá-lo.

Um discurso normal geralmente incluía algo como: “Johnny não ouve. Não. Ele não consegue ouvir. Não sabe ouvir. Não saberia ouvir nem se sua vida dependesse disso. Se sua vida dependesse de ouvir, ele estaria morto”. Tudo no volume máximo e sem ser dirigido a nenhuma pessoa em particular.

Na verdade, a pessoa ofendida geralmente estava muito longe quando Mat começava sua arenga.

Com 15 filhos debaixo do mesmo teto, ele assumiu o estilo disciplinar de um peculiar diretor de prisão. Vovô integrou seu trabalho e sua vida pessoal ao utilizar uma correia do alternador como chibata. Perseguindo seus jovens criminosos, ele graciosamente perguntava:

– Você quer um Chevrolet, um Ford ou um Pontiac?

A aparência física de Mat era enganadora. Mesmo na casa dos 60 anos, ele se movia como uma versão mais alta de Yoda – ligeiramente curvado e metódico em seus movimentos, mas muito rápido em uma discussão com um de seus filhos adolescentes. Ele era conhecido por perseguir um ou mais filhos pelo beco ou pela vizinhança para fazer cumprir sua sentença.

As primeiras lembranças que tenho de quando eu e meus irmãos o visitávamos envolvem vê-lo gritando da garagem com uma voz profunda:

– Ei, lá vou eu! Lá vou eeeuuu! Vamos começar a festaaaaa! Vamos arrebentar!

Ele fazia isso sem nem mesmo levantar a cabeça do capô. Novamente, ele não parecia zangado, mas nunca parecia contente também. A gente nunca sabia exatamente como ele se sentia ou o que ele queria dizer, mas seu falatório sempre nos fez sorrir.

As conversas com vovô Garofalo eram sempre sobre um destes dois temas: carros ou sexo. Tenho certeza de que nós falamos sobre outras coisas, mas eu não me lembro do quê. Exemplos? Ele falava das mulheres que conhecera antes do casamento como sendo “conquistas”, usando palavras em italiano para definir sua masculinidade ou para os atos sexuais. Uma rotineira referência ao

sexo era conhecida simplesmente como “caixa de bananas”, um regresso aos dias em que ele voltava para casa para almoçar e jogava uma caixa de bananas na mesa da cozinha para manter todas as crianças ocupadas enquanto ele passava algum tempo em particular com a vovó.

Ele viveu até os 92 anos, e no fim de sua vida eu estava baseado em Minnesota. Ele foi o único de meus avós que assisti a definir, e sua luta menos de dois anos antes do meu câncer me deu um exemplo oportuno.

Quando o deitei no chão para ajudá-lo a executar alguns exercícios de alongamento com as pernas, ele casualmente me disse algo que ilustrou como ele estava enfrentando o fim de sua vida. Com entusiasmo e convicção, ele me disse:

– Só existe uma coisa que quero fazer quando estou nesta posição.

Durante a missa em sua homenagem, a igreja explodiu em risadas quando eu disse que São Pedro provavelmente devia estar se perguntando quem jogara uma caixa de bananas sobre a tribuna quando passou por ele correndo.

★ ★ ★

Minha avó Marie Weber – minha avó favorita quando eu era criança – teve um profundo impacto em mim por razões completamente diferentes em comparação a meus outros avós. Ela morreu aos 67 anos, de um ataque cardíaco, em uma manhã de domingo, pouco antes da missa de Páscoa.

A vida não poderia ser mais irônica ou devastadora para um menino católico de 12 anos de idade.

Descobrimos bem mais tarde que vovó sofria de transtorno bipolar – momentos de euforia realmente eufóricos e de depressão realmente tristes. Além de alguns exemplos notáveis que envolviam xícaras de café voadoras (com café dentro) e outros episódios repletos de palavrões, tudo o que eu me lembrava dela era de uma doce senhora de idade que eu amava mais do que qualquer outra pessoa na minha vida.

O dia em que vovó Weber morreu foi profundamente espiritual para mim. Sua perda não fazia sentido. Fiz um monte de perguntas a Deus. Por que no Domingo de Páscoa, com tantos outros dias? Seria uma punição? Será que nós, ou eu, não tínhamos sido suficientemente fiéis?

Eu era um jovem rapaz que acreditava firmemente no que me ensinaram, que Deus poderia consertar qualquer coisa desde que eu orasse bastante. Quando ela morreu, aprendi que a vida, por mais linda que possa ser às vezes, não funcionava assim.

★ ★ ★

A história de vovô Francis Weber é também mais uma de dificuldades e desafios dramáticos. Franny, como o chamávamos, era um solteiro bonitão e convencido aos 20 anos, e com base em nossas muitas conversas eu podia dizer que ele achava que vivera de forma enganosa com muito álcool e mulheres (embora nunca tenha compartilhado os detalhes). Por volta dos 30 anos, quando a ideia de constituir família ainda era um pensamento distante, ele se envolveu em um bizarro acidente de construção que quase o matou.

Franny era carpinteiro, mas trabalhou em quase todos os comércios, incluindo alvenaria. O trabalho que quase acabou com sua vida foi o de apontar tijolos danificados em um edifício comercial. Naquele tempo, os pedreiros usavam um sistema rudimentar de andaimes com polias, tábuas e cunhas de madeira.

Suas descrições e desenhos esboçados dessas configurações me faziam lembrar de uma escavação arqueológica em um filme de Indiana Jones. Era difícil imaginar alguém usando tal coisa, mas aqueles eram tempos espartanos, e isso foi muito antes da existência das regulações do Ministério do Trabalho. Se a gente não tivesse uma foto autêntica dele de pé sobre tal geringonça suspensa oito andares no ar, ninguém teria acreditado que isso fosse possível.

Por razões que Franny não conseguia explicar, seu sócio e chefe puxou

naquele dia uma cunha de apoio, o que provocou o colapso do sistema sob seus pés. Ele disse que as pontas de seus dedos apenas roçaram a borda de uma corda de segurança quando ele deslizou pela prancha e mergulhou quase 25 metros rumo ao solo, caindo sobre uma enorme pilha de tijolos, argamassa e pranchas de madeira. Ele aterrisou em cima de seu chefe, que morreu no local.

Vovô quebrou quase todos os ossos do corpo, incluindo as pernas e os quadris. O impacto fez um de seus olhos saltar para fora da cavidade ocular, e uma de suas orelhas ficou pendurada, balançando do lado de sua cabeça. Ele ficou tão gravemente ferido que o pessoal do hospital não sabia o que fazer.

Quando recobrou a consciência, ele estava em uma maca no corredor do hospital sem ninguém por perto. Ele nos disse que imaginou que ninguém esperava que ele fosse sobreviver, então os médicos e enfermeiros simplesmente o colocaram de lado para morrer; afinal, aquele era um hospital na época da Depressão dos anos 1930.

Vovô passou três meses em um molde de corpo inteiro, e as lesões que sofreu iriam atormentá-lo pelo resto da vida. Seu pulso permaneceu desfigurado, e seu tronco parecia que tinha sido recolocado no corpo fora do eixo.

Quando eu era adolescente, essa história inacreditável parecia ser a grande catástrofe da vida de Franny. Mas já adulto, no entanto, vi algo muito diferente: ele passou 14 anos sofrendo de depressão depois que vovó morreu, e piorou quando ficou mais velho. Embora fosse fisicamente capaz até o dia em que morreu, aos 91 anos, minha família tinha que instigá-lo a tomar banho, trocar de roupa, cuidar de seu cão e evitar comer alimentos estragados.

Durante o começo de meus 20 anos, tentei conversar com ele sobre o que atormentava sua mente. “Culpa”, respondia. Ele dava a entender que se arrependia de sua juventude ou de suas transgressões, ou as de vovó, anos depois, mas se recusava a falar mais. Ele só chorava.

Mas eu não quero deixá-los com a imagem de um velho triste e patético. Franny permaneceu como um personagem incrivelmente divertido, que tinha

as formas mais originais de nos fazer rir. Quando ele soltava pum, costumava se desculpar, dizendo: “Desculpe, pensei que estivesse em Kokomo”,¹ ou então começaria a chamar um gato invisível: “Aqui, gatinho, gatinho, gatinho”. Se alguma vez a gente respondesse a uma pergunta com um “Hã?”, ele retrucaria:

– Chute um porco no rabo e você terá um “Hã”.

Não sei se era algo inevitável ou autoimposto por ele mesmo, mas o que eu quero que vocês saibam é que as dificuldades psicológicas de meu avô Weber o atormentaram tanto quanto sua enorme queda – ou ainda mais.

★ ★ ★

Eu também sofri minhas dores na infância.

Fisicamente, cada criança tem problemas de um tipo ou de outro. Olhando para trás, vejo um garoto que pode ter sido um exemplo do extremo: amidalite aos 2 anos, 14 anos de infecções recorrentes no ouvido, com quatro cirurgias corretivas, dois pulsos quebrados, dois conjuntos de aparelho ortodôntico e óculos de grau aos 10 anos de idade. Cada um desses problemas é comum nas crianças, mas eu nunca vi um garoto com todos eles.

Eu também era propenso a acidentes, e provavelmente não fui o garoto ideal para se colocar na parte de cima de um beliche. Por três vezes rolei e caí no chão, quebrando o pulso em uma delas e perdendo o dente em outra. (Ah, sim, é claro que havia as grades de segurança, mas nunca achei que precisasse delas.)

Mas os problemas no ouvido eram mesmo muito difíceis. A cada ano, eu conseguia que água do lago ficasse presa atrás do meu tímpano, o que causava uma infecção e uma enorme pressão sobre o ouvido médio. Esses pequenos ossos são tão sensíveis que eu podia sentir uma dor aguda a cada batimento cardíaco até que os fluídos fossem drenados e a infecção desaparecesse.

Embora a maioria das crianças seja tratada com antibióticos ou com

remédios em gota nos ouvidos para limpar tais infecções, essas soluções não foram utilizadas ou não funcionaram comigo. Meu médico não gostava de usar antibióticos (ele achava que eram utilizados de maneira exagerada), e os remédios em gota eram inúteis. Por quatro vezes, entre meus 5 e 16 anos, um cirurgião cortou um pequeno buraco no meu tímpano e inseriu um pequeno tubo de plástico, o que permitia drenar os fluidos.

A cada verão, eu passava pelo menos duas semanas me contorcendo de dor ou bombeando febrilmente meus ouvidos com o polegar. As noites eram pesadelos insones. Ninguém reclamava do meu choro, mas me lembro de me mudar para diferentes partes da casa para não incomodar ninguém.

Eu nunca analisei profundamente a forma como essas experiências podem ter me afetado na vida adulta, e ainda não o fiz. Tal como aconteceu com meus avós, não havia nenhuma escolha sobre um caminho de conforto, mas talvez eu tenha aprendido mais do que imaginei sobre como enfrentar o estresse e os momentos de dificuldade e desafio.

★ ★ ★

No primeiro ano do ensino médio, vivenciei uma dor – tanto na escola quanto em casa – que eu trocaria por todas as infecções de ouvido do mundo.

Naquele ano, eu frequentava a Cretin High School, uma escola católica para meninos. Um de meus eventos favoritos era a aula de ginástica. Eu adorava todas as atividades, mas detestava o que vinha depois: o banho de chuveiro. Esse era um evento especialmente estressante para um garoto católico propenso ao tipo de culpa e vergonha da nudez que nasceu quando Adão e Eva foram lançados para fora do jardim do Éden.

O ritual do chuveiro me parecia um momento diário de tensão. Uma vez que todos nós éramos feitos do mesmo molde religioso, presumi que cada um de nós iria valorizar uma regra tácita de etiqueta: fazer o que tinha que fazer, sair, se vestir e não brincar com isso.

Mas três meses depois nesse meu primeiro ano, tal regra foi grotescamente violada, e eu me tornei a pobre e aleatória vítima de uma crueldade que me perseguiu pelos três anos seguintes. Inexplicavelmente, um colega que eu nem sequer conhecia direito levantou a cabeça e gritou para o teto:

– Ei, alguém viu que o Weber ficou de pau duro no chuveiro?

Ele estava a apenas seis armários de onde eu estava e na minha linha de visão. Eu nunca vou esquecer o sorriso arrogante em seu rosto depois que ele disse isso.

Eu fiquei ali congelado no lugar, olhando para meu armário. *Devo responder? Fico apenas parado aqui? Talvez ninguém o tenha ouvido. Talvez eu devesse simplesmente ignorá-lo.*

Ele repetiu a provocação, e foi como ser picado com um agulhão elétrico para o gado. Então, alguém mais entrou na brincadeira e depois outros garotos se uniram ao frenesi. Eu tentei fazer daquilo uma piada e disse:

– Boa, Shane, boa piada.

– Tanto faz, Weber, só não vá bater uma – respondeu ele.

Então, ele levantou a voz novamente:

– Ih, pessoal, é melhor a gente trazer o sabonete num barbante – gritou. – E cuidado com o Webs no chuveiro, hein... Ele pode vir de mansinho e te pegar pelo rabo.

Senti o choque subir pelo meu peito enquanto corria para fora do vestiário e orei a Deus, pedindo que isso tivesse acabado.

Mas estava apenas começando.

Os comentários e as provocações continuaram pelo resto desse ano e pelo ano seguinte, e depois prosseguiram no próximo ano depois que nossa escola se fundiu com uma escola só para meninas e passou a se chamar Cretin-Derham Hall.

É difícil descrever essa experiência sem exagerar ou subestimar como ela é. Eu não era provocado constantemente pela maioria dos garotos. Eram apenas momentos específicos de zombaria, com intervalos preenchidos pelo medo.

Nada do que eu dissesse ou fizesse – rir daquilo, permanecer em silêncio, responder com “E daí?”, ameaçar bater no valentão –, nada fazia o pesadelo ir embora. Quando os insultos verbais não pareciam mais me irritar o suficiente, alguém rabiscou *Pau duro e seu pauzinho* na porta do meu armário.

Minha mãe queria que a administração da escola se envolvesse, mas isso apenas me fez imaginar que novas provocações poderiam surgir, como “Olha só quem precisou pedir para a mamãe vir resolver as coisas para ele”.

A vida nunca mais me apresentou um problema social tão doloroso ou insolúvel. Embora eu nunca queira repetir a experiência, a retrospectiva revelou uma consequência bem-vinda: eu estava começando a praticar habilidades em gestão de conflitos, o que me serviu bem para o resto da vida.

Esse primeiro ano trouxe também uma extraordinária quantidade de estresse em casa. Mamãe ficara cansada do vício em bebida de meu pai e dos efeitos que isso estava tendo sobre nossa família. Ele não era um bêbado violento ou um alcoólatra contumaz, mas bebia mais do que por simples distração. Isso estava afetando seu trabalho, outra mulher estava envolvida e tinha acontecido pelo menos um incidente desagradável em frente de casa que quase fez com que a polícia fosse chamada. Mamãe o expulsou de casa e lhe disse que o único jeito de ele voltar era se parasse de beber.

Depois de quatro meses dessa separação horrível, nós nos perguntamos se ele voltaria algum dia, e eu posso dizer honestamente que não me importava muito com isso. Embora soubéssemos que havia na separação muito mais do que apenas papai e álcool, isso de fato não importava. O fato de ver rotineiramente a mamãe chorando em silêncio em um canto escuro nos deixou irritados e ferozmente protetores.

Com todos os problemas em casa e na escola, o suicídio se arrastou para dentro de minha cabeça como uma possível solução. Parecia ser o botão mais fácil de ser apertado, e só de pensar em pressioná-lo me trouxe conforto.

Avaliei todos os cenários na minha cabeça nas semanas que se seguiram e cheguei a uma firme conclusão de que o suicídio na verdade não resolveria

nada. Eu não sofria de nenhuma doença mental. Era plenamente capaz de enfrentar minhas dificuldades. Dadas as minhas circunstâncias, o suicídio seria uma coisa egoísta e preguiçosa de se fazer, e isso só traria mais dor para aqueles que eu amava. Então, decidi ficar firme.

★ ★ ★

Minha vida como soldado começou quando eu estava no primeiro ano na Cretin High, cuja tradição de instituto militar remontava a centenas de anos.

Meu início precoce na vida do Exército faz parecer que isso era algo que eu estava destinado a fazer. É difícil argumentar contra, mas nada podia estar mais longe da verdade. Cada decisão ao longo desses 23 anos foi uma escolha consciente, e cada uma delas despertou uma boa quantidade de dúvidas e ansiedades.

Nada sobre minha vida adulta irá lhes confirmar isso, mas eu me sentia muito apreensivo com a vida no Exército durante os primeiros oito anos, e estava longe de ser um modelo de disciplina e convicção quando vesti o uniforme pela primeira vez.

No colégio, eu não era um garoto decidido a embarcar na carreira militar. Era apenas um cara que estava fazendo o que a maioria dos caras de outras escolas fazia. O programa “militar”, também conhecido como CPOR (Centro Preparatório de Oficiais da Reserva), era voluntário, e eu estava hesitante em participar dele. Minha única referência desse tipo de escola era o filme *Toque de recolher*, de 1981, em que os alunos assumem o comando do colégio e começam uma pequena guerra em sua cidade.

Nosso programa era mais parecido com um curso de liderança e gestão. Os instrutores enfatizavam a cidadania e o desenvolvimento da liderança. Nós exploramos exemplos reais dos traços de liderança, como coragem, lealdade, dedicação, integridade, iniciativa e determinação. Para muitos amigos e familiares, havia a preocupação de que o CPOR iria realizar uma lavagem

cerebral e me convencer a entrar para o Exército.

Eles estavam parcialmente certos. De fato, logo recebi uma lavagem cerebral, mas com lições excepcionalmente positivas, tais como:

- Dar o exemplo.
- Ter responsabilidade e assumir a responsabilidade por suas ações.
- Proporcionar o bem-estar das pessoas sob seus cuidados.
- Conhecer a si mesmo e buscar o autoaperfeiçoamento.
- Desenvolver o senso de responsabilidade em seus subordinados.
- Sendo um oficial, servir e proteger a Constituição, e não líderes individuais.
- Não pedir que seus subordinados façam algo que você não faria.

Alguns desses tópicos eram similares aos ideais que eu tinha visto ou aprendido em casa ou na igreja, mas outras máximas, como “Fale com franqueza” e “Discordar não é igual a desrespeitar”, eram completamente novas e não exatamente bem recebidas por meus pais ou pela liderança da igreja. Portanto, essa instrução deu poder a um jovem iniciante como eu. Aprendi que eu não apenas tinha o direito de buscar a responsabilidade e falar com franqueza, mas também que era nobre e honroso aprender como fazer isso de maneira respeitosa e com competência.

A meritocracia e a hierarquia do programa militar trouxeram com elas uma previsibilidade muito bem-vinda. Usávamos o uniforme do Exército todos os dias, e nos foi dado o posto de cadete e posições de responsabilidade.

Nosso “trabalho” possuía um valor limitado no mundo real – tínhamos que marchar, realizar treinos e manter a aparência adequada, com uniformes limpos e passados, cabelo bem aparado, sapatos engraxados e as medalhas e condecorações corretamente colocadas – mas essas eram maneiras muito práticas de demonstrar e avaliar a responsabilidade pessoal, a disciplina e a integridade.

Infelizmente, o CPOR despertou certos temores entre os pais e o pessoal

que não era do centro preparatório. A visão de uma massa de jovens marchando de uniforme, saudando respeitosamente os superiores e cumprindo “ordens” pode enviar um arrepio espinha acima até do adulto mais razoável, e eu ouvi referências à Alemanha nazista e à Juventude Hitlerista.

Nossos instrutores ficavam de olho. Eram todos soldados reformados do Exército e veteranos das guerras do Vietnã e da Coreia. A maioria tinha sido ferida em combate. Eles tinham visto os horrores da guerra e foram rápidos em repreender qualquer aluno que expressasse pensamentos românticos sobre a vida de um soldado.

Eu dediquei toda a minha atenção e energia para o CPOR, e isso foi demonstrado de maneiras boas e ruins. Eu era capaz de fazer marchar uma unidade como um Napoleão, recitar imediatamente o significado das características e dos princípios da liderança e realizar treinos com um rifle melhor do que qualquer outro aluno de anos recentes. Mas eu era um estudante acadêmico sem foco, com uma boca indisciplinada.

Quando eu tinha acabado de entrar no colégio, mandei uma professora calar a boca quando ela disse algo insultuoso para mim. Hoje eu diria que isso foi uma “boa iniciativa, com má decisão”. Ela estava errada, mas mandá-la se calar era uma solução demasiado fácil e com duras consequências. Quando a promoção para tenente foi publicada se referindo aos alunos de nossa classe – isso era um marco importante no programa –, meu nome não estava na lista. Chorei abertamente na frente de meus amigos. Demorou algumas semanas para que eu percebesse que a falha fora toda minha.

Quando meu tempo na Cretin estava chegando ao fim, ocorreu-me que meus quatro anos tinham produzido algumas realizações espetaculares – mas de pouco ou nenhum valor na prática. Ganhei um C no meu índice geral de avaliação e 19 (de um total de 36) no teste de admissão para as universidades. Não pratiquei esportes, não realizei trabalhos voluntários nem consegui grandes posições de liderança no CPOR.

Meus talentos incluíam: uma habilidade excepcional em debates, uma sólida

compreensão de liderança e gestão e a capacidade de recitar os 87 municípios de Minnesota de memória em menos de 30 segundos. (Sobre esse último, não me perguntem por quê.)

O orientador educacional do colégio foi bastante direto:

– A faculdade não é para você. E nem acho que alguma faculdade vá querer admiti-lo. Você deveria começar a pensar sobre o que quer fazer para ganhar a vida.

Essas palavras foram como um sinal de alerta: *preciso começar a pensar mais e trabalhar mais.*

★ ★ ★

Quando chegou a hora de me encontrar com um recrutador do Exército, a decisão parecia tão natural como escolher algo para comer no jantar. E não se tratava nem um pouco de “dever, honra e amor à pátria”.

Se eu me juntasse à Guarda Nacional do Exército de Minnesota, isso pagaria metade do custo de minha mensalidade no curso superior, forneceria ainda várias centenas de dólares de renda por mês e ajudaria a definir uma carreira, caso eu decidisse ficar ali depois da formatura na faculdade. Mesmo minha escolha de profissão no Exército (Polícia Militar) foi baseada em finanças – um bônus de 2 mil dólares.

A mudança de Minnesota para o Alabama por causa do treinamento básico foi tão drástica quanto ser jogado na água gelada. Nossos compartimentos para dormir, abertos, eram como uma panela de pressão que somava personalidades, culturas e origens sociais diferentes vindas de todo o país, sem falar da total falta de conforto e intimidade. Eu sabia como marchar, atirar, ler mapas e recitar os princípios de liderança melhor do que a maioria de meus sargentos, mas isso não era o colégio, e eles não eram calouros.

O ritmo e o estilo dos sargentos faziam a aspereza de meu pai parecer suave. Todo o meu cabelo foi cortado, todas as minhas liberdades foram cerceadas e

todas as decisões passaram a ser tomadas por outras pessoas. Nós não tínhamos permissão nem de fazer xixi.

Comer acontecia como uma disposição necessária da vida, ponto. Não havia socialização. Não seguir as instruções resultava em broncas homéricas. E os rituais diários muitas vezes incluíam um “Kobayashi Maru”² (uma situação na qual não se pode vencer), em que a *intenção* era ser injusto.

Mais tarde, soube que havia um propósito para toda essa abordagem: nada ocorre de acordo com o plano em combate. O caos reina supremo. Se uma pessoa não pode sobreviver à injustiça e à estupidez da vida num ambiente de treinamento, não há nenhuma razão para acreditar ele ou ela é capaz de fazê-lo em qualquer outro lugar. Mas saber que tudo isso era programado nunca tornou as coisas mais fáceis.

Eu era praticamente um especialista na etiqueta militar básica, mas sabia muito pouco sobre como realmente funcionaria sob pressão. Nossa primeiríssima lição foi aprender a ficar em posição de sentido, o que era brincadeira de criança para mim. Mas o estresse transformou a tarefa em física quântica. Meu coração disparou, e eu sem querer fechei as mãos em um punho em vez de mantê-las soltas e levemente curvadas, como tinha aprendido a fazer anos antes. Um dos instrutores avistou isso e foi bem duro:

– Ei, olha esse aqui, sargento instrutor! – gritou ele para seu parceiro em um carregado sotaque sulista. – Parece que ele vai bater em alguém! Abra esses punhos, soldado, e fique na posição correta de sentido!

Minhas 17 semanas de treinamento básico e na escola da Polícia Militar foram repletas de experiências notáveis, mas em suma isso é mais bem descrito como tendo sido uma imersão na vida sem conforto, conveniências ou intimidade.

Toda a experiência acabou redefinindo meu entendimento sobre a adversidade e as dificuldades.

Em casa, ir à missa dominical quase sempre parecia uma obrigação; no Exército, isso era um oásis. Em casa, eu poderia simplesmente ir embora ou

ignorar as pessoas que me incomodavam; no Exército, eu tinha que aprender a trabalhar com elas, e vi que conseguia fazer isso. Em casa, nunca achei que pudesse viver se não conseguisse dormir por oito horas; no Exército, percebi que meu corpo e mente eram capazes de funcionar muito bem com metade dessas horas. Em essência, eu descobri uma perspectiva na vida, e vivenciar isso de uma forma tão intensa acabou me inspirando a buscá-la mais tarde na vida – seja em combate no Iraque ou em combate com meu próprio corpo.

Em última análise, eu aprendi como é verdadeiro e valioso viver um dia de cada vez. Foi esse o mantra que recitei para mim mesmo dias e dias sem fim, quando estava sozinho com meus pensamentos no chuveiro, depois de uma extenuante sessão de treinamento físico, em minha cama depois de um dia difícil ou deitado sob as estrelas durante exercícios de treinamento no campo. Isso deu certo. E ainda dá certo atualmente.

★ ★ ★

Dezoito meses antes do meu diagnóstico de câncer, Kristin viu seu pai enfrentar um câncer de próstata durante nossa breve permanência em Minnesota. O câncer não havia progredido por anos, mas agora estava de volta, e parecia estar ganhando terreno rapidamente. Confrontado com a incerteza e com um imenso sentimento de compaixão por Kristin, decidi fazer uma escolha que causaria arrepio em qualquer oficial de carreira.

Depois de 16 anos, renunciei às minhas atribuições no serviço ativo do Exército e me juntei em tempo integral à Guarda Nacional de Minnesota, de forma que nossa família pudesse permanecer perto do pai de Kristin. Pela primeira vez, eu queria que Kristin viesse antes de minha carreira, e no momento em que ela mais precisava.

Se eu dissesse que aquela decisão não doeu, eu estaria sendo desonesto. Meus colegas e mentores reagiram como se eu tivesse cometido suicídio, e parte de mim sentia como se eu tivesse de fato feito isso.

Eu tinha conquistado o que muitos consideravam uma improvável sequência de sucessos: o reconhecimento nacional como um dos melhores oficiais subalternos do Exército; promoção antecipada para o posto de major, apesar de um plano de carreira não ortodoxo; a seleção para participar de um programa de mestrado financiado integralmente na Universidade de Georgetown; ser designado para a equipe pessoal do presidente do Estado-Maior Conjunto; ser escolhido a dedo pelo general Petraeus para servir com seu pessoal de apoio no Iraque; e, finalmente, ser selecionado para trabalhar no escritório do oficial comandante da Polícia Militar do Exército.

Eu sabia que Minnesota não iria me desafiar profissionalmente da mesma maneira. Pior, era uma realidade contundente ingressar naquela minúscula fatia do Exército. Minhas experiências únicas em lugares como o Pentágono foram de pouca utilidade em Minnesota. E, ao contrário do Exército regular, onde havia um contingente de 8.500 tenentes-coronéis, Minnesota tinha apenas 17 dessas posições, e eu seria o “cara novo”. E fui informado com toda a clareza que qualquer promoção seria dramaticamente retardada, se é que isso aconteceria.

Minha decisão então, diante de tudo isso, foi tão pouco convencional e atípica que mesmo Kristin não acreditou até ver meus documentos de baixa.

Senti realmente incerteza e medo em relação a uma mudança profissional e pessoal tão profunda, mas bastou apenas um olhar nos olhos de Kristin para me trazer conforto: soube que aquilo era a coisa certa a fazer. E a verdade é que os olhos de Kristin são todo o conforto de que sempre precisei.

“Eu nunca poderia fazer o que você fez.”

Meninos, eu ouvi esse comentário inúmeras vezes durante meu período no Exército, e mais ainda durante minha luta contra o câncer. Fico sempre hesitante em contra-argumentar esses comentários bem-intencionados, mas posso lhes dizer que uma resposta continua a ecoar dentro de minha cabeça: “Na verdade, você pode fazer isso, você só não quer fazê-lo”.

Todo mundo tem coisas que não quer fazer, e não há nenhum crime nisso. Mas existe uma grande diferença entre “não poder” e “não querer”, quando se trata de enfrentar o caminho do conforto ou do estresse e os momentos de dificuldade e desafio.

Aprendi que “não poder fazer” é muito mais fácil, mas não exige nada e não produz nada. “Poder fazer”, porém, muitas vezes exige que você venha a desafiar o que achava que conhecia, que passe a trabalhar com os outros quando não quer fazer isso, que comece a procurar perspectivas que não deseja procurar, que corra o risco de estar errado e que realmente experimente a derrota e a humilhação. Cada um desses pontos representa o preço de aprender, crescer e viver uma vida plena e explorada.

Não estou dizendo a vocês para se meterem em todas as dificuldades e desafios que encontrarem pela frente. O que estou propondo é que o “poder fazer” está muitas vezes apenas a um ou dois curtos passos além do “não poder fazer”, e o território que existe entre ambos é um terreno fértil para o crescimento pessoal e a realização profissional.



1. Kokomo é uma cidade no estado de Indiana que, no início do século XX, foi pioneira na extração de gás natural. (N. T.)

2. Referência a uma espaçonave da série Star Trek, usada para treinamento de capitães. Kobayashi Maru é um cargueiro que transporta 300 pessoas e é colocado em uma situação em que não existe solução possível, a não ser mudando-se as regras. (N. T.)

Capítulo 2

NÃO SUBSTITUIR AÇÕES POR PALAVRAS



Janeiro de 2009, ao lado de nosso forte de neve (sete meses antes do diagnóstico)

AGOSTO DE 2012

Abro os olhos e não consigo me mexer. Eu me sinto como um pedaço de madeira morta. Minha cabeça está pesada e minha visão, turva. O quarto está escuro e com uma leve névoa de luz, apenas o suficiente para que eu possa distinguir as várias coisas ao meu redor.

Estou deitado em um pequeno quarto com paredes brancas. Um grande monitor foi posto à minha direita, e um brilhante material de aspecto metálico corre ao longo do teto na minha frente. Eu começo lentamente a virar a cabeça para a esquerda e consigo distinguir uma bandeira dos Estados Unidos. Os ruídos no quarto são tão fracos quanto a iluminação.

– Onde estou?

Apago instantaneamente.

Quando abro os olhos de novo, ainda não sei onde estou. Um som rítmico e sussurrado é seguido por um “bip” repetido e quase inaudível. Se não fosse isso, o quarto seria tão silencioso que eu poderia diferenciar cada zumbido da engrenagem eletrônica que rodeava minha cabeça, como se estivesse numa cabine de avião.

– Onde estou?

A desorientação me lembrava de quando se acorda depois de dormir na casa de um amigo. Mas, naquela época, eu conseguia descobrir onde estava. Por que não conseguia fazer isso agora?

Cochilei novamente.

Quando abro os olhos mais uma vez, fico imediatamente consciente de um ruído de clicar e de pequenas batidas, e isso está acontecendo em um ritmo furioso. Eu viro minha cabeça para a direita, e uma mulher está parada em frente a um console. A luz do monitor dá ao quarto um brilho fraco. Ela parece muito atenta ao que surge na tela e concentrada em sua tarefa. Pergunto:

— Onde estou?

Ela não responde. Será que não me ouviu? Pergunto novamente. Não há resposta.

Eu não sei quanto tempo se passou desde que abri os olhos pela primeira vez, mas parece que foi uma hora. De repente, eu entendo tudo. Meus poderes de raciocínio dedutivo finalmente despertam. Os monitores, a cintilante película de poliéster, a bandeira americana, todos aqueles aparelhos eletrônicos e a sensação de estar em uma cabine.

Estou em uma nave espacial!

Fecho os olhos, confiante na minha conclusão. Mas, depois de apenas alguns momentos, sinto-me desconfortável com tal pensamento. O que diabos eu estaria fazendo em uma nave espacial?

Sinto uma mão em meu braço.

— Como você está, Mark?

Era a mulher que eu tinha visto antes no monitor. Ela parece familiar para mim, mas não consigo saber quem é.

— Onde eu estou? — pergunto exasperado. — Por que estamos em uma nave espacial?

Ela não parece nem rir nem ficar chateada com minha pergunta.

— Você está no hospital.

Meus sentidos ainda estão dormentes, mas não porque ainda é meio da noite e estou cansado. É porque estou chapado de medicação para dor. Mas finalmente percebo... Aquela mulher é minha enfermeira. Meus olhos se enchem de lágrimas quando me lembro de que esse é um pesadelo do qual não posso acordar.

Eu tenho câncer em estágio IV, e as coisas foram de mal a pior por conta das complicações que se acumularam a partir de minha cirurgia.

Enquanto fico lá deitado, completamente inativo e tendo acabado de acordar, meu

coração bate cem vezes por minuto, o que é um ritmo de corrida para mim. Ele vem batendo sem parar desse jeito desde a cirurgia, há três semanas (e vai continuar desse jeito por mais quatro semanas).

Estou ciente de que meus órgãos internos não mais se assemelham à concepção humana. É impressionante que as coisas ainda funcionem, mas funcionam. Meu cirurgião explica que ele encontrou algumas complicações durante a “remodelação dos encanamentos”. A parte do meu pâncreas não danificada ainda está saudável, o que é algo inesperado para câncer de pâncreas. No entanto, costurar um pâncreas saudável de volta para o intestino é como costurar uma banana em um preservativo. E costurar o duto biliar da espessura de um canudinho é uma tarefa igualmente desafiadora. Fui avisado de que cerca de 20 por cento dos pacientes operados na cirurgia Whipple pode desenvolver uma fístula (um vazamento intestinal), e eu sou um dos sortudos premiados...

Nos dias seguintes à minha cirurgia, dava para olhar para baixo em meu abdômen e enxergar um padrão de costura traçado na parte inferior de toda a minha caixa torácica. Mas não hoje. A fístula tinha feito com que a maior parte da minha cavidade abdominal, a partir de minhas costelas até meu quadril, se enchesse com bile e fluidos pancreáticos. Na semana passada, o cirurgião teve que abrir todos os pontos ao longo daquela incisão de 40 e poucos centímetros.

Agora eu estava parecendo a carcaça aberta de um animal abatido.

— O senhor vai colocar os pontos de volta no lugar? — pergunto ao médico.

— Não — responde o cirurgião. — Pode ser difícil entender essa ideia, mas toda a sua ferida tem que se curar de dentro para fora, e sem pontos. É o que chamamos de uma ferida aberta.

Dizer que isso pode ser difícil de entender é na verdade uma sutileza. Uma parte da incisão é grande o suficiente para permitir que dois punhos fechados entrem em meu abdômen. O músculo parece hambúrguer cru, e ele é banhado constantemente por uma gosma amarela de fluidos digestivos que exigem mudanças frequentes dos curativos num espaço de poucas horas... E durante as 14 semanas seguintes...

Quando consigo esticar a mão para levantar o lençol para longe do meu abdômen,

posso sentir o puxão dos tubos ligados ao meu braço direito. Olho para os quatro sacos de fluido pendurados no suporte para soros. Não posso comer, porque meu novo encanamento não consegue lidar com a pressão ou a tarefa de processamento de alimentos. Assim, dois desses sacos fornecem minha única nutrição (nutrição parenteral total, ou NPT).

Um quinto tubo corre até uma bomba de Dilaudid (cloridrato de hidromorfona, analgésico opioide dez vezes mais potente que a morfina), que eu posso controlar. Ele vem com um botão como o de um detonador, onde eu bato com meu polegar quando a dor torna-se muito intensa, o que acontece cerca de uma vez a cada hora.

Um dos efeitos colaterais da medicação para a dor é a pior boca seca que já experimentei na minha vida. Mas ainda pior do que isso é o fato de que não posso beber nada, e eu sinto sede as 24 horas do dia. A única água que estou autorizado a beber é na forma de lascas de gelo ou uma esponja úmida para evitar que meus lábios sequem de vez. Na verdade, não estarei autorizado a beber nada até o 20^o dia.

Fico pensando em quanto tempo leva para um pequeno corte na minha mão curar, e então eu olho para essa grande incisão.

— Não há maneira de isso acontecer, cara — suspiro.

★ ★ ★

As semanas que precederam esse único dia e também as que se seguiram a ele foram de pura tortura. As drogas pesadas, a enorme ferida abdominal, os drenos e a falta de nutrição, tudo isso fez com que fosse muito difícil sair da cama, para não falar em andar, fazer xixi ou soltar pum.

Todos os dias, eu me erguia um pouco e suplicava a Deus para que a urina saísse, porque uma enfermeira com um cateter era a única alternativa, se isso não acontecesse. Vocês não imaginam quão doloroso é ter um cateter empurrado para cima de minha uretra três vezes por dia, para drenar a bexiga.

— Você não pode simplesmente deixar a coisa lá dentro, em vez de enfiar e retirar todos os dias? — implorei à enfermeira.

– Não, se você quiser ser capaz de fazer xixi de novo sozinho.

Para manter meu sistema digestivo em movimento, prevenir coágulos sanguíneos e manter qualquer tipo de tônus muscular em meu corpo, eu era obrigado a andar. Não conseguia fazê-lo tantas vezes quanto eu precisava, mas sempre tentei ao máximo. Arrastava meus pés em câmera lenta por cerca de 30 metros, um doloroso passo de cada vez.

Minha inatividade e os órgãos “sonolentos” fizeram com que fosse difícil drenar todos os fluidos, o que resultou em cerca de 15 quilos de ganho de peso em água. Minhas pernas e pés estavam inchados além do meu normal, e os testículos incharam tanto que ficaram quase do tamanho de laranjas. (Noah, você se referiu a mim, rindo, como o “Papaizão”, depois de acidentalmente vislumbrá-los quando eu subi na cama.)

A retenção de fluidos também restringiu minha respiração, o que levou ao acúmulo de fluidos em meus pulmões, e isso fez com que fosse ainda mais difícil andar, dormir ou até mesmo pensar direito. Eu me sentia como um carrapato inchado.

– Vocês não podem simplesmente drenar o fluido de meus pulmões? – perguntei.

A resposta foi não, o procedimento era muito arriscado.

– Seria melhor se você fizesse os exercícios de respiração dez vezes por dia – me disseram.

Eu ri. Eu mal podia fazer duas vezes por dia. Com o passar do tempo, no entanto, os médicos drenaram uma garrafa de dois litros de fluidos de meus pulmões.

★ ★ ★

Quando você está com medo, vai levando as coisas com o que já conhece. Tendo sido um soldado e oficial de carreira por 21 anos, inicialmente recuei da ideia de usar palavras como batalha, guerra ou qualquer outro termo militar

para descrever a experiência do câncer. Há uma “guerra” em todas as coisas do cotidiano – a guerra das drogas, contra a obesidade, contra a pobreza, o terror, o analfabetismo – e parece que nunca iremos vencer.

Também não gostava da ideia de que a referência a uma guerra deixa implícito que há vencedores e perdedores. O câncer não era um invasor estrangeiro. Era resultado do meu próprio sistema imunológico defeituoso, e eu com certeza não ia considerar a mim mesmo como o inimigo ou o perdedor. Além disso, eu tinha visto muitos soldados lutarem e perderem batalhas reais em combate com um inimigo real. E simplesmente não me pareceu correto fazer essa comparação.

E, no entanto, minha resistência ao uso de termos relacionados com o combate foi de curta duração. Quase todo mundo que conversava comigo fazia essa metáfora, e as razões começaram a fazer sentido quando obtive uma perspectiva mais abrangente de minha própria doença.

O câncer não é algo que aparece, explode e invade seu corpo de repente. Ele é uma guerra, uma guerra civil assassina dentro de você. Descobri que as famílias que vivem com algum integrante com câncer precisavam dessa metáfora, porque doenças terminais como a minha tocam em nossos piores pesadelos sobre a vida – a ideia de uma morte lenta e, eventualmente, de uma existência dolorosa e miserável para os sobreviventes e seus cuidadores.

A metáfora oferecia um ponto de encontro para as famílias que desesperadamente tentavam lidar com isso. E, como soldado, essa linguagem de combater em uma guerra era a minha linguagem.

Certa vez me pediram para descrever a diferença entre lutar contra o câncer e lutar em combate. Bem, em combate há balas e bombas. Mas a única verdadeira diferença em relação ao câncer é o cenário e os combatentes, porque, com câncer, você ainda tem que enfrentar tanto um inimigo quanto seus próprios medos. Você ainda tem que enfrentar a morte. Você ainda tem que suportar a tristeza e a privação, tanto as mais triviais quanto as mais graves. E você ainda tem que se sentar com a família e explicar a enervante realidade

das possibilidades.

Então, se todo mundo caracteriza o câncer como uma guerra civil, e você sabe que 1 milhão de seus próprios concidadãos (as células cancerosas) estão se movendo por todo o país, e matando de forma indiscriminada todos que aparecem em seu caminho, quem você pode categorizar como suas “forças amigas” na batalha?

Resposta: todo aquele que não estiver com eles.

No modo de falar do Exército, minhas forças amigas consistem de três “divisões”: meu corpo, meus amigos e família e meus médicos.

O único combatente físico na linha de frente é meu corpo. Outras pessoas podem ajudar, mas a luta real tem que ser feita pelo corpo. Em julho de 2010, as forças inimigas não estavam mais em minhas fronteiras; o câncer já havia me flanqueado, cercado e desarmado. A estação de processamento de combustível (o aparelho digestivo) para todos os meus exércitos já fora destruída. Meu corpo possuía um coração forte, mente, pulmões e músculos, mas, sem combustível, isso tudo era apenas acessório. Eles estavam sendo privados de sua capacidade de combate a cada dia.

A divisão de amigos e família do meu exército ganhou cerca de 1.000 “alistados” em apenas uma semana por meio de meu diário on-line.¹ Essas tropas eram poderosas na motivação e no apoio espiritual, mas não tinham como oferecer qualquer ajuda prática na luta contra o câncer.

A última divisão restante de meu exército, e aquela que possuía mais razão para otimismo, era uma pequena equipe de forças especiais (meus médicos) equipada com as armas mais letais e avançadas do arsenal da biologia humana. Os problemas:

- as armas dos médicos matam tão indiscriminadamente quanto o câncer;
- a confusão e a incerteza da “névoa da guerra” são tão desorientadoras para os médicos quanto o são para os soldados;
- as soluções dos médicos às vezes são totalmente ineficazes, apesar de um ataque destruidor ao câncer.

Alguma pergunta?

★ ★ ★

Pessoas que queriam me apoiar se esforçavam claramente para dizer algo além de “Você pode vencer isso” ou “Estou rezando por você”. Isso me obrigou a me fazer algumas perguntas sobre o tipo de apoio que desejava. *Estou enfrentando a situação como um soldado, mas isso significa que espero que me digam que serei vitorioso, não importa o que aconteça? Costumo rir muito, mas tem alguma coisa para se rir aqui? Sou uma pessoa espiritual, mas será que a força da minha fé vai ditar minha sobrevivência?*

Eu decidi contar às pessoas meus pensamentos sobre cada um desses assuntos e sugerir como elas poderiam ajudar – uma tarefa que eu agora considero ser a responsabilidade daqueles que estão gravemente doentes. Aqui está o que disse a eles:

Ajude-me a manter a realidade das coisas, falando honestamente comigo sobre o que posso ver claramente com meus próprios olhos. Não me coloque ainda na sepultura, mas também não fique fazendo alegações irreais sobre minha vitória iminente. Basta apenas sentar-se e conversar comigo.

No que diz respeito ao humor, eu rio de mim mesmo e da vida. Era assim que eu era antes do câncer, e não tenho planos de mudar agora.

Quando se trata de religião, o que sem dúvida representava o maior volume de apoio, por favor, respeitem minhas crenças o suficiente para não impor as suas. Deus é minha inspiração para lutar e para viver, mas eu não o vejo como um mensageiro cósmico que vai vir soltar minhas entranhas quando não consigo fazer cocô ou convencer meu sistema imunológico a começar a reconhecer as células cancerosas. Ore por mim, mas, por favor, não me diga que você orou para que Deus faça algum trabalho para mim ou para os médicos. Estou satisfeito com as matérias-primas que ele nos deu na concepção

e com a inspiração que ele tem nos proporcionado desde então. Isso é milagre suficiente.

★ ★ ★

Houve um tempo em que as palavras corajosas se renderam à grave realidade da jornada e do trabalho que estava por vir. Alguns pensamentos eu compartilhei com pouquíssimas pessoas. Câncer no estágio IV é câncer no estágio IV. Não há como suavizar isso, por mais que a pessoa pareça ser confiante e positiva por fora.

A medicina moderna me deu muita esperança, mas eu também sabia que precisava ser honesto comigo mesmo sobre a mortalidade inegável da minha situação. Eu tinha conhecido muitas pessoas que adquiriram pouco ou nada em suas grandes batalhas: elas tinham passado os seis meses seguintes, ou até um ano e meio, perdendo sua dignidade e boa parte de sua qualidade de vida por causa de complicações cirúrgicas e tiveram depois uma morte lenta e dolorosa.

Alguns amigos e familiares consideravam esse pensamento doentio ao extremo. Mas, para mim, isso é o que realmente significa “forte o suficiente para saber que você está fraco” e “enfrentando o estresse e os momentos de desafio”. Eu senti que precisava pensar muito sobre como poderia equilibrar minhas ações com minhas palavras.

Minhas reflexões e observações não minaram minha coragem, pois apenas me obrigaram a considerar as possibilidades e manter o foco naquilo que eu precisava fazer, ao contrário do que eu poderia esperar. O medo de tais resultados me motivou a apurar meus conhecimentos sobre as complicações após minha cirurgia, para me preparar mentalmente em relação às coisas que poderiam piorar, a aprender o que perguntar, a analisar e reconhecer plenamente minhas responsabilidades nesse esforço e ajudar minha família a procurar a mesma perspectiva.

Exemplos dessas considerações em ação? Eu insisti em embalar a cavidade aberta no meu abdômen com gaze e trocava todos os meus próprios curativos. Exigi saber quais os medicamentos que estavam sendo bombeados para dentro de mim todos os dias. Eu li e aprendi tanto quanto pude, para que me tornasse capaz de fazer julgamentos independentes sobre tudo isso – mais grosso, mais fino, mais, menos ou nada.

A fim de personalizar o combate, dei nomes às minhas feridas, os quais ainda usamos hoje. Buford era a ferida aberta. Bullah era o campo de drenagem dentro do meu abdômen e a incisão associada a ela em meu quadril. Mas finalmente acabei usando o termo Buford como um atalho para o calvário inteiro.

Quando finalmente pude começar a comer e minha comida “quente” chegava fria dia após dia, não apenas reclamei; pedi para falar com o responsável pela cozinha do hospital e apaixonadamente defendi um melhor serviço para todos nós, e ele cumpriu o que prometeu...

Quando os membros de minha equipe cirúrgica falavam comigo de uma forma condescendente ou desconsideravam minhas explicações sobre o que eu estava sentindo, firmemente lembrava a eles que eu fazia parte da equipe.

Tomar certas medidas e ações nem sempre é fácil, e é para isso que os companheiros de equipe estão lá. Em 27 de agosto, Kristin apareceu com uma toalha e sabonete e me encorajou a atacar meu maior medo: o chuveiro. Esse seria meu primeiro banho depois de 25 dias. Eu temia a ideia da dor que poderia vir da água correndo através de minhas feridas abertas.

Eu mal conseguia levantar os braços, então só fiquei ali de pé, enquanto Kristin lavava cuidadosamente cada centímetro de mim com um pequeno pedaço de pano.

– Tudo bem, agora levante a perna para mim.

Eu tinha imaginado que um momento como esse poderia chegar a nossa vida algum dia, mas não agora.

Ela me secou com cuidado quando acabamos, descascou as camadas de pele

morta das minhas pernas e tornozelos (o resultado do inchaço), esfregou loção nas minhas pernas e pés e me vestiu com uma camisola limpa. Em seguida, ela se deitou de mansinho na minha pequena cama, pela primeira vez desde a cirurgia, e ficamos abraçados. Eu nunca me senti tão seguro e confortado em toda a minha vida.

Era nosso 16º aniversário de casamento.

★ ★ ★

No treinamento básico, meu sargento uma vez me perguntou se eu achava que conseguiria atravessar uma trilha cheia de rigorosos obstáculos.

– Espero que sim – respondi.

– Bem, deixe-me lhe dizer uma coisa, soldado – zombou o sargento. – Vá em frente e encha uma de suas mãos de esperança e a outra de merda. Daí você me diz qual delas ficou cheia em primeiro lugar.

Desde que passei a comandar minhas próprias plateias com palestras, usei maneiras mais educadas de demonstrar o poder que as ações podem ter sobre as palavras. Peço a todos do público que façam um sinal de OK com o indicador e polegar e, em seguida, digo que coloquem o círculo em seu queixo. Noventa por cento dos participantes coloca o sinal de OK em sua bochecha. Por quê? Porque eu coloco meu próprio sinal de OK na minha bochecha enquanto dou detalhes da instrução.

As pessoas veem o que eu faço e ignoram o que eu digo. Como as pessoas geralmente costumam fazer. Como todas as vidas, a minha é cheia de exemplos do poder das ações sobre as palavras, e são lições que não se aprendem nos manuais de treinamento.

Quando eu estava no CPOR, coisa de 28 anos atrás, um colega de alta patente, com cabelos longos e uniforme sujo, não conseguia exercer muita influência sobre os cadetes de menor patente, e não importava quanto ele fosse competente e motivado.

No treinamento básico, tivemos um tenente de West Point que era brilhante e confiante, e que enfrentou o mesmo dilema. Ele poderia falar articuladamente e com paixão sobre manter a forma física, a camaradagem entre os praças e liderança. No entanto, suas palavras foram ofuscadas por sua obesidade, e ele nunca pareceu perceber isso.

Não era apenas a hipocrisia que dizia muito sobre esses líderes. Notei muitos sargentos que comiam antes de seus soldados na hora das refeições. Considerando sua carga de trabalho, ninguém os teria criticado por fazê-lo. Mas o sargento instrutor Paradeis comia por último.

– Quando eu tiver acabado, vocês terão acabado – gritava ele diariamente.

Como eu poderia reclamar do pouco tempo que eu tinha para comer quando esse cara tinha menos tempo ainda do que eu? Quando fazíamos nosso treinamento físico, ele fazia o treinamento com a gente, em vez de ficar de pé, gritando ordens. Quando fomos fazer uma marcha de dez quilômetros na estrada, ele foi conosco por todo o caminho, em vez de nos encontrar na linha de chegada. Seus atos simples me fizeram querer segui-lo.

A influência dessas lembranças de décadas atrás formou meu comportamento ao longo da vida: eu como por último, e não peço a ninguém que faça algo que eu mesmo não faria.

★ ★ ★

Ninguém melhor do que os pais para ressaltar a simplicidade crua de ações e palavras – ou, realmente, qualquer interação entre adultos e crianças. Não há muito sentido em discutir com uma criança de dez anos que chama sua atenção quando suas ações não correspondem às suas palavras. Vocês me mantiveram humilde a esse respeito, meninos, e seus filhos vão fazer o mesmo, se vocês deixarem.

Eu também julgava as ações de meus pais. Minha mãe era educadora, e suas ações eram o oposto completo das de papai. Ela se orgulhava de estar lá fisicamente perto de nós o tempo todo e nos regava com expressões palpáveis

de afeição. Mas, quando se tratava de castigo, mamãe na maioria das vezes apenas ameaçava. Ela brigava com meu pai quando perdia a paciência, mas logo em seguida lamentava a fúria que tinha desencadeado.

O que minha mãe não tinha em autoridade por causa de sua proximidade conosco, ela ganhou em confiança. Tivemos conversas de mãe e filho, muitas. As conversas com ela eram a coisa mais próxima que eu tinha a um “Querido Diário”. Sentia-me livre para compartilhar minhas emoções, mesmo se soubesse que eram irracionais. Eu era um “filhinho da mamãe”, coisa da qual mais tarde fiquei menos envergonhado quando descobri que os generais Patton, MacArthur e Eisenhower também eram.

O amor – uma emoção que se expressa diante das pessoas com as quais você sempre quer estar por perto – era algo que emanava de mamãe.

★ ★ ★

*A*mor não era uma palavra que eu teria associado a meu pai quando eu era mais novo.

Não sei como meus irmãos e eu não acabamos mortos. Todas as indicações são de que a gente merecia isso. Uma vez ouvi meu pai gritar que a gente lhe devia, pelo menos, 15 mil dólares por todas as portas, interiores de veículos, ferramentas e objetos de decoração que danificamos ou destruímos.

Quando eu tinha 8 ou 9 anos, algo aconteceu com meu pai que nos mostrou que ele estava de saco cheio das palavras. Eu não me lembro do que foi que desencadeou isso, mas é claro que me lembro do que aconteceu.

Em nossa casa de Minnesota, não havia escassez de tacos de hóquei. Papai pegou um deles, cortou um pedaço de uns 40 centímetros, sentou-se à mesa da cozinha e esculpiu o instrumento que conhecemos para sempre como “o Taco”. Ele até gravou nele nossos nomes – Mike, Mark e Chris –, para dar mais efeito.

Não me recordo direito de quantas vezes “levamos o Taco”, mas, se me

lembro de cinco vezes, na verdade foram 50. Apenas a ideia do Taco em nosso lombo já era de tirar o fôlego. Certa vez tentamos esconder aquela vara, mas não deu certo.

Meu pai era carpinteiro, por isso é pouco provável que um dia ele tenha sido introduzido ao conceito acadêmico conhecido como o “dilema do prisioneiro”,² mas ele era instintivo:

– O primeiro que encontrar o Taco não vai apanhar com ele – dizia ele.

Ou:

– Digam-me quem o escondeu, ou todos vão apanhar.

Ameaçar de gritar, reclamando de abuso infantil, era inútil.

– Arrume suas coisas. Se você acha que isso é um abuso, eu vou levá-lo para o lar adotivo pessoalmente – respondia, com a aprovação de mamãe.

Nós só usamos essa tática uma vez, porque sabíamos que ele nunca nos bateria forte o suficiente para deixar uma marca.

“Eu te amo” não era nem uma coisa que meu pai dissesse nem algo em que eu teria acreditado se ele tivesse dito. Ele passava a maior parte de seu tempo na garagem, trabalhando em seu carro de corrida, pescando ou caçando ou jogando softbol. Ele não era um pai ausente, é que estava sempre ocupado com outras coisas. Nós éramos bem-vindos se quiséssemos nos juntar a ele, mas não havia muito carinho da parte dele.

E, se fôssemos juntos, era melhor levar o almoço e um rolo de papel higiênico, porque ia ser uma maratona.

Quando eu tinha uns 12 anos, fui pescar no gelo com papai. Comecei a me sentir mal. Eu sabia bem qual seria a resposta, mas ainda assim perguntei se poderíamos ir para casa.

– Pode esperar no carro, se você quiser – disse ele –, mas não iremos a lugar nenhum. (Ele me contou anos depois que o peixe devia estar mordendo a isca.)

Quando me sentei no carro, naquele frio de meio de janeiro em Minnesota, minha barriga começou a fazer um barulho. Saltei do carro e tirei

meu macacão tão rapidamente quanto pude. Tarde demais. A diarreia ricocheteou na minha perna e voou diretamente em minhas calças. Não havia nem banheiro, nem papel, nem roupa para trocar. Minhas escolhas eram sentar no cocô ou tirar a roupa e ficar seminu no carro. O frio me deixou realmente sem opção. Houve pouca compaixão quando papai finalmente voltou para o carro.

Acho que eu deveria ter aprendido a lição com aquele incidente, mas alguns anos mais tarde eu fui com ele em uma viagem de pescaria no gelo no Lago Mille Lacs durante um inverno pouco rigoroso. Conduzimos o carro por cima do lago congelado. O tempo estava lindo. Fomos tão longe no lago que mal podíamos enxergar as margens. Imaginem meu horror quando assisti ao carro de nossa família afundar na água até o meio das rodas. Papai calmamente explicou que não havia nada com que se preocupar e dirigimos o carro para fora do lago, mas essa foi a última vez que fui pescar no gelo com ele.

Caçar cervos também não era nenhum piquenique. Embora o início de novembro ainda não seja tecnicamente inverno em Minnesota, o clima pode ficar muito frio até que o inverno chegue oficialmente. Quando eu tinha 14 anos, meu pai decidiu me levar para uma viagem de caça, e me vestiu com as mesmas roupas que usava quando era jovem: duas camisas e uma jaqueta, ceroulas e calças jeans, meias de lã e um par de tênis com galochas de borracha esticadas sobre eles. (E vejam só, isso tinha sido suficiente para ele naquela idade.) E essa foi a última vez que fui caçar, até que pudesse comprar meu próprio traje de frio.

Por mais que essas coisas me incomodassem no curto prazo, eu não poderia deixar de ser inspirado por elas no longo prazo. Nada parecia perturbar meu pai – física ou emocionalmente. Seu obstinado senso de propósito foi algo que vim a admirar muito quando tornei-me adulto. Mas, durante a adolescência, essa virtude se perdia em mim, por isso eu o apelidei de “Daniel Boone psicopata”, um título que ele ainda usa com orgulho.

Não me lembro de nenhuma conversa filosófica entre pai e filho. Minha

sensação era a de que ele instintivamente manteve uma distância entre nós para não parecer um cara muito suave ou ficar próximo demais.

Porque dar carinho e amor era o trabalho de mamãe.

★ ★ ★

Há certamente algo a ser dito sobre as diferenças entre homens e mulheres, ou meninos e meninas, em todas essas reflexões sobre as escolhas de palavras, ações e atividades parentais. Kristin não tinha irmãos, e ela muitas vezes admitiu estar completamente perdida sobre como ser capaz de julgar o comportamento de vocês, rapazes.

Seria irresponsável deixar as descrições acima como exemplos do que eu acho serem boas ou más qualidades de um pai. Como vocês podem ver, há certa compensação entre os estilos parentais, coisa que aprendi ao praticar isso com vocês.

Por mais áspero que meu pai pudesse ser, o soldado que existia em mim via virtudes em sua abordagem. A proximidade faz nascer o desprezo e o descaso, então incutir um sentimento saudável de medo e de distância conta muito quando se trata de lidar com uma mente imatura, indisciplinada e mal fundamentada.

Mas será que ele – ou eu – tinha necessidade de abandonar a afeição e o carinho completamente?

No aniversário de um ano do meu diagnóstico de câncer, testamos essa questão em conjunto enquanto jogávamos um jogo de tabuleiro. Mas não um jogo de tabuleiro qualquer. Era Risk,³ um jogo carregado de história pessoal para nós.

Quando vocês eram muito mais novos e jogávamos o mesmo jogo, eu costumava vestir um capacete militar e imitar diferentes sotaques nas regiões ou países que estavam sendo atacados ou invadidos. Vocês sempre olhavam para mim com a expressão de um peixe atordoado – meio confusos ou meio

que achando graça, e sempre um pouco envergonhados por algum motivo. Obviamente vocês estavam curiosos, mas nunca me pediram para fazer aquelas vozes, e eu nunca soube dizer se gostavam ou não.

Parte dos motivos dessa minha encenação era mostrar a vocês, com meus atos, que você nunca está velho demais para baixar a guarda, ser brincalhão e rir – e que eu não estava hesitante em me aproximar de vocês.

Para o jogo deste ano, expliquei que cada um de vocês tinha que se vestir com seu próprio capacete. A resposta inicial foi ceticismo. Se eu quisesse agir como um tolo, tudo bem para vocês, mas isso não significava que *vocês* teriam que fazê-lo. Matthew, você quebrou o gelo com algumas sugestões, e sua liderança informal rapidamente trouxe Joshua e Noah a reboque. Em minutos, vocês estavam discutindo sobre os personagens disponíveis.

Promovi todos vocês a generais e lhes dei um nome. Nunca fui uma pessoa de perder uma oportunidade para ensinar, então eu partilhei um pouco de informação sobre o significado dos nomes que lhes tinha dado.

Josh, você era um general curdo peshmerga chamado Mustafa Zibari. Peshmerga é um termo usado para os guerreiros curdos, cujo significado literal é “aqueles que enfrentam a morte”. Zibari é o nome da família do general Babakir Zibari, que era o oficial iraquiano com quem trabalhei no Iraque. Mustafa é o nome do “George Washington curdo” dos anos 1930 e 1940, um homem que foi o grande responsável pela manutenção de uma identidade curda no Iraque de maioria árabe.

Matthew, você era um general africano chamado Kujo Khat. Kujo é o nome de um cantor gospel na África (coisa que combinou com você, é claro, uma vez que canta e toca guitarra). *Khat* é o nome de uma flor que o povo no Nordeste da África mastiga como o tabaco, mas com um efeito muito mais potente.

Noah, você era um general saudita chamado príncipe Ali Sultan bin Mohammed al Quadari, um nome que fornecia uma ilustração da cultura árabe. Sultan era o nome do príncipe herdeiro da Arábia Saudita quando fui

transferido para lá em 1996. Os árabes tradicionalmente não têm nomes do meio ou sobrenomes e, em vez disso, eles carregam uma série de nomes, com o *bin* significando *filho* e *al* significando “o”. Assim, o nome do general de Noah queria dizer “Ali Sultan, filho de Mohammed, o Quadari”. (Um erudito árabe poderia questionar detalhes, mas eu estava liderando o jogo!)

Por fim, eu me coloquei como um general australiano, com o devido sotaque e atitude irreverente.

Nossas épicas três horas naquele sábado passaram depressa, até que, como numa guerra real, alguém deveria sofrer a humilhação da derrota. A mágoa rodeando a morte do príncipe Ali era pronunciada, e Noah, você queria desistir.

Então, usando meu melhor sotaque australiano, ofereci uma lição com um pouco de humor e graça: perder não precisa ser algo vergonhoso, mas desistir seria, e isso não ia acontecer enquanto eu estivesse jogando.

– Vocês vão ter que jogar até o fim, companheiros, essa é a única opção.

Isso tudo resultou em gargalhadas de Matthew e Joshua, mas apenas olhares de desprezo de você, Noah. Eu reconheço que isso podia parecer uma brincadeira cruel, mas a lição era concreta. E uma prova disso foi que, muitos meses mais tarde, todos vocês recordavam com clareza e prazer os detalhes dessa interação.

Jogar Risk me fez perceber como eu sou ao mesmo tempo muito parecido e pouco parecido com meu próprio pai.

Tal como meu pai: a natureza da brincadeira, do tipo “faça do meu jeito ou é melhor que não faça”; a exigência de que Noah ficasse no jogo até o fim; o não saber – ou não se importar – se vocês estavam ou não gostando de jogar.

Ao contrário de meu pai: a decisão de dedicar um tempo para fazer tudo isso; o teatro lúdico; o humor; as curiosidades culturais; a vontade de ajudar uma mente ainda imatura a processar as emoções de forma madura.

Uma experiência diferente entre pai e filho fornece um exemplo mais intenso sobre a questão da proximidade. Quando voltamos para Minnesota e vivemos nosso primeiro inverno de verdade por lá, minha mente vagou de volta à minha infância. Lembrei-me dos enormes fortes esculpidos na neve, que eram grandes o suficiente para que se pudesse entrar nele, e que eram um projeto que precisavam da ajuda de papai. Eu não lamento que meu pai não tenha feito isso conosco, mas queria fazer isso com vocês.

As nevascas são complicadas. Podem atingir um ou dois metros de altura em determinado ano, mas, se não estiver frio o suficiente, ou tudo não cair ao mesmo tempo, é mais difícil você construir um forte de neve de um tamanho decente.

Em dezembro de 2009, nós acertamos na mosca, porque aconteceu a quinta maior tempestade de neve registrada em Minnesota, com meio metro de neve em um dia. Dentro de uma semana, tivemos outro meio metro em cima daquele. E o momento foi perfeito: eram as férias escolares de Natal.

Reuni vocês três como se estivéssemos planejando a invasão do Dia D.

– Rapazes, a hora é agora. Esse tipo de neve só aparece uma vez na vida de um cara.

Na verdade, uma pesquisa nos registros de Minnesota revelou que apenas duas vezes na minha vida nevou tudo isso em um único dia ou num mês, e uma dessas vezes foi em dezembro de 1982, quando eu era apenas um ano mais velho do que vocês dois, Joshua e Noah.

Os olhos de vocês ardiam com entusiasmo na época. Mas eu não estava sendo ingênuo. Eu sabia que não seria fácil mantê-los motivados à medida que o trabalho ficasse mais difícil.

Levei dois dias para recolher a neve da frente da nossa casa e da casa do nosso vizinho. Em determinado momento, a neve se tornou muito compacta para ser deslocada pela máquina de limpar neve, então eu usei um carrinho de mão. A pilha ficou com dois metros e meio de altura, quatro metros e meio de

largura e com cinco metros de comprimento, ou seja, neve suficiente para enterrar dois SUVs por completo.

A escavação começou às 7 horas da manhã seguinte, com uma equipe sonolenta. Matthew, você desenvolveu uma técnica de escavação engenhosa, que produziu blocos densos de neve, os quais usamos para construir um corredor de 1,80 metro por cerca de metade do forte e uma fachada de tijolos, como a de um castelo.

A temperatura estava abaixo de zero, o que foi ótimo para a construção, mas não para o moral de meninos de nove anos de idade.

Ao final de três dias, a visão era impressionante o suficiente para fazer parar o trânsito na rua. Mas o frio e a carga de trabalho minou de vez o espírito de meus antes tão entusiasmados pequenos soldados.

No quarto dia, era como se eu estivesse comandando um campo de trabalho forçado.

– Vamos lá, pessoal. Nós dissemos que íamos fazer isso. Eu lhes avisei que ia ser difícil. Mas vai valer a pena!

Aos 14 anos, Matthew, você foi meu maior incentivador, mas mesmo você começou a questionar a sabedoria do projeto. Sem contar também que esse trabalho estava corroendo suas férias de Natal.

Passei muitas horas dos dias seguintes trabalhando sozinho.

Quando o forte de neve foi completado, tornou-se um espetáculo para toda a vizinhança. Crianças e adultos passavam e paravam para pedir passeios pelo forte de dois cômodos e com duas entradas. Vocês gozaram de uma semana como celebridades antes que fosse a hora de voltar às aulas.

Dias mais tarde, recebemos um telefonema da KARE-11, nossa retransmissora local da NBC, pedindo para fazer uma reportagem sobre o forte. Quando o câmara apareceu, vocês vestiram suas roupas de neve mais rápido do que nunca tinham feito. A aparição na TV foi um grande momento de orgulho para mim como pai, porque eu sempre disse que o trabalho duro compensava e, dessa vez, tinha sido realmente verdade.⁴

Forte de neve, como meu pai: a ordem decisiva que coloca todos em alerta; a determinação fanática de terminar o que se começa; os excelentes resultados que alcançamos.

Forte de neve, ao contrário de meu pai: a própria ideia de um forte de neve; minha compreensão de que vocês estavam perdendo suas férias de Natal, que estava miseravelmente frio e que esse sonho era mais meu do que de vocês.

★ ★ ★

Não deixo de perceber que aqui estou muito focado em pais e filhos e disciplina. Criar e educar eram uma parte da minha equação, mas vinham depois da disciplina. Além disso, eu sabia que Kristin estava oferecendo isso a vocês, da mesma forma que minha mãe tinha feito comigo, de modo que fiquei menos preocupado com esse assunto.

Mas a preocupação era muito maior quando se tratava de pensamentos sobre meu próprio pai e sobre que tipo de pai eu queria ser. De uma forma imperfeita e nada intencional, meu pai me ensinou o que é ser um pai e o que significa liderar: um exemplo que inspira ou desencoraja, incentiva ou desestimula, fortalece ou enfraquece – ou, como eu aprendi na vida, um pouco de tudo isso.

Acabei por ser uma pessoa decente. Isso quer dizer que meus pais fizeram a coisa certa?

Vocês vão conhecer pessoas na vida que tiveram pais maravilhosos e geraram filhos que se transformaram em criminosos. Será que esses pais fizeram tudo errado?

Eu tive décadas para testar, provar e refutar o que me agradava e não me agradava na minha juventude. Passei a maior parte da minha graduação trabalhando em estudos sociais e dando aulas, estudando o desenvolvimento da criança, sociologia e psicologia. E, no entanto, ainda tenho mais perguntas do

que respostas.

Dito isso, queria mostrar a vocês que, embora existam poucas coisas na vida cujo resultado seja mais complexo e incerto do que a criação dos filhos, nós sabemos que algumas técnicas funcionam melhor que outras. Sabemos também que as crianças exercem um voto decisivo nessa equação, por conta de suas próprias personalidades e escolhas de vida.⁵

Em última análise, minha história é um reconhecimento de que não há um pai ou líder que seja perfeito, mas que cada pai empresta o melhor do que ele observa e tenta ao máximo afastar o resto. Espero que vocês façam o mesmo e que, ao fazerem, seja de forma tão deliberada e cuidadosa como eu fiz.

Quando reflito sobre minhas próprias emoções confusas e minhas lembranças imperfeitas de meu pai, fico imaginando como vocês vão se lembrar de mim. Esta é uma consideração atemporal que foi mais bem explicada pelo escritor Mark Twain quando ele brincou: “Quando eu era um menino de 14 anos, meu pai era tão ignorante que eu mal podia suportar ter meu velho por perto. Mas, quando cheguei aos meus 21, fiquei surpreso em quanto o velho tinha aprendido em sete anos”.

A menos que haja uma cura para o câncer, vocês não vão me ver quando chegarem aos 21 anos, e essa foi a idade em que eu estava apenas começando a compreender a virtude nas ações e palavras do meu pai, mesmo que nem sempre as tenha adotado.

Já adulto, pude observá-lo construindo sua própria casa de 4 mil metros quadrados. Trabalhar com ele nessa casa deu-me uma centena de vislumbres de uma sabedoria simples, sobre a qual estava cego demais na minha juventude.

Meu pai trabalhou em construções durante 30 anos, e eu o vi exercer responsabilidades compatíveis com as de um comandante de uma brigada do Exército. Apesar de uma aposentadoria generosa e de um corpo desgastado pela dificuldade em trabalhar por dezenas de anos sob os invernos cruéis de Minnesota, ele pegava suas ferramentas e ia trabalhar direto durante dez horas

por dia, dessa vez para si mesmo.

Ele aquece sua casa com madeira, e corta e divide cada pedaço de carvalho que vai para aquela fornalha, o que não é pouca coisa para uma casa no noroeste de Wisconsin.

Eu o vi subir em árvores com as mãos e os pés descalços, e já ouvi falarem que ele subiu de volta depois de cair delas.

Quando a pescaria se mostra boa no final do inverno, ele usa uma escada para atravessar as águas e chegar ao gelo que está recuando.

Meu pai é um perfeccionista, e seu senso de orgulho é muitas vezes grande demais para seu ego, mas, quando ele assume uma tarefa, você pode apostar que isso será feito excepcionalmente bem.

Quando ouço as pessoas o chamando de louco por ignorar uma advertência ou conselhos sobre o que não pode ou não deve ser feito, só posso fazer que sim, concordando com a cabeça, e sorrir, porque eu ouvi as mesmas palavras como cadete, professor auxiliar, soldado, oficial, marido e pai, e sobrevivente do câncer.

Nossas experiências “de homem para homem” me ajudaram a moderar minhas imaturas e juvenis lembranças dele. Sua “loucura”, na verdade, significava correr riscos de forma calculada, muitas vezes escolhendo um caminho de dificuldades e de desafio e não um caminho de conforto, buscando, de maneira literal e figurada, caminhar sobre gelo fino, e confiando mais nas ações do que nas palavras para realizar algo.

Eu sei que as lembranças de vocês em relação a mim poderão estar dominadas por visões daquela mesma mão pesada que meu pai mantinha sobre mim, e naturalmente desejo que enxerguem as virtudes nessa minha loucura. Só espero que minhas histórias sobre as ações dele possam ajudá-los a ver sabedoria e amor nas minhas.

As palavras significam coisas. Mas as palavras podem ser ruins. MacArthur não disse para ignorá-las; ele disse para ter a certeza de não substituir a ação por elas. Minhas experiências em combate e contra o câncer, e as conversas que resultaram delas,

ensinaram-me que muitas pessoas parecem pensar que sentimentos são fortes o suficiente sem ação. Não acreditem nisso.

Ou, como um sargento me disse uma vez, a esperança numa mão...



1. Você pode acessar o diário de Mark, em inglês, em <www.caringbridge.org>. Nome do site: “markmweber”.
2. O Dilema do Prisioneiro é a clássica história da Teoria dos Jogos da economia: dois prisioneiros praticam um crime juntos, mas são presos e interrogados separadamente. Cada um tem uma escolha: calar-se ou acusar o companheiro. Se os dois ficarem quietos, ambos serão postos em liberdade. Aquele que denunciar o outro ganha a liberdade e ainda por cima leva um prêmio, enquanto o outro pegará prisão perpétua. (N. T.)
3. No Brasil há um jogo muito semelhante, chamado War. (N. T.)
4. As fotos e a reportagem, em inglês, podem ser vistas no site <www.tellmysons.com>.
5. Uma das melhores obras que já li sobre as complexidades da educação infantil é *The Social Animal*, de David Brooks. Eu recomendo os capítulos 3 a 9, que fornecem uma explicação muito mais rica do que aquilo que penso sobre o assunto.

Capítulo 3

SER ORGULHOSO E INFLEXÍVEL NO FRACASSO
HONESTO, MAS HUMILDE E GENTIL NO SUCESSO.



Em 1977, com o carro de corrida número 26 de papai.

SETEMBRO A NOVEMBRO DE 2010

Quando finalmente chegou o dia de eu sair do hospital, em 8 de setembro, cinco semanas depois de ser internado, eu me senti como um passarinho ainda bebê sendo empurrado para fora do ninho sem penas nas asas.¹

Eu estava comendo alimentos sólidos havia apenas alguns dias, pesava 58 quilos (antes, pesava 78 quilos) e mal conseguia andar. Bullah ainda era um saco de drenagem dentro de meu corpo do tamanho de um punho fechado, e Buford ainda era um corte de três centímetros de largura em meu abdômen que vazava sucos digestivos 24 horas por dia, sete dias por semana.

Ah, e eu ainda tinha câncer.

Quando chegamos em casa, meus olhos se umedeciam a cada olhada que eu dava. Tudo estava exatamente como eu lembrava, mas eu não estava igual, e esses sentimentos incompatíveis eram intensos.

Olhei para o enorme jardim de 2 mil metros quadrados que tinha me custado três anos de trabalho árduo para ser criado – e fora concluído apenas dois meses antes do meu diagnóstico de câncer. Agora eu estava tão fraco e frágil que não conseguia nem cortar uma rosa.

A meio caminho do banheiro para tomar um banho, passei por nosso quarto. Uma intimidade de qualquer tipo com minha esposa não seria possível em um futuro próximo.

Fui tomar banho, e não estava preparado para o que aconteceu. No

hospital, a única coisa que eu via no pequeno espelho era meu rosto. No banheiro, tínhamos espelhos suficientemente grandes para que eu me visse da cintura para cima. Despido, virei-me para pegar uma toalha e tive um vislumbre completo de meu corpo nu. A visão me deixou sem ar.

Eu podia ver todas as costelas em meu peito, meus ossos do ombro se projetavam em pontas afiadas e meus braços e pernas pareciam varas. Minha bunda tinha ido embora, minhas costas se ligavam com minhas pernas em uma linha contínua. E eu me via curvado como um homem de 90 anos de idade.

O que eu tinha feito comigo?

Sentei-me no tampo do vaso sanitário e chorei de modo incontrollável, suspirando profundamente. Os sinais das alterações em meu corpo eram avassaladores. Durante semanas, eu tinha pensado em mim como sendo ainda o mesmo soldado forte e em boa forma que sempre tinha sido, e me perguntava de onde tinha vindo aquela barriguinha boba. Agora percebi que meu estômago estava aproximadamente do mesmo tamanho que sempre tinha sido, o resto de meu corpo é que tinha encolhido em torno dele.

A seleção de alimentos tornou-se um evento olímpico: grandes esperanças para o sucesso, tristeza nas falhas frequentes.

E toda dor de barriga era uma emergência.

Meu corpo parecia incapaz de controlar sua própria temperatura. Se eu puxasse um lençol, acordava inteiro molhado de suor; se não usasse nada, acordava morrendo de frio. E minhas ataduras nunca conseguiam conter o volume dos sucos digestivos que vazavam por mais de uma hora.

Pela primeira vez na vida, vivenciei os terrores noturnos, e eles eram frequentes. Eu acordava gritando e me debatendo por causa de sonhos que não conseguia lembrar.

Cada uma dessas condições me impedia de dormir. Eu estava exausto, mas não conseguia dormir mais do que duas horas direto. Era obrigado a dormir em um colchão de ar em nossa sala de estar, o mesmo que eu tinha usado no Iraque durante um ano.

Durante os três meses seguintes, a gente media o sucesso e o fracasso pela digestão, pelo ganho de peso e pelos movimentos intestinais – e também pelo meu humor, que não era bem o mesmo de quando eu ainda me via como um soldado de queixo firme.

Depois de algumas semanas, e com a Oração da Serenidade rolando pela minha mente o tempo todo, resolvi que precisava ultrapassar alguns limites para ver quais mudanças eu poderia conseguir.

Comecei com a medicação para dor. Muitos dos problemas que me afligiam provinham do fato de que todo o meu corpo estava meio adormecido, mas eu ainda parecia sentir dor. Depois de uma breve consulta com os médicos, e indo contra os conselhos deles, parei de repente de depender dos medicamentos. Os suores frios ao longo da noite, a agonia da síndrome das pernas inquietas e um nível absurdo de náusea me fizeram compreender o efeito da abstinência de qualquer narcótico pesado. Durante quatro dias, considerei seriamente engolir um par daqueles comprimidos, mas mantive minha esperança, com base na experiência dos outros.

Só mais um dia, dizia a mim mesmo todas as noites. *Isso vai melhorar.*

Nas semanas que se seguiram, meus intestinos começaram a se movimentar, o que melhorou minha mobilidade e digestão, e meu processo de cura avançou drasticamente. Logo descobri que podia fazer alguns trabalhos úteis em casa, embora gostasse de alertar as pessoas de que não seria sábio me pagar por hora.

Eu ainda vivenciei um monte de dores, mas não muito mais do que quando estava sob o efeito das drogas. Descobri que a cabeça limpa deixava as dores um pouco mais toleráveis.

Sempre que começava a reclamar, eu pensava em como era estar com a cabeça pesada por causa das drogas, entorpecido e com prisão de ventre. O poder dessa perspectiva me ajudava a manter minha determinação.

Mas, então, em 2 de novembro de 2010, uma tomografia computadorizada revelou que o restante do câncer havia progredido rapidamente e agora estava

inoperável. As opções de tratamento eram essencialmente inexistentes.

– Acho que estamos falando de março ou abril, no mais tardar – disse meu oncologista.

Ele estava me dando quatro ou cinco meses de vida.

Isso não deveria acontecer. Meu diagnóstico tinha sido um câncer pancreático de “lento crescimento”. O que tinha acontecido em três meses para que ele avançasse assim descontroladamente?

Mudamos meu tratamento da Clínica Mayo para o Virginia Piper Cancer Institute, em Minneapolis, para que eu pudesse estar mais perto de casa. Para morrer.

Comecei a preparar meu funeral. Escrevi para meu padre da infância, planejei e escrevi uma série de detalhes do funeral, expressando meus desejos finais, e até organizei a recepção do funeral. Pensei em escrever cartas para vocês três e para Kristin, mas eu já tinha 22 mensagens no diário que valiam a pena. O que mais poderia ser dito?

No Piper, minha equipe médica recém-montada injetou novas energias no meu tratamento. Eles realmente ouviram o que eu disse sobre as inconsistências na forma como o câncer estava agindo. Em contraste, na Mayo recebi olhares vazios e resignação. Eu não tinha ido para o Piper pedir uma segunda opinião médica, mas isso é o que eles queriam me dar.

Os médicos da Mayo tinham desprezado vários testes, porque eles não achavam que o resultado mudaria minhas opções de tratamento para o câncer pancreático. Claro, isso teria sido verdade se eu tivesse tido *câncer de pâncreas*.

Três semanas depois, justamente no dia de Ação de Graças, entre todos os dias do ano... Os patologistas do Piper confirmaram com um inconfundível ar de aturdimento que haviam descoberto o que dois patologistas anteriores em dois diferentes hospitais não tinham: eu não tive câncer no pâncreas, nem tinha qualquer doença mesmo remotamente relacionada ao pâncreas.

Eu tinha um tumor estromal gastrointestinal, ou GIST, para ser mais breve. Ainda não havia cura, mas a boa notícia é que havia tratamentos de

quimioterapia que consistiam em muito mais do que apenas feijões mágicos e esperança.

★ ★ ★

Em uma idade muito precoce, tive a oportunidade de provar tanto as derrotas excepcionalmente amargas quanto os sucessos mais doces. Meu pai competia em corridas de carros e, até meus 14 anos, todas as sextas e sábados à noite eram cheios de adrenalina, enquanto nos preparávamos para a emoção do Raceway Park, em Shakopee, Minnesota.

De muitas maneiras, os altos e baixos emocionais que vivenciei mais tarde na vida nunca foram nada em comparação com o ato de assistir ao “Dynamite Denny” correndo todos os verões em torno de uma pista asfaltada de meio quilômetro no seu Chevy 57 negro com detalhes dourados. O carro tinha chamas pintadas no capô e nos para-lamas dianteiros, um “26” branco com contornos vermelhos pintado nas portas e no teto, e rodas da frente ligeiramente inclinadas que ajudavam a manter o controle do carro em cada curva íngreme da pista.

O ronco profundo do motor de 350 polegadas cúbicas sem silenciador enchia meus jovens sentidos com uma força e um poder que pareciam sobrenaturais. Sabíamos que as corridas aconteciam todas as semanas, mas papai sempre nos deixava extasiados quando ligava o motor para colocar o carro no caminhão e levá-lo para a pista de corridas. Meus irmãos e eu não conhecíamos nada sobre as corridas fora de Minnesota, então para nós aquelas corridas podiam muito bem ser alguns dos eventos da NASCAR.

Na pista, meus irmãos e eu íamos para a parte de trás da arquibancada, onde duas árvores enormes ficavam separadas por uns 20 metros. Depois de um debate acalorado sobre quem ia ser o número 26, nós corríamos nossas 20 voltas como “stock cars” a pé mesmo, ao redor daquelas árvores. Trombadas eram permitidas, mas qualquer uma que fosse muito forte iria ganhar uma

bandeira negra, o que significava “fora da corrida” – uma decisão que era meio autoadministrada, afinal nós éramos cavalheiros.

Havia duas coisas que sempre desejamos, mas nunca fomos autorizados a fazer: ir de carro com papai para as corridas e ficar nos boxes durante o evento. No final da corrida, todos estavam autorizados a entrar nos boxes, mas não saber o que aconteceu durante a corrida dava a ela uma qualidade mística. Hoje, para evocar um sentimento de antecipação intensa, eu preciso apenas me lembrar de como era esperar até que aqueles enormes portões de madeira se abrissem.

Uma noite nos aproximamos de um cenário caótico no box onde meu pai tinha estacionado o caminhão e o trailer. Algo estava errado, e as tensões estavam à flor da pele. Uma briga? Não. Alguém muito ferido? Pior. O carro de corrida de meu pai tinha sido “reivindicado”. Uma antiga e raramente aplicada regra das corridas naqueles dias dizia que, se você ganhasse uma corrida, outro piloto poderia reivindicar seu carro por 150 dólares. Em troca, você receberia o carro dele, que, presumia-se, era um lixo.

Esse acontecimento fala muito do poder duradouro da emoção humana, pois aqui e agora, cerca de 30 anos depois, meus olhos ainda se enchem de lágrimas quando me lembro desse dia.

Meus irmãos e eu chorávamos em silêncio, enquanto observávamos o grande Satanás, Gene Kreuger, ir embora com nosso amado número 26. Ódio é uma palavra forte, mas é o que eu senti naquela noite.

E o que recebemos em troca? Um carro rosa com um simples “X2” branco pintado nas portas. Ficamos horrorizados. Não só havíamos sofrido a indignidade de perder nosso carro, como também ganhamos uma abominação em troca.

Papai estava impassível. Ele e sua equipe vasculharam os boxes naquela noite em busca de toda e qualquer lata de tinta spray preta que pudessem encontrar. Eram 11 da noite, e todo mundo estava cansado e pronto para ir para casa, mas ele não sairia de lá enquanto não fizesse daquele carro... um

carro dele.

No fim de semana seguinte, depois de sete noites na garagem com sua equipe da escuderia, ele levou o carro para a pista e não só venceu Gene Kreuger como também venceu a corrida mais longa. Não houve cenas de arrogância nem zombarias dirigidas a Kreuger. A vitória por si só foi suficiente.

A lição sobre o fracasso e o sucesso dessa experiência foi algo sem palavras. O carro é importante, mas é a habilidade, a atitude e a determinação do condutor e da equipe que ganham a corrida. Meu pai nunca recebeu seu velho carro de volta, mas apenas porque ele não o quis mais.

★ ★ ★

Poucas lembranças duram tanto quanto uma briga. Esse ato toca a raiz do instinto humano de sobrevivência. Minha primeira briga aconteceu no Palace Playground em Saint Paul, Minnesota, quando eu tinha 12 anos de idade.

Billy Bean era um valentão saído de um livro infantil. Ele tinha cabelos compridos e ensebados, e estava sempre sujo e despenteado. Quando víamos Billy, nós instintivamente mudávamos de direção e íamos para o outro lado.

Se Billy era o estereótipo do valentão, eu era o estereótipo do covarde. Eu sabia como me defender verbalmente, mas, se as coisas ficassem mais físicas, eu dava no pé, um padrão de comportamento que acabou me transformou em alvo.

Um dia olhei para Billy do jeito errado. Eu não precisava de nenhuma pista sobre o que fazer quando ele respondeu com um convite para brigar. Saltei do meu balanço feito de pneu e fui em linha reta para casa. Mas Billy me seguiu, zombando de mim enquanto eu caminhava aqueles longos 100 metros de asfalto que levavam direto para a calçada de nossa casa. Fiquei tentado a correr, mas me lembrei do que meu pai disse: nunca fuja de um predador que corra mais do que você.

Eu andava curvado e com a cabeça baixa. Apesar de suas provocações para

que eu virasse e o encarasse, me recusei a fazer isso. Estava com tanto medo. Parecia que meu coração ia sair pela garganta, e eu queria chorar. *Por que eu?*

A meio caminho de casa, levantei a cabeça e vi alguém na nossa garagem. Era a vovó Weber. Ela estava segurando meu irmão mais novo, Charlie, em seus braços. E estava gritando algo para mim, mas eu não conseguia entender o que ela estava dizendo. “Venha para casa”? “Corra para casa”? Ela devia ter visto o que estava acontecendo. Talvez tivesse saído para me dar algum conforto. Vovó estava gesticulando com um braço como se quisesse chamar alguém para um abraço. De repente, entendi. Seu gesto era para ser entendido como o balanço de um punho, e vovó estava dizendo:

– Dê um soco nele! Lute!

Uma onda quente de adrenalina me obrigou a fechar minha mão direita. Girei e dei o primeiro soco de minha vida, e diretamente no rosto de Billy. A expressão atordoada em seus olhos incrédulos só me incentivou mais, e eu soltei a mão. Sua incapacidade de se equiparar a meus esforços me surpreendeu e me encorajou ainda mais. Eu tinha acabado com ele!

Mesmo no meio de toda aquela fúria desenfreada, eu só queria uma coisa.

– Você vai me deixar em paz? – exigi, assim que o preendi numa chave de braço. – Eu quero que você me deixe em paz! Nunca mais, você entendeu? Nunca mais!

Suplicante, ele prometeu que sim.

Billy Bean nunca mais chegou perto de mim, e eu aprendi uma importante e vital lição sobre como lidar com valentões.

Eu nunca me senti bem ou orgulhoso a respeito daquela luta, e também nunca o maltratei depois quando nos encontrávamos. No que me dizia respeito, acho que eu tinha pegado Billy Bean em um dia ruim e tinha tido sorte. Não seria a última vez que senti humildade na vitória.

★ ★ ★

Com o devido respeito ao general MacArthur, ter orgulho de um “fracasso honesto” nem sempre é uma virtude.

Aprendi isso durante uma visita aos nossos chalés de verão no Lago Cross, no centro de Minnesota. Houve uma briga com meu irmão mais novo, Chris, sobre quem iria se sentar no banco da frente da van da família. Perdi a briga e o voto de minha mãe quando ela voltou para a van depois de suas compras. Eu não achava que merecia o tratamento que recebi – seja do irmão mais novo, seja da minha mãe.

Ela me disse que, se eu não concordasse com a decisão, poderia voltar para casa. Por mim, tudo bem. Quando a van foi embora, não tive dúvidas quanto à minha decisão. Em vez disso, sob um sol muito quente, explorei minhas opções.

Eu tinha três alternativas: poderia andar os oito quilômetros ao redor do lago em forma de charuto, pedir uma carona ou nadar aquele quilômetro e meio através do lago – e eu nunca havia feito nenhuma das três antes. Caminhei em direção ao lago, apenas uma centena de metros ou mais de distância, para fazer uma avaliação visual da distância, pensando enquanto caminhava: *sou tão bom nadador quanto papai, e ele disse que nadava essa distância quando tinha minha idade.*

Depois de não mais de dois minutos de reflexão, eu me convenci de que isso era algo que sempre quisera fazer, de qualquer maneira. O *truque*, eu me lembrei do meu pai dizendo, *é virar de costas e flutuar se ficar cansado. Não entre em pânico. Não pense sobre isso. Apenas nade, devagar e com calma.*

Enquanto eu caminhava para dentro do lago, ainda vestido com minhas roupas e sapatos, estava consciente de como essa cena poderia parecer peculiar se alguém me visse. Essa era a principal praia pública do Lago Cross, e era demarcada com diversas placas e sinais de alerta sobre a barragem que ficava a uns 50 metros adiante. Mas ninguém tomou conhecimento de mim.

Cerca de 400 metros depois, eu parei de nadar para ver meu progresso. Essa tinha sido a maior distância que eu já tinha nadado, e nossos chalés eram

pouco visíveis ao longe. E se eu tivesse cometido um erro? Deveria voltar agora?

Não entre em pânico. Não pense sobre isso. Apenas nade.

Bem na metade do lago, eu me vi arfando pesadamente e mais uma vez comecei a duvidar da sabedoria de minha decisão. Havia muito tempo para me preocupar e muito pouca coisa para ocupar minha mente. Eu me consolei pensando na satisfação que sentiria ao sair andando na outra margem do lago. Com sorte, minha mãe e meus irmãos estariam lá para ver isso.

Virei-me de costas para descansar alguns minutos, permitindo-me ficar concentrado nessa imagem. O que eu ouvi em seguida, enquanto estava lá com minhas orelhas debaixo d'água, me chocou e me arrancou de meu orgulho prematuro: o som inconfundível de um motor de barco nas proximidades.

Num piscar de olhos, pensei em nosso vizinho de 20 anos de idade, John, que havia sido atropelado por um barco apenas alguns anos antes. Ele havia sofrido um profundo dano cerebral, e agora tinha a fala arrastada e caminhava mancando.

O barco, cada vez mais próximo, parecia que estava vindo direto em minha direção. Comecei a chutar água furiosamente com as pernas e as mãos, na esperança de que me vissem. Decidi que, se meu sinal de alerta não funcionasse, eu precisaria estar preparado para mergulhar e nadar tão depressa e tão profundamente quanto pudesse.

Aquele barco acabou passando a centenas de metros de distância dali, e o piloto nem pareceu me notar, mas senti uma súbita sensação de urgência de cair fora daquele lago.

Mais ou menos ao mesmo tempo, alguém nos chalés dos Weber tomou conhecimento do que estava acontecendo.

– Vocês estão vendo aquela pessoa lá longe? Algum idiota está nadando no meio do lago!

Quando ninguém da minha família conseguiu me encontrar na estrada

onde tinham me visto pela última vez, concluíram que aquele idiota deveria ser eu. Um barco foi enviado para me apanhar, mas eu recusei a carona. Minha decisão original pode ter nascido da preguiça de ter que caminhar aqueles dez quilômetros, mas eu não tinha chegado tão longe para depois ser resgatado por um barco.

Quando alcancei a praia e tentei ficar de pé, minhas pernas pareciam feitas de borracha, e eu mal conseguia andar. Eu me senti orgulhoso, mas o vídeo da família vai mostrar que me mantive humilde na minha vitória. Parecia que eu estava esperando ser repreendido por meu pai. Em vez disso, ele me cumprimentou com um sorriso, um forte aperto de mão, e me parabenizou.

– Isso precisou de um bocado de coragem!

Minha mãe me disse mais tarde que estava orgulhosa também, só que mais nervosa comigo por causa dos riscos que eu tinha corrido.

– Você só queria se vingar de mim, não é? – disse ela.

Claro, eu queria demonstrar minha opinião sobre o tratamento “injusto” que havia recebido, mas aquela mensagem foi enviada no momento em que eu saí da van. Embora eu nunca vá convencer ninguém do contrário, minha travessia a nado no lago não foi nada mais do que uma decisão prática com uma inesperada, mas bem-vinda, marca de sucesso.

★ ★ ★

A discussão boba de ontem sobre quem ficaria no banco da frente se torna a discussão boba de amanhã sobre os estilos de liderança. Eu tinha 30 anos de idade e estava no comando de uma companhia da Polícia Militar com 182 soldados no Forte Leonard Wood, em Missouri.

Não era segredo entre a maioria dos líderes em nosso batalhão (meu quartel-general) que nosso suboficial mais antigo, o sargento-major Crosby, não se importava comigo. Ele reclamava publicamente que eu era muito envolvido nos cuidados com os soldados e no treinamento deles, e ele via meu

estilo de liderança como uma afronta pessoal a todos os sargentos. Mas o ego de Crosby não ficou nada feliz ao ver que meu primeiro-sargento rejeitou suas queixas, considerando-as equivocadas.

Quando o verão chegou, o batalhão realizou um “dia de diversão da unidade”, que consistia em todos os tipos de desafios físicos. O evento culminante era chamado de “Fosso dos Pugilistas”, lutas nas quais os soldados usam varas acolchoadas em vez de baionetas e rifles.

As regras básicas para a competição ficavam expostas numa placa o dia todo. E eram simples: soldados competiam com soldados, sargentos competiam com sargentos e oficiais competiam com oficiais. O batalhão tinha estabelecido tais regras para garantir o decoro nas fileiras.

Por isso foi surpreendente quando Crosby desobedeceu a essas regras e desafiou um oficial graduado para uma luta na frente de todos os nossos soldados. Esse oficial era eu.

Eu, com 1,80 metro e 73 quilos dificilmente seria páreo para Crosby, que carregava ombros musculosos, media 1,95 metro e pesava 100 quilos. Eu esperava que alguém reclamasse do fato de ele estar violando as regras. Mas qual soldado iria deixar passar a oportunidade de assistir a dois superiores se espancarem na frente de todo mundo? No silêncio solene que pairou sobre todos depois do desafio do sargento, não vi outra escolha senão aceitá-lo.

À medida que vestíamos nosso equipamento de proteção, tentei me lembrar de meu treinamento de luta e me tranquilizei pensando que essa nossa competição tinha mais a ver com táticas e técnicas do que com força bruta. Meu sargento de operações, Lenny Pabin, era um sujeito agitado, baixo, robusto e calvo, e com forte sotaque da Nova Inglaterra. Ele se postou atrás de mim falando baixo e me passando instruções, como se fosse meu treinador de boxe. Suas palavras refletiam confiança, mas seus olhos diziam: *Não morra*.

Nossas diferenças físicas se tornaram ainda mais cômicas quando entramos no ringue improvisado, e as vozes de encorajamento para mim me pareceram desanimadas. Mais soldados se reuniram para assistir à luta.

O sargento-major Crosby era um profissional, mas, quando olhei em seus olhos enquanto nos estudávamos, vi apenas uma mensagem: *Eu vou esmagar você, seu inútil.*

O que aconteceu ao longo dos vários minutos seguintes foi muito selvagem e confuso para descrever em detalhes, mas me lembro do resultado final: vitória e uma multidão de soldados aplaudindo o azarão. Eu tinha acertado três pancadas precisas. A luta acabou em menos de dez minutos, e ele não tinha feito um único ponto.

Admito que senti um forte desejo de me vangloriar, mas escolhi um caminho muito mais humilde. Crosby ofereceu um gentil “Bom jogo, senhor, muito bom” e eu repliquei na mesma moeda. Aquilo foi como brigar com Billy Bean de novo. E, mais uma vez, foi muito bom ter esperança de que Crosby iria me deixar em paz.

★ ★ ★

Na maioria dos casos, sorte e azar têm muito a ver com trabalho duro, mas às vezes o acaso acaba se envolvendo na história. Como é que um homem de 38 anos de idade, saudável e que fazia exercícios, comia direito, não fumava e quase nunca bebia acaba com câncer? Não é justo.

Pensando melhor, eu deveria ter morrido aos 18 anos.

Era o verão depois da formatura do ensino médio. Meu pai estacionou na calçada uma caminhonete carregada até a borda com ripas de madeira descartadas de seu canteiro de obras. Sua ideia de trazer para casa aquele caminhão de madeira era um ritual de verão que resultava em um porão cheio de madeira cortada, dividida e empilhada que seria usada na caldeira e na lareira quando chegasse o inverno. Ele deixou o corte dessa madeira toda para mim quando partiu para terminar um reparo no telhado da casa do meu avô.

Eu coloquei o cabo da extensão e passei a trabalhar com nossa serra circular, um modelo pesado, com serras amplas de carboneto para obter um corte mais

afiado.

Meu pai não costumava usar um cavalete, porque dizia que isso o fazia trabalhar mais devagar. Em vez disso, ele tinha uma técnica que lhe permitia cortar no ar. Ele segurava um pedaço de madeira na mão esquerda longe de seu lado direito e depois era só baixar a serra em direção à madeira como se estivesse cortando uma parede. Por mais difícil que isso possa parecer, era realmente muito mais fácil, mais rápido e mais eficiente do que usar um cavalete, então eu adotei a prática.

Pegar, segurar, cortar, atirar – pegar, segurar, cortar, atirar – pegar, segurar, cortar, atirar – pegar, *vump!* Meu impulso foi de repente interrompido pelo que parecia um soco disparado com toda a força contra a frente de minha coxa direita. Naquele instante, eu fiquei simultaneamente ciente de outros dois sentidos. Primeiro, o som da serra foi imediatamente silenciado. Em segundo lugar, quando me virei para ver quem tinha me dado um soco, a serra elétrica e a minha perna direita se moveram como se fossem uma coisa só, como se estivessem conectadas.

Demorou alguns segundos para registrar o que tinha acontecido, enquanto olhava para baixo, para minha perna, e via a lâmina da serra completamente submersa na carne. Não havia dor, mas a lâmina cortou minha coxa como se fosse manteiga quente e se enterrou até o fêmur. A tensão muscular aumentou a fenda em um desfiladeiro vermelho.

Segurei minha perna com as luvas sujas de trabalho, manquei até a varanda da porta traseira de nossa casa e gritei para minha mãe. Levantei uma luva e revelei a carne mutilada. Mamãe nem pensou em ligar para a emergência. Ela gritou para meu irmão Chris e pegou as chaves do carro. Em poucos segundos, estávamos na estrada, no estilo *Starsky & Hutch*: ultrapassando carros, subindo nas calçadas, passando nos sinais vermelhos, com a minha mãe heroicamente calma e fazendo sua própria sirene com a buzina do carro.

Nessa altura, a dor estava do jeito que vocês podem imaginar depois de cortar sua perna com uma serra elétrica. Mordi um pente para que não tivesse

que morder minha língua.

A única outra vez na minha vida que eu vi o pessoal da emergência se mover daquele jeito foi nos filmes. O médico rapidamente nos assegurou que, apesar de todas as aparências, eu não iria perder minha perna. Ele também disse que eu era um dos caras mais sortudos que já tinha visto.

– Outro centímetro que fosse para a direita ou para a esquerda dessa linha e você não teria conseguido chegar até aqui, rapaz.

Quando meu pai chegou, ele quase desmaiou ao ver meus ferimentos. Esse foi um grande momento para mim, já que era a primeira vez que eu tinha visto meu pai demonstrar fraqueza e medo.

O corte foi tão profundo que foram necessárias duas camadas de pontos, 76 ao todo. E uma vez que eu tinha comido apenas uma hora antes, eles não podiam me fazer dormir com a anestesia geral enquanto costuravam a perna. O cirurgião plástico parecia abismado pelo fato de eu ter conseguido evitar cortar as principais veias e artérias.

Mais tarde me disseram que uma lasca de madeira tinha impedido a lâmina de fazer seu trabalho completo. Quando eu me inclinei para pegar um novo pedaço de madeira, a lâmina que rodava livremente apenas tocou meu jeans e se impulsionou contra a minha perna, com mais de uma rotação. Se meu dedo estivesse no gatilho, a lâmina teria passado pelo osso e descido até o joelho.

Quer dizer, o mesmo acaso que me deu o câncer já tinha me dado mais 20 anos e uma bela família.

★ ★ ★

As vitórias e as derrotas na vida são muitas vezes uma reunião confusa de vitórias válidas e inválidas e de derrotas merecidas e não merecidas, com causas tanto óbvias quanto misteriosas.

Nas últimas semanas que antecederam minha graduação, toda conversa girava em torno de algo chamado “os formandos de honra”. Os melhores

soldados iriam competir para ganhar o título de formandos de honra do pelotão, e o melhor soldado de todos eles receberia a distinção de ser o formando de honra de toda a companhia. Com base no meu desempenho, achei que seria pelo menos um dos competidores, mas meu trabalho acadêmico tinha ficado aquém do necessário.

Poucos dias depois de minha não seleção, fui chamado para o escritório do regimento. O sargento instrutor Paradeis sentou-se à uma pequena mesa do lado de fora e me parou antes que eu chegasse à porta:

– Weber – disse ele –, você vai representar nosso pelotão na competição dos formandos de honra. Está à altura?

– Sim, senhor, sargento instrutor.

Quando voltei para o alojamento de nossa tropa, descobri o motivo daquela honra inesperada. O especialista Miller, um de nossos competidores do pelotão, tinha sido escalado para o serviço de limpeza na noite anterior e foi pego com a boca na botija, literalmente: ele estava comendo biscoitos da mesa do comandante.

Minha seleção de última hora acabou me colocando em uma desvantagem significativa. Os outros concorrentes tiveram dias para se preparar. Eu tive uma noite. Quando apareci na frente do júri, tentei focar minha atenção em pequenas coisas, como as formalidades necessárias para responder às perguntas. Achei que era muito provável que todos nós soubéssemos as respostas para as perguntas que eles fariam, mas que talvez errássemos algo pequeno e, além disso, insignificante.

Ao contrário das situações em que a gente fica roendo as unhas e que estamos acostumados a ver na TV, os anúncios militares geralmente não vêm com muitos dramas. O primeiro-sargento leu a lista toda em pouco tempo, começando do topo.

– O distinto formando de honra da Companhia Charlie, 40º Batalhão da Polícia Militar, é o soldado Mark Webber.

Pela primeira vez na vida, eu não tinha apenas realizado algo além do que

eu pensava ser possível, mas tinha vindo lá de trás e feito tudo com entusiasmo. Descobri mais tarde que minha vitória foi o resultado de um único ponto a mais na folha de pontuação, e isso foi devido a uma dessas pequenas coisas: fui o único soldado a manter a continência até que meu superior baixasse a mão dele.

★ ★ ★

Quatro anos após o treinamento básico, eu era um paraquedista de sucesso, um soldado alistado condecorado e um formando de honra do curso básico para suboficiais. Segui em frente para completar meu treinamento para oficiais no meio de uma variedade estonteante de elogios e honrarias. Eu me formei em primeiro lugar na minha classe do CPOR e fui um dos 250 cadetes, entre mais de 6 mil, a receber do Exército o Prêmio de Liderança General George C. Marshall.

Mas situado bem ao lado dessas vitórias alucinantes estava um fracasso igualmente estonteante como professor auxiliar que contrabalançou a declaração e o voto de confiança da classe de treinamento. Falarei melhor sobre isso mais tarde.

★ ★ ★

Apesar do meu desempenho medíocre em Cretin-Derham Hall, a Universidade Estadual de Minnesota me admitiu em uma situação experimental. Com foco e trabalho duro, eu me formei quatro anos mais tarde, com honras. Nove meses depois, me graduei como formando de honra e em segundo lugar na minha turma de 40 alunos no curso básico da Polícia Militar. Também ganhei um dos escassos e altamente cobiçados assentos na Escola Rangers do Exército dos EUA. Mas, depois de uma semana na Ranger, parti com a cabeça baixa de vergonha após me debilitar fisicamente. O

rompimento do menisco no meu joelho esquerdo era de pouco consolo, porque eu sabia a verdade que ninguém mais conhecia: eu havia sofrido a lesão antes do início do curso. Fiquei decepcionado com essa falha, mas totalmente devastado pelo motivo: tinha sido desonesto comigo mesmo. Este foi um constrangimento pessoal e profissional que poderia ter sido evitado, mas eu permitira que o orgulho me cegasse.

★ ★ ★

Minhas falhas pessoais na Escola Rangers não eram nada comparadas ao que eu enfrentei apenas algumas semanas depois. Assumir o comando dos 32 soldados do 4º Pelotão, 555ª Companhia da Polícia Militar, em novembro de 1994, foi como acordar na manhã de Natal. Oito anos de treinamento como soldado e oficial culminaram neste dia, e o que eu recebi foi o equivalente a um saco de carvão debaixo da minha árvore de Natal.

Se você está à procura de uma história sobre um novo líder de pelotão que herda uma bagunça e transforma tudo aquilo, você deve pular esta parte, porque essa história não está aqui.

A 555ª Companhia, também conhecida como a “Níquel Triplo”, tinha acabado de voltar de uma desgastante missão de 35 dias no Haiti, logo depois de um golpe militar que estava dando errado. Durante a missão, o apoio logístico tinha sido praticamente inexistente, porque as forças dos Estados Unidos precisavam de mais tempo para se estabelecer. O banho de chuveiro vinha em grande parte do céu ou das calhas de prédios e casas depois da chuva, a comida consistia unicamente em refeições prontas e pré-embaladas (chamadas MREs) e os soldados tinham que queimar seus dejetos todos os dias. No entanto, nada disso era fora do normal: os soldados são treinados para suportar condições como essas.

O que tornou as coisas especialmente difíceis foi que a Níquel foi enviada de volta para casa cedo demais. Sua missão parecia incompleta, e as razões para

a saída antecipada não eram claras. Perguntas sobre má liderança só aumentaram os rumores que inevitavelmente se seguiram.

Então os soldados da Níquel vivenciaram os momentos mais desafiadores de uma transferência, emocionalmente falando, sem nenhuma gratificação por terem completado com sucesso a missão atribuída. Eles tinham muitos motivos para irritação, e usavam suas más atitudes como armadura.

Duas semanas depois do retorno da Níquel, os soldados foram recebidos por um segundo-tenente de olhos arregalados e ansioso chamado Mark Weber, cuja reputação o precedia: “um ex-soldado alistado da Guarda Nacional que fracassou na Escola Rangers”.

Se eu estava ansioso demais – e que não haja dúvida de que eu estava –, meu pelotão recém-chegado estava quase inconsciente. O sargento, que é a espinha dorsal do pelotão e braço direito de qualquer líder de pelotão, nem sequer apareceu durante minha primeira semana de trabalho. Nem mesmo deu um telefonema. O tratamento foi desanimador, mas fui tranquilizado por meu predecessor.

– O sargento é o melhor dos melhores – disse ele – e sabe como tocar esse pelotão até mesmo com os olhos vendados.

O sargento Dennis Bryer era esguio, um veterano de 20 anos, mas seu cabelo grisalho e a face enrugada pelo tempo o faziam parecer muito mais velho. Tinha a arrogância de alguém que sabia o que estava fazendo. Então, em vez de me deter na sua ausência, eu pulei esse tópico e fui conhecer os soldados do pelotão.

Com caneta e papel na mão, sentei-me com cada soldado, ouvi-os atentamente, e me vi ficando cada vez mais chocado. Eles estavam desmotivados, deprimidos e com raiva de tudo.

O comportamento deles refletia os sinais universais de indisciplina. Os soldados chegavam atrasados para a formação. Quase nunca havia ninguém nas sessões de exercícios. Os soldados e os líderes iam e vinham como bem entendessem durante o dia. Por causa do Haiti, os principais líderes pareciam

indiferentes ou no direito de fazer o que quisessem. Eu compreendia a importância de se conceder um tempo de maior liberalidade aos soldados depois de uma transferência, mas o que eles tinham era tempo livre total. Ainda assim, eu não iria ser o novo sujeitinho hipócrita.

Em meados de dezembro, após cerca de 30 dias no cargo, eu me dirigi informalmente ao pelotão com todo o entusiasmo e paixão que pude reunir, dizendo que desfrutassem de uma pausa bem merecida com suas famílias e que voltassem em janeiro, descansados e prontos para treinar duro. Esse entusiasmo foi recebido com olhares inexpressivos e silêncio.

Meses depois, fui informado de que minhas observações foram recebidas com enorme desprezo. Aqueles soldados estavam se sentindo péssimos, e meu entusiasmo crédulo e ingênuo só reforçou esse sentimento.

Janeiro chegou rápido, e a energia do pelotão diminuiu ainda mais, com Bryer dando o tom sombrio por meio de sua indiferença e inação. Nós conversamos sobre isso, mas eu sempre pisava em ovos, com medo de cometer o pecado capital de ser o novo tenente que irritou o mais experiente sargento de pelotão.

Eu estava falhando. Havia boas razões para tudo isso, mas não desculpas.

Eu sabia que precisava de um bom exercício de treinamento em equipe, no qual todos pudessem vivenciar e superar algumas dificuldades comuns em conjunto. A primeira oportunidade seria em meados de março, o que para mim ainda estava muito longe. Mas era tudo que eu tinha, de modo que foi nisso que concentrei meus esforços e minha motivação.

Quando março finalmente chegou, minha expectativa era tão grande quanto tinha sido em novembro, mês da minha chegada. Poucos dias antes de começarmos, no entanto, nossa comandante de companhia casualmente anunciou seus planos de usar meu pelotão para o treinamento da companhia.

Implorei à comandante que reconsiderasse, dizendo-lhe que eu não tivera um único dia de treinamento com meu pelotão desde que chegara, havia cinco meses. Que tal me dar um pouco de tempo para trabalhar com eles, para

verificar os pontos fortes e fracos dos meus líderes subordinados? Ela não cedeu, e eu a odiei por isso.

Nesse mesmo dia, Bryer me disse que não poderia participar de nosso ciclo de treinamento agora iniciado. Ele disse que precisava participar de uma conferência de treinamento na Califórnia como *voluntário* da Cruz Vermelha, e seu modo de se expressar foi tão casual quanto o da comandante. Pior, ele não tinha me procurado, seu chefe, para obter a permissão que ele requeria; tinha ido falar diretamente com a comandante.

Cada pessoa tem seu limite. Eu tinha chegado ao meu. Eu já tinha tentado o pensamento positivo e as palestras motivacionais. Agora era a vez do fogo e do enxofre. Minha intenção era chamar a atenção para o problema de qualquer maneira.

– Nós precisamos conversar – eu disse a Bryer quando fechei a porta da minha sala.

Sentei-me diante dele, inclinei-me para a frente e comecei uma saraivada de perguntas intercaladas com alguns palavrões para transmitir sem rodeios que eu já estava de saco cheio.

– Você tem que me dizer o que está acontecendo aqui, cara. Você tem que jogar limpo. Eu não acho que tenho todas as respostas, mas sei que eu não sou um fracasso, e isso aqui me parece um fracasso.

Seu rosto ficou vermelho, e ele se contorcia na cadeira enquanto eu despejava sem rodeios minhas observações – suas ausências constantes; suas aulas e seus esforços como voluntário sem meu conhecimento e sem minha aprovação; e, o pior de tudo, sua recusa em manter a boa ordem e a disciplina entre os soldados de nosso pelotão.

Bryer começou se defendendo, mas estava desanimado. De repente seu tom de voz mudou, e ele fez uma confissão sincera:

– Olha, senhor, o negócio é o seguinte. Você é um bom tenente. Suas capacidades e seu entusiasmo... Eu devia ser esse cara. Eu sei que tinha que estar fazendo isso, mas, como o senhor estava tão ansioso para assumir esse

papel, achei que devia cuidar de mim mesmo...

Permaneci em silêncio e atordado enquanto ele explicava que, após mais de dois anos de serviço, ele estava simplesmente esgotado.

A terrível confissão de Bryer veio como uma bem-vinda descoberta da verdade em contraste com a nebulosa sensação de fracasso que eu vinha sentindo havia cinco meses. Não há um final feliz para meus primeiros seis meses como líder de um pelotão. Bryer não se sentiu melhor, mas sua franqueza sobre a situação alimentou a confiança de que eu precisava para me manter orgulhoso e inflexível com minha paixão e liderança, apesar das falhas que continuaram a acontecer.

★ ★ ★

As falhas que suportei com Bryer e o 4º Pelotão vieram sem riscos de danos pessoais e pouco prejuízo profissional. Alguns anos mais tarde, quando eu era o comandante do 795º Batalhão da Polícia Militar, envolvi-me em uma confusão que incluiu um membro da família de um soldado. Isso acrescentou um novo nível de complexidade, e significava riscos e danos significativos, tanto pessoais quanto profissionais.

O sargento Ben Kramer era um excelente suboficial administrativo, calmo, despretensioso e competente. Infelizmente, sua esposa era uma total descontrolada.

Não há nenhuma lei contra ser distraído, mas a contenda conjugal estava afetando o trabalho de Kramer. As contas da casa não estavam sendo pagas e, quando a sra. Kramer decidiu passar tinta spray nos muros de sua casa alugada, o proprietário quis tomar medidas legais.

No Exército, tais circunstâncias exigem a atenção do comandante, e isso significava muito mais envolvimento na vida de Kramer do que qualquer um de nós queria. Os Kramer acabaram sendo despejados, o que exigiu que eles se mudassem para uma habitação do Exército, e isso trouxe ainda mais estresse e

necessidade de supervisão. Esse drama durou dez longos meses, e sempre havia algum novo incidente pelo menos a cada duas semanas.

Uma tarde, recebi um telefonema da sra. Kramer, que nunca me ligara antes. Frenética e quase incoerente, ela soava como se tivesse perdido a cabeça completamente, sem falar coisa com coisa sobre seu marido, sua casa e sobre o filho deles, de três anos de idade. Antes que eu pudesse dizer uma palavra, o telefone ficou mudo. Eu então liguei para ela, e seu filho de três anos atendeu. Ele brincou com o telefone por um minuto ou dois, então desligou. Liguei para ela novamente, mas não houve resposta. Não consegui encontrar o sargento Kramer, e não quis exagerar chamado os PMs, então imediatamente pulei em meu carro e fui até a casa deles.

Ninguém respondeu quando eu bati à porta e toquei a campainha. Corri de janela em janela, que permitiam uma visão clara de quase toda a pequena casa térrea. Vi uma vela acesa na sala de estar e a criança num quarto dos fundos, mas não vi a sra. Kramer. Por 15 minutos fiquei ali, batendo à porta e tocando a campainha, e comecei a achar que ela havia saído de casa – ou coisa pior.

Encontrei uma janela aberta e gritei chamando a sra. Kramer várias vezes, mas não houve resposta. Quando um vizinho se aproximou e confirmou o problema da família, decidi entrar por uma janela meio aberta e investigar o que estava acontecendo. Entrei e peguei a criança, e, de repente, lá estava ela parada na minha frente, com os olhos arregalados, enfurecida e quase incoerente.

– O que você está fazendo na minha casa? – balbuciou ela. – Como... Como você entrou aqui?

Eu me expliquei, disse a ela que estava preocupado com a criança e em seguida caí fora.

Olhando em retrospecto, não tenho certeza se teria feito qualquer coisa diferente, tendo em vista as condições que percebi e os instintos que me guiaram naquele momento. O que eu sabia é que estava preocupado com a criança, ponto final. Não pensei em minha carreira. Não pensei na minha

segurança. Eu fiz o que achava que era certo com a informação que possuía, e sentia que minhas suspeitas razoáveis de que talvez ocorresse um grave problema poderiam me proteger juridicamente falando.

Meu chefe viu as coisas de forma diferente e emitiu um memorando de aconselhamento. Segundo ele, meu julgamento havia sido profundamente errado. Como se viu depois, nunca estive em risco de sofrer um prejuízo permanente em minha carreira, mas eu não tinha essa certeza naquela época.

★ ★ ★

Assim como o fracasso está, por vezes, fora de seu controle, às vezes o sucesso decorre das causas mais improváveis.

Em 1998, quando eu já era primeiro-tenente, ganhei a atenção de todos os coronéis e generais seniores do Forte McClellan, no Alabama. Qual o motivo, por acaso superei algum incrível obstáculo? Não. Será que eu levei minhas tropas a uma vitória improvável? Não. Teria eu adquirido algum padrão surpreendente de trabalho árduo e competência? Bem, de certa forma sim, mas não do tipo que sempre pensei que talvez angariasse elogios. Qual foi o ato que me rendeu uma enorme quantidade de elogios? Marchar.

Na primavera de 1998, os líderes do Exército no Forte McClellan andavam à procura de um ajudante para servir durante um grande desfile militar. O ajudante é geralmente o oficial mais novo, e o trabalho exige o domínio dos treinos e da cerimônia, coisa que muitos oficiais de carreira acham intimidante. Dos espectadores até as tropas do desfile, todos estão com os olhos fixos nesse ator solitário, esperando que tudo saia com precisão certa.

Ter sido selecionado para tal tarefa não foi, na verdade, uma conquista para mim. Ninguém queria o trabalho. Mas eu o fiz. Eu marchava desde que tinha 14 anos, e conhecia aquela sequência dolorosamente longa de comandos e marchas tão bem que nem sequer precisava rever um roteiro.

A mais constrangedora, pouco digna, porém mais impressionante tarefa que

o ajudante deve executar no desfile é aquela conhecida como “passo do ganso”. É isso que o ajudante parece estar fazendo durante a marcha rápida que ele deve executar para alcançar sua posição no campo do desfile antes que a formação das tropas atinja o lugar certo.

Quase todos os oficiais que encontrei naquele dia – incluindo os superiores, os de mesma patente e os subordinados – comentaram que nunca tinham visto nada tão bizarro e impressionante ao mesmo tempo.

– Suas pernas se moviam tão rápido, parecia que você estava flutuando! Era como se você estivesse com um atizador em brasa enfiado no traseiro – observou um coronel de maneira um pouco sarcástica.

Ser excepcionalmente bom em uma coisa tão pequena não me garantiu uma tarefa desafiadora, uma avaliação estelar ou quaisquer prêmios, mas ajudou a atrair a atenção para o trabalho duro que eu já estava fazendo. A atribuição que de fato mudou minha carreira acabou vindo meses depois, e meu desempenho nesse trabalho me levou à improvável cadeia de sucessos que mencionei no início deste livro.

★ ★ ★

Certamente há histórias suficientes até aqui para confirmar as sugestões de MacArthur sobre como equilibrar o fracasso e o sucesso. Como vocês podem ver, eu parecia oscilar entre os dois. As falhas rotineiras me ajudaram a permanecer humilde em meus sucessos, e meus sucessos me deram a confiança para me manter orgulhoso e inflexível em meus fracassos honestos.

Mas o que acontece quando você experimenta muito de uma coisa e não o suficiente da outra? Pois eu digo que confiança e humildade tornam-se mais difíceis de calibrar, e a equação de MacArthur torna-se mais complicada, porém ainda mais necessária de ser realizada.

No meu caso, a partir de 2002, os sucessos começaram a superar as falhas, ganhando de dez a um, quando completei com êxito a atribuição da

companhia que eu comandava. Então, comecei a tentar lidar com a significância e o reconhecimento que se seguiu – foi bem pouco no início, e muito mais dez anos mais tarde. E, embora nunca tenha deixado de lado minha autoconfiança, havia ocasionais momentos de dúvida que pareciam dispostos a questionar como tudo aquilo podia ser possível.

Depois de 24 meses liderando uma companhia, eu tinha vivenciado uma quantidade suficiente de adversidades, dramas e aventuras que poderiam encher um livro de bom tamanho. De longe, o maior desafio foi administrar quatro diferentes deslocamentos de contingente para Honduras, Qatar e Arábia Saudita, enquanto gerenciava treinamentos e operações para todos os meus soldados não transferidos no Forte Leonard Wood. E então, no meio de tudo isso, os terroristas lançaram dois aviões contra o World Trade Center e um contra o Pentágono.

Anos mais tarde, meu primeiro-sargento, Joe Vroman, me procurou e escreveu como tinha ficado impressionado com meu desempenho durante esses tempos aparentemente impossíveis de viver. Buscando uma perspectiva e suspeitando de sentimentalismo romântico, eu o pressionei.

– O que foi que eu fiz que o impressionou tanto?

Sua resposta é um troféu que prezo muito:

Lembro-me de que, quando você planejava qualquer exercício de treinamento ou de transferência de tropas, você sempre incluía tanta coisa naquele espaço de tempo que eu sempre questionava (para mim mesmo) se a gente realmente conseguiria realizar tudo aquilo. Você costumava pegar um período de 30 dias de treinamento e, de alguma forma, compactava tudo aquilo em um exercício de sete dias. Eu costumava pensar que você era louco, mas sempre conseguíamos fazer tudo e com grandes resultados! [...]

Isso tudo pode até ter exigido mais horas, ou uma profunda concentração em realizar a tarefa da maneira correta da primeira vez [...] mas, seja como for, nós aprendemos a nos ajustar e a fazê-la.

Você era durão e sempre firme em suas convicções [...] E sempre nos tranquilizava de que conseguiríamos cumprir a missão, e isso funcionou (e, acredite em mim, eu me lembro de líderes de pelotão que vinham falar comigo pedindo ajuda para fazer você mudar de ideia). Quaisquer que fossem as circunstâncias, nós sempre perseveramos e saímos por cima. Nós nunca deixamos de fazer qualquer coisa que você colocasse à nossa frente e tornamo-nos “crentes” por causa disso.

Sua incessante pressão e seus constantes desafios, questionamentos e treinamentos realmente fizeram com que os líderes abaixo de você aprendessem muito rapidamente a gerir o tempo com sabedoria. Foi realmente inspirador, porque me lembro de muitas vezes voltar de um exercício de treinamento com você e sentar em minha mesa pensando: “Uau... Nós acabamos mesmo de fazer isso?”.

Joe acrescentou que eu também o tinha ajudado pessoalmente.

Eu nunca tive alguém que me desafiasse a ir mais longe, a fazer mais, a ser melhor nas coisas a cada dia como você fez. Você me ensinou a colocar lá no alto meus objetivos, de um jeito que nunca imaginei, e que, por meio do trabalho duro, da dedicação e do treinamento nós podemos realizar qualquer coisa!

Eu devo muito de meus sucessos na vida a você e à sua orientação. Apesar de ter sido completamente desgastante trabalhar com você, posso dizer honestamente que foi inspirador.

Por mais lisonjeiros que os comentários de Joe possam ter sido, eles destacaram o paradoxo de impor, de maneira bem-sucedida, tarefas quase impossíveis de se realizar. Como ele disse, muitos de meus líderes subordinados achavam que eu os pressionava demais. Nunca fiquei exatamente convencido ou orgulhoso de ser visto como um feitor de escravos, por mais necessário que isso fosse. Esta é a condição que muitas vezes faz com que a

verdadeira liderança seja uma posição deprimente e solitária.

Uma coisa é fazer um bom trabalho, mas outra bem diferente é fazer com que ele seja bem executado por outros. Foi essa filosofia que orientou todos os meus esforços quando eu estava no comando.

Será que era possível saber se eles percebiam quanto isso era verdadeiramente importante para mim? Como eu poderia de fato saber se exerci algum impacto sobre eles?

Eu conhecia líderes que analisavam seus prêmios e avaliações como prova disso, mas aprendi anos antes a nunca confiar em nossas próprias comendas. Como eu poderia separar o verdadeiro elogio de uma conversa educada? Lembrei-me de como todos os recrutas não poupavam elogios àquele tenente com excesso de peso na formação básica, sabendo muito bem que eles não o admiravam.

Essas perguntas sobre a liderança eficaz são como as que fiz anteriormente quanto à criação eficaz dos filhos – sabemos que algumas técnicas funcionam melhor do que outras, mas o resultado é inerentemente desconhecido devido ao grande número de variáveis envolvidas.

Três meses após deixar o comando, recebi uma inesperada resposta às minhas perguntas coletivas que foi difícil de assimilar. Fiquei sabendo que Vroman e os principais líderes de minha antiga companhia tinham se reunido em um esforço para me indicar ao Prêmio de Liderança General Douglas MacArthur, um dos mais prestigiados prêmios individuais que um oficial do Exército pode receber.

Todos os anos, o Exército seleciona 13 oficiais na ativa de um grupo elegível de mais de 37 mil oficiais, das patentes de tenente e capitão. Isso tem como objetivo recompensar aqueles oficiais cujo trabalho representa melhor os ideais do general Douglas MacArthur: dever, honra e amor à pátria.

Os oficiais são avaliados por sua comprovada liderança e influência, trabalho em equipe, aptidão física, adesão aos valores, proficiência em habilidades técnicas e táticas, bem como por capacidades menos palpáveis, tais como

qualidade do ambiente de liderança, capacidade de obter consenso entre os diversos grupos e realizações que demonstram uma compreensão da natureza humana.

As indicações percorrem vários níveis de comando, e apenas os que são selecionados avançam para os níveis seguintes. Na verdade, são tantos os indicados e os níveis de participação que já é uma honra ser indicado. Isso é certamente o que eu sentia sobre isso.

Mas ganhar o prêmio?

Quatro meses depois, eu soube que o tinha ganhado. Kristin e eu fomos enviados de avião para uma cerimônia em Washington, D. C., organizada pelo chefe do Estado-Maior do Exército e pelo sargento-major do Exército.

Uma semana depois, recebi outro telefonema de Washington. Um júri de oficiais completamente independente em relação ao anterior havia me escolhido como um dos 20 capitães para participar de um prestigiado e rigoroso programa plurianual do Exército. Ele consistia em um trabalho de três anos em Washington, D. C., com um ano sabático para completar um programa de mestrado em gestão de políticas, totalmente financiado, na Universidade de Georgetown; uma atribuição de um ano de trabalho na equipe conjunta do Pentágono; e outra missão de um ano trabalhando no Estado-Maior do Exército no Pentágono.

Como se todos os itens acima não fossem suficientemente surpreendentes, apenas três meses depois recebi a notícia de que um terceiro corpo de jurados composto por oficiais do Exército havia me selecionado para uma promoção precoce ao posto de major, uma das duas únicas dadas naquele ano aos oficiais da Polícia Militar.

Ao receber todos esses louvores e reconhecimento, ficou difícil relativizar as coisas. Ainda que tudo isso tenha sido resultado de mais de 60 avaliações independentes de oficiais em três diferentes júris, no fundo eu sabia que não poderia ser *tão bom* assim. Essa observação me obrigou a fazer algumas reflexões pesadas sobre como aceitar elogios com a quantidade adequada de

humildade e perguntar a mim mesmo o que é ser humilde e o que isso realmente significa.

Eu já tinha visto muitas pessoas declararem que não mereciam o reconhecimento que tinham recebido. Eu considerei essa afirmação como sendo falsa modéstia ou mesmo uma mentira. Claro que essas pessoas mereciam um pouco de reconhecimento, talvez não tudo aquilo.

A modéstia e a humildade verdadeiras, pensei, precisavam ser o reflexo da constatação de qual parte daquele reconhecimento pertencia a mim e qual parte pertencia à minha equipe, aos meus colegas e aos meus superiores.

Na análise final de fracasso e sucesso, pode ser difícil determinar qual é qual. Conheço pessoas que considerariam como veladas derrotas algumas de minhas vitórias.

Há uma palavra que ajuda a enxergar essa diferença: *ter perspectiva*. Ela não vem facilmente, e não vem depressa. Mas vem, eu garanto, se você a procurar ou optar por reconhecê-la quando a perspectiva lhe for fornecida.

Meu pai e meus irmãos reconheceram tal perspectiva *a posteriori*. De volta ao final dos anos 1970, enquanto estávamos nos boxes no Raceway Park e lamentávamos aquilo que eu avaliava ter sido a maior derrota em minha curta vida, nenhum de nós, nem mesmo meu pai, conhecia a ironia da história por trás daquele carro que ele “herdou” naquela noite.

O carro “X2” cor-de-rosa de Gene Kreuger foi de certa forma uma maneira de lembrar aquele dirigido por Dale Earnhardt, aos 19 anos, dez anos antes.

Embora Earnhardt tenha ficado famoso dirigindo seu carro preto número 3, seu primeiro carro de competição era um Ford 1956 cor-de-rosa que vinha marcado com um “K2”. Earnhardt e sua equipe tinham a intenção de pintar o carro de verde-abacate, mas um mal-entendido resultou na pintura do carro em cor-de-rosa. Eles não tinham dinheiro para repintá-lo, então Earnhardt, que viria a se tornar uma lenda na NASCAR e na casa dos Weber, acabou estreando nas pistas de terra em um carro cor-de-rosa.

Foram necessários dez anos para aprendermos uma verdade que nos teria feito reconsiderar as definições de sucesso e de fracasso naqueles boxes. Muito tarde para poupar o desgosto, mas bem a tempo de dar à nossa família um sentimento de conexão com um de nossos heróis.

Fracassos honestos. Sucesso com humildade.

Desde a pintura de um carro de competição, passando por uma continência até o passo de ganso e os movimentos intestinais, tenho visto que as pequenas coisas significam muito e que apenas um pouco mais de cuidado em lidar com isso faz a diferença. Na verdade, eu proponho a vocês que realizar uma tarefa extraordinária em um trabalho normal os prepara para enfrentar melhor as dificuldades e as complexidades.

Há anos venho organizando listas de dicas — os dez mais disso e os seis melhores daquilo — na esperança de que pudessem me ajudar a evitar falhas e alcançar o sucesso. Essas listas são resumos valiosos, e vocês irão encontrar minhas listas favoritas na minha estante, que vocês podem ler quando acharem o momento certo.

Mas tão importante quanto as listas de dicas é o valor de perceber o que está bem diante dos seus olhos e se importar com isso — aquelas simples e comuns elegâncias sociais. “Por favor” e “obrigado”, para começar, mas também dar crédito aos outros, quando e onde o crédito é devido, tendo um interesse pessoal naqueles a quem vocês servem ou naqueles que os servem, e “se desplugando” dos aparelhos e da agitação ao seu redor, a fim de dar a uma pessoa sua total atenção. Essas coisas são simples de se falar, mas difíceis de se fazer, e essas atitudes não apenas levam vocês ao sucesso, mas incentivam os demais a ajudá-los a ter sucesso ou, ao menos, a gerenciar seu fracasso.

Portanto, um fracasso honesto é aquele que vem (e virá) somente após uma tentativa decente de coleta de fatos, uma cuidadosa consideração para com aqueles que vieram antes e então uma autorreflexão honesta e objetiva. E o sucesso com humildade vem (e virá) não tentando ser o melhor, mas fazendo o seu melhor a cada momento e deixando que os resultados falem por si sós, para os outros e para vocês.

1. Os leitores curiosos das questões médicas podem encontrar mais detalhes sobre o “como” e o

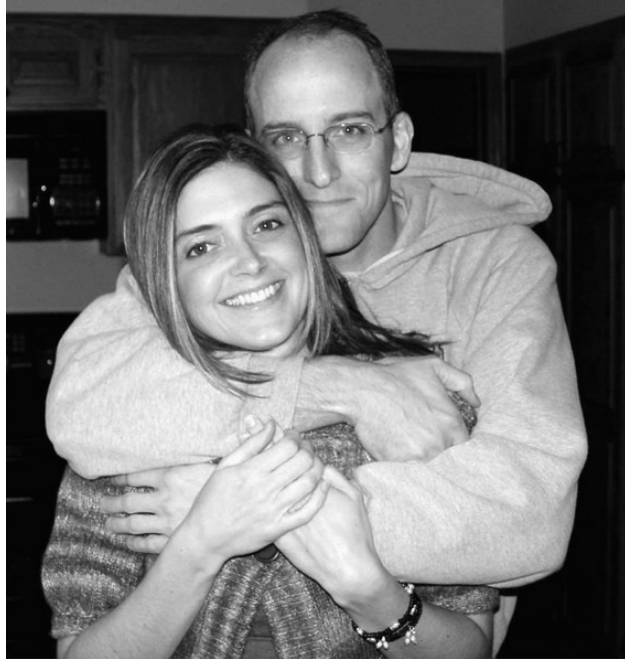
“porquê” de minha alta do hospital e outros detalhes de meu cotidiano no meu diário on-line, no site: www.caringbridge.org/visit/markmweber, em inglês.

Capítulo 4

BUSCAR E EXPERIMENTAR O VIGOR DAS EMOÇÕES, O FRESCOR DAS FONTES PROFUNDAS DA VIDA, UM APETITE PELA AVENTURA EM VEZ DO AMOR PELAS COISAS FÁCEIS.



1994, o noivado



2010, pouco antes do diagnóstico

JANEIRO DE 2011

Meu tratamento contra o câncer – uma quimioterapia diária por via oral chamada Glivec – pareceu começar a funcionar imediatamente. Isso retardou o crescimento do câncer, e disseram para eu ser paciente e pensar positivo. Havia pacientes com GIST que faziam o tratamento com essa única medicação por mais de dez anos, outros receberam a mesma coisa por menos de um ano...

Não me demorei muito na mistura confusa de informações ou no fato de que ia levar um ano ou mais para eu me recuperar das complicações cirúrgicas. Comecei a me exercitar mais, voltei a um peso de 68 quilos e me permiti acreditar que ficaria recebendo esse Glivec por dois anos ou mais. Também decidi que, apesar do câncer de crescimento lento, eu tentaria voltar para meu trabalho em tempo integral no Exército assim que me sentisse bem o suficiente para fazer isso.

Mas por quê?, vocês podem estar se perguntando. Por que não aproveitar esse momento e passar mais tempo com sua esposa e seus filhos em vez de voltar para o trabalho?

Minha resposta foi simples, e permanece inalterada: porque ser um oficial do Exército, ou sempre trabalhar duro, é a coisa mais próxima do normal que conhecemos. Não sabia nada sobre o dia de amanhã, mas naquele momento eu ansiava por aquela sensação de voltar para casa depois de um longo dia de

trabalho, depois de ter estado longe o suficiente para sentir a falta de vocês. Na verdade, estar em casa o tempo todo parecia algo anormal para todos nós e resultou em mais estresse.

Kristin não estava acostumada com minha presença constante. Era como se nós tivéssemos sido subitamente jogados numa aposentadoria involuntária. Sem a agitação do trabalho para consumir minhas energias, voltei-me para o ambiente em torno de mim. Eu era capaz de fazer rápidas compras no supermercado, ajudar com o jantar e arrumar a casa. Foi quando as coisas começaram a ficar turbulentas.

Ajudar é uma coisa, mas eu abordava as tarefas domésticas como o oficial do Exército que eu era – extremamente necessitado de um plano de campanha. Limpei a geladeira e o freezer, organizei a despensa, estabeleci um gráfico de refeições, comecei a exigir de vocês, meninos, mais tarefas e dei algumas ideias para “agilizar as operações”.

Grande erro.

A manutenção da vida doméstica era o domínio de Kristin, e não importava o fato de que ela odiava fazer certas coisas. Sua antipatia pela rotina do dia a dia não era um convite para eu assumir as tarefas. Por mais que ela gostasse da ajuda, as tarefas domésticas eram hábitos normais e familiares para ela, e eram hábitos que ela queria manter.

Perto do Natal, entramos em uma discussão bem séria – nossa primeira briga em mais de seis meses. Ela ficava me cutucando, o que me dizia que estava ansiosa por uma briga. Em poucos minutos, estávamos gritando e xingando tudo e todos. Acho que nós dois sabíamos que nossa raiva e frustração tinham pouco a ver com o assunto que dera início a tudo, mas continuamos a brigar do mesmo jeito. Então, de repente, tudo parou.

Eu estava sem fôlego e tonto. Ela se aproximou e se sentou ao meu lado, e depois começou a chorar baixinho.

– Desculpe, querido – disse ela, enquanto se inclinava sobre meu ombro. – Eu gosto de ver você mal-humorado como era antigamente. Isso me ajuda a

entender que você ainda está aqui...

Vocês, rapazes, também não foram poupados do “benefício” da minha presença constante. Eu sabia que as dificuldades compartilhadas traziam coesão e trabalho em equipe, então procurei maneiras de envolver vocês em meu tratamento e recuperação. Estabelecemos uma rotina de limpar meus recipientes para recolha de bile. Era um trabalho desagradável, e, sendo um trio de soldados como são, vocês não poderiam resistir a se gabar um pouco sobre esse triste drama diário.

A desvantagem desse trabalho em equipe estava em serem recebidos por um tenente-coronel do Exército cabeça-dura quando entravam pela porta da frente voltando da escola. Eu não era um feitor de escravos, mas me certificava de que vocês não se colocassem imediatamente na frente da TV.

– Você não vai mais voltar a trabalhar, papai? – era a pergunta que faziam educadamente. E mais de uma vez...

★ ★ ★

Com base no título, vocês poderiam pensar que este livro é apenas sobre ser um homem, um pai e um soldado. Não inteiramente. Esta é também a história de uma pessoa que é um companheiro e um marido. É sobre os rigores da vida de casado – que se tornou mais complicada pelas provações da vida militar e pelas atribulações provocadas pelo tratamento do câncer – entre dois indivíduos verdadeiros. Na realidade, nenhuma outra experiência na minha vida capta tão completamente a essência das palavras de MacArthur sobre como viver uma vida emocionalmente vigorosa.

Em 22 de julho de 2010, quando estávamos sentados na sala de espera na Clínica Mayo, absorvendo as complexidades e as incertezas de nossa jornada com o câncer que estava diante de nós, percebi que minha aliança de casamento tinha sumido. Mesmo após 16 anos de casamento, colocar o anel diariamente era um ato simbólico muito deliberado. Porém, depois da agitação

de nosso dia que começara às 5 horas da manhã, naquele momento eu não conseguia lembrar se tinha colocado o anel no dedo naquela manhã.

Claro, justamente naquele dia, entre todos os outros dias da vida, eu deveria lembrar se tinha colocado meu anel de casamento, certo?

Mas eu não conseguia me lembrar.

Eu também não conseguia afastar o medo de que eu tivesse colocado a aliança naquela manhã e depois a tivesse perdido durante o dia. Era pouco provável, o anel nunca caíra de meu dedo antes. Mas, de novo, eu havia perdido uns cinco quilos por causa do câncer e, caso eu tivesse perdido a aliança, a única chance de encontrá-la seria começar a procurar por ela imediatamente. Refiz meus passos nas poucas horas em que estivemos na Mayo e logo percebi que havia realmente apenas um lugar onde ela poderia ter caído: no banheiro.

Eu calmamente relatei ao pai de Kristin, Ed, minhas suspeitas irritantes. Companheiros e homens de ação, fomos diretamente para o banheiro e começamos a esvaziar os dois cestos de lixo, desdobrando com cuidado cada uma daquelas desagradáveis toalhas úmidas. As lixeiras estavam cheias até o topo, por isso demorou um pouco, mas, assim que nos aproximamos do fundo, ouvimos um “*plim*” na lixeira de Ed. Ambos congelamos e olhamos rapidamente um para o outro enquanto Ed enfiou o braço na lixeira e tirou de lá minha aliança.

Minha vontade era de chorar.

Assim como tantas vezes em nosso casamento, o que parecia perdido foi encontrado novamente apenas por meio do instinto, que envolvia um pouco mais de cuidado e esforço.

Nós nos conhecíamos havia 19 anos. Sob vários aspectos, um casamento “bem-sucedido” entre nós ainda parece improvável. Somos ambos ferozmente independentes, com gostos e temperamentos muito diferentes, e nada na nossa vida em conjunto jamais foi rotina. Nenhum de nós tem certeza de que estamos num casamento “forte”. Mas nossa própria sobrevivência em relação

às dificuldades da vida militar, da infertilidade, de minhas transferências e do câncer deve ser uma indicação de que fizemos algo digno de ser notado.

★ ★ ★

Para compreender a profundidade de meus sentimentos por Kristin, é útil conhecer a personalidade desse obcecado por ordem que se apaixonou por ela.

No momento em que finalmente demonstrei interesse pelas mulheres, aos 19 anos – eu era curioso durante minha adolescência, mas repeli as garotas por causa do trabalho que davam e pelo drama que elas pareciam causar –, minhas ideias sobre romance e namoro sem dúvida poderiam ser descritas como exigentes e excessivamente respeitosas. Claro, eu prefiro as palavras *romântico* e *antiquado*, mas não vamos discutir sobre isso.

Não achava certo beijar no primeiro encontro e reprovava os caras que ficavam com as meninas por uma noite e nunca mais ligavam. Eu era excessivamente sentimental em minhas afeições e tinha uma profunda convicção sobre assumir um compromisso, pensamento pouco comum para alguém abaixo dos 25 anos, seja naquela época, seja agora.

Meu primeiro beijo foi com uma menina aleatória durante um bailinho em um clube para onde meu irmão Mike me arrastou quando passei em casa para uma visita, vindo da faculdade. Ela tinha bebido muito e cheirava a cigarros. Um pouco demais da conta para um cara “excessivamente respeitável”.

Jenny, minha primeira namorada de verdade, com beijo e relacionamento mais sério, aconteceu um ano mais tarde, quando eu tinha 20 anos. Depois de um breve namoro, talvez um mês ou dois, ela me disse algo que fiquei acostumado a ouvir de todas as minhas amigas, incluindo as três garotas que namorei entre ela e Kristin:

– Você é um cara com quem as meninas se casam, não namoram.

Já Peggy era bonita e tinha um corpo incrível, mas a personalidade dela era muito desregrada e solta para mim, e eu devo ter demonstrado que pensava

assim. Uma vez ela perguntou:

– Você é gay ou algo do gênero?

Um ano mais tarde, eu conheci Kari. Ela era um sonho de mulher: um corpo sem defeitos, olhos azuis marcantes, as pernas e os braços incrivelmente tonificados e uma personalidade calma e fácil de levar. Três meses depois que iniciamos nosso relacionamento, deixei passar uma oportunidade de fazer sexo, porque achei que ela havia bebido muito.

Horas mais tarde, ela sussurrou em meu ouvido aquela que já era então uma antiga e familiar melodia:

– Você é um homem bom e decente, Mark, e algum dia será o melhor marido que alguém poderia desejar.

Ela me deu o fora uma semana depois, por eu ser sério demais, mas disse algo naquela noite que ainda me faz bem:

– Obrigada pelo que você fez... por mim.

Claro que, na manhã seguinte, quando meus colegas de quarto não ouviram nada sobre o que *não tinha* acontecido, todos começaram a levar em conta a pergunta de Peggy sobre minha orientação sexual.

Eu nem me lembro do nome da garota seguinte com quem saí. Ainda estava me recuperando por ter sido rejeitado, e três vezes, pelo fato de ser um cavalheiro.

★ ★ ★

Conheci Kristin Coughlin no quarto ano de faculdade, no final de setembro de 1992. Meus companheiros de quarto – todos eles jogadores de basquete do time da faculdade – voltaram uma noite para nosso apartamento vindo de um bar local acompanhados de mulheres. Uma dessas mulheres estava vestindo uma jaqueta de couro roxo-escuro, horrível. Mas o rosto e o corpo daquela morena com olhos cor de avelã me fizeram sentar e prestar atenção. Os caras puxaram um baralho e começaram a jogar.

A menina vestida de roxo claramente não sabia jogar baralho, e estava tímida demais para falar. Eu me sentei do lado dela no sofá e timidamente perguntei se ela queria alguma ajuda. Logo me senti capturado por sua personalidade. Reservada, mas atrevida e divertida, ela estava sempre pronta com uma resposta sincera a uma pergunta direta.

Nossa interação naquela primeira noite foi tão comum como o tráfego numa estrada movimentada, e não posso dizer que houve faíscas românticas.

Mas alguma coisa tinha acontecido, porque ao longo dos próximos dias e semanas a gente se notava com frequência nas áreas comuns e conversávamos como velhos amigos. Apesar de uma conexão clara e de uma afeição verdadeira, não houve abraços, beijos nem olhares demorados...

Depois de um mês frustrante de mal-entendido (da minha parte), ela finalmente deixou claro que tinha um namorado. Por mais chateado que aquilo tenha me deixado na ocasião, fiquei surpreso, e ainda hoje continuo, pelo fato de ela ter decidido manter o compromisso com ele, apesar da reconhecida incompatibilidade do casal na época, até o dia em que eles se separaram.

Sr. Puritano, apresento-lhe a sra. Austera.

Não demorou muito, mas parecia tempo demais para um garoto apaixonado, para que Kristin rompesse “oficialmente” com seu namorado e começasse a sair comigo. Quase imediatamente, ela me convidou para conhecer sua família em Hastings, Minnesota, durante o feriado de Natal e para jantar com seus pais.

Quando estacionei em frente da casa dela, anoitecia, o que tornou mais fácil ver o interior da casa. Pela janela da cozinha, pude ver uma figura grande e corpulenta que parecia ser o pai dela, e que não estava usando camisa. Eu já mencionei que era inverno, em Minnesota?

Quando entramos na cozinha, um Ed Coughlin de peito muito peludo estava parado na frente da pia, com um enorme sorriso no rosto e afiando as facas de forma dramática. Estou certo de que a expressão no meu rosto revelou

meu choque, e eu estou igualmente certo de que chocar era o que ele queria.

Depois do jantar, Kristin pediu que eu a levasse para apreciar as luzes de Natal nas ruas de Hastings. A conversa durante nosso passeio de uma hora foi desconexa. Nós dois estávamos distraídos e inquietos. Vimos uma imagem muito brega pintada por toda a largura de uma porta de garagem. Rimos tanto que tivemos que estacionar o carro. Então, de repente havia silêncio e tensão novamente.

– Kristin – consegui me obrigar a dizer –, tudo bem se eu a beijar agora?

– Claro – respondeu ela com um sorriso.

Meu coração duplicou o ritmo. Eu lentamente me inclinei, fiz uma pausa para olhar diretamente em seus olhos, e então, tão suavemente quanto pude, pressionei meus lábios contra os dela. Foi um longo e apaixonado beijo que parecia que deveria ter ocorrido há muito tempo.

Dois meses depois do início de nosso namoro, Kristin virou-se para mim de repente, olhou direto em meus olhos e disse:

– Sabe de uma coisa? Acho que eu poderia viver com você para sempre.

Você é um cara com quem as meninas se casam deixou de ser uma maldição. Eu disse a ela que sentia o mesmo.

Nosso amor não era cego. Nós dois vimos um choque de gostos, interesses e personalidades. Embora compartilhássemos uma paixão pelo trabalho e pelos estudos, ela gostava de música dos anos 1980, alternativa e new wave; eu gostava de rock clássico e pop moderno. Ela gostava de filmes sentimentais e eu preferia filmes de ação cheios de adrenalina. Para tomar decisões, eu insistia em fazer uma profunda e longa reflexão e ela preferia seguir a intuição e seus instintos.

Eu tinha dúvidas sobre como ela iria lidar com minha vida militar. E ela estava muito preocupada com até que ponto minha mãe ia se envolver em nossa vida.

Discutimos muito, mesmo no início. Mas nós tínhamos ideais em comum.

Em uma centena de pequenas maneiras, Kristin demonstrou integridade,

lealdade, confiança, confiabilidade e uma sólida ética de trabalho. Ela era honesta e justa em suas opiniões e pedidos de desculpas. Demorava a fazer amizades, mas era relutante em rompê-las. No trabalho, não achava certo ficar batendo papo com os colegas, e nunca telefonou ao chefe dizendo que estava “doente” quando sua agenda ficava muito cheia. E ela sabia como dizer “me desculpe”, sem condições ou “mas”.

Quaisquer que fossem nossas discordâncias, Kristin tinha um forte caráter moral, e isso anulou qualquer preocupação que eu pudesse imaginar em nosso relacionamento.

Eu sempre tinha pensado em me ajoelhar para fazer o pedido de casamento de alguma forma criativa e inteligente. Em vez disso, fiz o pedido durante um almoço em meio aos colegas de classe enquanto estávamos no shopping River Hills, em Mankato. Então fomos escolher as alianças juntos. O único lado “romântico” de minha parte é que fiz isso no Memorial Day.¹

Marcamos a data do casamento para dali a 15 meses e decidimos morar juntos até lá. Vovô Garofalo aprovou:

– Melhor experimentar os sapatos antes de comprá-los.

Mas havia um problema na lua de mel: o Exército.

Apesar de minhas explicações, eu sabia que Kristin não tinha muita ideia de como seria. E nenhum de nós poderia prever como estaria nossa vida seis anos depois, quando minha obrigação contratual terminasse.

★ ★ ★

Poucas coisas parecem mais importantes para uma noiva do que os elementos de sua cerimônia de casamento, mas o Exército rapidamente nos fez lembrar que não teríamos controle sobre quase nada. Até minha recolocação, a vida militar era pouco mais que um tema de conversa fiada. Agora era uma coisa real. Eu fora convocado para minha formação inicial como oficial no Alabama, e as datas coincidiam com nosso casamento.

À medida que nos esforçávamos para explorar novas opções para a festa de casamento, descobrimos que o Exército dava uma compensação para os cônjuges separados – até cerca de 2 mil dólares enquanto eu continuasse meus estudos. Decidimos então oficializar nossa união, com o Exército fornecendo nosso primeiro presente de casamento. Nessa decisão, eu vi outra oportunidade.

Com minhas ordens estabelecidas para 10 de abril, propus a Kristin que nos casássemos em 7 de abril, um gesto intencional de minha parte para comunicar a ela que eu iria, sempre que pudesse, colocá-la antes do Exército.

Parecia estranho ficar ali em pé no altar com apenas o padre, duas testemunhas e Deus. Não havia espaço para fingimento ou para aprovações e desacordos familiares. Sem pompa nem circunstância.

A cena, porém, acabou oferecendo um nível inesperado de intimidade e de sinceridade que nos transmitiu uma verdade que iríamos aprender e reaprender no Exército: estávamos sozinhos com nossas decisões e com os resultados delas, e iríamos enfrentar uma vida grandiosa juntos, sem as famílias que haviam nos levado tão longe.

★ ★ ★

Nosso casamento “oficial”, ainda programado para o fim de semana original, foi mais um prenúncio de como nossa vida seria imprevisível.

Kristin havia planejado a maioria dos detalhes enquanto eu estava em treinamento, e, quando voei para Twin Cities um dia antes da grande cerimônia, foi como ser despejado numa zona de combate em plena atividade. Não houve despedida de solteiro, eu perdi o ensaio e cheguei tarde para o jantar. Adicione meses de tensão sexual reprimida, e havia todos os ingredientes para uma fogueira bem no meio da sala de estar.

Na manhã seguinte, quando três das damas de honra estavam se encaminhando para a igreja, um policial de folga bêbado passou um sinal

vermelho e detonou o veículo delas.

O acidente foi tão feio que as damas de honra receberam proteção para a coluna e foram levadas ao pronto-socorro. Mais tarde soubemos que os paramédicos ergueram os vestidos delas por cima da cabeça enquanto estavam sendo presas às macas porque elas pediram que os vestidos não fossem amassados demais. As três chegaram atrasadas ao casamento e bem machucadas, mas pelo menos conseguiram chegar.

Não houve lua de mel nem nada. Eu estava em um avião no dia seguinte para voltar ao treinamento do Exército.

Nós rimos quando descobrimos mais tarde que nosso casamento seria um dos últimos a ser realizados na Igreja de Saint Boniface, que fora programada para ser demolida. Esperávamos que nosso casamento se saísse melhor...

Meu fracasso na Escola Rangers alguns meses mais tarde resultou em um retorno inesperado para Minnesota vindo da Geórgia, e tive novas ordens do Exército em seguida, para que me apresentasse de imediato na Virgínia. Aquilo foi inesperado e indesejável, porque significava que o dia de Ação de Graças e o Natal com a família de Kristin seriam arruinados. Também significava a mudança drástica que ela mais temia havia bastante tempo.

As emoções estavam à flor da pele.

Com seis dias para fazer as malas e nos despedirmos da família, a fim de que pudéssemos estar na Virgínia na data de minhas novas ordens, Kristin estava triste e ansiosa. As coisas de repente estavam acontecendo muito rápido. Estressados, optamos por aproveitar um incentivo financeiro do Exército para nos mudar.

As conversas que aconteceram durante esses seis dias são nebulosas, mas sei que incluíram uma série de xingamentos e tensões.

Lembro-me de gritar com ela:

– Por que diabos então você se casou comigo? Você sabia que isso ia acontecer! Você sabia durante um ano que esse momento estava chegando! Isso é o Exército!

Ela gritou tão alto quanto eu, dizendo que nada daquilo era justo.

O tempo e a distância dos últimos meses tinham gerado um problema de comunicação em nosso já conturbado relacionamento, e as recentes frustrações nos faziam questionar se tínhamos cometido um grande erro.

E, antes que percebêssemos, estávamos parados na calçada em frente à casa de seus pais, com nada mais a dizer, exceto adeus.

Para facilitar a transição, Kristin tinha adotado às pressas dois gatinhos, e Ed tinha encontrado para a filha um Mitsubishi Starion usado em muito bom estado. Mas ela ainda estava inconsolável. Lembro-me de pensar que a única vez que eu tinha visto alguém tão triste fora num funeral, e a lenta procissão descendo a rua só contribuiu para o efeito. Kristin foi dirigindo meu carro novo, e eu o caminhão de mudança, com o Mitsubishi a reboque.

A cerca de 30 quilômetros de Hastings, passei por um motorista dirigindo no sentido oposto, apontando desesperadamente para a parte traseira do meu caminhão. Eu só podia segurar a cabeça nas mãos enquanto a fumaça se espalhava sob o capô do Mitsubishi. Quando Ed e Kristin tinham colocado o carro no reboque, eles se esqueceram de dois fatos muito importantes sobre o Mitsubishi: ele tinha uma transmissão manual na roda traseira, e haviam deixado a segunda marcha engatada.

Paramos para passar a noite no Dollar Inn ao sul de Chicago. Kristin soltou os cachorros por causa da qualidade do lugar – um quarto de 19,99 dólares, uma recepção fechada por acrílico e um cartaz onde se lia “Não haverá reembolso após cinco minutos do check-in”, mas já eram 11 horas da noite e insisti para ficarmos.

Quando abrimos a porta do nosso quarto, parecia que havíamos sido transportados de volta no tempo para o cenário de um filme pornô dos anos 1970. O carpete era uma mancha suja laranja-avermelhada, a cama estava afundada, tinha um pedaço visível de madeira debaixo do colchão e o ar estava carregado com um cheiro inegável de tabaco.

Toda a emoção do dia, ou melhor, da semana, desaguou numa torrente. Os

palavrões voavam pelo ar, e a cena terminou comigo jogando minha aliança de casamento de modo infantil sobre Kristin, enquanto ela saía porta afora. A mãe de Kristin, Karen, ainda se lembra do telefonema que recebeu naquela noite:

– Mamãe, eu acho que cometi um erro... Quero que você venha me buscar.

Ela não foi.

Kristin voltou para o quarto uma hora depois, com os olhos ainda vermelhos de tanto chorar. Fizemos as pazes, mas aquilo pareceu mais uma trégua temporária, combinada apenas para permitir que o campo de batalha ficasse livre dos corpos antes da próxima luta.

A noite não trouxe nenhum alívio. Ela insistiu em levar seus dois gatinhos para o quarto e os deixou andar livremente em vez de mantê-los presos na caixa. Os dois miavam sem parar, subiram na cama para brincar, emaranharam-se nos cabelos de Kristin e subiram no meu rosto. Por volta das três da manhã, eles estavam sendo lançados do outro lado do quarto como se fossem obscenidades.

Na manhã seguinte, nós nos trocamos e arrumamos nossas coisas sem dizer uma palavra. Poucos minutos depois de pegarmos a estrada, topamos com um obstáculo que não estava em nosso planejamento da viagem: pedágios. Eu não tinha dinheiro. Isso foi muito antes dos telefones celulares, e Kristin estava muito à frente de mim para que eu pudesse sinalizar pedindo ajuda.

– Querido – disse a atendente com um misto de piedade e desprezo –, nós não aceitamos cheques.

– Bem – respondi –, só tenho cheques. Veja, eu sou uma besta e não tenho um centavo.

De má vontade, ela pegou meu cheque. A mesma cena ia se repetir mais duas vezes até que finalmente paramos para reabastecer os veículos.

Na esperança de mudar nossa sorte, aponte para o carro que tinha sido destruído no dia anterior.

– Quer ver se ainda funciona? – perguntei.

Kristin sorriu, pela primeira vez em dois dias. Levei um tempo para descobrir como soltar tudo aquilo, mas finalmente conseguimos tirar o Mitsubishi do reboque e ele parecia estar funcionando bem. (Só descobrimos depois que o motor tinha pifado, mas aquilo não importava muito no momento.) Animados, o colocamos de volta no reboque e cruzamos a estrada em direção ao restaurante Grandma's Kitchen.

Tomamos um café da manhã tão gostoso que eu saí todo orgulhoso caminhando pelo estacionamento para voltar à estrada.

Mas, então, minhas mãos se moveram de bolso para bolso do casaco e das calças em busca das chaves. Meu coração ficou apertado quando me aproximei da cabine de nosso caminhão de mudanças, trancado. As chaves estavam na ignição, penduradas e brilhando ao sol do começo da manhã.

Encontrei um gancho de metal no bagageiro e abri a fechadura da porta, mas a vitória foi de curta duração.

Quando saímos do estacionamento, olhei pelo espelho lateral ao entrar na rampa de acesso à rodovia e vi uma chuva de faíscas voando da parte traseira do caminhão. Eu tinha deixado de apertar a trava de segurança no engate, e ele tinha se soltado do caminhão. A única coisa impedindo que a carreta do reboque e o Mitsubishi se arreventassem na vala à beira da estrada foram as correntes de segurança.

Por algum milagre, nós finalmente chegamos ao Forte Lee, na Virgínia, totalmente exaustos.

Às 6 da manhã de nosso primeiro dia no Exército juntos, fomos sacudidos pelo som de um tiro de canhão, seguido de um toque de trombeta que ecoava por meio de alto-falantes do Forte Lee. Eu me debrucei sobre Kristin, beijei-a na bochecha e sussurrei:

– Bem-vinda ao Exército, querida.

– Hummm – bufou ela. – Não vou me acostumar com esse mugido todas as manhãs – disse, enquanto se aconchegava mais perto de mim.

Ela iria acabar se acostumando com coisa muito pior do que essa durante

nossa vida juntos, mas nós sempre nos aproximamos no final.

★ ★ ★

O nascimento de Kristin para a vida militar foi um trabalho de parto difícil, mas ela rapidamente estabeleceu quem ela ia ser e o que faria. Kristin não tinha interesse em posição ou cargo nem paciência para a pompa entre cônjuges no Exército, então rapidamente entrou em conflito com as esposas que se preocupavam com essas coisas.

Ela não era “a esposa do tenente”.

– Eu tenho um nome – ela costumava dizer. – É Kristin.

Cerimônias militares eram eventos aos quais ela comparecia com relutância.

Um de seus bordões mais comuns era:

– Amar você não quer dizer que preciso amar ou até mesmo gostar do Exército.

Para Kristin, o Exército era algo a ser tolerado por cerca de cinco anos, até que voltássemos para Minnesota. E, se sua antipatia em relação à vida do Exército perturbava as esposas mais antigas, atraía as esposas mais jovens dos soldados, porque muitas delas se sentiam da mesma maneira.

Uma questão a respeito da qual não tínhamos conflito era sobre ter filhos.

– O que você acha? É hora de termos uma criança? – era assim a conversa.

– Claro, vamos ter um bebê.

Era tão fácil. Matthew, você nasceu exatamente nove meses depois, um ano em nosso período de serviço.

★ ★ ★

Os companheiros constantes de Kristin durante minhas muitas e longas ausências eram aqueles dois gatos que ela adotara, Max e Casey. Ela amava os gatos tanto quanto vocês, meninos, amam seus animais de estimação. Naquela

época, essa foi outra fonte de atrito em nosso casamento. Mesmo com uma caixa de areia, eu achava que cheiravam mal, e estava determinado a não deixar que nossa primeira casa ficasse com o cheiro de uma fazenda.

O que aconteceu a seguir pode soar cruel, e Kristin na verdade nunca concordou com isso, mas nós os mantivemos presos lá fora, em nosso quintal dos fundos, colocamos um portão de segurança nos degraus, compramos uma pequena casinha de cachorro, colocamos coleiras neles e achei que tudo ficara bem. Temos um jargão no Exército que diz: “Foi um bom resultado”.

Passou de fato pela nossa cabeça que nossos novos vizinhos, a quem ainda não tínhamos conhecido, nos achassem pessoas estranhas por tratarmos nossos gatos como cães. Então não foi uma surpresa total, no dia seguinte, quando cheguei em casa antes de Kristin e encontrei um bilhete de nossos vizinhos colado na porta de casa: “Por favor, venha nos ver quando você ler este bilhete”.

Caminhei pela longa passagem até a porta da frente da casa deles e toquei a campainha. Três ou quatro crianças de repente apareceram na janela da sala de estar e ficaram olhando para mim de olhos arregalados.

Ótimo, pensei, espectadores para a bronca de dedo em riste sobre como cuidar adequadamente de um gato.

– Não sei como lhe dizer isso – começou meu vizinho. – Mas cheguei em casa do trabalho hoje e encontrei sua gata pendurada na sua varanda. Isso meio que assustou meus filhos, então fui lá tirá-la. – Ele me estendeu uma caixa de sapatos tampada. – Aqui está ela. Sinto muito, cara. Realmente sinto muito.

Enquanto eu percorria o longo caminho de volta para nossa casa, eu me perguntava como iria explicar isso para uma Kristin grávida.

– Querida, eu sinto muito, mas Casey se enforcou na varanda por causa da coleira.

Ela imediatamente começou a chorar e deixou escapar:

– Seu *idiota*, eu *sabia* que isso iria acontecer. Você matou minha gata!

Ela bateu os punhos fechados no meu peito, mas me deixou abraçá-la

enquanto eu me desculpava inúmeras vezes por ter sido tão idiota. E, apesar de meus colegas ainda me ridicularizarem por conta disso 17 anos depois, ela nunca mais tocou no assunto de novo.

(Até que ela leu a história novamente em um esboço deste livro; no documento do Word, ela digitou um único palavrão colorido destinado apenas para mim.)

★ ★ ★

As transferências nunca estavam longe de nossa mente, porque sabíamos que, a qualquer momento, longos dias de treinamento de campo na floresta poderiam se transformar em uma ausência de um ano no exterior. Vimos nossos vizinhos passar por isso enquanto cuidavam de seu recém-nascido, e ambos ficamos imaginando como seríamos capazes de passar por tal desafio, considerando nossa dificuldade para apenas cruzar o país juntos.

Minha primeira missão em um lugar distante veio quando você tinha apenas seis meses, Matthew. Você e eu parecíamos conviver muito bem antes de eu partir, mas, quando voltei, vários meses depois, parecia que um dinossauro roxo chamado Barney tinha efetivamente me substituído como seu modelo de homem...

Não me lembro de um sentimento mais doloroso na minha vida do que senti quando estendi a mão e você recuou como se não soubesse quem eu era. Pensei que as coisas fossem melhorar com o passar dos anos, mas você me pareceu distante nos anos seguintes.

Com Kristin, o tempo em que ficamos separados foi difícil, mas também ficou evidente que a separação nos fez valorizar mais um ao outro.

Embora ainda discutíssemos sobre coisas cotidianas como a maioria dos casais faz – como gastarmos o dinheiro, como passarmos nosso tempo livre, nossas discussões entre as coisas de que gostamos e as de que não gostamos –, a única questão que parecia afligir verdadeiramente nossa relação era como gerir

a vida no Exército.

★ ★ ★

Fazer as malas e mudar de casa é uma das experiências mais estressantes pelas quais um casal pode passar. É ainda mais estressante quando se é um casal de Minnesota com ordens do Exército para ir ao Alabama – um lugar onde um sotaque diferente sempre chama a atenção.

Três anos antes, eu tivera que convencer Kristin a sair de Minnesota e ir para a Virgínia. Agora, a ideia de sair da Virgínia era tão traumática e indesejável quanto a mudança anterior.

Quando cheguei ao Alabama, no inverno de 1997, comecei meu trabalho e me misturei com um grupo de soldados que compartilhavam dos mesmos valores, expectativas de trabalho e cultura organizacional que eu tinha quando parti.

Quando Kristin chegou ao Alabama, ela foi recebida com uma frase do tipo: “Cê num é daqui, tô certo?”. Uma mulher se aproximou de Kristin depois de um curso em Birmingham e lhe disse em um carregado sotaque sulista:

– Ah, adoro seu sotaque britânico.

Não havia trabalho para Kristin, e nenhuma empresa interessada na contratação de alguém que ia partir em dois ou três anos. As habitações do Forte McClellan estavam lotadas, então nós alugamos uma casa no interior do estado. E, ao contrário da nossa experiência na Virgínia, nossos vizinhos não eram nada agradáveis.

Descobrimos que parte da frustração vinha do plano do Pentágono de fechar o Forte McClellan. Para a comunidade local, que encarava a perda econômica de 600 milhões de dólares por ano, a notícia era devastadora.

Mesmo assim, depois de alguns meses sem ninguém aparecer para nos dar as boas-vindas, Kristin decidiu ir até a casa de nossos vizinhos e se apresentar.

Quando ela tocou a campainha, viu um movimento nas cortinas de uma janela próxima e sem jeito esperou que alguém viesse atender a porta. Assim que se virou para ir embora, um cão zangado vindo dos fundos da casa apareceu latindo e pulando.

Não houve mais tentativas de se aproximar dos vizinhos.

Um ano mais tarde, os proprietários da casa onde morávamos decidiram vendê-la, obrigando-nos a nos mudar. Felizmente, naquela altura o Forte McClellan tinha muitas acomodações vazias, e fomos para um duplex modesto. Infelizmente, por causa de meu trabalho, a nossa seria uma das últimas famílias a sair do posto.

Quando a hora da partida chegou, 18 meses mais tarde, a maioria das casas, lojas e edifícios estava tapada com madeira compensada. Sentimo-nos como se vivêssemos em uma cidade abandonada.

★ ★ ★

Em 1999, quando chegaram as ordens nos enviando para o Forte Leonard Wood, no Missouri, estávamos prontos para deixar para trás nossos três anos no Alabama. Essa era nossa quinta mudança em seis anos, mas foi particularmente estressante, emocional e fisicamente, devido à falta de interação social do bairro.

Como de costume, optamos por levar nós mesmos a maior parte de nossos pertences para tirar proveito do incentivo financeiro que o Exército oferecia. Eu guiei o caminhão de mudança e Kristin foi na frente com Matthew em nossa nova picape Toyota Tacoma.

Assim que entramos no Tennessee, depois de três horas na estrada, nos sentimos prontos para parar por aquele dia, mas optamos por avançar mais um pouco depois de um breve descanso.

Cerca de 800 metros à frente na rodovia, Kristin virou em direção ao acostamento, como se precisasse parar. E eu me perguntei o que ela poderia

estar querendo.

Então a picape deu uma guinada para fora da estrada rumo a uma longa e profunda vala. Estávamos viajando a 100 quilômetros por hora. O veículo pulou violentamente, como se estivesse prestes a capotar, até que por fim se chocou com um grupo de árvores. *Oh, meu Deus, pensei, que estejam bem, que estejam bem, que estejam bem.*

Quando cheguei ao fundo da vala, a 30 metros da estrada, a cena dentro da cabine era surreal. Kristin estava com os dedos brancos de tão forte que agarrava o volante, Matthew estava choramingando com o cobertor sobre o rosto, e música – música da Disney – tocava alto enquanto uma fumaça saía das aberturas de ventilação.

– Kristin – gritei. – Você está bem?

Ela mostrava um olhar de puro terror no rosto. Sem esperar por uma resposta, puxei-a para fora da picape.

– Eu caí no sono, e destruí sua picape nova – disse ela soluçando, enquanto agitava os braços freneticamente.

Agarrei sua cabeça e segurei-a com firmeza para que nossos olhos ficassem a dois centímetros um do outro e disse calmamente:

– Esqueça a picape.

Puxei-a para um abraço e segurei-a firmemente, esfregando suas costas e tentando fazê-la se acalmar.

– Vai ficar tudo bem... Você está bem... Matthew está bem... Agora temos que ficar focados aqui.

Dentro de minutos, transeuntes e um policial rodoviário vieram ajudar.

Quando todos nós nos afastamos da cena, não pude deixar de olhar para um grande pilar de cimento de uma ponte que estava a apenas algumas centenas de metros de onde Kristin caiu. As coisas poderiam ter sido bem piores.

Com a perda da Tacoma, e com um caminhão de mudanças lotado, fomos forçados a deixar para trás todas as nossas plantas de interior, uma das quais era um vaso com a planta gravatinha que tinha estado no altar de nosso casamento

há cinco anos. O proprietário da oficina colocou tudo num grande galpão.

Um mês depois, voltamos ao Tennessee para buscar a picape reformada. Quando o proprietário abriu o galpão, ficamos atordoados com o que vimos. Todas as nossas plantas estavam secas e mortas, com exceção da gravatinha. Ela estava em mau estado, mas tinha sobrevivido. E está viva até hoje.

★ ★ ★

Na lista das causas mais prováveis de estresse conjugal, ter filhos vem logo depois das mudanças, e a vida nos deu um problema chamado “infertilidade” com o qual convivemos por uns bons quatro anos enquanto estávamos no Alabama e no Missouri.

Uma visita ao médico, em 1998, revelou que eu era clinicamente estéril. Esse diagnóstico foi nossa primeira exposição à inexatidão científica da medicina que voltaríamos a vivenciar muitos anos depois, com o câncer.

– O que significa “clinicamente estéril”, doutor? – perguntei.

Ele contou que em geral são necessárias algo como 50 milhões de espermatozoides para conceber uma criança, e pelo menos 30 milhões deles precisam ser saudáveis. No meu caso, havia menos de 1 milhão de espermatozoides, e mais de 99 por cento deles eram ou deformados, não tinham cauda, ou não sabiam nadar em linha reta – uma metáfora para minha vida, eu diria.

– Mas – disse o doutor, sorrindo – só é preciso um.

Com essas probabilidades, “tentar” inevitavelmente transformou a intimidade em uma tarefa...

Houve também um aborto espontâneo, que pareceu mais um soco na boca do estômago. Tinha sido um “óvulo cego”, que é um óvulo não fertilizado e que imita uma gravidez (a gestação anembriônica). Mais tarde, brinquei com Kristin que ela andava tão ansiosa para engravidar que tentou fazê-lo sem mim.

Uma das opções apresentadas para nós foi a fertilização in vitro. A única

coisa de que me lembro dessa conversa foi o preço de 10 mil dólares... por tentativa. E isso provavelmente exigiria três tentativas. Nós não tínhamos essa quantidade de dinheiro, e a discussão só contribuiu para o estresse.

Em janeiro de 2000, cerramos os dentes, assinamos a papelada e começamos o processo de agendamento do procedimento. Cerca de uma semana mais tarde, Kristin comentou que estava com a menstruação atrasada. Nós dois brincamos sobre a ironia e as possibilidades de isso acontecer, mas não perdi tempo e fui comprar um teste de gravidez.

Mesmo após o teste ter se mostrado positivo, e um teste de sangue confirmar, ambos refletimos sobre nossa experiência anterior com o “óvulo cego”.

Nove semanas depois, voltei para casa para uma rápida visita, vindo de uma escola militar no Forte Leavenworth, e encontrei Kristin deitada no sofá, chorando. Ela havia acabado de voltar de seu exame de ultrassom. Meu coração ficou apertado. De novo, não.

– Olhe para a imagem – disse ela, com desespero na voz.

Quando fiz isso, meu cérebro realmente não conseguia processar o que eu estava vendo. Havia um círculo desenhado à mão com uma linha que levava às palavras “bebê nº 1”, e, em seguida, um segundo círculo e uma linha que levava às palavras “bebê nº 2”.

– Gêmeos? – perguntei, com lágrimas nos olhos. – Meu Deus, nós vamos ter gêmeos? – e ainda mais milagroso, tínhamos fertilizado dois óvulos separados, gêmeos bivitelinos, assim como meu irmão gêmeo e eu. – Por que diabos você está chorando? – implorei.

– Dois bebês neste corpinho – gemeu ela. – Eles vão me destruir. Como é que vou ser capaz de lidar com gêmeos?

Kristin tinha – e ainda tem – um 1,67 metro e pesa 52 quilos, e se lembra de que você, Matthew, tinha quase quatro quilos ao nascer. (E ela estava certa em ficar preocupada: Joshua e Noah, juntos, pesavam quase seis quilos.)

Não havia como consolá-la. E pior: dois dias depois, eu tinha que voltar ao

Forte Leavenworth, a cinco horas dali, para completar mais três semanas de estudos.

★ ★ ★

A pior e mais importante batalha na Guerra Civil Americana, e que se acredita ter sido o ponto de virada na experiência americana, começou como um leve conflito entre batedores da cavalaria em uma encruzilhada na pacata cidade de Gettysburg. Oitenta anos de união, como uma nação, de alguma forma não conseguiram evitar que, em apenas três dias, 176 mil americanos convergissem para aquele lugar e 50 mil deles morressem ou ficassem feridos.

Durante quatro meses, na primavera de 2000, Kristin e eu chegamos a uma encruzilhada semelhante, apesar de nossa própria história de unidade. Para nós, os riscos eram também muito altos.

Nossa “briga” inicial ocorreu por causa da questão de comprarmos um veículo maior para a família que vinha crescendo. Kristin achava que a vida ia ser muito difícil com Matthew, os gêmeos e o Exército; ela se recusou a lidar com os veículos que tínhamos. De minha parte, eu não tinha intenção de nos colocar em uma dívida de 35 mil dólares por conta de um veículo que queríamos, mas do qual não precisávamos.

A discussão sobre veículos, naturalmente, deslocou-se para nossa estabilidade financeira como um todo, que estava diretamente ligada à mãe de todos os fatores estressantes em nosso casamento: a questão de eu largar o Exército.

A ocasião para a batalha iminente era simples: minha obrigação de seis anos para com o Exército iria acabar em poucas semanas. Nossas discussões em anos anteriores em geral haviam sido intensas, mas nunca decisivas.

Em suma, deixar o Exército exigia encontrar um novo emprego, procurar um novo lugar para morar e nos mudarmos – nessa ordem. A iminente chegada de recém-nascidos significava que Kristin não ia poder trabalhar tão

cedo, e com toda a probabilidade eu poderia esperar um extenso corte no salário quando encontrasse um emprego.

Achei que Kristin minimizava essas preocupações. Ela pensava que eu estava exagerando.

– Eu vi você no trabalho – disse ela. – Isso tudo vai ser muito mais fácil do que você está fazendo parecer.

Além disso, ela acreditava que tinha feito sua parte em nossa “barganha” não oficial sobre tempo de serviço. Agora era minha vez de honrar e retribuir seu sacrifício com opções que estivessem mais perto do ideal *dela*.

Nós nos envolvemos em um debate, apesar do fato de a escola do Exército ter nos mantido fisicamente separados por seis semanas. Acho que ambos sabíamos que não dava mais para empurrarmos o problema com a barriga por mais tempo.

Talvez em parte por causa da segurança da distância entre nós, as coisas foram ficando mais tensas. Sabíamos muito bem como provocar as reações que queríamos um no outro, e cada um de nós tentava de tudo em uma tentativa de influenciar o outro.

Tudo que Kristin ouviu a partir daquele momento foi um marido hipócrita e controlador que queria ficar no Exército a todo custo.

Tudo que eu ouvi foi uma mulher irracional e ingrata que queria sair do Exército a todo custo.

A palavra *divórcio* nunca foi pronunciada, mas a linguagem e o tom eram inconfundíveis.

Pela primeira vez em nossa vida juntos, o verdadeiro significado do amor e de compromisso estava sendo testado para nós dois, e parecia estranhamente claro que não existia de fato uma resposta certa.

Durante anos, eu tinha ouvido falar que encontrar um trabalho que eu realmente amasse seria tão fundamental para uma vida feliz como se casar com alguém que eu realmente amasse. O Exército não era apenas nossa fonte estável e única de renda, tinha se tornado uma escolha de vida incrivelmente

enriquecedora para mim. E, para minha agradável surpresa, eu era bom nisso...

Sair do Exército significaria começar tudo de novo em uma cultura sem a rede de conhecimentos de colegas ou ex-chefes. Em suma, precisamente o que Kristin tinha sofrido por seis anos, uma ironia que eu não percebia na época.

E se Kristin optasse por não trabalhar depois de os gêmeos chegarem? E se o fato de eu sair do Exército não produzisse o ideal que ela queria, mas, em vez disso, substituísse um conjunto de sacrifícios e incertezas por outro? Eu sabia que ela poderia ficar ressentida comigo se eu continuasse no Exército, mas eu também me conhecia o suficiente para perceber que eu iria me ressentir dela se minha renúncia não a tornasse feliz.

Em questão de dias, nossa briga se transformou em um perigoso “jogo do covarde”, com os dois esperando para ver quem desistia primeiro. Eu era frio, cruel e áspero, e era assim que desejava me mostrar. Disse a ela que, se a vida era tão horrível e injusta, ela deveria arrumar as malas e mudar de casa. Então, passei a não atender seus telefonemas e não respondia às cartas. Foi um erro fazer isso com uma mulher grávida. Ela fez exatamente o que eu tinha dito para ela fazer.

Os meses que se seguiram foram emocionalmente brutais. Kristin tornou-se fria, distante e indiferente. Dentro de algumas semanas, comecei a questionar seriamente tanto meu julgamento quanto as reações dela em relação a ele. Como eu podia tratar uma mulher grávida daquele jeito? E por que ela iria arriscar perder um marido decente com três filhos a tiracolo? Notei também que as respostas importavam cada vez menos para mim. Em vez de olhar para trás ou ficar esperando que ela mudasse, comecei a olhar para o que eu estava arriscando perder.

Eu vi uma mulher que era incansável como mãe, com o trabalho voluntário e com sua busca para se aperfeiçoar profissionalmente, apesar da falta de uma carreira. Em todos os dias, semanas e meses que passei longe dela e de nossa casa, Kristin manteve os olhos, o coração e a atenção sempre em mim. Quando ela se irritava, era uma das guerreiras mais ferozes que eu já tinha

visto, e, diante de sua consistência de caráter, percebi que essa era uma guerreira que eu queria no meu time, mesmo que eu ficasse em sua linha de tiro de vez em quando.

Assim, os problemas que Kristin tinha com o Exército eram algo que podia ser superado? O que eu achava pouco razoável na resistência dela em relação à vida no Exército? Que ela detestasse ter que mudar de casa e perder o contato com todos os amigos a cada dois ou três anos? Que sua dignidade fosse esmagada cada vez que tinha que desistir de um bom emprego e ir em busca de outro em mais uma comunidade que não gostava de contratar esposas de militares? Ou que não gostasse da ideia de que o marido e pai de seus filhos poderia ser tirado de casa por meses ou um ano de cada vez com pouco aviso prévio – e que talvez não voltasse? Aqueles que aprenderam a abraçar tanta agitação e mudanças deviam ser elogiados, mas seria por acaso um crime ela ser tão contrária a essas coisas?

Minha resposta para cada uma dessas questões foi que a argumentação de Kristin podia não ter sido totalmente levada em conta, mas não era irracional. Não abandonei de repente o que eu acreditava que eram fatores fundamentais na equação. Eu decidi que, se nossa pequena guerra poderia me custar Kristin, então que o Exército e meu ego fossem as vítimas de guerra.

Mesmo eu estando decidido sobre o assunto, Kristin certamente não estava. Minha promessa de abandonar o Exército caiu em ouvidos surdos. Como que para combinar com meu comentário sobre fazer as malas e trazer suas coisas, ela comentou com um ar igualmente dramático:

– Bem, acho que preciso de um tempo.

A verdade é que ela não acreditou em mim. Achou que eu estava dizendo apenas o que ela queria ouvir, o que não era assim tão absurdo de pensar, considerando minha paixão e devoção pelo uniforme. Talvez ela quisesse que eu me mantivesse por um tempo com minhas convicções. *Quanto você realmente quer isso?*

Nossos encontros em locais públicos eram como se estivéssemos legalmente

separados e já compartilhando a guarda dos filhos. Toda a experiência foi tão fria que a lembrança ainda enche meus olhos de lágrimas.

Mais tarde, ela admitiu que o medo dirigiu cada pensamento e ação naquela época. Durante seis anos, ela sentiu que tinha estado sempre em segundo plano em relação ao Exército, e, apesar de as evidências indicarem o contrário, ela acreditava que tinha se tornado mais fraca. Se ela estava exagerando, sentiu que tinha bons motivos para isso. Não tinha emprego, carreira nem renda.

Absolutamente nada em nossa vida em conjunto justificava qualquer um de seus medos, mas a emoção e o instinto de proteção de uma mãe tinham superado totalmente a razão. A situação tornou-se ainda mais complexa e devastadora quando soubemos que seu pai havia sido diagnosticado com câncer de próstata.

Obviamente, nossa guerra civil teve um final feliz, porque ainda estamos juntos. Mesmo o câncer de próstata do pai dela teve um final feliz (naquela época) após a cirurgia. Mas a história fica muito melhor.

Meu amor e meu compromisso reorientados para Kristin resultaram na reorientação de seu amor e seu compromisso para mim. Era como se ela apenas quisesse saber, com absoluta certeza, que era mais importante do que o Exército. Uma vez que recebeu essa garantia, todo o resto ficou relativamente insignificante.

Nós começamos a nos comprometer mais. Juntos, chegamos a um acordo relativo a algumas opções que nunca haviam sido consideradas antes para tornar a vida no Exército mais tolerável para ela. Ela sentia terrivelmente a falta de sua família. E a solução mais significativa também foi a mais fácil: visitas anuais de rotina para Minnesota só para ela.

Em 2000, ambos estávamos dispostos a fazer concessões e sacrifícios em relação ao outro, mas foi Kristin quem realmente fez isso. É um grande clichê dizer que a atitude dela foi algo que eu nunca esqueceria e sempre apreciaria. Mais cedo ou mais tarde, eu sabia que teria uma oportunidade para demonstrar meu amor e compromisso com ela.

Essa oportunidade veio inesperadamente vários anos mais tarde, quando o câncer de próstata de seu pai voltou com uma vingança. Suas atitudes altruístas durante nossa guerra civil ajudam a explicar as minhas quando pedi demissão do serviço ativo sem hesitar, em 2009, para que ela pudesse estar perto do pai.

Usei cada grama de influência que tinha para nos levar para casa em Minnesota. Quando isso falhou, eu procurei o general Petraeus para pedir ajuda. Seu bilhete pessoal para um companheiro general terminava assim: “O único passo que falta é ter essa requisição aberta validada por seu comando, um passo que eu espero que você possa tomar, uma vez que irá ajudar tanto esse programa quanto um grande oficial e sua família”.

Fui chamado pelo programa do CPOR da Universidade de Minnesota para ser o oficial executivo dentro de 12 horas. Eu nunca tinha visto nada acontecer tão rápido no Exército. Isso me encheu de orgulho e senti um nó na garganta quando chamei Kristin e pedi que ela se aproximasse do computador. Observei os olhos dela lerem o e-mail e vi a realidade ser absorvida. Então, falei como se estivesse abrindo um presente surpresa de aniversário.

– Querida – disse –, eu vou te levar para casa.

Nós nos abraçamos demoradamente, chorando.

Cada um de vocês, rapazes, à sua maneira, já se aproximou de mim e perguntou por que Kristin e eu brigamos da forma como fazemos. Em cada caso, surge a pergunta de como é que duas pessoas podem brigar tão apaixonadamente e ainda afirmar que se amam.

Proponho a vocês que é praticamente impossível encontrar um casamento ou manter um relacionamento sem brigas, e ter um casamento bom e amoroso não se trata de evitar essas brigas, mas sim de brigar de forma justa e fazer as pazes.

As mesmas perguntas foram feitas sobre como podemos nos dar bem com diferenças tão pronunciadas em nossos gostos. Há muito debate sobre isso nos círculos acadêmicos, mas não na minha mente. Eu nunca iria escolher a música que sua mãe ouve, mas, porque eu a amo, penso nela quando ouço uma música de que eu sei que ela gosta. Eu

nunca tive problema de gostar das músicas dela nesse contexto — ou a música de vocês, falando nisso. Mas não tive que deixar de ser eu mesmo para fazer isso.

Finalmente, durante toda a minha vida adulta, tenho lutado para garantir que criei o tipo certo de equilíbrio entre família e trabalho. Nunca soube se fiz isso direito, mas me mantenho num princípio orientador: trabalhar duro é fundamental para a estabilidade da família a longo prazo, então eu faço isso. Mas, quando você está em casa, esteja em casa.

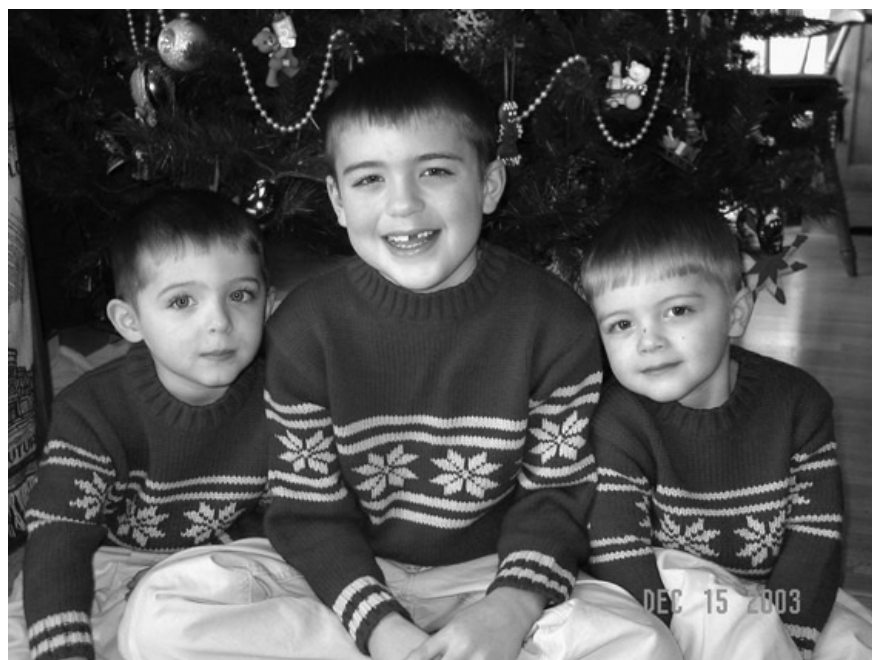
Aprendi que mais tempo com a família nem sempre é o melhor tempo com a família. Qualidade, confiabilidade e compromisso são as coisas que todos vocês pareciam apreciar mais.

Eu também.

1. Feriado nacional no qual se homenageiam os militares americanos que morreram em combate. (N. T.)

Capítulo 5

BUSCAR UMA VONTADE PRUDENTE, UMA CAPACIDADE
DE IMAGINAÇÃO, UMA VITÓRIA DA CORAGEM SOBRE A
TIMIDEZ.



Dezembro de 2003

MARÇO A SETEMBRO 2011

Voltar ao trabalho após me recuperar da cirurgia foi emocionante para mim, mas um tanto quanto problemático para o Exército. Soldados com câncer terminal não voltam ao trabalho. Eles recebem agradecimentos por seus serviços e são reformados por causas médicas. E, como tenente-coronel de carreira, eu estava pronto para receber uma pensão generosa, de modo que essa opção fazia sentido. Exceto para mim.

Embora os líderes da Guarda Nacional de Minnesota tenham achado que meu desejo de trabalhar era pelo menos tão intrigante quanto inspirador, eles concordaram em me apoiar oferecendo uma atribuição temporária. O arranjo iria aproveitar minha energia assegurando o mínimo de perturbação para eles caso minha saúde não estivesse à altura de meu otimismo.

Uma vontade prudente e uma capacidade de imaginação estavam agora sendo exigidas tanto de mim quanto do Exército, porque isso nunca tinha sido feito antes.

Minhas tarefas não eram tão trabalhosas. Elas incluíam revisar o planejamento estratégico e melhorar o desempenho de processos para a Guarda Nacional de Minnesota, bem como assumir um papel de liderança em nossos esforços na prevenção dos suicídios – um desafio que, infelizmente, colocou Minnesota, com sua particular incidência elevada de suicídios de soldados, sob os holofotes da nação.

Para cima.

Este era o tipo de tarefa vital que eu queria quando entrei na organização, e me dediquei a isso de forma tão completa que o trabalho finalmente se tornou permanente, e eu fui promovido ao posto de diretor de comunicação estratégica.

Para baixo.

Minha saúde tinha vacilado com uma certa frequência nas semanas que antecederam o mês de março. Em geral, eu me sentia ótimo por duas ou três semanas, seguido por três dias doente com o pior caso de gripe vocês possam imaginar.

A cirurgia, ou então o crescimento do câncer, estava fazendo com que a bile voltasse para dentro do meu fígado e se espalhasse em meu corpo, o que levava à septicemia, uma infecção fatal que eu viria a conhecer intimamente: 30 a 60 minutos de violentos calafrios, vômitos, fezes brancas, urina laranja, coceiras da cabeça aos pés e dores no corpo, olhos e pele amarelos e ardendo e uma dor de cabeça parecida com enxaqueca.

Essa forma de septicemia apresenta uma taxa de mortalidade de 60 por cento, que sempre me pareceu precisa, porque eu realmente me perguntava se iria sobreviver todas as vezes que isso acontecia, algo como 30 vezes em dois anos.

Para cima.

Para resolver o problema da septicemia, os radiologistas inseriram um cateter através das minhas costelas, cruzando meu fígado e indo direto para baixo através do ducto biliar (um tubo que liga o fígado ao corpo). Uma extremidade do cateter drena meu intestino; a outra extremidade está ligada a um saco de drenagem que pende do espaço entre as costelas. Essencialmente, eles instalaram um dreno, de forma que o fígado nunca se comportasse de novo como uma pia entupida.

Para baixo.

A partir de março, cada sucessiva tomografia computadorizada mostrou que

o câncer ainda estava crescendo, o que indicava que a quimioterapia com Glivec não estava mais surtindo efeito. Ainda assim, Glivec é a droga mais promissora no mercado para pacientes com GIST, então todos nós ansiosa e pacientemente esperamos de março até agosto antes de concluir que tinha falhado.

Os médicos seguiram o protocolo padrão de dobrar a dose.

Para cima e para baixo.

Em agosto, depois de quatro meses sem um grande surto de septicemia, os médicos decidiram remover o cateter do meu fígado na esperança de que meu ducto biliar tivesse se curado.

Além disso, uma tomografia computadorizada revelou que a dose dupla de Glivec estava funcionando muito bem, o que era um presente muito bem-vindo no “cancerversário” de um ano do meu diagnóstico.

Mas em setembro, apenas algumas semanas depois, experimentei um ataque de septicemia tão grave a ponto de me colocar no hospital. O tecido cicatricial do ducto biliar ainda estava bloqueando o fluxo da bile, de modo que o cateter tinha que voltar para meu fígado, e não saiu de lá desde então.

Pior, Buford começou a agir de novo; um abscesso do tamanho de uma moeda tinha se formado diretamente na linha de incisão e bem fundo no músculo abdominal, afetando tudo o que eu fazia. Eu ainda conseguia andar por aí e cumprir um dia de trabalho, mas a dor foi quase insuportável por uma semana até que os antibióticos comessem a funcionar.

Alguém pare este trem, pensei. Eu quero descer.

Em meio a todos os altos, baixos e incertezas desse período de seis meses em 2001, “você deveria escrever um livro” se tornou um refrão comum de todos aqueles que seguiam meu diário on-line no site CaringBridge. Rejeitei a ideia de escrever um livro de memórias formal, mas a sugestão constante acabou por me convencer de que poderia haver algum mérito em buscar em 22 anos de páginas escritas alguma coisa de minha experiência de vida para vocês, rapazes.

★ ★ ★

Quando Samuel Ullman escreveu os versos que aparecem no título deste capítulo, cerca de 40 anos antes do discurso de MacArthur, ele não estava falando de liderança, patriotismo ou dever. Ele estava falando da *juventude*, que também é o título de seu poema, cujo trecho segue aqui:

Seja com 60 ou 16 anos, há em cada coração de um ser humano a atração pelas maravilhas, o infalível apetite da criança pelo que vem a seguir e a alegria pelo jogo de viver.

No centro do seu coração e do meu coração há uma estação sem fios; enquanto ela receber mensagens de beleza, esperança, alegria, coragem e poder dos homens e do infinito, você permanecerá jovem.

Quando as [velas] forem arriadas e seu espírito for coberto pelas neves do cinismo e pelo gelo do pessimismo, então você estará envelhecendo, mesmo aos 20 anos, mas enquanto suas [velas] estiverem desfraldadas, para receber as ondas do otimismo, então há esperança de que você venha a morrer jovem aos 80 anos.

Porém, se você vai morrer jovem quando for velho, você deve primeiro ser jovem quando se é jovem. E eu era jovem.

Passei meu último semestre de faculdade na Escola Pública Nicollet, como professor auxiliar dos últimos anos do ensino fundamental até o ensino médio. Dizer que eu abracei isso com um idealismo temperamental seria um eufemismo. Como em breve eu seria tenente do Exército, vi a experiência como uma oportunidade real de praticar o que eu havia aprendido sobre liderança e gestão – e com adolescentes, nada menos que isso.

As coisas correram razoavelmente bem durante a maior parte do semestre. A maioria dos rapazes parecia entretida com seu novo professor temporário e realmente eu me senti como se estivesse me conectando com eles. Ensinava com entusiasmo e paixão. Mas uma das professoras me avisou que meu estilo

não era sustentável.

– Você vai se esgotar – disse ela.

Esse comentário não foi nenhuma surpresa para mim, porque o estilo dela de ensinar na verdade não era nada empolgante.

Duas semanas antes da formatura, o mundo desabou. Eu tinha acabado de concluir a matéria sobre a Guerra Civil Americana na minha aula de história no ensino médio. Então, fiz uma pergunta para a classe:

– Os escravos estão livres, e agora, o que acontece?

Um garoto na fileira da frente, agitador habitual, desabafou:

– Matem os crioulos.

A sala congelou, e escutei risadinhas de outros alunos.

Sem gritar, disse a ele com um gesto:

– Caia fora da minha classe, porra. Vá até a sala do diretor e diga a ele o que você falou para ser expulso da minha classe.

Só então outra voz surgiu da parte de trás da sala.

– Não acho o que ele disse tão errado assim.

Era um colega que decidira apoiar seu amigo em apuros.

– Vá em frente, vá juntar-se ao seu amigo, desbocado – eu disse a ele.

O diretor, ironicamente apelidado de “Whitey” [“Branquelo”], me disse que eu determinasse uma punição com seu total apoio. Após consultar o professor da turma, Brad Koenig, decidi aplicar aos alunos um período de suspensão na própria escola, sob minha supervisão, o que exigiria o sacrifício do meu sábado.

Dois dias depois, fui chamado à diretoria e me disseram que o superintendente distrital, Sr. John Booth, queria falar comigo. Seu escritório ficava na nossa escola, mas eu nunca tinha visto o homem.

Quando me aproximei de sua porta, notei uma mulher que eu não reconheci sentada na frente de sua mesa. O rosto dela dizia “ansiosa” como um megafone. Quando entrei na sala, vi a professora “empolgante” ao lado dos meninos suspensos, e ambos pareciam muito confiantes.

– Venha até aqui atrás da minha mesa comigo, Sr. Weber – disse Booth calmamente e com um sorriso forçado.

Senti o cheiro de uma emboscada. E eu lembrei que Whitey estava fora da cidade.

– Sr. Weber – disse Booth calorosamente –, eu o trouxe aqui para discutir o que aconteceu no início desta semana em sua classe com estes meninos.

Ele me apresentou a mulher ansiosa como sendo uma das mães e, em seguida, explicou que convidou a professora “empolgante” para ajudar a fornecer outra perspectiva.

Sua recapitulação dos eventos foi notável de duas formas: breve nos detalhes de comportamento dos meninos e com uma mão pesada sobre meu uso da palavra “porra”. Ele comparou nossos comportamentos como se fossem similares, e então sugeriu que eu reconsiderasse as suspensões.

– Eu não vejo como meu comportamento tenha algo a ver com o que esses meninos fizeram – disse eu, soando desesperado e patético.

– Bem – respondeu Booth –, isso não é algo que precisamos discutir com os meninos presentes. – Ele dispensou os dois com um aceno de mão, dizendo, em tom paternal: – Vocês dois voltem para a aula agora. Suas suspensões estão revogadas.

Meu coração disparou. Lentamente, saí de trás da mesa. Depois de alguns momentos de silêncio, murmurei:

– Eu não... Hum... Não entendi muito bem o que aconteceu aqui.

A professora “empolgante” falou primeiro, com alguns comentários indiretos sobre meu estilo de ensino, que Booth repetiu como um papagaio.

Eu olhei para ela.

– O que é que meu estilo de ensino tem a ver com o que fizeram esses garotos?

Mas estava claro o suficiente que eu estava em desvantagem e desarmado, então não insisti no assunto.

Saí daquele escritório em transe. Fui discutir com Koenig o que tinha

acontecido, mas a conversa foi curta, o dia estava quase no fim e era sexta-feira.

Tristeza e intimidação rapidamente se transformaram em uma férrea determinação: eu podia ser um professor auxiliar, mas havia algo de errado ali, e eu não ia deixar as coisas por isso mesmo.

Eu empreendi minha própria investigação naquele fim de semana e fiquei chocado com o que encontrei. A situação do emprego de Booth como superintendente era experimental, ele tinha um histórico comprovado de vício em álcool que incluía ao menos uma autuação por dirigir embriagado.

Como na maioria dos distritos escolares em todo o país, Booth fazia as coisas ao sabor do conselho da escola. E aquela mãe ansiosa que conheci no escritório de Booth por acaso era a *presidente* do conselho.

Del Vulcan era pai de três filhos matriculados na Nicollet. Ele também era tenente-coronel do Exército, meu mentor sênior, e chefe do departamento do CPOR na Universidade Estadual de Minnesota. Quando ele confirmou o que eu tinha descoberto, minha decisão sobre o que fazer a seguir era clara. Eu solicitaria uma reunião privada com Booth, de homem para homem, e proporia uma solução que me puniria, tudo bem, mas também restabeleceria as suspensões dos meninos. O plano daria um bom resultado, pelo menos.

Entrei confiante na escola naquela segunda-feira de manhã, usando minha verdade e minha razão como uma armadura. Não procurava nada para mim, e certamente Booth veria virtude nisso.

Falei com Booth no tom mais respeitoso que pude exibir quando lhe pedi para reconsiderar seu julgamento sobre o assunto. Quando terminei de falar, ele se recostou na cadeira, deu uma risadinha e ridicularizou minha presença em seu escritório. Naquele momento, Booth parecia a caricatura de um vilão maligno em um filme de James Bond.

Ele se levantou, dirigiu-se a um assento ao lado do meu e explicou em um tom paternalista:

– Sr. Weber, eu vou lhe dizer o que você vai fazer. Você vai voltar para sua

classe e terminar suas últimas semanas de experiência como auxiliar aqui na Nicollet.

Então é assim que vai ser, pensei.

Eu me segurei na cadeira e falei com convicção.

– Então preciso ser mais claro – retruquei. – Eu não vou voltar para aquela sala de aula até que o senhor diga a esses meninos que aquilo que eles fizeram foi errado. – Então, de maneira calma, mas direta, expus cada um dos fatos. – Eu sei que o senhor está em experiência como superintendente aqui, e sei da posição influente que aquela mãe detém em relação à diretoria da escola.

A expressão em seu rosto não era muito diferente daquela que eu tinha visto anos atrás no rosto de Billy Bean.

Mesmo encorajado pelo que sentia, praticamente abaixei a cabeça enquanto pedia a ele:

– Veja, a porta está fechada, e somos só o senhor e eu. Por que não enxerga que isso é a coisa certa a fazer? Pode me punir, pode me responsabilizar pelo meu comportamento, mas diga para aqueles meninos que eles fizeram algo errado.

Achei com certeza que humildade iria tocá-lo, mas ele ficou furioso. Meus pelos se eriçaram quando ele olhou para mim e levantou a voz:

– Não... ouse... me dizer como devo dirigir esta escola, meu jovem. Você está falando com o superintendente distrital! Agora pegue suas coisas e volte já para sua classe!

– Não farei isso, senhor – respondi calmamente. – O senhor tirou minha autoridade e enviou uma mensagem clara para os alunos, bem como para os outros professores, sobre quem comanda o show por aqui. Eu não posso voltar até que os alunos recebam outra informação.

Booth se levantou, estendeu o braço atrás de mim, abriu a porta e gritou:

– Já chega, saia do meu escritório ou é o fim da linha para você!

Levantei-me, olhei diretamente no rosto dele e disse calmamente:

– Sr. Booth, o senhor é um covarde.

Eu acho que realmente vi o topo de sua cabeça desgrudar do seu crânio.

– Muito bem, moleque. Você está despedido! Pegue suas coisas e saia desta escola agora!

Eu estava abalado até a medula. Como eu podia ter tanta razão e acabar desse jeito?

A classe de Koenig do último ano estava no meio da aula quando entrei na sala. Seu olhar me disse que ele podia ler meu rosto.

– O que há de errado?

Essa pergunta desbloqueou minhas emoções, e meus olhos se encheram de lágrimas.

– Acabou – respondi. – Ele me despediu.

O sino tocou e os alunos se espalharam por aquele corredor com fofocas como se fosse uma missão divina. Ouvir falar em demissão fez daquele evento já suculento uma lenda instantânea, e eles nem sequer tinham os detalhes ainda. Muitos dos meus alunos, principalmente do sétimo ano, se aproximavam da porta da sala de aula de Koenig com lágrimas nos olhos, perguntando se era verdade.

Algumas semanas mais tarde, o conselho da escola se reuniu, e a cena foi sem precedentes. Eu tinha sido convidado para ir e falar, porque um grupo de pais queria ouvir minha versão. Koenig observou mais tarde que ele nunca tinha visto nada parecido em 25 anos como professor.

– Ver tantos pais irritados foi bastante impressionante, mas ver os alunos igualmente irritados concordando com os pais não teve preço.

Booth começou com um aviso:

– Agora, eu quero ser claro que esta reunião não vai ser sobre o Sr. Weber. Temos que cuidar de assuntos importantes da escola.

(Koenig mais tarde comentou: “Ele achava que todos os pais estavam lá para discutir o quê? A conta de combustível da escola?”.)

Os aplausos de pé e o voto de confiança que recebi de pais e alunos naquela noite foram inebriantes, mas não aliviaram minha sensação de fracasso por

causa de minha abordagem temperamental.

É claro que havia algo de nobre em enfrentar Booth, mas ele nunca repreendeu aqueles meninos. E, se aquilo fosse de fato um emprego para valer, não tenho muita certeza de que a nobreza teria valido muito na fila do desemprego. Havia muito espaço para me sentir orgulhoso, mas também para buscar um melhor equilíbrio.

★ ★ ★

A vontade prudente e uma predominância da coragem são necessárias não apenas para argumentar com os chefes. Essas qualidades são também úteis quando se lida com seus pares e subordinados.

No final de junho de 1996, o complexo Khobar Towers, na Arábia Saudita, foi bombardeado. Dezenove pilotos americanos foram mortos e mais de 370 pessoas ficaram feridas. O complexo, que consistia de uma dúzia de prédios de oito andares compactos, era o lar de cerca de 4 mil soldados e aviadores americanos posicionados no país.

Após o bombardeio, o Departamento de Defesa tomou a decisão de repatriar todos os membros das famílias de volta para os Estados Unidos e mudá-los, a serviço dos Estados Unidos, para uma posição mais defensável. Foi emitida uma ordem para que 50 soldados e um oficial da Polícia Militar fossem ajudar a realizar a missão.

A emoção na nossa companhia, a Níquel Triplo, era visível quando a ordem chegou ao Forte Lee. Missões reais como essa costumavam ser raras nos anos 1990, e o tamanho e o alcance da tarefa eram duas vezes maiores do que aqueles com que qualquer líder de pelotão normalmente lidava. Esses fatos a tornaram uma missão dos sonhos, e a tarefa coube a mim.

Nossas expectativas eram altas, mas foram destruídas quase que imediatamente após nossa chegada à Arábia Saudita, onde fomos designados para o OPM-SANG, um comando de alta patente do Exército americano que

serviria como uma espécie de unidade de supervisão durante a mudança.¹

Minha equipe de 50 homens foi dividida em quatro grupos e espalhada pelo país, que tem o tamanho do oeste dos Estados Unidos. O trabalho de nossos soldados era semelhante à segurança de shoppings centers e, em última análise, não tinha nada a ver com a segurança das famílias norte-americanas; 50 cães pastores-alemães teriam servido à mesma finalidade.

Noventa por cento do pessoal da OPM-SANG era composto de majores e tenentes-coronéis, um contraste gritante de idade, experiência e expectativas em comparação com meus soldados alistados. Isso significava que as condições estavam propícias para confusões, que começaram bem fortes.

Vários de nossos jovens soldados foram repreendidos verbalmente por oficiais mais velhos por usarem calções e chinelos na piscina comunitária. A política do comando exigia que todos os soldados respeitassem os costumes locais e usassem roupas da cabeça aos pés ao caminhar até a piscina, e também na volta, por causa dos sauditas que trabalhavam nas instalações. A política e a reprimenda eram adequadas, exceto por uma coisa: os próprios oficiais rotineiramente violavam essa política.

A ideia de levar essa questão a um general com 25 anos a mais de experiência e patente me irritava, tendo em conta a ainda recente experiência na Nicollet com o Sr. Booth, mas eu senti a mesma convicção de fazer a coisa certa.

Só não chame o homem de covarde, decidi, e vai ficar tudo bem.

Contei com o apoio de um tenente-coronel 16 anos mais velho que eu para me dar “cobertura nos flancos” e então levei o caso pessoalmente ao general.

Quando me encontrei com o general de brigada Larry Smith, travamos uma conversa agradável sobre generalidades, e então ele me convidou para falar o que se passava em minha mente.

– Senhor, preciso de sua ajuda – comecei. – Meus soldados violaram a política do uniforme, e preciso consertar isso. E posso resolver esse problema.

Mas queria pedir sua ajuda para que os oficiais superiores dessem o exemplo.

Smith se recostou na cadeira e, literalmente, falou olhando para mim com o nariz empinado. Seu tom condescendente foi ainda mais pronunciado que o do Sr. Booth.

– Escute, tenente Weber – disse ele suavemente. – Nós não vamos entrar nesse tipo de conversa e de comparação aqui. Esse problema não pertence ao meu nível. (Na verdade, pertencia sim.) Você cuide apenas do seu pelotão de soldados. Eles estão fazendo um belo trabalho, e você só precisa ter certeza de manter isso. – Sem perder o ritmo, ele passou para um tom mais otimista e mudou de tema. – Estas instalações não são ótimas? E como está sua família?

Que graça. Que habilidade. *Que sujeito escorregadio.*

Olhei para meu flanco em busca de apoio, mas o coronel estava lá como uma ovelha. Ele nem sequer tentou abrir a boca.²

Era bastante ruim ser derrubado por alguém como Smith. Era muito pior ser derrubado por um subordinado respeitado no incidente que se seguiu.

Apesar da decepção total em relação às expectativas depositadas na missão da Arábia Saudita, decidi me concentrar em uma coisa mais significativa em qualquer caso: o bem-estar de nossos soldados e de suas famílias.

Conversei cara a cara com os soldados e os líderes juniores sobre suas condições de trabalho e sobre o que gostavam e não gostavam nas folgas, e redigi um boletim informativo para as famílias que tinham voltado para casa, descrevendo nossa vida e como tinha sido organizada, e as centenas de dólares extras que estávamos ganhando.

Todo mundo gostou da atenção e do envolvimento, exceto o sargento Avery James. Ele era meu novo sargento de pelotão, e era o tipo de suboficial que eu tinha sonhado conseguir quase três anos antes. Mas, com o boletim, ele achou que eu estava envolvido demais e compartilhava muitas informações.

– É um assunto particular – insistiu ele, a respeito dos detalhes do dinheiro. – Alguns soldados não querem que seus cônjuges fiquem sabendo dessa renda extra tão perto das festas.

E ele tinha vindo da escola de pensamento que o bem-estar dos soldados era o domínio exclusivo de um suboficial.

Mais do que tudo, porém, ele se ressentia de coisas sobre as quais eu não tinha controle. Nós não tínhamos veículos nem equipamentos para manter, pouco ou nenhum tempo para treinamento individual ou treino de pontaria, nenhuma logística de suprimentos para coordenar e soldados que estavam espalhados por todo o país.

Essas condições aliviavam James de aproximadamente 90 por cento de seu trabalho como sargento, uma condição que foi acentuada pelo fato de a relação entre oficiais e suboficiais ser de 50 para 1. Eu compartilhava de sua frustração, mas não havia nada que pudesse fazer sobre isso, e o sargento sabia desse fato.

Minha discussão e posterior decepção com o general Smith só deixou o sargento ainda mais indignado. Seu ressentimento em relação à nossa situação se estendeu para um ressentimento em relação a mim, e em uma ocasião ele me criticou na frente de alguns soldados. Sem sequer pensar, eu pedi que ele fosse lá fora, reconheci sua frustração e depois o coloquei na parede:

– O que exatamente você acha que nós deveríamos fazer aqui, um motim?
– perguntei a ele. – Eu deveria colocar meu posto em discussão e correr o risco de uma demissão por causa de tudo isso?

Por mais que não gostássemos da missão, nós realmente não tínhamos nada do que reclamar. Estávamos recebendo um pagamento por combate e situação perigosa em condições que eram tudo menos perigosas. Nosso problema foi uma má gestão coletiva das expectativas, e eu disse que ele precisava ajudar nossos soldados a extinguir suas reações de descontentamento, e não jogar mais combustível sobre elas.

A insubordinação de James na frente dos soldados era um pecado capital no Exército. Eu pensei no seu desempenho excepcional até aquele momento e então meu próximo pensamento chegou a meus lábios:

– Eu posso lidar com divergências em particular, mas, se esse tipo de

insubordinação em público acontecer de novo, vou fazer tudo ao meu alcance para mandá-lo de volta para os Estados Unidos no primeiro avião que sair do país.

Pessoalmente, eu ainda me pergunto o que ele pensava de mim naquele momento, mas, profissionalmente, a única coisa que me preocupava era que o sargento mudasse sua péssima atitude. Para lhe dar o devido crédito, ele fez exatamente isso.

Quando você está no comando, todo mundo sabe como fazer as coisas melhor do que você. Isso não foi uma exceção com o segundo-tenente Michael Burns. Nossa intervenção necessitava de apenas um oficial, mas Burns foi enviado de qualquer maneira, de modo que sua presença era redundante e indesejável desde o primeiro dia.

Inexperiente e ingênuo no Exército, ainda mais sendo um oficial, Burns tinha uma atitude profissional muito imatura.

– Você não é duro o suficiente com esses palhaços – disse ele um dia, com um gesto casual de sua mão.

Suas respostas inteligentes sobre como trabalhar com oficiais revelavam uma compreensão distorcida da profissão.

– Ficar de papo não é meu estilo – diria ele. – Eu só falo quando falam comigo.

Ele achava as reuniões de equipe tediosas, o que realmente eram, mas ele parecia não entender que essas reuniões faziam parte da função.

A atitude folgada de Burns surgiu sem querer, uma vez que ele trabalhava principalmente à noite e fora da vista dos altos oficiais. Mas fui bem direto com ele quando me criticou na frente de nossos soldados pelos mesmos problemas que James havia apontado.

Eu tinha uma tênue linha de superioridade em relação a Burns, então a tática escolhida tinha que ser a imaginação. Disse-lhe que estava lhe dando novas atribuições. Ele se juntaria a mim na sede do comando na mudança de turno para obter um pouco de experiência em primeira mão das perspectivas

profissionais de um oficial graduado.

Eu imaginei que ele iria se decepcionar, mas não tinha ideia de que isso o deixaria tão irritado como ficou. Ele tentou argumentar comigo e ainda pediu desculpas por ter me ofendido, mas eu não tinha intenção de deixar o assunto morrer.

– Não, já está na hora de você ter a oportunidade de me mostrar como fazer isso direito.

Ele recuou bastante.

– Não preciso experimentar nada para saber como isso deve ser feito. Quando você está certo, você está certo, e isso é tudo que é preciso.

Eu pensei em minha experiência com Booth, bem como a recente frustração com Smith, e respondi:

– De alguma forma perdi a lição que ensina que você ainda pode fazer as coisas de seu jeito quando seus superiores não o escutam ou não se importam com o que você pensa.

– Você não está no comando – gritou Burns. – Você não é o comandante!

Mas sua rápida chamada de volta para os Estados Unidos não demorou muito. Ele apareceu na manhã seguinte para seus deveres designados e desenvolveu (eu gostaria de pensar assim) um novo entendimento da vontade prudente e das tendências temperamentais.

★ ★ ★

Quase dois anos depois de minhas aventuras na Arábia Saudita, fui designado para um trabalho que parecia enfatizar a importância de cometer falhas e erros, conforme a proposta de MacArthur. Na verdade, a “vontade prudente” se tornaria muito mais algo sobre a suavização e o endurecimento, tanto para o subordinado quanto para o superior.

Na semana da minha promoção ao posto de capitão em 1998, meu superior me disse que o comandante da brigada, o coronel John Della Jacono (“DJ”),

para abreviar), queria que eu me candidatasse para trabalhar como seu oficial de logística (brigada S4). Longe de ficar lisonjeado, fiquei aterrorizado. O trabalho era para um major, não para um capitão – e certamente não para um recém-promovido a capitão. E eu era um policial militar, não um oficial de logística.

As responsabilidades dessa função incluíam a supervisão logística de cinco batalhões, totalizando cerca de 800 instrutores e 1.800 soldados, um orçamento anual de 1,2 milhão de dólares e 4,5 milhões de dólares em obrigações contratuais para armas, suprimentos e alimentação.

Os deveres eram bastante intimidantes, mas acrescentou-se à equação o fato de que o Forte McClellan seria fechado definitivamente em 15 meses. Isso significava que a nova brigada S4 também seria responsável por contabilizar tudo naquela vasta organização – milhares e milhares de peças de mobiliário, equipamentos e bens – e, em seguida, mudar tudo para a nova casa da brigada no Forte Leonard Wood, no Missouri. Em outras palavras, o dobro da carga de trabalho normal. Não, obrigado!

Porém, antes que eu percebesse, estava sentado na frente de DJ para uma entrevista. Ele era cordial, mas direto.

– Então, me diga por que eu deveria escolher você como meu S4 – disse.

– Ah, senhor, eu acho que houve um erro – respondi. – Eu não manifestei qualquer interesse em ser o S4 e, honestamente, não acho que seja qualificado, nem em experiência nem em patente.

Eu não estava tentando ser modesto, simplesmente conhecia meus limites. Eu também sabia que a patente e a autoridade importavam; a maioria dos oficiais com quem teria que trabalhar seria majores ou tenentes-coronéis, com *anos* de experiência.

DJ mudou de assunto, e passamos a maior parte do tempo focados em coisas que não tinham nada a ver com logística. Saí do escritório confiante de que ele iria escolher o capitão sênior ou um dos dois majores que tinham se candidatado ao trabalho, um dos quais era um oficial de carreira em logística.

Cerca de uma semana após essa entrevista, me disseram que minha nova atribuição na equipe da brigada era para ser assumida imediatamente. DJ explicou mais tarde que ele sabia que minha posição e minha experiência iriam oferecer alguns desafios, mas que gostara do meu caráter e da minha personalidade. Ele disse que vira em mim um oficial que não tinha medo de trabalhar duro e de ser ousado, e avaliou que essas qualidades pesariam mais do que qualquer outra coisa nos desafios futuros.

Fiquei furioso. Achei que o julgamento de DJ era uma loucura sem sentido. Já me sentia pressionado o suficiente com meu programa de mestrado em História na Universidade Estadual de Jacksonville. Kristin e eu tínhamos acabado de ser forçados a sair de nossa casa alugada e estávamos no meio do processo de nos mudar para a base. E a mudança para um novo trabalho que ia muito além de minha patente e da minha experiência seria como me mandar para um ringue de boxe com um braço amarrado nas costas. Seria minha culpa se eu não fosse capaz de fazer o trabalho dentro dos padrões?

Mas, como se viu depois, os atributos sobre os quais DJ falou realmente compensaram minha falta de experiência e de patente em milhares de pequenas maneiras ao longo dos 15 meses seguintes. Até me pediram que realizasse tarefas fora dos meus deveres. Quando DJ viu minhas apresentações e relatórios escritos, ele me designou para preparar os briefings para a instalação do comando geral e me pediu para escrever seu discurso para a cerimônia de desativação da brigada.

Por um lado, me senti muito bem por ser capaz de contribuir de maneiras tão especiais e únicas. Por outro lado, eu sabia que estava fazendo trabalhos extras, porque os outros não estavam dispostos ou não eram capazes de fazer os deles, e isso me deixava enfurecido – da mesma forma que ficava quando criança, e era “recompensado” com a maioria das tarefas domésticas de limpeza, porque eu era “muito bom no que fazia”.

Nem tudo correu bem nessa minha atribuição. Ter uma atitude confiante e uma nova perspectiva eram coisas atraentes, mas, sem patente e sem

treinamento formal e experiência, eu era como uma criança tentando usar o terno do pai. Isso me colocou em grande desvantagem quando havia diferenças de opinião sobre grandes decisões. Não era incomum que eu recebesse olhares de desaprovação enquanto gritavam:

– Quem você pensa que é, capitão?

E mesmo DJ, que adorava quando eu fazia coisas ousadas para ele, zombava de mim quando eu fazia essas coisas por conta própria.

Um caso específico destacou esse paradoxo.

O oficial que pegaria o lugar de DJ no Forte Leonard Wood era Rod Johnson, uma personalidade calma e um homem bem-educado, que tinha sido recentemente promovido a coronel. (Oito anos depois, ele se tornaria o marechal-general superintendente do Exército). Johnson foi um contraste evidente em relação a DJ, que era um feroz veterano de combate da 82ª Divisão Aerotransportada.

Durante uma de nossas reuniões de planejamento no Forte Leonard Wood, Johnson perguntou se tínhamos algum dinheiro que poderíamos emprestar para seu novo comando. Ele tinha recebido um orçamento apertado e perguntou se poderíamos prescindir de cerca de 4 mil dólares, o que era como pedir dinheiro de troco, considerando o custo da mudança. Mas, por respeito ao meu superior, não revelei que tínhamos 87 mil dólares sobrando do orçamento e que nós não íamos usar no Forte McClellan.

Quando voltei para o Alabama e levantei a questão com DJ, sua resposta foi um imediato e enfático “Não!”. Ele francamente desprezou o pedido:

– Você sabe no que eles estão gastando dinheiro lá? Móveis. Em um mobiliário novinho em folha, pelo amor de Deus! – esbravejou.

Ele achava que esse dinheiro deveria ser gasto em equipamentos de soldado, ou não ser gasto. No que lhe dizia respeito, os oficiais poderiam se sentar em uma mesa de bilhar.

DJ não estava sozinho em sua avaliação, mas o “novo mobiliário” era um problema real para Johnson. O Exército não tinha a intenção de gastar 10 mil

dólares para transportar cadeiras e mesas de aço dos anos 1970, batidas e quebradas e desgastadas, do Alabama para o Missouri. E o resumo da ópera era que o pessoal de Johnson precisava de mesas e cadeiras para fazer seu trabalho.

Implorei a DJ:

– Senhor, não precisamos desse dinheiro, e é muito insignificante no esquema global das coisas.

A conversa durou uns bons minutos, cerca de 15, e ele começou a ficar nervoso, então deixei aquilo de lado. Em seguida, fiz uma visita ao oficial que cuidava do dinheiro de todo mundo no Forte McClellan, para ver se poderia descobrir outra forma de atender ao pedido.

– Por que você simplesmente não envia o dinheiro da sua conta? – perguntou ele com um olhar confuso em seu rosto. – A transferência é legal, e o dinheiro está disponível em excesso. Por que você está vindo me procurar para fazer isso por você?

Claro, eu não ia lhe dizer que DJ não queria.

Pesei todas as informações que eu tinha em mãos, baseei-me em minha reputação como um oficial em quem se podia confiar (o que ele disse apreciar quando me contratou) e, em seguida, realizei a transferência de dinheiro.

Uma semana depois, DJ solicitou que eu fosse até seu gabinete, confirmou minhas ações e em seguida me deu a mais devastadora bronca que recebi na vida, até aquele momento ou depois.

– *Você* é um capitão! *Eu* sou um coronel! O que é que você não entendeu sobre isso, Weber?

E essa foi a parte mais educada da conversa.

Minhas explicações pareceram não importar. Ele estava a uns quatro centímetros do meu rosto, e não há dúvida de que todos nos escritórios ao redor ouviram a gritaria. Eu tinha previsto suas objeções ao que eu tinha feito, mas não pude prever o grau de indignação dele, não depois de tudo o que tínhamos feito juntos.

Contudo, por mais absurda que a ordem de DJ possa ter sido, dizer para eu

não transferir o dinheiro era legal, o que me deixou absolutamente errado ao lhe desobedecer. Saí de seu gabinete tonto e um pouco dormente e fui para uma sala de aula abandonada no fim do corredor para tentar recolher meus cacos.

O incidente me fez questionar tudo o que eu achava que sabia sobre liderança e gestão em ambientes difíceis. Minha avaliação anual aconteceria em duas semanas, e cheguei à conclusão de que eu tinha calculado horivelmente mal uma série de questões profissionais.

Não achava que minha carreira tinha acabado (os oficiais do Exército em geral são muito melodramáticos em relação ao que pode realmente acabar com uma carreira), mas eu me perguntei se esse incidente tiraria o brilho de um ano de trabalho árduo.

Quando finalmente me sentei para minha avaliação, DJ revelou um exemplo de profissionalismo que passei a carregar comigo desde então. Ele pôs de lado suas opiniões pessoais e me deu a mais impressionante avaliação que eu já tinha visto. Uma semana depois, ele colocou uma Medalha de Mérito em Serviço no meu peito, um prêmio normalmente reservado para seus comandantes.

Poucos dias depois, em uma partida de golfe e após algumas cervejas, DJ dividiu comigo um momento de franqueza que ainda aquece meu coração hoje. Ele quase se emocionou, me dizendo como estava orgulhoso do trabalho que eu tinha feito, e que meus esforços no ano anterior, em última análise, provaram que ele estava certo ao ter me escolhido para o trabalho. Claramente, ele tivera dúvidas.

Dez anos mais tarde, eu vivenciei o mesmo tipo de embaraço com um superior no Pentágono. Pouco depois de completar nossa missão, nós compartilhamos um momento similar, que fala muito sobre o fato de que ser ousado, corajoso e imaginativo é uma faca de dois gumes:

Você era de fato um pé no saco, mas preferia ter você instigando nossos

programas do que outra pessoa. Você tem certa verve que não pode ser suprimida. Depois de você se lançar em uma atividade, há muito pouco que um chefe pode fazer para ajustar sua trajetória, mas você parece sempre encontrar o objetivo e cumprir a missão. Era apenas um pouco inquietante se acostumar com sua rara criatividade, dinamismo e determinação. Mas acabei por admirá-lo, apesar de tudo. Seria bom que estivesse com a gente agora... Nós realmente poderíamos usar um pouco dessa velha magia Weber que fez o impossível acontecer.

A vontade prudente, a imaginação e as tendências temperamentais exigem claramente irritar alguém e fazer um escarcéu para estimular a equipe a encontrar soluções.

Quanto de esforço é suficiente? Até que ponto se deve ir? Quão difícil, suave, imprevisível ou excitável são as coisas? Quanta imaginação é necessária? Mais uma vez, eu posso apenas oferecer observações e alguns exemplos como esses acima, e não respostas claras.

Quando reflito sobre a palavra “prudente”, penso em equilíbrio, moderação, comprometimento — suavizar e endurecer sem ser inflexível ou impenetrável. Faz sentido, afinal, quando sua vontade torna-se um fanatismo ou um pacto suicida, e sua predominância temperamental de coragem torna-se temerária. Através de ensaios, experimentos e inúmeros erros, eu aprendi que ser alguém razoável e equilibrado tem grande utilidade no trabalho, na política, na religião, no dinheiro e no amor.

É impressionante para mim que, apesar da virtude atemporal de se encontrar um denominador comum e soluções básicas e práticas, muitas pessoas tenham que tal pensamento irá fazê-las parecer fracas ou com falta de convicção. Tudo o que posso dizer é que esta não tem sido minha experiência. Na verdade, não é mesmo um reflexo da experiência norte-americana como um todo.

Acredito que vocês irão encontrar respostas às suas perguntas ao dar um passo além e não ficar no lugar onde os outros vão dizer-lhes para parar. Sejam curiosos e façam apenas mais uma pergunta. Sejam persistentes e insistam em apenas mais uma

consideração. Falem. Experimentem.

Estejam então preparados como Ullman estaria (e provavelmente MacArthur não) para sentar-se diante de cada fato como uma criança pequena, para abrir mão de cada noção preconcebida e seguir humildemente para onde quer que sejam os abismos aos quais a natureza nos leve.³

E quando — não se — o fracasso vier, vocês estarão muito mais fortes e sábios para encará-lo.

1. O Departamento do Programa de Gestão da Guarda Nacional Saudita (OPM-SANG em inglês) é uma organização do Exército com mais de 30 anos de operação, responsável pelo treinamento dos cerca de 100 mil soldados da Guarda Nacional Saudita, uma força de segurança do reino que é separada das Forças Armadas sauditas.

2. Quatro anos mais tarde, vi o rosto do general Smith na capa da revista do Exército associado a alegações de assédio sexual. Smith negou as acusações, mas uma promoção iminente foi suspensa quando o inspetor-geral do Exército considerou que a queixa era crível. Smith foi para a reserva mais cedo, o que pôs fim à sua carreira. Era bom saber que eu havia medido seu caráter com precisão.

3. Adaptado de Thomas Henry Huxley, 1860.

Capítulo 6

SER MODESTO PARA QUE SE POSSA APRECIAR A
VERDADEIRA SABEDORIA COM A MENTE ABERTA E A
MODÉSTIA DA VERDADEIRA FORÇA.



Janeiro de 2006

OUTUBRO A DEZEMBRO 2011

Com a chegada do outono e do clima frio de Minnesota, o câncer mais uma vez adquiriu as características de hibernação das moscas – quieto, mas não morto.

As coisas pareciam finalmente ter se estabilizado, mas a calma nem sequer chegou a durar um mês. Aquele abscesso do tamanho de uma moeda e que tinha se transformado em Buford em setembro retornou apenas algumas semanas mais tarde, os antibióticos pararam de funcionar e a dor piorou. Eu raramente tinha avaliado as dores como cinco numa escala de zero a dez, então meus médicos prestaram atenção quando avalei Buford com um nove.

Minha equipe médica ficou perplexa. Um dos médicos fez um corte no abscesso usando um bisturi e ainda tentou drená-lo com uma seringa, mas não conseguiu nada a não ser sangue:

– Isso é incrível – disse ele. – Nunca vi nada parecido. Eu esperava que jorrassem fluidos, pelo aspecto dessa coisa.

Um exame tampouco lhes mostrou algo, e não exibiu outros sintomas de infecção. Se eu pudesse tolerar a dor, eles queriam que eu simplesmente observasse para ver o que aconteceria enquanto meu corpo tentava resolver isso.

Isso foi numa quinta-feira à tarde.

Lá pelas 3h30 da madrugada de sábado, eu já suportara o suficiente.

Armado com um pequeno canivete suíço e acreditando que nessa altura eu não poderia fazer pior do que o pessoal do pronto-socorro, cortei Buford, ampla e profundamente.

Uma vez.

Em seguida, duas vezes. Aquele abscesso arrebentou como algo saído de uma cena de *Alien*. Eu não sei onde todo aquele fluido estava escondido dois dias antes, mas o encontrei, bem fundo na parede muscular. Dava para colocar meu dedo indicador naquele buraco.¹

Até então, todos nós estávamos convencidos de que os abscessos recorrentes de Buford eram o resultado de pontos cirúrgicos que não tinham se dissolvido. Mas enquanto eu estava curvado sobre uma pia repleta daquela gosma fedida, espessa, branco-amarelada, senti um odor que permanecera intenso dentro de minha memória do ano anterior. Bile.

Meu cirurgião, dr. Tim Sielaff, descartou educadamente minha teoria.

– Não pode ser bile... Isso seria uma loucura... *Loucura!*

Uma fístula (um buraco no intestino) perto do fígado teria se revelado bem antes. Não é?

Sielaff sabia mais do que eu: as fístulas intestinais que se seguem a um procedimento de Whipple são problemas extremamente complicados e que podem persistir por anos, se não se curarem nos primeiros meses depois da cirurgia. Ele não queria que fosse uma fístula.

Aquela cena acima, do abscesso, ocorreu mais quatro vezes ao longo dos três meses seguintes. Minha carne sempre se curava; o tecido intestinal não; a bile iria se juntar na parede muscular e começar a digerir a carne recém-curada; e em poucos dias de dor lancinante e insuportável aquilo iria estourar.

A autocirurgia e depois o autocuidado pós-operatório se tornaram uma rotina assustadora. Apesar de minhas ações serem, sem dúvida, excessivamente agressivas, eu já não era exatamente um novato nessa altura. Afinal, já tinha cuidado de uma ferida aberta que tinha dez vezes esse tamanho, e sabia bem como tapar as feridas com os curativos. Meus médicos e enfermeiras não

podiam tolerar o que eu havia feito, mas me dizer que esperavam que todos os seus pacientes fossem tão conhecedores e persistentes quanto eu era a afirmação de que eu precisava.

Apesar da nossa compreensão coletiva, os médicos compartilharam de nossa frustração enquanto cada um dos experimentos falhava.

Todos nós tivemos altos e baixos constantes nessa caminhada – Kristin, eu, vocês, meninos, meus colegas de trabalho. Foi quando a vida nos jogou outra bomba: a mãe de Kristin foi diagnosticada com câncer no cérebro. Antes desse momento, ouvíamos uma frase frequente das pessoas que nos queriam bem: “Deus só lhe dá o que você pode suportar”.

Até aquele momento.

★ ★ ★

“Apreciar a verdadeira sabedoria com a mente aberta” é algo que eu só comecei a entender na faculdade. Mas, mesmo quando era criança, existia um assunto que sempre me intrigava, mas que nunca foi realmente explicado para minha satisfação.

Religião.

Durante 12 anos, dos 5 aos 18 anos, eu ia às aulas numa escola católica, e depois comparecia às missas semanais e ao catecismo. As perguntas dos alunos não eram desencorajadas, mas nem precisavam ser. A ira de Deus e o fogo ardente do inferno estavam subentendidos em todas as aulas, e isso dificilmente incentivava uma discussão aberta.

Nenhuma de minhas outras disciplinas escolares continha tal mistério ou consequências tão incompreensíveis por se estar errado.

Ver Jesus naquela cruz e ler sobre seu sofrimento fez com que toda a história – desde seu nascimento virginal até sua ressurreição – se tornasse muito convincente. O cristianismo não era tão difícil assim de entender quando se é um jovem rapaz.

“Sim, Jesus me ama, porque a Bíblia diz assim”, dizia a canção. “Jesus morreu por toda a humanidade, de modo que todo o pecado pudesse ser perdoado” era o refrão. “O preço da salvação e da vida eterna foi pago na cruz. Este é o poder redentor de Cristo!” (E nenhuma outra religião tem isso, por sinal.)

Era fácil acreditar em tais ideias agradáveis. Com respeito e sem zombaria, minha jovem e inocente mente também não teve problemas em acreditar em Papai Noel, na Fada dos Dentes e no Coelho da Páscoa.

Ensinarão-me que, se eu acreditasse fortemente e orasse bastante, Deus responderia às minhas preces.

Às vezes, esse conceito era explicado como uma metáfora: a oração e a reflexão eram apenas uma parte da nossa tarefa, e a resposta de Deus era a inspiração de que se precisava para fazer o resto do trabalho por nós mesmos.

Com muito mais frequência, no entanto, o conceito era explicado literalmente: a oração e a reflexão eram nosso trabalho, e a resposta de Deus era sua direta intervenção. Havia algumas palavras sobre a importância da responsabilidade pessoal, mas aquelas palavras eram sempre muito ofuscadas pela ênfase nas ações de Deus.

A ideia da oração como trabalho naturalmente tinha mais apelo.

– Querido Deus, apenas neste grande jogo de hóquei, me ajude a manter o disco longe da rede.

E o conceito funcionava nos dois sentidos. Se eu me machucasse no jogo de hóquei, minha mãe diria brincando:

– Viu? Deus está punindo você!

E aprendi que, ao orar, seria fundamental adicionar ressalvas humildes:

– Se esse for seu plano divino ou sua vontade de fazê-lo.

Às vezes, isso dava certo. Como daquela vez improvável, quando nosso time de hóquei venceu a partida final. Ou quando vovó Garofalo sobreviveu ao acidente vascular cerebral... Muito mais vezes, no entanto, não deu certo. Perdemos o jogo do campeonato. Vovó Weber morreu após um ataque

cardíaco. A diferença entre esses fatos foi explicada como sendo “os mistérios da fé”.

Essas contradições se espalharam por numerosas outras partes de minha compreensão religiosa de forma muito mais significativa.

Em cada culto dominical, nós ouvíamos histórias sobre um Deus vingativo e egoísta – um que inundou a Terra e matou a todos, exceto uma família, e que depois amou um grupo especial de humanos, de tal forma que os ajudou pessoalmente a esmagar os inimigos de maneira brutal.

Na história seguinte, ainda no mesmo culto de domingo, aprendemos sobre um Deus que amou incondicionalmente toda a humanidade, tanto que ele enviou seu filho para morrer por todos nós.

Ter relações sexuais fora do casamento era considerado pecaminoso e maldoso. Entendi. Mas até mesmo pensar nisso era considerado a mesma coisa; e eu me ressentia da ideia de que deveria me sentir pervertido ou cheio de vergonha por vivenciar uma motivação biológica na puberdade que era tão poderosa quanto sentir fome.

Cometer suicídio conduzia sem escalas aos fogos eternos do inferno, e ser homossexual parecia carregar o mesmo peso que violar um dos Dez Mandamentos.

Em última análise, se eu não acreditasse que ir para o céu era para os cristãos apenas, eu seria convidado a me juntar aos não cristãos, que “não serão salvos” – o que, naturalmente, significava ir para o inferno.

Todos os tipos de traduções e explicações – de diferentes sacerdotes e mestres religiosos a respeito dos mesmos temas – foram oferecidos para ajudar a responder às minhas perguntas cautelosas, mas nada me satisfazia. Um cara de 16 anos conhece as contradições e os enganos da mente quando ele os ouve.

Essa era a instrução religiosa, que foi frequentemente apresentada de uma forma muito direta e inegociável. Eu aprendi a manter a boca fechada e a cumprir a orientação: “Contradições e orações sem resposta são o mistério da vontade de Deus. A força de sua crença neste mistério é um reflexo da força

de sua fé”.

Quando se tratava das orações, me debatia com os cânticos gregorianos que devíamos recitar na escola e na igreja, e achava frustrante conversar com pessoas que só sabiam falar por meio de passagens da Bíblia. Então, eu me lembro do dia em que recebi “permissão” para fazer do meu jeito. Tinha ouvido uma leitura da Bíblia que aconselhava a não fazer orações muito longas e redundantes. Orar era algo para ser feito em particular, e não em público para impressionar os outros com quão bem você achava que conhecia ou amava Deus.² Comecei então a conversar com Deus como se ele fosse meu pai: eu era respeitoso, mas qualificado para conversar com ele.

Minha lembrança desses anos de formação religiosa é, sem dúvida, incompleta, injusta e superficial, mas isso é o que acontece quando um assunto tão complexo é apresentado a uma criança.

Nada disso produziu qualquer dúvida sobre minha esperança e fé em Deus. O que eu fiz foi começar a duvidar da nossa capacidade coletiva para realmente ouvir, ou talvez escutar, o que Deus estava dizendo para nós.

Entrei na idade adulta com o entendimento de que eu poderia ter de fato uma mente aberta sobre fé e religião, desde que ficasse dentro dos limites estabelecidos.

★ ★ ★

Quando fui enviado para a Arábia Saudita aos 26 anos, era como se alguém tivesse jogado uma granada no meu depósito de conhecimento e compreensão sobre tudo na vida.

A paisagem tem 1,4 milhão de quilômetros quadrados de um deserto entorpecedor, com temperaturas frequentemente acima de 42 graus. Sem chuva, rios ou lagos. A civilização como eu conhecia não parecia “combinar” com aquela paisagem, uma anomalia que se tornou mais pronunciada quando me deparei com a cultura.

As mulheres não só não têm direitos, como devem se cobrir da cabeça aos pés todas as vezes que aparecem em público. Esqueça o direito de voto; elas nem sequer têm o direito de conduzir um veículo.

A maior parte da mão de obra, assim como o Exército, é composta por imigrantes, que são considerados pouco mais do que escravos e, aparentemente, estão contentes com isso.

A religião e a lei são uma coisa só, e o rei emprega uma mão de obra conhecida como Mutawa (pronuncia-se “mu-ta-uá”), a polícia religiosa, que faz com que todos os aspectos das regras religiosas sejam cumpridos. (Uma vez eu conheci um homem cujo único trabalho era cortar ou escurecer qualquer parte do corpo exposta nas fotos em capas de revista no supermercado.)

Meu conceito de punição foi redefinido quando visitei a Praça Deera, ou “Praça Chop-Chop”, como os ocidentais a definem. Uma enorme praça pública, onde membros e, em raras ocasiões, cabeças eram separados do corpo dos criminosos.

Circundando a praça estava o maior *suk*, ou mercado ao ar livre, de Riad. *Ei, querida, vamos assistir a uma decapitação pública e depois fazer nossas compras enquanto estivermos por lá.*

Meus soldados viram esse ambiente com ceticismo e desconfiança.

– Foda-se essa loucura, cara. Essas pessoas são loucas. Vou mais é ficar em nosso complexo.

Mas eu não podia. Como um antropólogo amador, eu via tudo aquilo de olhos arregalados, interessado e cauteloso. Passava algumas noites por semana conversando com os lojistas no *suk* Chop-Chop.

Dois comerciantes se destacaram do resto. Um deles era Shamsi Obaidi, um indiano solteiro de 21 anos, sem família na Arábia Saudita. O outro era Ahmed Shafik, de 31 anos, um egípcio casado e pai de uma criança.

O que começou como uma experiência casual em duras negociações sobre compras ocasionais virou rapidamente chá, doces e conversas espirituosas, mas sussurradas, sobre todos os tipos de temas. Em um país onde a desconfiança e a

ansiedade são emoções padrão e um passo em falso pode resultar em uma loja fechada e em algum tempo na prisão, a visita de um interessado e aparentemente confiável americano foi um alívio.

Shamsi veio de uma família rica na Índia e formou-se cedo na faculdade. Seu pai tinha grandes planos para ele na Europa, mas antes comprou uma pequena loja em Riad, onde era mais fácil e menos oneroso treinar o filho em um negócio. Ele deixou Shamsi tocar e gerenciar tudo por conta própria. Shamsi odiava aquilo. Na Índia, ele fazia parte de círculos sociais que combinavam com sua idade e energia, mas, na Arábia Saudita, ele era quase um prisioneiro. Ficava sentado naquela loja todos os dias durante dez horas, e ninguém nunca teve qualquer interesse por ele do lado de fora do negócio.

Se estar com Shamsi era como assistir a um filme, estar com Ahmed era como *estar* no filme. Casado e pai de uma filha recém-nascida, ele era claramente mais maduro e mais experiente nas coisas do mundo.

As conversas com Ahmed eram sobre os mesmos tipos de coisas que eu estava passando na vida: o casamento, a paternidade, o trabalho, as visões de mundo. Mas, de tudo isso, nossas discussões sobre religião eram as mais fascinantes. Nossas conversas transformaram aquele meu período de serviço militar na Arábia Saudita em um ano sabático intercultural para o estudo religioso.

Uma de nossas discussões mais memoráveis girou em torno da questão do julgamento na vida após a morte.

– Os anjos, um no ombro esquerdo e o outro no ombro direito – disse ele em seu inglês claudicante –, se sentam para julgar com o livro de seus feitos em vida aberto. Se a balança pende para um lado, você vai para o céu. Se a balança pende para o outro lado, então a serpente vem da terra e leva você para o inferno.

– Você realmente acredita nisso? – perguntei.

Ele sorriu, tomou um gole de seu chá e respondeu de uma maneira não verbal, mostrando que estava ciente de minha descrença. Então ele falou:

– Vocês acreditam que seu Jesus nasceu sem um pai e que ele morreu e ressuscitou dos mortos. Por que é tão difícil de acreditar na minha história?

Insisti na questão da vida após a morte. Sorrindo, comecei:

– Então, eu sou um infiel... – disse eu, e ele explodiu em risos nervosos. – O que vai acontecer comigo?

Ele parou de rir e balançou a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse inseguro sobre como responder, enquanto bebia seu chá.

– Vamos, diga-me – incitei-o em um tom brincalhão.

Nós dois sabíamos como ele iria responder. Então ele olhou para mim sem sorrir e disse:

– Sinto muito, meu amigo, mas você vai para o inferno.

– Bem – retruquei –, talvez a gente se encontre lá e fiquemos surpresos!

Foi quando ele sorriu de novo, e fiquei grato por voltarmos aos tópicos menos sérios.

Em uma ocasião posterior, abordamos a questão dos valores religiosos e da redenção.

– E sobre a violência e o tema bélico do Alcorão? – perguntei.

– Sua Bíblia não é violenta ou fala de guerras? – respondeu ele educadamente.

– Bem, nós cristãos nos concentramos no Novo Testamento, que vem depois do Velho.

– Sério? – disse ele em tom desdenhoso quando desviou o olhar.

Ele inclinou a cabeça e sorriu com desprezo mal disfarçado quando começou a falar de uma breve história de comportamento cristão desde o tempo de Cristo.

– A mensagem violenta está lá, para que os cristãos a usem como preferirem – disse ele com confiança.

Sobre a questão da redenção, apontei a gritante diferença entre o Islã e o Cristianismo, ou seja, que o Islã não tem redenção.

Ele me pressionou:

– Jesus morreu por seus pecados... Assim você não será julgado quando morrer?

Ficou claro que ele estava me fazendo uma pergunta capciosa, mas eu não tinha certeza de como ou o quê.

– Sim, nós seremos julgados – respondi. – Mas a questão é que Jesus morreu por nossos pecados, para que todos nós possamos ser salvos.

– Sim, foi isso que eu disse – respondeu Ahmed. – Ele morreu por seus pecados. Você acredita que isso é necessário para o céu. Onde e quando ocorre o julgamento?

Depois de mais alguns minutos de discussão confusa, me dei conta de que ele estava se referindo à crença cristã de que a salvação tem a ver com a graça e não com as ações. Se for verdade, pelo que exatamente seríamos julgados, ou enviados para o inferno? Por nossas palavras e pensamentos em relação aos ensinamentos de Cristo? Eu não tive nenhuma resposta, nem para ele nem para mim.

Este não era um truque distorcido ou arbitrário de lógica que ele estava atirando em mim. Nem ele estava defendendo o Islã. Foi no que eu disse que acreditava, e foi a melhor explicação que eu poderia dar depois de 20 anos daquilo que pensei ser uma exaustivamente examinada convicção religiosa. Mais uma vez era aquela velha discussão sobre o amor incondicional “de Deus, com condições e deslumbrantes contradições” da minha juventude.

Como a maioria dos adultos que eu conhecia era relutante ou incapaz de ter uma discussão que não começasse e terminasse com uma leitura literal e exclusiva de João 14:6 – “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” –, eu estava mal equipado para uma discussão nesse nível.

Minha frustração com Ahmed depois virou aceitação, quando percebi que estávamos ambos exercendo o mesmo tipo de fé com os mesmos tipos de mistério, uma conclusão que guardei para mim depois que um parente zombou de minha comparação entre o Islamismo e o Cristianismo.

Nem uma única vez Ahmed pediu que eu levasse em consideração o Islã, nem ele me ridicularizou ou zombou de mim por eu ser cristão. Na verdade, depois de várias semanas de interação, ele me convidou para jantar em sua casa e me tratou como se eu fosse membro da realeza.

Engajar-se em dezenas de trocas de experiência e conversas com um muçulmano era uma incrível vivência cultural em si. Mas recebi o bônus do Reino da Arábia Saudita.

Toda semana, eu levava para Ahmed um novo filme em VHS que eu pegava emprestado da enorme videoteca do OPM-SANG. Em uma dessas visitas, levando-lhe o filme *Rob Roy*, fui abordado por membros da infame Mutawa. Suas barbas espessas, as longas vestes brancas e os casquetes brancos faziam os membros dessa polícia religiosa se destacar entre a população de Riad, predominantemente vestida com roupas ocidentais, mas eu nunca tinha visto um de perto até então.

Um deles pediu que eu mostrasse o que estava na minha mão.

– *Ish hada Rob Roy?* – exigiu saber o mutawa.

Eu sabia o suficiente de árabe para entender o que ele estava perguntando: “O que é *Rob Roy*?”.

– Esse é o nome do filme – respondi em inglês.

Eu acho que ele me entendeu, mas a resposta não o satisfez. Ahmed apareceu de repente e forneceu algumas traduções muito necessárias.

O mutawa queria saber se o vídeo era pornografia, o que é contra a lei. Ele disse que eu estava detido e precisaria ir com ele. Eu sabia que não era pornografia, então “ir com ele” não me deixou tão apreensivo quanto agora percebo que deveria ter ficado. Ahmed disse nervosamente que não iria sair do meu lado.

O mutawa me segurou gentilmente pelo braço e me levou através da Praça Chop-Chop para o que parecia ser uma delegacia de polícia.

Minutos depois de nos sentarmos em uma pequena sala, um interrogador bem-vestido veio e falou comigo como se eu estivesse traficando narcóticos.

Expliquei que era oficial do Exército dos Estados Unidos, mostrei-lhe minha identificação militar e estrategicamente lhe disse que trabalhava com as forças que pertenciam ao príncipe saudita. Isso não pareceu impressioná-lo.

Depois de me deixar sozinho por mais 30 minutos, esse Columbo árabe voltou com a mesma atitude séria. Ele e sua “equipe” tinham encontrado uma cena de nudez no filme, o que fazia dele um filme pornográfico. Eles decidiram me deixar ir embora, mas com um alerta:

– Chega de filmes americanos de qualquer tipo.

Eu não “renasci” na Arábia Saudita, e não me converti. Não comecei de repente a duvidar de tudo a respeito da minha fé nem lancei minha própria cruzada pessoal para descobri-la. Eu só percebi quão incrivelmente ignorante eu era sobre a prática da minha fé e da vida em geral. Eu não sabia nada sobre as religiões dominantes no mundo, e não tinha uma filosofia espiritual defensável.

Essa revelação teve implicações e interesses além do âmbito pessoal.

Sendo oficial do Exército, percebi como o conhecimento e a compreensão da religião e da cultura seriam fundamentais para minha profissão. A quantidade de muçulmanos fanáticos explodindo a si mesmos e aos outros exigia um exame mais detalhado.

Comecei a assistir a debates entre estudiosos judeus, cristãos e islâmicos e peguei para ler *Uma história de Deus*, de Karen Armstrong, uma ex-freira católica. Fiquei perplexo que 12 anos de educação católica formal não tivessem me exposto a qualquer coisa remotamente parecida com essas discussões acaloradas e intelectualmente estimulantes. Percebi que esses 12 anos haviam sido apenas a introdução.

Apreendi que para onde quer que uma discussão respeitosa e de mente aberta sobre questões religiosas nos leve, ela não começa com exortações a direitos exclusivos de como será a vida após a morte.

O mais importante é que aprendi que os muçulmanos (e seguidores de outras religiões) não são os alienígenas que eu tinha sido levado a acreditar que

eles eram.

Os seguidores extremistas de suas práticas não representavam sua religião mais do que os extremistas cristãos representavam a minha. A maioria dos muçulmanos compartilhava valores comuns de paz e amor e um desejo de moralidade que era tão sincero e imperfeito como o de qualquer cristão que já conheci. Na verdade, os seguidores de outras religiões tinham passado ou estavam passando por seus próprios e violentos conflitos internos sobre o significado de seus textos religiosos. A luta é interminável.

Voltando ao ponto, comecei a ver que somos parte de um mundo onde o espaço global está diminuindo, mas a informação e o comércio estão explodindo, onde as ideologias conflitantes não mais se beneficiam do espaço e da distância. A menos que ocorra uma extinção em massa ou genocídio, e talvez nem mesmo isso, me parece claro que precisamos encontrar maneiras de viver juntos em paz.

Eu não precisava concordar com outras práticas religiosas para entender as razões alheias para praticá-las. Sabendo disso, parecia mais sábio desenvolver uma conversa que fosse mais profunda do que os diálogos sobre quem iria para o céu e o inferno, e se concentrar nas virtudes que temos em comum.

Quando saí da Arábia Saudita, estava cheio de orgulho sobre como Ahmed e eu havíamos nos comportado. Eu estava cheio de esperança, também. Se nós dois pudemos exercer um discurso tão respeitável sobre a prática da nossa fé, os outros também não poderiam?

Nos anos que se seguiram, descobri que não tinha chegado grandes conclusões sobre o que Deus era ou não era. Eu tinha dúvidas, e fazia perguntas, mas com muita cautela. Poucas pessoas pareciam dispostas (ou capazes) a discutir o tema fora dos limites estabelecidos, por medo ou desinteresse de debater questões difíceis sobre Deus ou sua religião.

A bandeira do “mistério da fé”, me parecia, estava sendo jogada muito cedo nas discussões, e a prática era sempre fundamentada no medo.

Comecei a desafiar aqueles que pareciam pensar que tinham tudo resolvido

sem fazer perguntas difíceis ou engajar-se em discussões mais reflexivas, mas sem julgamentos. Fiz isso principalmente para me desafiar e desenvolver-me.

★ ★ ★

Mais perto de casa, e ao lado do reino e das virtudes declaradas da religião, vi a humildade da sabedoria da mente aberta e a gentileza da verdadeira força em um personagem bem improvável. Eu conheci o sargento-major Jim Barrett em 1997, no Forte McClellan, Alabama, onde trabalhamos lado a lado, ele como o maior e mais respeitado suboficial do Exército, e eu como o mais jovem e menos respeitado oficial do Exército.

Jim vinha de uma juventude marginalizada imersa em álcool, drogas, crime e tumultos familiares. Seus pais se divorciaram quando ele estava com 5 anos de idade, e seu pai de 41 anos bebeu até morrer quando Jim tinha 12 anos. Sua mãe se casou outra vez, mas se divorciou novamente quando ele fez 16 anos. Jim largou o colégio e se transformou essencialmente em um vagabundo encraveiro. Se não fosse por Paula, sua namorada na época e que se tornaria sua esposa, ele teria participado de um assalto que terminou com a prisão de seus amigos.

Depois de um ano fora da escola e vendo sua vida indo a lugar nenhum, Jim conheceu um recrutador do Exército. Mas o Exército não aceita quem larga a escola. Armado com um novo senso de propósito e direção para suas energias, ele deixou para trás sua antiga vida e seus velhos amigos, voltou para a escola e batalhou com tanta energia que conseguiu se formar na mesma época de sua antiga turma.

Jim chegou como um caipira estúpido e bronco de Nova Jersey, mas ele era o soldado mais competente que eu já conheci. E essa combinação fazia dele um soldado intimidador. Ele estava sempre certo, mas não de um jeito “você sempre tem que estar certo, não é?”. Ele foi o primeiro a me ensinar que fazer o seu melhor e tornar isso sua missão de estar certo não era uma coisa viciosa –

era um reflexo de competência que se mostrava angustiante apenas para o preguiçoso, o inseguro ou o incompetente.

A vida era difícil para quem queria tentar psicanalisar seus motivos. Eu? Eu me apeguei a ele como um aluno se apegava a um mestre. E ele retribuiu sem que eu soubesse. Anos depois de minha reprimenda por escrito por ter entrado pela janela do quarto dos Kramer, descobri que Jim foi meu mais forte defensor.

– Eu acho louvável que você não tenha ficado sentado assistindo a uma situação ir de mal a pior; você viu um problema e fez alguma coisa. Agora, no futuro, não vá entrar pelas janelas, porque pode ser atingido na cabeça por um taco de beisebol.

Quando não estávamos assistindo a uma disputa de luta livre entre seus dois filhos, Jimmy e Jeffrey, ele estava oferecendo conselhos sobre como cuidar de soldados. Durante anos, eu vi que a intimidade que ele misturava com a disciplina de seus filhos – e de seus soldados – não o deixou mais fraco ou menos eficiente como pai ou como líder.

Ele também me ajudou a ver nuances na minha liderança profissional.

– Eu não acredito nessa coisa de “isso é dos suboficiais” – dizia, referindo-se a trabalhos a serem realizados unicamente por sargentos. – Há coisas em que os sargentos focam, há coisas em que os oficiais focam, e esse relacionamento é único em toda parceria. Para mim, se um oficial tem que fazer uma coisa que um sargento normalmente faria, isso quer dizer que não estou fazendo meu trabalho, e não posso ficar bravo com o oficial por causa disso.

Jim saiu do Alabama, e nós não nos vimos mais durante quatro anos, mas mantivemos contato por e-mail e telefone enquanto ele estava na Alemanha. Nesses quatro anos, ele subiu para o cargo mais alto na Polícia Militar (sargento do comando do regimento) e acabamos servindo juntos novamente no Forte Leonard Wood.

Por mais importante que ele tivesse se tornado, nosso relacionamento pessoal e profissional foi retomado exatamente onde havia parado. Às vezes, à

noite, passávamos quatro horas conversando em nosso quintal sobre liderança ou sobre sua animada infância em Nova Jersey.

Vim a compreender que por mais que frequentemente estivesse certo, ele nunca teve medo de estar errado sobre alguma coisa ou de rir de si mesmo. De volta àqueles dias em que a conexão discada ainda era o padrão, uma vez ele me pediu para ir à sua casa para ajudá-lo com uma conexão de internet.

– Onde está sua tomada de telefone? – perguntei.

– Para que eu preciso de uma tomada de telefone? – perguntou, em seu tom intencionalmente bruto.

Nós rimos juntos quando lhe respondi:

– O que, você acha que o sinal de internet simplesmente salta para fora da parede direto para seu computador?

Ele riu de si mesmo naquele dia, e ele ainda faz isso.

Jim também não tinha medo e nem ficava acabrunhado de procurar por conselhos. Pouco antes de descobrimos sobre minha transferência para Washington, D. C., Jim veio e perguntou sobre a venda de sua casa, porque ele sabia que tínhamos vendido nossa casa na Virgínia sem um corretor.

Ele havia comprado sua casa dez anos antes por 130 mil dólares. Depois, alugou-a por sete anos e, como recompensa pela fidelidade de seus locatários, pensou que seria bom deixá-los assumir a dívida que ainda tinha, de 110 mil dólares, e se livrar do aborrecimento de ter que pagar as comissões do corretor e da venda.

Eu me opus.

– Veja a situação deste modo – retruquei. – Assumindo que a casa ainda vale apenas 130 mil, e provavelmente vale mais, você está propondo *pagar* 20 mil dólares a seus inquilinos para que eles comprem a casa de você.

Ele tinha de descobrir o valor da casa e entender como de verdade estava sendo generoso.

Essa conversa com Jim me mostrou muito sobre como ele era como pessoa. Sua mãe solteira trabalhou em três empregos para poder sustentar a ele e a seu

irmão. E ele e sua esposa, Paula, não estavam exatamente nadando em dinheiro no momento. Fui para casa e contei a Kristin sobre seu incrível exemplo pessoal. Isso me fez querer ser uma pessoa melhor.

Cerca de uma semana depois, ele me ligou de volta.

– Cara, você não vai acreditar nisso – disse ele. – Essa casa vale 180 mil dólares, do jeito como está!

Eu ri e lembrei-lhe de que sua decisão anterior seria o equivalente a fazer uma doação de 70 mil dólares a seus inquilinos.

– Esses inquilinos são tão bons assim? – perguntei.

Ainda assim, ele fixou um preço de 150 mil. A única coisa mais surpreendente que esse desconto de 30 mil dólares foi o fato de seus inquilinos recusarem a oferta.

– Ouça, sargento – disse a ele. – Se esses tolos não aceitarem sua oferta, espero então que faça a mesma oferta para mim, porque mesmo que a casa tenha problemas, essa é a coisa mais generosa que já vi alguém fazer na vida.

Compramos a casa sem nem mesmo olhar e usamos cada centavo de nossas reservas para reformá-la.

Quatro anos mais tarde, quando chegou o momento de nos mudarmos de novo e o mercado imobiliário estava em crise, um corretor imobiliário descobriu que estávamos tentando vendê-la por conta própria e riu na nossa cara.

– Não há como conseguir vender sua casa por conta própria com o mercado desse jeito.

Vendemos em menos de duas semanas. Como?

Seguimos o exemplo de Jim e Paula e vendemos a casa com um desconto de 20 mil dólares em relação ao valor de mercado. E ainda ficamos com cada centavo que gastaríamos usando um corretor, e ainda recebemos à vista. (Também fiz questão de visitar aquele corretor para devolver sua risada na mesma moeda.)

Aquele sujeito barulhento e vulgar de Nova Jersey me ensinou a fazer isso.

E, no processo, ele me ensinou outra lição sobre ficar de mente aberta.

★ ★ ★

A primeira vez que aprendi a realmente apreciar o valor da humildade na sabedoria, com relação à política, foi em 2003. O Exército enviou-me à Universidade de Georgetown para passar um ano sem fazer nada, a não ser estudar a arte e a ciência de fazer política.

Embora os soldados sejam autorizados a expressar sua opinião política e mesmo fazer campanha em nome de candidatos, somos impedidos de fazê-lo usando o uniforme, o que é mais difícil do que parece. Era muito mais fácil seguir a regra não escrita de que os oficiais podem ser politicamente versados, mas totalmente apertados.

Eu era capaz de ser apertado, mas ficava aquém de ser politicamente experiente. Assim, Washington, D. C., e Georgetown tornaram-se a Arábia Saudita da minha consciência política.

Uma das primeiras coisas que aprendemos sobre a política é que não há uma solução ideal – jamais. A formulação de políticas para uma nação de 300 milhões de cidadãos raramente diz respeito a encontrar a melhor opção ou a mais eficiente, e quase sempre se trata de descobrir a opção que seja menos censurável.

No final, todos nós vivemos em meio a políticas e programas que são mais possíveis do que excelentes, mais satisfatórios do que perfeitos, mais toleráveis do que desejáveis e mais práticos do que ideais. Ninguém recebe exatamente aquilo que esperava. É assim que sempre foi e é assim que sempre será.

Ao longo de meu ano de estudos, vi muito de perto, e de forma pessoal, como se fecham acordos. Mesmo os políticos mais novos pareciam compreender a demanda virtual pela qual “negociavam” seus votos (e relaxavam em certas convicções) a fim de poder fazer as coisas. Eu vi que transigir não era uma virtude, mas uma necessidade.

Talvez essas observações não deversem ter sido tão chocantes para mim aos 33 anos de idade, mas foram, e descobrir uma convicção e uma voz política ficou muito mais fácil depois disso.

Depois de alguns anos, eu estava acompanhando os debates de homens ilustrados como David Brooks e E. J. Dionne, que têm filosofias políticas opostas. Percebi que as discussões entre eles podiam ser um exemplo de como uma pessoa pode manter suas convicções enquanto cede e faz um acordo.

Eu também aprendi a desconsiderar os especialistas que carregam o equivalente verbal e intelectual de dinamite em suas palavras incendiárias.

É claro, eu aprendi outras coisas sobre política, mas aceitar que as políticas e as leis sempre ficam aquém dos ideais me ajudou a atravessar o caos de tudo isso.

Descobri que a política não era muito diferente do casamento: para passar por isso, é necessário baixar a voz, escolher cuidadosamente suas batalhas, evitar insultos e declarações absolutas, falar mentiras suaves e *ceder, ceder, ceder*.

E, como o divórcio, a briga perpétua e a paralisia são resultados inaceitáveis para uma população diversificada que quer soluções.

★ ★ ★

Em março de 2005, corriam notícias de que o então general de divisão Petraeus estava à procura de um major do Exército para trabalhar no Estado-Maior. O governo iraquiano havia selecionado seu chefe de defesa e mais antigo oficial militar. Seu nome era general Babakir Zibari, e Petraeus queria lhe oferecer um adido militar dos Estados Unidos para ajudar na transição.

Não ser voluntário para tal tarefa pode parecer uma opção, mas ninguém que eu conhecesse no Exército viu a coisa dessa maneira. Nossos arquivos pessoais e de desempenho foram enviados para o quartel-general de Petraeus no Iraque, e, em seguida, nós esperamos. Cerca de um mês depois, meu superior me chamou a seu gabinete para me mostrar um e-mail que havia

recebido de Petraeus:

[Mark] terá uma posição tremendamente privilegiada, uma missão bastante fora do padrão com muitas ambiguidades e drama, e uma incrível oportunidade de contribuir. Por favor, diga-lhe para falar comigo quando chegar.

Por mais excitante que isso fosse, eu estava mais focado nos detalhes que iriam afetar minha família. Quando eu iria partir? O que eu faria? Onde eu iria trabalhar?

Demorou uma semana para que eu fosse oficialmente notificado, e mesmo então havia poucos detalhes.

Quando finalmente me encontrei com Petraeus no Iraque, percebi que sua mensagem sobre as “ambiguidades e dramas” era um eufemismo. Em menos de cinco minutos, ele reconheceu que não tinha certeza de como minha atribuição iria funcionar. Ele sabia o que queria, mas isso não tinha de fato sido feito antes. Depois de me dar algumas orientações muito básicas, disse que deixava a meu critério construir um relacionamento pessoal com Babakir.

Meu trabalho era fornecer a Babakir informações sobre como o Estado-Maior do Pentágono era organizado e funcionava, servir como ligação 24 horas por dia, sete dias por semana entre as forças de coalização (e Petraeus), ajudar a coordenar as viagens (já que a maioria delas era fornecida pela coalizão) e servir como um ajudante de campo (assistente pessoal).

Como parte da coalizão, parecia estranho para mim que Babakir precisasse de tal ajuda, mas aprendi rapidamente que ele tinha grande dificuldade de viajar para dentro e para fora dos postos de controle da coalizão, zonas de desembarque e pistas de pouso. Uma grande parte do meu trabalho era servir como a “graxa” que fazia as coisas andarem.

Meus deveres significavam que eu iria passar 90 por cento de todos os dias vivendo e trabalhando onde ele e sua equipe viviam e trabalhavam. Eu iria ver e ouvir tudo o que eles faziam.

A explicação e as incógnitas que pairavam sobre mim me deixaram animado, mas também ansioso. Havia infinitas chances de falhar, e pouco ou nenhum controle sobre as coisas que poderiam prevenir essas falhas. A cultura não era compartilhada. Não havia valores organizacionais parecidos. Nenhuma linguagem comum. Poucas experiências de vida compartilhadas. Não havia práticas de treinamento compartilhadas. Pouco consenso sobre como o mundo gira. E nem um único soldado dos Estados Unidos à minha esquerda ou à minha direita enquanto realizasse meu trabalho.

Nada do que eu já fizera no Exército tinha me preparado para tal experiência, nem mesmo meu turno servindo na Arábia Saudita. A única maneira de adquirir as habilidades necessárias seria fazendo o trabalho e me adaptando enquanto o fizesse. A melhor coisa que eu tinha a meu favor era meu profundo conhecimento da história mundial, civil e militar, e minha curiosidade.

A proximidade que mantive com meus parceiros iraquianos construiu um nível de confiança que logo se tornou uma faca de dois gumes. Às vezes minhas tentativas para melhorar a compreensão de meus colegas dos Estados Unidos em relação às operações da coalizão produziam observações impertinentes:

– Ei, cara, não vá virar nativo. Não deixe que esses sujeitos controlem sua cabeça.

Meu trabalho era ajudar os iraquianos a entender os métodos da coalizão e seus planos, e não o contrário.

Os iraquianos ficavam igualmente frustrados.

– Você não pode fazer a coalizão entender por que não podemos fazer isso dessa maneira?

E, quando chegava a hora de abordar as falhas inevitáveis e as mortes que vêm com o combate, os parceiros iraquianos frequentemente lançavam suas frustrações sobre o americano mais próximo que conseguiam encontrar – aquele consultor cujo trabalho incluía ouvir.

Não surpreendentemente, as coisas mais significativas que vi e ouvi vieram do próprio Babakir. Quer se reunindo com congressistas americanos ou chefes de defesa de dezenas de outros países, quer visitando sua família ou outros líderes ao redor do mundo, discutindo temas como planejamento de segurança de Bagdá ou seus muitos pensamentos sobre os esforços dos Estados Unidos no Iraque, ou apenas assistindo ao programa da Oprah em sua sala de estar enquanto bebia chá e ficava discutindo sobre a vida, não parecia haver nenhum limite para nossa interação um com o outro.

Naquele ano, eu vi mais do mundo e aprendi mais sobre a dinâmica humana do que em qualquer outro momento da minha vida. A experiência poderia muito bem ser descrita como “minhas aventuras com Babakir” ou como “meu período de combate no Iraque”.

Algumas de minhas experiências foram mais bem reproduzidas no momento, nos textos que fiz em meu diário e nas cartas, do que posso fazer agora. Em meu diário, escrevi sobre o dia em que conheci o general:

Sentei-me com Babakir hoje em seu gabinete no Ministério da Defesa para nossas apresentações. Babakir é um homem de baixa estatura. Ele é um curdo sunita, que é o mesmo que dizer que ele é apenas curdo, já que a maioria dos curdos parece colocar a etnia acima da religião. Como muitos iraquianos, Babakir usa o primeiro nome junto com seu título, de forma que ele passa a ser “general Babakir”.

Nós nos sentamos em sofás, e o ambiente era informal, mas a conversa foi estranha, minha primeira vez com um tradutor. Além disso, o filho de Babakir, Arjeng (20 anos de idade), sentou-se diante de mim numa das cadeiras do gabinete e ficou me olhando como se eu fosse um animal exótico num zoológico. Imaginei que eu poderia estar olhando para ele e para o pai da mesma maneira.

Eu senti muita pressão para causar uma boa primeira impressão enquanto nos atrapalhávamos em educadas conversas sobre amenidades, como se estivéssemos em um forçado encontro às cegas. Tateando em busca de coisas para falar, o chefe de

peçoal de Babakir, Jamal, mencionou minha experiência de trabalho para nosso próprio Chefe de Defesa (general Myers), no Pentágono. Isso foi ainda mais difícil, bem como exagerado demais. Eu perguntei se poderíamos mudar para um assunto do qual nós dois entendíamos bem mais, família.

— Eu sou pai de três meninos, sendo dois deles gêmeos — disse eu, enquanto tirava da carteira fotos de Kristin e dos rapazes. Depois acrescentei: — Eu também tenho um irmão gêmeo.

Eu poderia dizer que isso realmente o impressionou.

— Deus sorri para você — disse ele.

Ele me contou que tinha nove filhos e explicou que os curdos gostavam de ter famílias grandes. Eu respondi animadamente que minha mãe vinha de uma família de 15 filhos, o que pareceu impressioná-lo ainda mais.

Notei que Babakir era um homem magro e comentei que meu avô tinha uma teoria sobre por que os pais de tantas crianças podiam continuar assim magros.

— Diga-me — Babakir disse, enquanto fazia que sim com a cabeça.

— Bem, você já viu um galo gordo? — perguntei.

Ele parou por um momento, depois riu. O acasalamento de frangos, e não o trabalho, pareceu ter ajudado a quebrar o gelo e criar uma ponte sobre a divisão cultural.

Babakir explicou que ouvira muitas coisas boas sobre mim e que ele estava muito ansioso para ter minha ajuda. Meu antecessor tinha ido embora havia mais de um mês, e Babakir já estava sentindo a perda.

Percebendo um fim apropriado para a conversa, perguntei se podíamos voltar ao trabalho.

— Não — disse ele. — Venha se juntar a mim para o almoço.

Eu educadamente recusei, mas ele insistiu, e logo ligou para seu motorista.

No caminho para a casa de Babakir, me dei conta de que estávamos sem um tradutor. Em nosso primeiro dia juntos, senti vontade de trocar minha pistola nove milímetros e um par de meses de pagamento por algumas aulas do idioma. Arjeng era um orador relutante em inglês, mas, assim que o convenci de que ele

falava muito bem (o que era verdade), ele foi como uma dádiva divina. Babakir e eu falamos sobre nossas origens no Exército. Ele gostou de saber que eu tinha sido um soldado antes de ser promovido a oficial, e então comentou que achava importante visitar os soldados pessoalmente, conversar com eles, ver onde eles trabalhavam ou cumprimentá-los e beijá-los. Essa parte do beijo me chocou, mas depois aprendi sua importância. O beijo no rosto é um sinal de amizade e de família no Oriente Médio (e em outras partes do mundo).

Na casa de Babakir, ele insistiu para que eu ficasse com minhas botas, mas levei-as para fora como todo mundo. (Assim como em nossa casa.) Babakir saiu da sala e voltou alguns minutos depois, vestido em seu tradicional uniforme curdo Peshmerga, que parecia um pijama formal.

Quando o almoço foi servido, Babakir comeu rápido, deixando um impecável prato limpo na frente dele muito antes de eu acabar.

– Você come devagar – disse ele.

– Meu avô, aquele com 15 filhos, diz que eu como que nem um pássaro – respondi.

E isso lhe provocou uma boa risada.

Uma das primeiras coisas que avalei foram os detalhes da segurança pessoal de Babakir, que consistia em 70 soldados. Foi quando eu conheci Ali Yousef, o chefe da segurança pessoal de Babakir. Ali tinha uma personalidade heroica. Sua coleção de filmes consistia quase que inteiramente em filmes de James Bond, que pareciam servir como seu único treinamento.

Ali falava alto, era generoso e parecia a versão em miniatura de Buda, e foi o responsável pelas primeiras palavras em curdo que aprendi no Iraque: *Az berseema* (“estou com fome”). A única coisa em inglês que ele sabia falar era “Sem problema” – e eu ganharia confiança o suficiente para tirar sarro dessas palavras de vez em quando, respondendo: “Não, Ali. *Grande* problema”.

Por mais engraçado que isso parecesse para mim na ocasião, percebi que “Sem problema” e “estou com fome” não seriam o suficiente em uma crise de

segurança. Precisávamos ser capazes de nos comunicar com mais do que sorrisos e grunhidos.

Uma semana depois da reunião com Babakir, eu decidi que precisava aprender o idioma curdo. O árabe era uma opção, mas o curdo era a língua nativa de Babakir, e eu vivia sempre rodeado pela família e amigos prontos para me ensinar.

Depois de três meses, eles disseram que eu poderia manter uma conversa com relativa competência, mas sempre me senti tão apreensivo quanto Arjeng durante nossa primeira semana juntos.

Cerca de três meses depois de iniciar meu trabalho com Babakir, mandei um e-mail para casa que mostrava uma crescente sensação de conforto com meu desconforto.

Kristin,

Bem, considerando meu problema com a diarreia esta semana, alguém poderia pensar que aqui estamos na temporada das gripes. Mas deve ser a comida do Iraque. De qualquer modo, meu sistema digestivo está um caos.

Babakir e sua turma ouviram falar sobre isso e se divertiram muito dando tapas nas minhas costas e se arrebrandando de rir às minhas custas. (Eu ri junto com eles.) Problemas intestinais são uma coisa muito comum entre os iraquianos. E, uma vez que eles não usam papel higiênico, eu aprendi a levá-lo sempre comigo da mesma forma que carrego minha arma e munição.

Por falar em comida, almoçamos no outro dia com os soldados da 6ª Divisão do Iraque. Quando chegamos, as mesas já estavam postas com enormes travessas de arroz, polvilhados com amêndoas, grão de bico e o que pareciam uvas passas. Pedacos enormes de cordeiro (ainda no osso) foram enterrados no arroz. De repente, fiquei ciente de que as passas não eram passas. Eram moscas mortas que tinham sido “capturadas” durante a preparação.

Tirando as moscas, a comida realmente parecia boa e cheirava bem pra caramba. Pena que meu rosto não conseguiu comunicar essa mensagem. O iraquiano sentado ao

meu lado disse:

- Qual o problema, meu amigo, por que você não está comendo?*
- Não há moscas suficientes nessa comida.*
- As moscas deixam você mais forte... A partir de dentro – respondeu ele.*
- Você quer dizer algo como ficar doente com tanta frequência que seu sistema imunológico fica mais forte? – repliquei com um sorriso.*
- Sim, sim. Vamos, coma – disse ele, sem nem levantar a cabeça do seu prato. – Basta pegar e jogar fora. – Ele falou sobre isso como se estivéssemos falando sobre escolher cogumelos.*

Entretanto, por mais nojento que isso fosse para mim, esta era a vida deles, e eles não estavam exatamente me pedindo para comer veneno. Peguei uma colher e a meti direto na comida (tomando cuidado para não pescar as moscas). Não era tão ruim, e a carne estava realmente deliciosa.

Entretanto, as moscas...

Depois, desfrutamos de algumas baklavas de dar água na boca e uma boa Pepsi quente para lavar tudo. Hummm. Não há nada como uma Pepsi quente num calor de 50 graus.

Falando sobre o calor. Você sabe que as coisas estão feias quando começa a desejar que a temperatura volte para o frio dos 38 graus. Parece que há uma certeza de que ela vai subir acima de 50 graus neste verão. Esse calor acaba tirando o fôlego da gente. Toda vez que respiro, acho que volto para nossa época, em Minnesota, me lembrando dos dias que eram tão frios que você podia sentir os pulmões congelando quando respirava o ar... Mas pelo menos dava para respirar. O calor aqui é sufocante. Pode parecer idiota, mas agora eu sei como Bob Esponja e Patrick se sentem no filme (aquele que os meninos veem o tempo todo), quando eles estão desidratando sob o sol.

Com amor,

Eu

E não era apenas com o desconforto físico que eu estava me acostumando. Era com o desconforto moral, também, como contei a Kristin em outra carta.

Assim como ocorreu em minha transferência para a Arábia Saudita, é difícil, bem difícil, gerenciar os preconceitos pessoais que tenho como um americano. Você sabe quanto eu leio e quanto tento ficar conectado, e ainda assim percebo que eu não tenho a menor ideia. Eu não consigo deixar de imaginar como pode ser entre os soldados que não fazem qualquer esforço para entender o que nos cerca.

Todo dia estou sujeito à distinção contundente entre esses dois mundos em uma dúzia de pequenas formas:

Na parte da manhã, caminho pela embaixada rumo a um café da manhã que lembra o de um salão da corte. Claro, isso tem muito mais a ver com o fato de que o Exército contrata fora seu serviço de alimentos, o que requer uma rigorosa limpeza e rigorosos padrões de preparação. Mas mesmo assim. É uma visão. A quantidade de alimentos que é jogada fora todos os dias é grotesca quando penso na fome que atinge alguns dos bairros vizinhos.

Essa fome NÃO é um problema nosso, mas mesmo assim isso me incomoda. Então me encaminho para o estacionamento, que vive cheio de Ford Explorers novos em folha e dezenas de Ford Expeditions blindados e Chevy Suburbans armados até os dentes.

Em meu caminho, eu passo pela praça de alimentação da base militar, onde, se você não conseguiu encher a barriga o suficiente com a comida de graça, você pode querer gastar seus dólares e se esbaldar no Burger King ou no Pizza Inn. Eu costumo pegar uma cópia do jornal Stars and Stripes, e meus dias “favoritos” são quando há uma história sobre Michael Jackson na capa. (Brincadeira.)

Em poucos minutos eu sou transportado para o que gosto de chamar de “mundo selvagem”, e as coisas mudam drasticamente. Esses caras [os iraquianos] costumam beber no mesmo copo, beber água da torneira (o que não é seguro), fazem suas necessidades sem usar papel higiênico, andam em veículos antigos que mal se movimentam, saem da segurança da Zona Verde todas as tardes e, então, enfrentam o que é chamado de “Portão dos Assassinos” todas as manhãs a caminho do trabalho.

Os iraquianos aceitam essa dicotomia sem muita reclamação, até que eles provem o que temos. Vou lhe dizer, eles não precisam ser convencidos de que um é melhor do que

o outro. Esqueça esportes, entretenimento, negócios, medicamentos modernos ou bens materiais. Eles só querem o básico. Como, o básico? Vou lhe dar apenas um exemplo que abalou meus sentidos:

O coronel Jamal, um dos oficiais iraquianos, me disse na semana passada que ele precisava de algum tempo de folga. Queria duas semanas, que era algo longo demais para qualquer padrão, especialmente para o cargo que ele ocupava com Babakir. Além disso, ele sempre parecia distraído e um pouco desmiolado. Eu pensei que fosse preguiça. Eu estou acostumado a ouvir desculpas esfarrapadas, então estava pronto para uma grande mentira quando finalmente perguntei:

— Por que você precisa ir?

Ele disse que precisava ir à Síria buscar sua família e trazê-la de volta a Bagdá, agora que ele tinha garantido uma casa para eles na Zona Verde.

Eu não precisava ouvir mais nada, mas ele continuou a história e eu escutei. Ele tinha estado no Exército iraquiano durante toda a sua vida, mas nunca em posições de grande responsabilidade ou comando. Casou-se e teve três filhos, todos ainda com menos de 14 anos. Ele aprendeu inglês assistindo a filmes americanos, e fala bem. Quando as forças americanas atravessaram a fronteira do Iraque, em março de 2003, ele estava servindo em Bagdá e claramente se lembra de quando as bombas começaram a cair. Quando a guerra terminou e o Exército deixou de existir, ele se misturou à população como todo mundo. Então recebeu a notícia de que a coalizão estava procurando “alguns homens bons”. Sua baixa patente, sua modesta instrução e ainda a capacidade de falar inglês mostraram que ele era uma boa escolha.

Ele e sua família começaram a receber ameaças de morte imediatamente, duas ou três delas ao longo de vários meses. Ele as ignorou. Em seguida, seu vizinho e toda a família foram mortos. Jamal entrou em pânico. Ele pegou sua família na mesma hora e saiu de Bagdá, sem dizer nada a ninguém.

Pouco depois de sua chegada à cidade iraquiana de Mosul, um posto de checagem dos insurgentes parou um grupo de uma dúzia de veículos. Todo mundo foi levado a uma pequena clareira e interrogado para ver quem trabalhava para a coalizão. Um pobre coitado tinha algum tipo de identificação da coalizão com ele. (Jamal disse que,

felizmente, ele não tinha.) Os insurgentes obrigaram as pessoas a olhar para o jovem, anunciaram que o que estava prestes a acontecer iria acontecer com eles também se trabalhassem para a coalizão e, depois, cortaram fora a cabeça do rapaz.

Jamal explicou, com uma calma inquietante, que o homem “se sacudia como um frango. E o sangue espirrou por todos os lados. Bem na frente de meus filhos”, disse ele, com os olhos úmidos.

Ele imediatamente voltou para casa, arrumou todos os seus pertences e levou sua família para a Síria, onde estão morando desde então.

– Eu não tenho outra família; não tenho outra razão para viver. Nenhuma mãe, nenhum pai, nenhum irmão ou irmã, sem tias ou tios... Minha esposa e filhos, eles são tudo o que tenho, entende?

Nossa, eu só posso imaginar.

Ao compartilhar essa perspectiva diária sobre minhas observações de dois mundos diferentes, eu quero ser claro. Este não é um festival de louvor tipo “vamos celebrar os Estados Unidos” ou “É por isso que precisamos sair do Iraque”. Estou apenas apontando uma luta pessoal com perspectiva, já que vivo em dois mundos diferentes todos os dias. Nossos esportes e entretenimento, assim como nosso senso de negócios e preocupação com os bens materiais, estão completamente fora da realidade neste lugar. É difícil manter o equilíbrio.

Depois, houve outros momentos em que o mundo parecia se unir como um só. Meu diário diz o seguinte:

Hoje é sábado nos Estados Unidos, mas é domingo no Iraque. No Islã, a sexta-feira é o dia sagrado da semana e o primeiro dia do fim de semana, assim o sábado é o domingo.

Eu organizei um jantar ontem à noite na casa de Babakir entre ele e o general de brigada Cris Anstey, um novo general australiano designado para o MNSTC-I, o comando de transição no Iraque. Foi muito divertido. Como de costume, Babakir fez com que eu me sentasse ao lado dele na mesa. (Eu costumo ir jantar ou almoçar em sua

casa cerca de três ou quatro vezes por semana, mas geralmente com sua equipe e na cozinha. Prefiro me sentar com eles e aprender sobre como as coisas funcionam nos bastidores.)

Trouxeram a comida para a mesa, e todos nós nos servimos. Esta foi a primeira semana de Anstey no país e sua primeira reunião informal com Babakir. Anstey olhou para a mesa e comentou em seu sotaque australiano:

– Ahh, cuscuz! Eu adoro cuscuz.

A mesa entrou em erupção e explodiu em gargalhadas. Cuscuz é, aparentemente, uma mistura de cevada e carne na Austrália. Árabes e curdos comem a mesma coisa, mas não a chamam de cuscuz, e por boas razões. Aparentemente, o som da palavra “cuscuz” em árabe (ou curdo) refere-se às partes íntimas de uma mulher.

O assunto realmente quebrou o gelo na mesa e acabou levando a uma conversa sobre as mulheres. Babakir comentou como as coisas no Oriente Médio não eram muito diferentes do que em qualquer outro lugar quando se tratava de humor sobre algumas mulheres.

Então, ele contou uma piada:

Era uma vez um árabe que mantinha uma foto da sogra em uma mesa em sua casa na Alemanha. Um visitante comentou que o árabe devia realmente amar a sogra para ter a foto dela em um lugar tão proeminente na sua casa. O árabe respondeu que a sogra estava em seu país de origem, mas que ele não tinha nenhuma saudade, porque na verdade não gostava dela. O visitante estava atordoado e questionou aquela contradição óbvia. Respondeu o árabe que o que ele realmente amava era seu país, mas ele mantinha aquela foto bem visível para que pudesse ser lembrado do que o esperava se voltasse...

Depois do jantar, nos sentamos na sala de estar e tomamos chá enquanto Babakir zapeava os canais de TV. Parou no programa da Oprah e pousou o controle remoto. O programa era em inglês, mas tinha legendas em árabe que atravessavam a parte inferior da tela. Eu queria me beliscar.

A convidada de Oprah era Shania Twain, que tinha acabado de contar a história de sua infância, como era pobre e como desejava que pudesse compartilhar suas experiências

atuais com a falecida mãe. Ela chorou enquanto contava isso, e Babakir ficou claramente emocionado com tudo.

Mais tarde soube que Oprah era uma das favoritas na casa da Babakir e mais uma vez fui humilhado pela estranha maneira como o mundo parecia girar. Oprah no Iraque? Por que não?

Na época de minha segunda viagem para a região curda do Iraque com Babakir, tornou-se claro para mim que ele e sua família me consideravam muito mais do que apenas um oficial do Exército americano. Ele se gabava com todo mundo que sabia que eu era um curdo americano. A família de Babakir preparou uma festa que várias mulheres demoraram três dias para preparar.

Todos os homens estavam sentados em um círculo na mesa da cozinha curda (o chão). Quando nos sentamos, Babakir bateu no chão ao lado dele e acenou com a cabeça para eu me sentar ao lado dele. Ele me tratou como um de seus filhos, e eu realmente me senti como sendo um deles.

Naquela noite, Babakir recebeu uma dúzia de convidados em sua sala de estar, e fui convidado para me juntar a eles. Eu usava o tradicional traje do soldado curdo Peshmerga (o pijama formal que eu tinha visto Babakir usando seis meses antes), um presente que o primo de Babakir, Otto, tinha feito para mim. O espetáculo causou emoção e surpresa nos homens, que estavam vestidos da mesma forma, e risos nas mulheres, que se sentaram separadas dos homens.

Peguei um lugar no sofá, e as conversas surgiram de todos os lados. Eu me senti muito desconfortável vestindo aquele uniforme Peshmerga. Não era algo que tivesse merecido. Sugeri que talvez devesse trocar de roupa e todos foram unânimes em gritar para que eu me sentasse e ficasse quieto. Eles não aceitariam aquilo. Eu era curdo até onde eles sabiam.

Babakir anunciou de repente às pessoas na sala, em curdo:

– Este homem, ele é como um filho para mim.

Ele sorriu com carinho para mim e depois contou ao grupo algumas histórias breves sobre nossas aventuras em Bagdá e na Alemanha. Eu respondi que eu não era nada mais do que uma bem-humorada mula e nem sempre bem-humorada, o que realmente era verdade. Babakir estalou a língua e me repreendeu.

– Você não é uma mula – disse ele em inglês claro. – E você é um bom homem.

Mais conversa fiada irrompeu, mas muito dela se concentrou em mim, “o curdo Peshmerga de olhos azuis e cabelos louros”, disseram muitos deles enquanto riam orgulhosos. As mulheres ecoaram o comentário, dizendo que eu era muito bonito. Entrei na conversa usando meu curdo, e a sala se iluminou.

Na época de Saddam Hussein, falar em curdo era contra a lei, o que efetivamente fez com que se tornasse uma língua praticamente morta – assim como um dialeto dos cherokees americanos, a língua não tem muito uso fora dos limites da tribo. Ao falar nesse idioma, parecia que eu estava tocando a própria alma de cada homem e cada mulher naquela sala, e eles não foram tímidos em me dizer quanto isso significou para eles.

Babakir novamente interrompeu o grupo de homens e pediu que eu escolhesse a cor do turbante que eu iria usar: vermelho ou negro. Perguntei qual era a diferença, e ele explicou que o vermelho representava as tribos da família Barzani, enquanto o preto representava as tribos de sua própria família, Zibari.

Babakir tinha me ensinado muito antes que a tribo Barzani fora quem iniciara a insurreição contra o Império Otomano no início dos anos 1900. E, por mais de 30 anos, Mustafa Barzani foi o líder político e militar da revolução curda contra os sucessivos regimes iraquianos em Bagdá. Embora os curdos nunca tivessem sido capazes de estabelecer uma nação para si, Mustafa é amplamente considerado o George Washington do povo curdo. Em suma, o costume exigia deferência à família Barzani.

Eu pressenti, então, que os homens reunidos esperavam me ouvir falar “Barzani”, especialmente se Babakir tinha me ensinado corretamente. Mas, em vez disso, eu respondi com o que eu acreditava firmemente:

– Claro que vou usar o preto.

Os homens educadamente sorriram e cochicharam uns com os outros. Babakir estalou a língua e em uma voz apressada disse em um bom inglês:

– Nãoooo, Mark, nãooooo, Barzani é melhor.

Ele disse isso como se eu tivesse acabado ignorantemente de insultar a ele e a todos na sala.

O homem sentado ao meu lado perguntou em curdo com um sorriso:

– *Zibari, boo?* (“Por que Zibari?”).

Eu respondi:

– *Barzani? Ava Boscha.* (A palavra *boscha* significa muitas coisas, dependendo do tom e do contexto; neste caso, significava “melhor”.)

Cada homem na sala suspirou com alívio e inclinou a cabeça, “Ahh, *Boscha, Boscha*”, eles resmungaram. Mesmo Babakir sorriu em sinal de aprovação.

Foi quando soltei a isca e gritei em voz alta com um grande sorriso no rosto:

– Mas *Zibari zur Boscha!* (“Zibari é muito melhor!”) – E rapidamente expliquei: – *Babakir Zibari, Bobymín. Boo ch’nia Zibari?* (“Babakir Zibari é meu pai. Por que eu não iria escolher Zibari?”)

A sala explodiu em risadas e batidas no joelho.

Minha resposta foi espontânea, e era um pouco tabu para um estrangeiro dizer aquilo, mas apenas me ocorreu naturalmente, depois de ter estado com Babakir por tanto tempo, que, se eu fosse um curdo para valer, eu era um curdo Zibari.

Inúmeros membros da família Zibari mais tarde me disseram que foi uma das coisas mais inteligentes que alguém poderia ter dito em tal situação. O que eu não conhecia dos costumes, tinha de sobra nos princípios e no caráter, e todos pareciam respeitar isso tanto ou mais do que a tradição.

Ouvi Babakir contar essa história uma dúzia de vezes nos meses seguintes, e, cada vez que ele a contava, ria e seus convidados riam com ele. Por mais casual que essa interação tivesse sido, acredito que tenha definido nosso relacionamento.

Não muito tempo depois, Babakir declarou que ia começar a me chamar por um nome curdo que ele tinha criado para mim: Sherzod Zibari. Ele explicou que esse primeiro nome significava “filho do leão”. (Meus amigos australianos não perderam tempo em esclarecer a nossos companheiros de coligação que *Sherzod* era na verdade um termo abreviado para os órgãos genitais masculinos.)

★ ★ ★

Quando chegou a hora de deixar o Iraque e voltar aos Estados Unidos após 12 meses, Babakir perguntou ao então tenente-general Martin Dempsey se eu podia ficar. Dempsey e eu conversamos, e tomei uma atitude passiva.

Não achava que eu fosse insubstituível, mas reconheci a importância e a praticidade de ficar. Afinal de contas, o ajudante de ordem do general Casey estava com ele há mais de dois anos. A razão de esse relacionamento deles ser tão longo era óbvia: eles tinham uma conexão que era pessoal e preferível no caos relativo do Iraque.

Babakir e eu compartilhávamos da mesma relação, e ele naturalmente queria manter isso. Eu respeitava esse desejo e disse que eu iria ficar, mas que não pediria isso, não com minha esposa e os meninos esperando por mim em casa.

Babakir escreveu uma carta explicando por que ele queria me manter:

Ele é agressivo em seu trabalho e me diz verdades duras, mas é também humilde, seu aconselhamento é diplomático e é sensível à cultura. Mark foi como um filho para mim, e ele é o primeiro americano a aprender o idioma curdo de que tenho notícia [...]

Todas essas razões o tornam muito, muito eficiente, e essas são as razões pelas quais não quero perdê-lo.

Quando a decisão de me mandar para casa foi tomada, Babakir aceitou-a com graça e escreveu uma carta embaraçosamente lisonjeira, recomendando uma promoção, reconhecimento e a melhor avaliação que Dempsey pudesse conceder. Babakir escreveu, em uma parte, “Houve muitos oficiais que serviram comigo por muitos anos e que tinham patentes mais elevadas que a de Mark [...] Mas ele foi o melhor entre eles”.

As cartas pessoais de Babakir sobre meu trabalho com ele ainda são mais valiosas para mim do que qualquer reconhecimento militar que eu tenha recebido por esse meu ano no Iraque.

Ele organizou uma festa de despedida para mim que era digna de um rei. Os generais Dempsey e Chiarelli se juntaram a nós para o jantar, mas ainda mais impressionante foi a presença do comando militar sênior das forças iraquianas. Todos eles estavam lá: o chefe do Exército iraquiano, general Abdul Qadir Obeidi; o chefe da Força Aérea do Iraque, general Kemal Barzanji; e o chefe de Defesa do Iraque, general Nasier Abadi.

Nós tínhamos vivido juntos, comido juntos, chorado juntos e viajado juntos. Eu os conhecia, e sentia que eles me conheciam tanto quanto qualquer soldado americano com quem eu tenha servido.

★ ★ ★

A mansidão é outra palavra para definir a humildade. Mas, no contexto de MacArthur, significa a “gentileza” da verdadeira força, e ele explica isso mais adiante quando diz “aprender a levantar-se no meio da tempestade, mas ter compaixão de quem cai”.

Quando minha luta contra o câncer começou em 2010, eu presumi que todo mundo estaria disposto a espelhar minha força e minha atitude de volta

para mim. Achei que todo mundo iria apreciar e – pela maneira como eu recebia as notícias do diagnóstico – entender minha decisão de voltar ao trabalho, apesar de o câncer continuar a crescer dentro de mim, além de apoiar meu plano de gerenciar a dor sem medicação.

Quase todos disseram que admiravam isso, mas poucos disseram que conseguiam compreender como era possível aquilo, muito menos aconselhável.

Os médicos me questionaram muitas vezes sobre minha capacidade para lidar com essa mudança esmagadora em minha vida e em minha rotina, que era ainda mais pronunciada em função de minha profissão como soldado. Médicos e enfermeiras me asseguravam o tempo todo que não havia vergonha nenhuma em tomar antidepressivos, como se eu pudesse esconder um pouco como eu *realmente* estava me sentindo.

– O que você vivenciou é realmente tão grave e tão desagradável como parece – me disse meu cirurgião.

Ele não conhecia muitas pessoas que poderiam levar isso do jeito que eu parecia estar levando.

Porém, longe de me sentir lisonjeado, fiquei frustrado. Eu não gosto de ser apontado no meio de uma multidão, e ainda me incomoda quando isso acontece, porque a implicação desse fato é que eu não sou normal, uma mensagem que, se for enviada muitas vezes, me faz sentir isolado, não excepcional.

Exemplos de minha “anormalidade”? Eu cuido de minhas próprias feridas. Eu insistia em dar tempo às febres para seguirem seu curso antes de correr para o pronto-socorro ou pedir para tomar antibióticos. E, quando a dor, o medo ou a tristeza batiam, não procurava pelas drogas, mas por uma perspectiva que me ajudasse a rir ou a encontrar as bênçãos em torno de mim para ajudar a equilibrar a balança. Eu apelidei meus dois radiologistas intervencionistas de Oscar e Felix (do programa de TV *The Odd Couple*, tipo o *Two and a half man* de hoje em dia) e brincava com eles ou dava conselhos – já sedado – durante

os procedimentos. Eu costumava refletir que, 12 anos antes, não havia nenhum tratamento para o que eu tinha e eu já poderia estar morto há muito tempo. E muitas vezes recusava medicação para dor em nome da minha mente clara e lúcida.

Claro que ser tão envolvido e autossuficiente às vezes significava trabalho árduo, e nem sempre me dava esperanças sobre a melhora de minha saúde. Mas não achava que, afinal, as coisas eram tão difíceis assim quando considerava o fato de que cada uma dessas coisas ruins que estava sentindo iria acontecer, estando ou não tão envolvido como eu estava.

Estar envolvido fazia eu me sentir mais no controle.

Com o tempo, eu vim a perceber que precisava ser mais gentil e mais compassivo em relação à forma como me dirigia às pessoas que diziam estar inspiradas pelas minhas escolhas, ou que de fato se mostravam descrentes delas.

Uma maneira pela qual tentei transformar minha frustração em incentivo foi ajudar os outros a absorver o que eu considerava ser uma verdade sobre as dificuldades: “Alguém sempre tem um problema pior do que o seu”.

Eu expliquei para a família e os amigos como uma garota de 11 anos de idade que morava em nossa rua tinha se queimado fazendo chapinha e contraiu estreptococos do grupo A. Morreu em uma semana. Naquela mesma semana, quando comemorávamos o Dia de Ação de Graças, um homem estava dirigindo por uma estrada a apenas uns poucos quilômetros de nossa casa quando um cervo entrou na frente de seu carro, atravessou o para-brisa e o matou instantaneamente. Não houve despedidas. Nem reflexões. Ele se foi.

Eram duas histórias em apenas uma semana e em um raio de um quilômetro de onde morávamos. E havia muitos exemplos de pessoas que não morreram, mas viviam com uma dor e um sofrimento que pareciam muito piores do que os meus.

Você não tem que falar de forma abstrata sobre as bênçãos da vida quando está cercado por esses exemplos. Quando você se lembrar de quantos outros têm sofrimentos piores, ou os mesmos que você tem, não há como deixar de

se sentir abençoado ou incentivado enquanto luta contra os Bufords de sua vida.

★ ★ ★

Poucos assuntos causam tantas comichões na alma e no senso de humildade como a fé, a religião, o sentido da vida e o pensamento do que vai acontecer quando morreremos. Em agosto de 2010, enquanto eu estava na cama do hospital como uma carcaça aberta, comentários e indagações sobre esses assuntos surgiram com mais frequência do que tinham aparecido em toda a minha vida, e eles não diminuíram desde então.

A grande maioria das pessoas agia de forma social, como “Vou orar por sua família” ou “Que Deus esteja com você e sua família”.

Mas um bom número dessas pessoas que lhe desejam o bem procura oferecer alguma coisa mais do que social. Não importava qual a religião dessas pessoas, o tema do sentimento, implícito ou explícito, era: “Eu quero ter certeza de que você vai entrar no céu”.

Tenho certeza de que o amor e as boas intenções alimentaram esses esforços, mas não havia nada de humilde, de mente aberta ou de mansidão sobre isso. Havia uma prescrição específica, e eu tinha que recitar as palavras mágicas ou então não seria “salvo”.

Na minha experiência, mesmo em combate, a maioria das discussões sobre a vida após a morte era pouco mais do que um falar codificado a respeito de quem poderia ir para o inferno e quem poderia ir para o céu. Agora não havia nada codificado nisso. O medo, não a esperança, é que levava a essas discussões.

Noah uma vez me ouviu respondendo pacientemente a uma pessoa persistente no tema e perguntou:

– Por que você simplesmente não parou de falar e encerrou o papo, pai?

Essa foi uma pergunta difícil de responder em uma frase, mas respondi

honestamente:

– Porque eu aprendo um pouco sobre mim mesmo quando tenho essas conversas.

É sobre isso que me vejo refletindo enquanto leio as palavras de MacArthur: se concentrar menos em como, por que e no que os outros irão dizer ou fazer e se concentrar mais em como, por que e no que você vai dizer ou fazer.

É tentador ler as palavras de MacArthur e ver três propostas distintas: buscar a humildade, encontrar a verdadeira sabedoria com uma mente aberta e descobrir a mansidão da verdadeira força. Mas realmente ele está fazendo apenas uma proposta – que você deve ser humilde e reconhecer o que não sabe ou não compreende. Nesse contexto, você vai encontrar e apreciar as outras duas.

Quando MacArthur falou para aqueles cadetes em 1962, alertou que não havia nenhuma maneira pela qual pudesse comunicar tudo o que suas palavras significavam, em sua totalidade. Em meu ponto de vista, não há outro assunto em que essa ideia possa ser mais verdadeira do que com a religião. É nesse espírito que me proponho a ser um pouco mais direto em passar aquilo que minhas experiências me ensinaram.

Em primeiro lugar, a única certeza que tenho a respeito da fé, do significado da vida e do conceito de vida após a morte é que, mais cedo ou mais tarde, esses são assuntos que você irá enfrentar. Por favor, acreditem em mim quando eu digo que é melhor considerar sua espiritualidade durante toda a sua vida, que é para o que ela serve, afinal, ao invés de fazer isso no final da vida ou sob coação.

Em segundo lugar, tente imaginar a fé como um cão com a religião como sua cauda. A religião é o que você usa para praticar sua fé, e não o contrário. Pelo menos considere que estamos todos orando para o mesmo criador e encontrando inspiração no mesmo criador, independentemente de nosso profeta ou da prática religiosa escolhida. Eu acho que esse pensamento tem tanto ou mais fé do que ficar se ancorando arduamente na noção de que apenas uma prática religiosa é a que está certa.

Acima de tudo, a discussão sobre religião nunca deve envolver criticar os outros sobre a religião deles; mas sim deve ser uma reflexão sobre sua própria religião e ser humilde

na forma como você trata a si mesmo e aos outros.

Vocês sabem qual é minha religião, e a religião é extremamente importante, mas eu quero passar a vocês um exemplo explícito que espero irá recompensá-los da maneira que tem feito comigo – não só com conhecimento e sabedoria, mas com amor e compreensão, e isso tem realmente feito valer a pena viver. ³

Um dia, com Babakir no Iraque, eu estava expressando minha frustração com algo que alguém fizera durante uma viagem recente e fiz uma exclamação familiar:

– Meu Deus, você deve estar brincando comigo.

Babakir parou o que estava fazendo, agarrou meu braço, me olhou diretamente nos olhos e disse:

– Mark, por que você sempre diz “Meu Deus”? Ele não é seu, ele é nosso Deus!

1. Aqueles que tiverem curiosidade médica e estômago forte podem ver as fotos em:

www.caringbridge.org/visit/markmweber.

2. Mais tarde vim a saber que essa passagem da Bíblia era de Mateus 6: 5-8.

3. Recomendo a leitura de *Speaking Christian*, de Marcus Borg, que oferece uma abordagem nova e mais humilde para a linguagem do cristianismo. E também *O Amor Vence*, de Rob Bell, mais um trabalho bastante humilde e instigante, que coloca questões que podem parecer novas, mas são tão antigas quanto o próprio cristianismo. E como Bell é elogiado mas também criticado por suas observações, considerem a leitura de *God Wins*, de Mark Galli, que oferece uma resposta bastante imparcial ao livro de Bell. Por fim, sugiro a leitura de *A Evolução de Deus*, do não teólogo Robert Wright, que enfatiza a importância da fé em relação à prática da fé.

Capítulo 7

SER SÉRIO, MAS NUNCA SE LEVAR MUITO A SÉRIO;
CHORAR, MAS TAMBÉM RIR.



Julho de 2010 (uma semana antes do diagnóstico)

Foto: Allison Lea

JANEIRO DE 2012

O abscesso Buford continuou a persistir, como tinha feito durante os quatro meses anteriores, e passei a véspera do Natal no hospital após o fracasso de um quarto experimento em muitos meses. O que antes era apenas um vazamento de bile agora envolvia comida pastosa escapando de meu intestino. O buraco foi ficando cada vez maior.

A dor lancinante era ruim o suficiente, mas o que eu achava muito pior era a rotina necessária envolvida em cada visita ao hospital, com médicos e enfermeiros. Não importa quão bem eu conhecesse meu próprio caso, mas eles eram obrigados a seguir seus protocolos. E eu rejeitava esses protocolos para o próprio bem deles.

O que é essa injeção? Heparina? Não, obrigado. Eu estou ativo, então coagulação do sangue não é um problema.

Por que o Protonix? Eu tomo Aciphex, e eu trouxe comigo. O que quer dizer com não posso tomá-lo porque não foi prescrito aqui?

Por que você está tirando sangue de novo? Rotina? A menos que você esteja verificando algo especificamente, não.

Por que estamos fazendo uma tomografia computadorizada? Se meu tratamento permanecerá inalterado (e geralmente era o que acontecia), não, não faremos uma tomografia computadorizada.

Se um exame ou procedimento não fazia sentido ou não podia ser

explicado como sendo aplicável a qualquer sintoma ou condição que eu estava sentindo, eu o recusava.

No segundo dia no hospital, meu cirurgião instruiu as enfermeiras para me tirar da quimioterapia. Meu peso caiu para 62 quilos, estava no meu segundo dia sem comida, e já tinham feito uma limpeza do intestino para o quinto experimento que queriam testar.

Por que pode me fazer mal tomar a medicação que tem mantido o câncer adormecido?

Em suma, a resposta não era nada mais do que o “protocolo”.

– Você sabe, passar alguns dias sem a quimioterapia provavelmente não terá importância de qualquer maneira.

Provavelmente não terá importância? De fato! Bem, se você tem tanta certeza assim, então como um idiota como eu pode argumentar contra essa lógica toda?

Eu não entendia...

Quando a enfermeira se retirou do quarto e eu fiquei sozinho com meus pensamentos, senti uma onda de emoção derramar-se em cima de mim, como se todos os meses de dor, tristeza e desamparo tivessem sido atirados em minha mente de uma só vez – uma raiva enorme e depois uma incerteza e medo que criaram um nó em minha garganta. Eu me senti como se estivesse sendo tratado igual a uma criança de 5 anos de idade, e de repente foi assim que passei a me sentir. Comecei a chorar e a socar a cama com os punhos fechados. Ao invés de discutir com as lágrimas, deixei a emoção fluir.

Depois de tomar esses golpes emocionais durante alguns minutos, pareceu ter ficado mais fácil desviar meu foco de volta para o que precisava ser feito. Eu era educado, mas recheava meus comentários para a equipe médica com muitas palavras pesadas a fim de convencê-los de que eu era e continuaria sendo parte da equipe. Eu entendia se as outras pessoas não faziam barulho, mas eu não era uma delas. (Fiz com que Kristin trouxesse de casa a quimioterapia que eu usava, e comecei a tomá-la sem a permissão deles.)

Eles me mandaram para casa alguns dias depois com minha mais recente instalação para Buford – um tubo de drenagem com um pequeno balão que

foi inflado dentro do intestino. A intenção era interromper o crescimento do buraco, que eu agora apelidara carinhosamente de “buraco de bala”.

Menos de uma semana depois, voei para Saint Louis para fazer um discurso motivacional para cerca de 30 veteranos das Forças Armadas que começaram a participar da confraria The Mission Continues [A Missão Continua], uma organização sem fins lucrativos fundada pelo ex-Navy SEAL Eric Greitens. (A ideia: desafiar os veteranos pós-11/9 a servir e a inspirar outras pessoas nas comunidades em todos os Estados Unidos e ajudá-los a encontrar o mesmo senso de propósito que eles tinham quando estavam de uniforme.)

Na noite antes do discurso, as leis da física de alguma forma forçaram esse balão a se mover rapidamente através do intestino e alojar-se em meu músculo abdominal.

Eu cerrei os dentes na manhã seguinte, fiz minhas observações e, em seguida, voei para casa e me internei no hospital, o que se transformou em uma estadia de uma semana.

Quando os médicos me disseram que um tubo de alimentação era agora inevitável, esperei novamente até ficar sozinho com meus próprios pensamentos, fiz uma oração e deixei as lágrimas fluírem. A ideia de não ser capaz de comer – de ser impedido de fazer algo tão fundamentalmente alegre, social e *normal* – era muito cruel.

Desde que era um garotinho, eu não conseguia me lembrar de ter chorado tantas vezes como fiz naquele ano que passou. Quando jovem, talvez eu tenha chorado uma dúzia de vezes em 15 anos, com grande tristeza nos funerais de meus avós e com alegria no meu casamento e no nascimento de vocês, meninos.

Agora eu via uma profunda tristeza e alegria em tudo. Como um amigo meu brincou, eu chorava em truques de cartas e inaugurações de supermercados.

Eu também ri tanto quanto fazia antes, e eu sempre ri muito.

O riso vem naturalmente para mim durante as dificuldades e as crises, mas

eu acho que seria enganoso dizer que isso é apenas uma característica minha. O humor é um mecanismo de enfrentamento que se pode escolher, e ele sempre pareceu me recompensar, então eu o escolhi diversas vezes.

Durante toda a minha vida, procurei perspectivas que poderiam extrair riso da dor, e tive um início precoce com uma família de alcoólatras e um valentão no chuveiro da escola. Encontrar e compartilhar o humor com dignidade, graça e até mesmo respeito por aqueles que não veem humor em uma situação desagradável dá trabalho, para que isso não pareça uma atitude grosseira. Tenho certeza de que todos nós já vimos o resultado devastador de uma piada fora de hora ou deslocada.

Com o tempo, eu aprendi a consolar os outros e a mim mesmo na seguinte relação proporcional: quanto pior a situação, mais engraçada será a história.

★ ★ ★

Muitas vezes, encontrar o humor nas situações não só produz uma sensação boa, mas me ajuda a me comunicar, particularmente com três rapazes. O humor nos ajudou a entrar em temas que vocês, se não fosse assim, teriam deixado passar.

Poucas semanas depois de voltar para casa após a grande cirurgia, comentei com vocês todos que eu agora era tão útil quanto a gata da família, Abby. Tudo o que eu fazia era comer, dormir e defecar. Pelo menos a gata tinha sua caixa de areia e realmente não cheirava mal quando passeava pela casa. Mesmo que eu não achasse aquela comparação tão engraçada, vocês, meninos, acharam, e isso nos ajudou a falar sobre todos os tipos de tópicos relacionados.

Dois anos após a cirurgia, meu sistema digestivo e o fígado tinham sido permanentemente danificados, e o cheiro que ainda vem de mim só pode ser descrito como anormal. Qualquer pessoa que tenha feito uma viagem de caça ou camping e passado pelos efeitos de uma mudança de dieta pode começar a se identificar.

Além dos gases de odor fétido, meus sacos de drenagem são sacos portáteis de cocô fedido. Eles me acompanham em todos os lugares e produzem um odor tão permanente como urina de gato ou perfume de gambá.

Às vezes, Kristin me segue pela casa, certificando-se de que o gás não se transformou em um líquido. Nada detém o cheiro – e, acreditem, nós tentamos.

E a gata não discorda da comparação. Antes da cirurgia, Abby sempre queria se sentar no meu colo; eu sempre a empurrava e dizia que a bunda dela fedia. Agora, ela nem chega perto de mim. Ela normalmente passa por mim, faz uma pausa, olha para cima, então continua seu caminho. Eu não posso deixar de ouvir o que ela está pensando durante essa pausa: “Sabe de uma coisa? O fedor não vale a pena. Esqueça o cafuné e o colo quentinho. Eu vou esfregar meu pescoço na escada de cimento e me deitar ao sol”.

Cheguei à conclusão de que tudo o que posso fazer é pedir desculpas para Kristin e todos vocês e rir, aceitando a declaração de Kristin de que um dia a gente vai tacar fogo na mobília e fazer uma gigantesca fogueira no quintal. Kristin e eu ainda rimos do tempo em que ela me disse carinhosamente que eu teria que me virar sozinho para administrar minha lavagem intestinal em casa.

A adição de um tubo de alimentação um ano depois apenas fortaleceu a analogia com a gata, já que, assim como Abby, eu não estava autorizado a comer alimentos na mesa. Na verdade, quando se tratava de comida, eu era mais como os gatos mimados que se empinavam em comerciais de TV.

Comida de um saco? Argh. Minha comida só pode vir de uma lata.

★ ★ ★

Às vezes ajuda quando temos algum outro motivo para chorar. Quando eu tinha uns 14 anos de idade, bati o dedão tão forte que ele sangrou. Meu pai cruzou comigo quando eu ainda chorava de dor. Ele expressou preocupação, passou a mão nas minhas costas e disse que ficaria tudo bem, e então de repente ele me deu um chute na perna.

– Como é que seu dedo do pé se sente agora? – disse ele com uma risada.

Sua técnica pode parecer sádica, e não era a primeira vez que eu experimentava isso, mas funcionou. Ele literalmente me deu algo a mais para chorar, ou pelo menos outra coisa para pensar.

Quando você acha que sua vida é ruim ou injusta, faça uma visita ao hospital infantil, ao hospital dos veteranos ou a um hospital psiquiátrico local para chutar a si mesmo em sua perna. Não vai mudar em nada sua situação, mas certamente fará com que olhe para suas próprias dificuldades de uma forma diferente.

Um amigo meu, John Kriesel, perdeu as duas pernas no Iraque e passou mais de um ano no hospital e na reabilitação. Ele comentou comigo:

– Graças a Deus eu não tenho o que você tem.

Você vai sempre encontrar alguém que esteja pior do que você.

★ ★ ★

A única coisa que você precisa saber sobre o câncer é que ele é uma merda, literalmente. Depois das cirurgias e da quimioterapia vem tudo que se possa imaginar: de prisão de ventre a diarreia, de mau cheiro ao desastre total, tanto em público quanto em casa. Dignidade pessoal é o que está em jogo, e, se você não conseguir encontrar nem que seja um pouco de humor na existência inevitável de tudo isso, a dignidade é o que eu acho que se perde mais rapidamente.

Como muitas vezes acontece na vida, o momento mais miserável, humilhante, indescritível acaba por ser o mais divertido de todos.

Eu estava em casa, em recuperação, havia apenas algumas semanas, e ainda tomava altas doses de Dilaudid, que colocava meu trato digestivo para dormir junto com minha dor. Horas de imensa dor no meu abdômen superior viraram uma febre e calafrios constantes, por isso fomos para o pronto-socorro.

O médico solicitou uma tomografia e descobriu uma porção parcialmente

obstruída do intestino em sua parte superior, perto do estômago. Embora eu tivesse movimentos intestinais regulares, o médico do pronto-socorro disse que as obstruções ainda ocorriam e era preciso fazer uma lavagem intestinal.

O que aconteceu a seguir só pode ser descrito como um processo de tortura profissional em nome da medicina – afogamento na ordem inversa.

Eles me levaram pelo corredor e me colocaram em cima da mesa de raios X, que mais parecia uma grande bancada. O pensamento de que eu receberia minha primeira lavagem intestinal enquanto estava com tanta dor e tão entorpecido pelos medicamentos causou ansiedade suficiente por si só; que piorou depois de saber que aquele era o primeiro dia de trabalho da enfermeira.

Fiquei olhando incrédulo quando ela arrastou o suporte com o saco de fluidos do tamanho de um galão e que seria bombeado em mim pelo meu traseiro. Sua ênfase em dizer que o fluido estava quente de fato não ajudou a melhorar meu humor.

Após a preparação, que incluiu inflar um balão dentro de meu reto para evitar que o fluido saísse, o médico entrou no quarto. Mordi o lábio para não cair na gargalhada e considerei a possibilidade de estar tendo alucinações.

O pequeno homem asiático estava vestindo uma espécie de camisola preta que parecia de plástico, e que estava tão amarrada – e com tanta força ao redor de seu corpo –, que parecia que ele tinha sido enrolado nela.

A única luz no quarto vinha do monitor em frente a ele, o que fez sua camisola brilhar; os dentes também brilhavam com a luz e seus pequenos óculos de aros redondos pareciam óculos de sol. Um gorro escuro amarrado na testa completava a vestimenta. O doutor parecia uma versão “cientista louco” do sr. Miyagi, do *Karatê Kid*.

Ele era simpático, mas muito direto, e isso me revelou que, provavelmente, ele tinha muita experiência com pacientes que não gostavam da ideia de ter um galão de fluido bombeado para dentro do corpo por sua porta dos fundos. Ele estudou as imagens da tomografia com as sobrancelhas erguidas.

– Ah, tem muito cocô lá.

Eu lhe disse que tinha movimentos intestinais regulares, mas eu poderia muito bem estar conversando com a parede.

– Sim, muito cocô lá... Não normal lá...

O sr. Miyagi pediu que os técnicos liberassem o fluido, e a única coisa que parecia estar faltando era uma risada maníaca depois que ele disse isso.

A dor provocada por aquele fluido se mostrou imediatamente insuportável, e a pressão empurrou todo o lodo amarelo para fora de Buford e para meu estômago.

– Vinticinco por cento lá... Bom.

Cerca de 30 segundos depois:

– Cinquenta por cento...

E bem aí, a mesa inteira de raios X começou a se mover. Eles não tinham me preparado para esta parte do show de horrores, e estar sob o efeito de drogas não ajudou.

Agora eu estava invertido na mesa a 45 graus, com os pés erguidos e a cabeça perto do chão.

– Meu Deus, me tirem daqui – gritei, meio rindo e meio a sério.

A dor era tão intensa que eu não pude evitar gemer pateticamente.

– Setentacinco por cento agora.

A mesa movida por *poltergeists* se inclinava para frente e para trás novamente.

– Noventacinco por cento... Agora tudo limpo. – Mas, 30 segundos depois, o médico repetiu: – Noventacinco por cento.

– Ei! – gritei. – Você já falou noventa e cinco por cento!

Eu podia ouvir as suaves risadas na sala vindo dos técnicos, mas o doutor não mexeu uma palha enquanto eu uivava como um bebê de 72 quilos.

– Noventaseis... Noventisete... – uma longa pausa – Noventaioito... Precisa mandar tudo embola... Acledite... Melhore a maneira de limpar intestino essa. Aguenta cinco ou dez minutos, depois fica bom.

Acho que nunca quis socar um homem mais do que queria espancar aquele médico bem ali.

Finalmente Miyagi terminara. A enfermeira afastou um pouco o resto do fluido e então sugeriu que eu poderia ir ao banheiro.

– Não – disse a ela. – Se manter isso aqui dentro por cinco minutos vai ajudar a tirar a lama das paredes, então me deixe quieto – e foi o que ela fez.

O que aconteceu depois, e durante todo o resto do dia, não pode ser adequadamente descrito por palavras. Coitada de minha extremidade traseira. Amigos me perguntaram se me sentia melhor, mas eu nem sabia o que isso significava. Tudo o que eu sabia era que, quando a dor se foi, eu ri até chorar cada uma das três vezes que compartilhei essa história durante os dois dias seguintes, o que foi maravilhoso.

★ ★ ★

Quando você trabalha para os mais altos escalões das Forças Armadas, há uma exigência vital para levar as coisas a sério e uma tendência natural para se levar muito a sério também. Mas, ao longo da minha carreira, descobri que geralmente há um tempo, um lugar e uma forma de garantir que o ar não fique tão pesado no trabalho.

A maioria das pessoas que trabalha no Pentágono tem um horário normal de trabalho. Mas, se você trabalha na assessoria pessoal de uma alta autoridade, a vida pode ser muito diferente. E o dia de trabalho não fica muito mais agitado do que trabalhar para o presidente do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. Eu saía de casa às 4h30 da manhã, e na maioria das vezes não voltava até depois que vocês, rapazes, já estavam na cama. Era um trabalho árduo e estafante, mas eu o adorava.

Todos os dias, quando ia para meu escritório no Pentágono, passava por fotos enormes do secretário de Defesa Rumsfeld, do presidente do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, general Myers, e do vice-presidente,

general Pace. Num escritório de assuntos públicos, essas fotografias eram como troféus, um reconhecimento fotográfico da importância desses líderes.

Uma das fotos mostrava o general Pace fazendo um discurso em uma prefeitura, com Rumsfeld em pé mais ao lado, virado para Pace com um olhar intenso. Todos no escritório deram uma boa risada quando adicionei um balão de papel na foto acima da cabeça de Rumsfeld com as palavras: “Uau, ele é bom!”.

No dia seguinte, a foto tinha ido embora. Mais tarde, descobrimos que o general Pace tinha mandado buscá-la. Talvez eu tivesse ido longe demais.

Poucas horas depois, soubemos da história completa. Pace tinha adorado a referência e levado a foto para mostrá-la a Rumsfeld. Rumsfeld adorou a foto também, e logo a mostrou para alguns visitantes importantes. Pace trouxe a foto de volta a seu gabinete para devolvê-la a nós, mas logo ela desapareceu novamente. Rumsfeld tinha mandado buscá-la porque queria mantê-la consigo. Ele até enviou a Pace uma mensagem pessoal sobre isso e depois o chamou para serem fotografados em seu gabinete junto com a foto.

Hoje, tenho a foto deles dois, com grandes sorrisos no rosto, segurando minha foto de gozação, assim como o bilhetinho que Rumsfeld escreveu a Pace naquele dia.

PARA: *General Pete Pace*

DE: *Donald Rumsfeld [com as iniciais manuscritas]*

ASSUNTO: *Foto “Uau, ele é bom”*

Eu vejo que você está na parede de meu gabinete sob Karzai e Musharraf.

Boa companhia. Todas as fontes de inteligência relatam que um dos principais membros do Comitê “Pete Pace Líder Máximo” colocou a foto no local. Às vezes você tem que fazer as coisas por si mesmo, acho.

E, sim, você é bom.

DHR

Rumsfeld estava se referindo ao fato de que Pace era um candidato para substituir o general Myers como o principal chefe militar da nação. Logo após esse incidente, o general Pace foi escolhido para ser o novo presidente, e mais tarde ele me enviou o bilhetinho de Rumsfeld com uma mensagem pessoal manuscrita na margem inferior:

Mark,

Nunca deixe uma promissora carreira ficar no caminho de uma boa piada!

Com todo respeito,

Peter Pace

General, Corpo de Fuzileiros Navais

16 ° presidente do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas

Assim como o “passo de ganso”, há tantos anos, esse pequeno gesto – que, neste caso, foi um pouco de humor bem colocado em meio ao caos da vida – gerou mais atenção positiva do que eu tinha esperado.

★ ★ ★

Meu tempo de serviço no Iraque abarcou tantos momentos absurdos quanto os que aparecem no famoso livro de Joseph Heller, *Ardil-22*.

Houve o voo lotado com Babakir, no qual ele foi chamado aleatoriamente para mediar uma briga entre um britânico e um viajante árabe. Ou a época em que minha caminhonete Ford Explorer (com as credenciais da coalização) foi roubada de um estacionamento e eu temia que tivesse sido transformada em um carro-bomba. Teve também a ocasião em que, contra minha vontade e por insistência de Babakir, fomos passear por Bagdá dirigindo um carro antigo e todo enferrujado, sem escolta, sem armas e sem equipamentos de proteção.

Em seguida, houve a noite no Iraque, quando eu tinha acabado de cair em

minha cama depois de um dia muito longo e ouvi o que parecia ser uma combinação de milho de pipoca estourando com granizo caindo no telhado do trailer.

Meu companheiro de quarto desligou a TV, e eu me atirei para fora da cama. Quando moramos no Forte Leonard Wood, Kristin e eu podíamos ouvir centenas de soldados disparando suas armas a vários quilômetros de distância de casa. Este ruído, no entanto, soava como dezenas de milhares de pessoas disparando suas armas de todas as direções, incluindo o *tum-tum-tum* de metralhadoras pesadas.

O Iraque tinha vencido a Síria em um jogo de futebol.

Soubemos no dia seguinte que a celebração matou 43 cidadãos de Bagdá.

Em termos de pura densidade do absurdo, no entanto, nada se compara a minha aventura como um acidental traficante de armas.

Durante um encontro social de todos os conselheiros do Ministério da Defesa do Iraque, recebi uma ligação no meu celular. Era o primo de Babakir, Kurdo, e eu podia ouvir Babakir falando ao fundo. Ele precisava de ajuda. Vários caminhões haviam chegado a um posto de checagem da coalizão, carregados com armas para o Exército iraquiano, e eles não foram autorizados a passar.

Um dos consultores seniores, um general australiano, disse que não achava que eu pudesse ajudar:

– Não, companheiro, é preciso chamar o J4 iraquiano (logística) para que se envolvam nesse processo. Apenas fique fora disso.

Ainda que eu concordasse inteiramente com isso, eram 5h30 da tarde de uma sexta-feira, e esse fora um pedido pessoal da mais alta autoridade referente a uma questão de um posto de verificação da coalizão.

Fui até lá e expliquei a situação para o oficial que aconselhava o Ministério da Defesa iraquiano em questões de logística. Em vez de ajudar, ele desabafou sua frustração sobre trabalhar com os iraquianos, e então me deu um conselho inútil:

– Eu acho que este é um excelente exemplo de onde devemos deixar que eles fracassem.

Além disso, explicou, não havia procedimentos protocolares de como lidar com essa questão.

– Uau, isso é brilhante – respondi. – Então vai ensinar-lhes a não usar procedimentos onde não existem!

Não tinha ideia de como iria realizar a tarefa, mas não fazer nada não era uma opção. Sabendo que Kurdo já estava a caminho, corri pelo andar onde estávamos reunidos, entrei pela porta e descí as estreitas escadas.

BAM! O som de um taco batendo numa bola.

A parte inferior de meu corpo foi atirada para a frente e dei uma cambalhota para trás enquanto tudo que eu levava nas mãos voou pela sala, e aterrissei no piso de cimento lá embaixo.

Eu tinha me esquecido de baixar a cabeça e minha testa bateu no patamar acima.

Imediatamente ouvi dois oficiais a apenas alguns passos gritarem “Oooh!”. Eles correram na minha direção enquanto eu tentava me sentar.

– É melhor você esperar um momento – disse um deles.

– Estou bem... – respondi. – Eu só preciso de um minuto aqui, sei que deve ter parecido ruim, mas meu orgulho está mais ferido do que qualquer coisa...

O galo na minha testa e o sangue escorrendo não me fizeram muito convincente.

– Não tem como saber, cara. Talvez seja melhor alguém dar uma olhada nisso – replicou o oficial.

Sentei-me ali pacientemente, mas meu foco ainda estava no posto de controle. Fiquei lá por alguns minutos para satisfazer meus amigos Bons Samaritanos, então me levantei, agradeci aos oficiais a ajuda e saí correndo porta afora.

Quando cheguei ao posto de controle 18 no extremo oeste da Zona Verde,

parecia que eu tinha entrado em outra dimensão. Esse posto de controle era gerenciado pelas tropas russo-georgianas e usado tanto por soldados iraquianos quanto por uma miscelânea de intérpretes que poderiam falar russo e árabe, mas não inglês. Kurdo podia falar inglês e curdo, mas não árabe. Então, nenhum de nós conseguia se comunicar uns com os outros, a não ser por meio de gestos frenéticos e expressões faciais.

Apontar para os caminhões de armas foi tudo que eu precisei fazer para esclarecer por que estávamos lá.

Os caminhões estavam estacionados depois dos muros. Kurdo puxou meu casaco nervosamente, implorando que eu ficasse para trás, para minha segurança. Sua ansiedade era compreensível. Apenas alguns meses antes, um grande caminhão de abastecimento havia tentado passar por um posto de controle e explodiu enquanto era revistado.

Claro que eu estava ansioso, mas não tinha a intenção de ficar atrás dos muros gritando ordens para as pessoas, mesmo que isso fosse possível. Olhei na parte de trás dos caminhões e coloquei as mãos na cabeça. Havia pelo menos mil armas que tinham sido simplesmente atiradas na carroceria do caminhão em uma pilha enorme. Imaginei que esse arranjo casual era o que tinha deixado os guardas nervosos, de modo que fizemos nosso caminho de volta para o posto de verificação.

Os georgianos tinham chamado sua hierarquia de comando e, dez minutos mais tarde, um capitão e um tenente georgianos apareceram. O tenente tinha pelo menos dois metros de altura, não falava inglês e se parecia com o Dolph Lundgren em *Rocky IV*. Ele usava um uniforme impecável e um elegante par de óculos de sol.

Ao lado do gigante estava um capitão georgiano mais baixo e com um inglês razoável. Ele pareceu competente, mas parecia que tinha acabado de ser tirado de um saco de lona. O uniforme estava incompleto, o equipamento mal atado, a cinta do capacete fora puxada para longe do queixo e um cigarro pendia de seus lábios.

Os georgianos eram todos novos nesse trabalho, de modo que o capitão nem mesmo sabia a origem do problema. Ele finalmente veio até mim e disse com um pesado sotaque russo:

– Todas as caminhões de munição deve ir a posto 2, seníorrrr.

Minha mente brilhou. Esse posto de verificação 2 era o mesmo onde aquele caminhão tinha explodido havia alguns meses. Kurdo explicou que os motoristas tinham vindo para este posto, e não aquele, porque estavam aterrorizados com a ideia de serem sequestrados, como acontecera com o outro caminhão.

Na minha voz mais educada, disse ao capitão da Geórgia que eu trabalhava com o chefe de Defesa do Iraque e pedi a ajuda dele só daquela vez. Ele assentiu com os olhos fechados, como se estivesse disposto a ajudar, mas não estava nem um pouco feliz em fazê-lo.

O pequeno capitão amarrotado, em seguida, virou-se para Dolph e deu uma instrução casual. O tenente assentiu com um olhar intenso, depois sacou o rádio de suas costas como uma espada. Ele falou no rádio com um tom e um volume que fizeram soar como se ele estivesse pedindo um ataque aéreo sobre nossa posição:

– *Alpa ex-rey, alpa ex-rey, slokem yak solum snowdney, glock snukem sleepney gope, jeneraley mit iraq* – ele fez uma pausa para olhar meu nome escrito na etiqueta – *Mayore Waberi... jeneraley iraq mit, Mayore Wa-beri.*

(Parafraseando, com desculpas para os falantes de língua russa em todos os lugares.)

Após algumas discussões e desentendimentos, foi autorizado que os caminhões fossem revistados naquele posto de verificação e depois pudessem passar. Foi uma pequena vitória, e eu realmente me perguntei o que eu tinha conseguido. Será que eu acabara de dar uma lição a Kurdo e aos soldados da Geórgia, uma lição de que as regras foram feitas para serem quebradas?

Enquanto os caminhões estavam sendo vasculhados, fui conversar com os motoristas atrás de uma parede de proteção contra explosões. Por meio de

gestos e sorrisos, eles tentaram explicar como estavam sedentos e famintos e mostraram seu dinheiro iraquiano, como se eu fosse um vendedor de lanches; eles tinham ficado com muito medo de parar em qualquer lugar.

Quando seus caminhões foram liberados, disse a eles que me seguissem pela cidade rumo ao Ministério da Defesa. Por ignorância ou completa desconsideração, eles se lançaram diante de mim como se alguém tivesse dado a bandeira verde num dia de corrida. Eles dirigiam como adolescentes numa pista de kart, ultrapassando um ao outro nas esquinas e acelerando seus caminhões, lotados de armas.

Enquanto corríamos pela cidade, minha cabeça ainda latejava do tombo e o sangue seco na testa estava preso à faixa interior de meu capacete de Kevlar como se fosse cola. Mas eu estava bem. Tudo estava bem. E esta perspectiva me ajudou a separar o perigo da situação do humor do resultado.

Se Nietzsche tivesse um melhor senso de humor, ele teria dito: “Aquilo que não o mata o deixa mais engraçado”.

★ ★ ★

Joseph Heller nunca escreveu outro grande romance satírico depois de *Ardil-22*. Talvez porque ele não tivesse câncer.

Seis anos depois do meu dia como um traficante de armas, eu me encontrava em Rosemount, Minnesota, em dezembro. Matthew, você ia participar de um torneio de natação, Kristin já estava lá, e eu estava atrasado. Mandeí uma mensagem para Kristin pedindo que me lembrasse onde era o evento. “Escola Lakeville South.” Eu pesquisei as indicações no Google, peguei algo para comer e saí voando pela porta.

Depois de 30 minutos no carro naquela viagem de 35 minutos, surgiu um vazamento no enorme maço de ataduras que cobria a profunda incisão no abdômen, e eu podia sentir a bile quente e o fluido pancreático gotejando na minha barriga e nas minhas calças. (Esses fluidos são cáusticos e foram

responsáveis por “comer” o buraco no meu abdômen desde a cirurgia um ano antes.)

Xingando-me por não ter mudado as bandagens antes de sair de casa, estendi a mão sem olhar para o banco do passageiro, procurando minha “sacola de viagem” de ataduras, mas não havia nada. Visualizei-a bem onde eu a deixara, na porta dos fundos.

Apontar!

Lembrei-me de que havia uma loja Target em Lakeville, que era perto, assim alterei o curso. Eu me xingava enquanto pegava todos os guardanapos de lanchonete que podia encontrar no porta-luvas em uma tentativa de controlar a crescente confusão na minha barriga. (Só para lhes dar um pouco de perspectiva, eu costumava usar 24 bandagens de quatro camadas todos os dias. Mas nos dias de fluxo mais “pesado” – sim, garotas, eu conseguia me identificar com vocês – seria o dobro dessa quantidade. E aquele dia... era um dia de fluxo pesado...)

A ideia de comprar algumas fraldas passou pela minha cabeça quando vi que eles vendiam apenas bandagens embaladas individualmente, dez em cada caixa. E havia apenas duas caixas na prateleira. Isso nunca seria suficiente para as próximas quatro horas. (Sim, o corredor de produtos para senhoras agora faz parte do meu plano de resposta de emergência para futuros incidentes, mas eu ainda estava aprendendo naquela época.)

Desgostoso com minhas circunstâncias, e sentindo a pressão de chegar ao evento de Matthew no horário, peguei as caixas na prateleira, caminhei até o caixa e depois fui ao banheiro da loja. Eu levantei a camisa e deixei cair na pia as duas dezenas de guardanapos encharcados de bile amarela. Depois arranquei a massa de fitas e ataduras molhadas e as deixei cair na pia também.

Eu precisava de algo para limpar a bile ácida da minha pele, então entrei numa das cabines procurando por algum papel higiênico, ainda segurando minha camisa na altura do queixo para evitar que ficasse mais suja.

Quando me virei para voltar para a pia, um funcionário entrou. Seus olhos

se arregalaram como pires quando ele viu a cena: *Um homem parado no meio do banheiro segurando um maço enorme de papel higiênico em uma mão, e a outra mão segurando a camisa até o queixo, ao lado de uma pia cheia de bandagens e guardanapos amarelos fedidos, ostentando tripas expostas com uma cicatriz enorme de 50 centímetros, uma ferida aberta que parecia um buraco de bala com gosma amarela saindo dela, e tubos com uma grande bolsa de drenagem pendurada em plena vista.*

Imaginei um balão de quadrinhos aparecendo acima da cabeça dele com as palavras “Que tipo de show de horror está rolando por aqui?”.

Ele desajeitadamente ofereceu ajuda, mas eu disse que tinha tudo sob controle.

– Parece pior do que é... Verdade, estou bem.

Quando finalmente saí do banheiro, era como estar ouvindo um daqueles antigos toca-discos e a agulha arranhando o disco de vinil. Cada funcionário nas caixas registradoras olhou na minha direção, eu me senti como se eu fosse um acidente de carro na autoestrada. No caso, meu acidente estava segurando o trânsito na Target.

O acidente com as bandagens agora tinha me deixado ainda mais atrasado. Quando estacionei na escola, suspirei de frustração; o lugar parecia um complexo industrial, e não havia sinalização externa. “Basta chegar na entrada principal. Não tem como errar”, disse Kristin. “E depressa, a competição está começando.”

Olhei para uma placa com setas no hall de entrada – não havia menção a nenhuma piscina.

Havia crianças por toda parte.

– Desculpe-me – perguntei enquanto uma delas passava por mim correndo.

– Você pode me dizer onde fica a piscina?

Ele olhou para mim com um olhar vazio e não disse nada. Insisti:

– Você é desta escola?

Ele finalmente murmurou uma resposta:

– Hã, sim... Hum, acho que não temos uma piscina.

Liguei de volta para Kristin.

– As pessoas aqui me dizem que não tem uma piscina. Eles disseram que sua piscina está em um lugar chamado Escola Kenwood.

– Bom – disse ela –, eu não sei o que dizer. Eu vi a placa, e dizia Lakeville South. É melhor se apressar, você vai perder o Matthew.

Era em Kenwood. Eu estava indignado.

O torneio de Matthew começou e terminou, e, como se fosse combinado, minhas inadequadas bandagens compradas na loja Target começaram a vazar novamente. Eu estava em parte irritado com Kristin por ela ter me passado o que eu pensava ser indicações erradas, mas estava mais bravo comigo mesmo por estar bravo com ela. Eu não tinha ninguém para culpar, a não ser a mim, e sabia disso.

Acelerei o carro de volta para casa, chateado com o mundo. Não só eu perdera uma competição de natação para a qual Matthew tinha se preparado muito, mas também aquela bile quente e fedida continuava a vazar nas minhas calças, que estavam encharcadas até a virilha. Era como se estivesse lentamente fazendo xixi em mim mesmo, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Não tinha mais bandagens. Não tinha mais guardanapos de lanchonete.

De repente... luzes. Vermelhas e azuis, no meu espelho retrovisor.

Você achava que não podia piorar, Weber? Tem muito ainda pela frente, idiota.

– Carteira de motorista e documentos do carro, por favor – disse o policial educadamente, fora do meu campo de visão. Dei-lhe meus documentos.

Dentro de um segundo, observando minhas placas da Guerra do Iraque e meu uniforme no banco de trás, ele perguntou:

– Você está na ativa?

– Estou.

Ele devolveu meus documentos e entrou no meu campo de visão.

– Esqueça os documentos do carro. Você sabe por que eu parei seu carro?

– Sei – respondi. – Eu estava em alta velocidade... Eu sei que estava em alta velocidade.

Eu usei um tom que era humilde, mas não miserável. Eu não tinha desculpa, e não iria inventar uma.

– Por que você está com tanta pressa? – perguntou o policial.

– É que estou numa terrível confusão aqui, e suponho que por isso fiquei com pressa de chegar logo em casa.

– O que há de errado? – perguntou ele.

Eu ri e disse:

– Bem, isso vai parecer descarado, uma vez que eu estava em alta velocidade, mas já que está perguntando... – levantei a camisa para revelar minha bagunça Frankenstein. – É isso.

Seu rosto parecia com o do empregado da Target.

– Você precisa de alguma ajuda? Ainda pode dirigir? Posso levá-lo para algum lugar?

– Eu sei que isso parece ruim, mas juro, estou bem... É apenas uma confusão, e estou tentando voltar para casa.

Ele dispensou a conversa fiada.

– Bem, vá com calma, e vá um pouco mais devagar, tudo bem?

– Tudo bem.

– E obrigado por nos servir no Iraque – acrescentou.

★ ★ ★

Nem todas as lágrimas são de tristeza ou desespero. Às vezes, elas são fruto do orgulho e de uma alegria sem limites, e acredito que, se existe algo como um tônico para a alma, é esse sentimento.

Matthew, você era um calouro tímido e quieto, uma personalidade que você trazia desde o nascimento, pelo menos junto de seus pais. Vários meses depois da minha cirurgia maciça em agosto de 2010, você nos contou que

estava tentando um solo no coro da escola. Kristin e eu descartamos a ideia, pensando que provavelmente significava apenas um teste para o próprio coro.

Depois de semanas de novidades, você chegou em casa e gritou para mim no quintal:

– Ei, pai, consegui o solo!

Fui falar com Kristin e disse:

– Ele está falando sério. O que diabos você acha que está acontecendo aqui? Você consegue vê-lo cantando um solo?

– Não – respondeu ela com um sorriso. – Isso deve ser interessante.

É claro que a gente acreditava que você era capaz, mas essa história de correr atrás dos holofotes era completamente atípica.

Fomos para a apresentação do coral com a expectativa de ver um calouro ambicioso conseguir um A pelos esforços, mas recebemos uma surpresa. Sua voz ressoou, você estava em completa harmonia com o piano, e ficamos encantados.

Poucos meses depois, você cantou novamente. Estávamos bem preparados dessa vez, mas ainda em um estado de estupefação. Olhando para o programa da apresentação, soubemos que você tinha ganhado um monograma da escola e fora um dos três estudantes votados pelos colegas como o Membro de Mais Valor do Coro – duas distinções que você não havia mencionado. Enquanto estávamos tentando processar essa informação, o espetáculo começou.

A canção se chamava “Tell My Father” [Conte a meu pai], que nenhum de nós dois tinha ouvido antes. Você não só cantou no tom certo, mas com uma convicção e uma emoção que eram estranhas para mim até aquele momento.

Diga ao meu pai que seu filho não fugiu... nem se rendeu

Meus olhos irromperam em lágrimas, enquanto eu tentava recuperar o fôlego. Você cantou, dizendo a nós que ele tinha carregado seu nome de família com honra, sabendo que todos nós somos julgados pelo que fazemos...

“Enquanto estamos de passagem.” O resto do coro se juntou a você e as palavras continuaram a me deixar sem fala. A canção era uma balada sobre um soldado da Guerra Civil Americana, pedindo que um mensageiro desconhecido dissesse a seu pai que ele usava o uniforme azul – o mesmo uniforme que eu uso hoje –, com orgulho, que suportava o sacrifício necessário, que tinha se tornado um homem, e que seu pai não deveria chorar por ele.¹

Eu podia ver você cantando as palavras com muita emoção enquanto olhava para nós de vez em quando com o canto do olho.

Será que você realmente entendeu o pleno significado por trás da música?

Seu solo continha palavras e ideias que você me ouvira dizer em inúmeras ocasiões, em particular desde meu diagnóstico, para ser forte e corajoso diante do desconhecido, e que vocês são julgados por seus atos nesta vida. E é claro que você sabia de minha paixão pela vida militar – mas será que também se lembrava do meu profundo interesse na Guerra Civil Americana? Ou o tema foi apenas coincidência? Você sempre foi tranquilo com a gente a respeito de suas emoções e pensamentos, sobretudo com relação ao câncer, e eu queria desesperadamente acreditar que você estava se comunicando diretamente comigo através dessa canção.

Então você cantou uma música sobre como iríamos nos encontrar novamente um dia, mas como homens, e com honra, e mais uma vez eu senti o ar sendo puxado de meus pulmões.

Foi a última música do espetáculo. Eu não sabia o que esperar de você quando calmamente se aproximou de mim com um olhar impassível no rosto. Tentei me manter firme quando estendi a mão para você, sem dizer uma palavra, e rapidamente o puxei e o apertei contra meu peito enquanto as lágrimas corriam de maneira incontrollável e preenchiam meus olhos de novo. Senti seu corpo suavemente se aconchegar mais em meus braços quando você chorou de mansinho, me abraçou apenas um pouco mais apertado e disse:

– Eu te amo, pai.

Eu ri de vergonha. Eu raramente ouvia essas palavras e nunca as tinha ouvido sendo ditas com tanta emoção. Elas fizeram minha garganta ficar mais apertada. Tentei aliviar o momento, tanto para mim quanto para você.

– Meu Deus, parecia que você estava cantando para mim, cara.

– E estava, pai – você respondeu.

Inúmeros leitores do meu diário on-line pediram desculpas por rir enquanto tinham lágrimas nos olhos ao longo dos últimos dois anos. Mas eu acho que esta é realmente a questão sobre a qual MacArthur estava falando.

Proponho a vocês que há um tempo e um lugar para chorar e rir. E descobrir como chorar e rir no sofrimento ou na morte é uma habilidade que vale a pena transformar em uma arte quando se é jovem.

Vocês já repararam como bebês rindo nunca deixam de nos trazer um sorriso e uma sensação de calor, não importa como nos sentimos? As endorfinas não surgem por acaso, é preciso encontrar o gatilho do riso.

Vocês, rapazes, se lembram das vezes em que fiz vocês rirem quando estavam tristes ou com raiva? Eu fazia vocês rolarem de rir, mas vocês continuavam tentando evitar que aquele sorriso ou gargalhada chegasse. Vocês se recusavam a rir.

Todo mundo parece achar muito mais fácil nos deixar chorar. Veja o que acontece quando você se permite rir.

Muitas vezes, em uma vida boa, você vai rir até chorar. E muitas outras vezes você vai chorar até rir. No final, rir e chorar são como primos, e não desconhecidos. É desse jeito que os seres humanos honestos respondem a uma vida na qual se permitem amar, e minha esperança é que vocês tenham muitas lágrimas ao longo da vida, e de todos os tipos.

1. O desempenho de Matthew pode ser visto em <<http://www.youtube.com/watch?v=CfDiq1rKcuQ>>.

Capítulo 8

DESCOBRIR O SENTIMENTO DE ADMIRAÇÃO, A
ESPERANÇA INABALÁVEL SOBRE O QUE VEM A SEGUIR E
A ALEGRIA E A INSPIRAÇÃO DA VIDA.



Agosto de 2012 (dois anos depois do diagnóstico)

NOVEMBRO DE 2010

Apenas três meses depois do meu primeiro diagnóstico e da cirurgia que mudou minha vida, fui homenageado em um jogo de futebol americano do Minnesota Vikings diante de 64 mil espectadores. Eu fiquei de pé naquele campo usando meu uniforme de serviço do Exército, parecendo bastante patético e me sentindo ainda pior.

Sob meu uniforme, eu era um desastre. Mal era capaz de me sustentar em meus magros 59 quilos. Que diabos eu estava fazendo nessa festa de comiseração em grande escala?

O locutor resumiu em linhas gerais meu tempo de serviço no Exército e meus parcos feitos e disse que eu estava sendo homenageado como o Herói da Cidade. Aplausos dispersos se seguiram.

Em seguida, ele explicou que eu tinha me preparado para outro período de serviço em combate naquele verão, escolhido a dedo por Petraeus para servir com ele no Afeganistão, mas algumas semanas depois tinha sido diagnosticado com câncer em estágio IV. A multidão ficou em silêncio.

O locutor passou a descrever minha perseverança e minha atitude desde que tinha sido diagnosticado com a doença, apresentou minha esposa e meus filhos e, em seguida, anunciou meu nome como se ele estivesse bradando o nome de um gladiador no Coliseu romano.

Aqueles 64 mil fãs ficaram em pé e aplausos explodiram. À minha frente, eu

podia ver claramente homens e mulheres enxugando as lágrimas de seus olhos. O locutor, em seguida, teve que gritar mais alto que as vozes da multidão para dizer que eles iriam me promover a tenente-coronel.

No vídeo do evento, o aplauso foi tão ensurdecador que o locutor parou de falar.¹

Noah, você estava então com 10 anos de idade, e, quando o jogo tinha terminado, comentou:

– Pai, você parecia que ia chorar o tempo todo. Por que você estava tão triste?

– Porque ter câncer não me torna um herói, e eu não estaria lá sem ele.

Foi o capelão John Morris, nosso capelão e um bom amigo, que ajudou a me convencer de que eu precisava mudar minha avaliação sobre o jogo dos Vikings e sobre o que minha história significava para as outras pessoas. Ele me ajudou a perceber que o tributo não era muito diferente da última chance de marcar pontos em um grande jogo.

A paixão da torcida não estava necessariamente focada no que eu tinha conseguido, mas na indefectível esperança – na indefectível esperança deles – do que ainda era possível superar.

A mensagem da multidão durante essa “última jogada”, como vim a interpretá-la, não era de pena ou tristeza, mas de esperança e amor de outro ser humano: “Aquele”, eles estavam dizendo, “é um cara que eu quero ver lutar e vencer!”.

MAIO DE 2012

Dezoito meses depois de aparecer naquele campo de futebol, eu estava muito pior do que então, mas ainda era capaz de reconhecer em mim mesmo um incrível sentimento de admiração por estar vivo e uma descoberta inesperada de alegria e inspiração para a vida.

Meu tubo de alimentação tinha sido removido, eu tinha acabado de elaborar o primeiro plano de comunicação criado para a Guarda Nacional de Minnesota e todas as flores do meu jardim estavam em plena floração.

Eu ainda tinha um “buraco de bala” visível no meu abdômen e um cateter entrando pelas minhas costelas e penetrando o fígado, mas a dor e o incômodo tinham se tornado toleráveis havia bastante tempo. Eu até me acostumei com a ideia de suportar um ou dois episódios de septicemia por mês, uma vez que meu corpo parecia ter sido capaz de combater isso de forma eficiente durante os 30 episódios que eu tinha experimentado até aquela data.

Então, no Memorial Day, alguns problemas com o buraco de bala me levaram ao hospital. O dr. Ehrenwald fez um rápido raio X para ter uma ideia do tamanho do buraco, e então fomos a seu consultório para verificar o resultado.

Quando a imagem do meu abdômen apareceu na tela, meus órgãos internos eram tão imediatamente familiares para mim como as características de meu próprio rosto. Esqueça o buraco de bala. O que eu notei dessa vez foi que o maior tumor no fígado – aquele que tinha sido tão grande quanto uma moeda – estava agora duas vezes maior. E dois dos outros 15 tumores haviam claramente “acordado” de novo.

Algumas pessoas conseguem dez anos, enquanto outras menos que um, eu me lembrava. A notícia me pareceu tão devastadora quanto meu diagnóstico inicial.

Eu imediatamente comecei uma nova sessão de quimioterapia, mas ela foi abortada logo de cara. Minha pele e os olhos ficaram amarelos, meu corpo começou a coçar, minha urina ficou da cor de chá, sentia frequentemente falta de ar, e me sentia cansado o tempo todo, todos os sinais de um fígado com sérios problemas. Eles ainda tiveram que enfiar um cateter nas minhas costas e drenar um litro de fluido do meu pulmão direito novamente.

Visualizei toda a minha posição estratégica de combate sendo invadida e cercada, assim como tinha sido no segundo semestre de 2010. Foi-se o desejo

de corajosamente declarar guerra. Como em um combate real, a dura realidade da batalha tinha moderado minha abordagem.

No trabalho, eu decidi entregar definitivamente meu sabre e minha bandeira, para meu alívio. *Soldados e oficiais vêm e vão*, nós dizemos, *o Exército permanece*. Deixar o Exército é um dia que acaba chegando para todo soldado; é que, egoisticamente, eu queria que isso ocorresse do meu jeito.

Isso era desistir? Vou contar um pequeno segredo: o Exército não desiste ou recua, nunca. Nós temos nossa própria linguagem para enganar o sistema um pouco. Nós “consolidamos”, nós “reorganizamos”, nós “conduzimos operações retrógradas”, mas nunca “desistimos” ou “recuamos”. Então, qual é a diferença entre uma operação retrógada e recuar? Atitude. Ou, como eu gosto de chamá-lo, o dedo do meio.

Eu acho que se tivesse havido um batalhão do Exército a bordo do *Titanic*, eu teria plena e assumidamente me engajado em ordenar que as cadeiras do convés fossem reorganizadas se todas as outras opções tivessem se esgotado. Isso não é negação, e não é pensamento positivo. Eu sei que o navio está afundando, e minha atitude poderia realmente ser idiota. Eu ia apenas preferir fazer alguma coisa, porque a verdade é que eu já não sei ficar sem fazer nada.

JUNHO DE 2012

Meninos, minha saúde debilitada não os trouxe para meu lado para uma conversa íntima com mais frequência agora do que no início. Na verdade, vocês se mostraram bastante desdenhosos com as notícias. Kristin e eu compartilhamos um breve momento de lágrimas, mas ela foi muito rápida ao declarar que eu era tão teimoso que provavelmente seria o primeiro ser humano a viver sem o fígado. E vocês todos pareciam compartilhar a ideia dela de que nada poderia me derrubar.

Mas vai me derrubar.

Nós não tínhamos conversado sobre “e se...” em sérios detalhes desde o outono de 2010. Agora chegara o momento, e vocês estavam todos resistentes. Matthew, pelo fato de você ser o mais velho, foi meu foco principal, e eu procurei uma maneira de chegar ao assunto.

Quando o Exército me colocou em licença médica completa em 1º de junho, eu já estava preparado para falar no Centro Histórico de Minnesota durante a celebração do 237º aniversário do Exército em 14 de junho. Procurei por temas militares que pudessem ser usados. Sacrifício? Honra? Determinação? Humildade?

Com Matthew dominando minha mente, refleti sobre os serviços e sacrifícios dos soldados ao longo da história, orgulhosos e verdadeiros frente a dificuldades inimagináveis, mas nenhuma mais paradoxal do que a Guerra Civil Americana.

Um dueto.

A ideia me bateu tão rápido e forte que eu estava chorando em cima do meu teclado antes que pudesse concluir o pensamento. Música. Essa foi uma das maneiras que você usou para se comunicar, Matthew, e as palavras de seu solo do ano anterior de repente pareciam servir para nossas necessidades.

Lutar em uma guerra civil e sobreviver a ela. Morrer. O uniforme azul do Exército. Levar uma mensagem importante. Nunca desistir. Amar. Quase cada uma das palavras da canção falou comigo, com você, com todos nós neste terrível momento em nossa vida. E era uma homenagem perfeita para o Exército, ainda por cima. Sem contar que era o Dia dos Pais.

Quando você concordou com entusiasmo em cantar essa música emocionalmente explosiva com seu pai moribundo, e na frente de uma plateia de desconhecidos, finalmente soube que nós compartilhamos o gene “louco”.²

Quando a apresentação terminou, a ideia de *Aos meus filhos* nasceu. Por mais difícil que fosse para todos nós conversar sobre a vida agora, eu acreditava que vocês estariam curiosos no futuro, e que este livro seria a melhor maneira para eu conversar com vocês.

JULHO DE 2012

Eu comecei minha quarta sessão de quimioterapia – um tratamento para câncer de rim – em meados de julho. Recebi um telefonema do gabinete do general Dempsey naquela mesma semana, que por acaso era a mesma semana em que ele e eu havíamos recebido nossos respectivos diagnósticos de câncer dois anos antes. Dempsey não só tinha vencido seu câncer na garganta, como ainda tinha sido elevado ao mais alto posto do Exército americano, e, depois de alguns meses daquela promoção, havia sido escolhido pelo presidente Barack Obama para servir como o oficial mais graduado em todas as Forças Armadas dos Estados Unidos, como o 18º presidente do Estado-Maior Conjunto.

Se seus planos de viagem permitissem, ele e sua esposa Deanie queriam vir a Minnesota para homenagear a mim e a Kristin por nossos serviços no Exército. Quando estávamos em 16 de agosto, o general Jack Vessey, o décimo presidente do Estado-Maior Conjunto, decidiu se juntar a nós.

Ouvir Dempsey falar sobre nosso trabalho em conjunto e sua avaliação pessoal do meu caráter na frente de 350 dos meus amigos e da família me fez sentir como se eu estivesse assistindo a meu próprio tributo no funeral.

E agora o tenente-coronel Weber está instruindo o general Dempsey... Que o maior valor de uma vida é vivê-la para que algo sobreviva depois dela. Que no final você se torna o que você é por meio das causas que abraçou e que transformou em suas ao longo do caminho. E que, de muitas maneiras, pode ser um ideal mais elevado viver uma vida normal de uma forma extraordinária. Eu sempre vou me lembrar dessas lições de Mark Weber. Isso é o que [ele] me ensinou.³

O general Pace, o 16º presidente do Estado-Maior Conjunto, não pôde

estar presente, mas enviou uma mensagem. Ao resumir o que achava de meu trabalho e de minha luta, voltou para nossa piadinha: “Uau, ele é bom!”.

David Petraeus, nesse momento o diretor da CIA, também enviou uma mensagem: “Eu sei que você tem empreendido uma corajosa batalha pessoal desde que quase o coloquei num avião para o Afeganistão há dois anos, e eu realmente tenho sido inspirado por sua bravura e sua coragem”.

Claro, eu estava muito lisonjeado por todas essas afirmações desses gigantes da minha profissão, mas também ouvi uma carga de responsabilidade de continuar a fazer o que tinha feito durante toda a minha vida no Exército, até o dia em que morresse. O que estava perfeito para mim.

Como diria o antigo Navy SEAL Eric Greitens, a missão continua. E, como meus amigos na Outward Bound comentariam, enquanto um navio está em condições de navegar, a bandeira náutica Blue Peter – indicando que o navio está pronto para zarpar – deverá continuar sempre içada.

O capelão Morris resumiu esse sentimento enquanto ele continuava a me incentivar a partilhar este livro com o público:

Somos bombardeados diariamente por notícias realmente ruins, de guerras, de rumores de guerra, acidentes, assassinatos e assim por diante. Junte isso aos desafios que cada ser humano enfrenta, e não é nenhuma surpresa que a maioria de nós tenha necessidade de inspiração. O problema é que as pessoas mais inspiradoras em nosso meio raramente compartilham suas histórias de vida. Elas simplesmente abrem seus caminhos através de cada dia, fazendo o que fazem melhor: enfrentando a vida de frente, com determinação, resistência e coragem. Nós precisamos que essas pessoas compartilhem conosco suas histórias para que possamos extrair delas inspiração para nossa própria vida. Você tem uma dessas histórias e deveria compartilhá-la.

NOVEMBRO DE 2012

O relógio de todo mundo está correndo. Mas meu relógio podemos ouvir. O que o amanhã vai trazer para nós?

Se MacArthur estivesse vivo hoje, eu acho que ele concordaria comigo que, se você é capaz de entender os ensinamentos dos capítulos anteriores, você vai natural e graciosamente receber os dons do presente capítulo: um sentimento de admiração, uma esperança inabalável sobre o que vem a seguir e a alegria e a inspiração da vida.

Eu recebi esses dons, e ainda não parei de buscá-los e descobri-los. Não acabei de fazer perguntas. Não acabei de aprender. Porque ainda estou vivo.

Eu digo a vocês que a dor e o sofrimento — autoimpostos ou não — não são apenas uma rude interrupção de sua viagem, mas um dos muitos propósitos dessa viagem. Os Bufords de sua vida não são algo para se ignorar ou eliminar, mesmo que isso seja possível. Eles estarão lá para serem confrontados com os melhores esforços que vocês puderem dar enquanto forem capazes. Sua bravura, sua honestidade, seu orgulho e humildade, seu apetite por aventura, seu amor pelos outros, sua imaginação, sua sabedoria, sua seriedade e sua expressão emocional — eles são acionados não pelos momentos doces e fáceis da vida, que você deve saborear, mas sim diante de seus Bufords.

Eu estou verdadeiramente e finalmente orgulhoso de tudo que tenho em minha vida, que vivi em constante luta, com buscas contínuas e disposto a lutar, enquanto conduzia uma exploração deste mundo da forma mais honesta que soube fazer.

Se vocês, rapazes, se perguntam se irão viver a vida dessa maneira, pensem nisto: onde estariam hoje se tivessem aceitado a sabedoria que tinham aos 10 anos de idade? Deveriam ter aceitado a sabedoria que a vida lhes deu aos 20 ou aos 30 ou aos 40 anos? Ou vocês vão continuar a fazer perguntas e buscar ampliar sua compreensão de si mesmos e do mundo ao seu redor? Eu já sei que vocês têm uma boa ideia do que pretendem fazer.

Eu compartilhei com vocês como essa moral e essas ideias me guiaram, e também lhes fiz algumas propostas.

Mas talvez seja mais importante para vocês saberem o seguinte:

Conhecendo vocês, conhecendo cada um de vocês, Matthew, Joshua, Noah, tenho completa fé de que irão descobrir o que fazer.

Amo vocês demais.



1. O tributo pode ser visto em <www.tellmysons.com>, na seção “book links”, em inglês.
2. O discurso e a performance, em inglês, podem ser vistos em <www.tellmysons.com>, na seção “book links”.
3. As observações do general Dempsey na cerimônia, assim como as minhas, podem ser vistas em <www.tellmysons.com>, em inglês.

Epílogo

“COMO VOCÊ ESTÁ?”



“Ao meu pai”

Imaginem colocar sua esposa e seus filhos no carro da família para passear pela cidade durante o dia. Mas, em vez de pegar a rodovia, você está se dirigindo para uma pista estreita de enduro, uma trilha que você nunca tinha visto antes. O único problema é que, quando você começar o dia – e você tem que começar –, pode até tentar diminuir a velocidade, mas não será capaz de parar.

Agora, coloque uma venda nos olhos de sua esposa e de seus filhos.

Repita esse passeio todo santo dia até morrer.

É assim que a vida tem sido para mim, Kristin, Matthew, Joshua e Noah. Como o motorista, eu posso ver o que está na minha frente assim que começo cada novo dia. Posso sentir o combustível, a embreagem, os freios e o volante quando batemos nos obstáculos e viramos bruscamente nas curvas fechadas; sinto os pequenos saltos, as descidas e as subidas íngremes. Tem sido uma viagem difícil para todos nós, mas pelo menos eu posso ver para onde estou indo e ter algum senso de controle. Vamos fazer essa viagem angustiante até que eu morra e minha jornada termine para sempre.

Kristin e nossos meninos podem ver, obviamente, mais do que uma venda nos olhos permitiria, mas eles não têm controle sobre o que acontece, exceto oferecer a mesma coisa que amigos e familiares estão desesperadamente dizendo a todos nós pelos alto-falantes de nosso rádio: palavras de encorajamento e conselhos sobre como conduzir as ocasionais explosões de tristeza ou raiva durante os inevitáveis contratempos da viagem.

Meus meninos vão perder o pai numa idade em que a maioria das pessoas perde o avô.

E Kristin? Como as palavras podem descrever sua dor e sua perda, ou a força de seu amor, um amor que foi misturado a todas as dificuldades que

compartilhamos? Como ela pode não ter medo de perder seu marido e o pai de seus filhos, o homem que ela chama de seu melhor amigo e de sua alma gêmea? Ou, na prática, a perda do disciplinador para nossos meninos e principal fonte de renda para nossa família? Tristeza e medo mal conseguem descrever os sentimentos.

“Como você está?” Essa é a pergunta mais comum que temos ouvido desde que começamos esta jornada. Na verdade, o jornalista David Murray, que me ajudou neste livro, fez uma observação sobre essa questão um mês depois que começamos nosso trabalho. Ao descrever a primeira vez que conheceu todos nós em Chicago, ele observou:

Quando eu estava com sua família durante aquelas duas horas em Chicago, eu senti como se estivesse olhando por uma janela de dor beirando a loucura, em todos vocês – você, seus filhos, Kristin. O que veio à mente foi um reconhecimento sincero da minha parte da incerteza, do medo, da raiva que vocês ainda devem sentir [...] Gostaria que você soubesse que mesmo as partes mais sangrentas e angustiantes do livro não conseguem retratar a quase loucura, a tristeza insana, o medo absoluto e a confusão [...] A realidade desordenada e rodopiante dessa situação.

O problema para mim é que não acho ser possível capturar plenamente em algumas páginas a experiência crua e desordenada que David e tantos outros gostariam de conhecer.¹

O que está escrito aqui foi feito para lhe dar alguma ideia de como estamos lidando com nossa luta contra o câncer. Mas exige algo de sua parte, como leitor. Você tem que pôr de lado sua própria imaginação a respeito do que você acha que deve ser e confiar que aquilo que estou dizendo é como as coisas são. Porque eu não posso competir com a imaginação.

Cada um em nossa família lidou com as coisas de um modo um pouco diferente, e mostro essas reações aqui como uma observação e não como um

julgamento do que é bom ou ruim, ou do que dá certo e o que não dá.

Joshua processa as emoções e os pensamentos dentro dele mesmo e não compartilha isso com muitas pessoas. Ele está sempre vivendo o momento, e não um passo adiante. Se ele tivesse um lema nessa idade, poderia ser: “Vou atravessar essa ponte quando chegar lá”.

Certa manhã, por volta das 6 horas, ele desceu as escadas enquanto eu tomava café e pediu para sentar-se comigo na minha poltrona reclinável favorita, que temos desde que Matthew era um bebê. Deitou-se lateralmente em meus braços, eu o embalei e ele se aconchegou, do mesmo jeito que a gente fazia todas as semanas quando ele era pequeno.

Nós balançamos para trás e para a frente, enquanto eu falava sobre o impacto que o câncer teria sobre nós, tentando lhe dar um sentido de quanto ele significava para mim e de como eu me sentia. Meus olhos estavam úmidos quando lhe perguntei como ele estava se sentindo. Percebi que Joshua estava se aconchegando mais perto de mim, como se estivesse chorando. Mas, quando olhei em seu rosto, vi que ele estava rindo! Isso, na verdade, me deixou um pouco irritado.

– Joshua! Como você pode rir de uma coisa dessas? Isso é sério.

Ele parecia envergonhado, mas continuou rindo enquanto respondeu:

– Você tem um bafo fedido, pai.

Noah é muito diferente. Ele expressa suas emoções livremente, fala o que vem à cabeça e faz as perguntas não muito tempo depois de formar um pensamento. Sua pergunta mais urgente era sobre o que iria acontecer quando eu tivesse ido embora. Será que vamos ter de vender a casa? Mudar de escola?

Apenas alguns meses antes, quando meu terceiro tratamento de quimioterapia fracassara, ele perguntou a Kristin com uma voz inexpressiva:

– Vou ter um padrasto?

Kristin respondeu:

– Não, nós vamos ter outro gato. Eu vou ser a mulher-gato.

E essa resposta pareceu satisfazê-lo, embora eu não tenha muita certeza do

que ela diz sobre mim!

Para ser honesto, tais experiências, combinadas com outras que foram compartilhadas no livro, não me encorajaram muito sobre como eles estavam indo. Por isso, foi uma surpresa quando o assistente social da escola, Jim Ciemny, escreveu-me, de repente, pedindo minha permissão para que Joshua e Noah pudessem ajudar outro aluno.

Ajudar? Meus meninos?

Jim escreveu: “Eu testemunhei algumas coisas muito surpreendentes em seus filhos, e isso me tocou profundamente [...] Existe um tipo de acordo, ou pacto, se preferir, entre os dois. Ambos concordam que Noah é mais ‘prático emocionalmente’, enquanto Josh fica mais confortável em ser ‘mais tranquilo e em ficar à margem’, para usar as palavras deles. Sua capacidade de se comunicar, atribuir funções e criar estratégias é bastante surpreendente e avançada para a idade dele. Simplificando, é a empatia em movimento”.

Jim vem trabalhando nesse campo há 20 anos e passou metade de sua carreira trabalhando com jovens problemáticos e com famílias desestruturadas. Ele passou a explicar que havia um aluno do terceiro ano cujo pai era um soldado que havia sido transferido para diversas missões durante a maior parte dos últimos dois anos. A criança estava começando a expressar estresse intenso (exibido por meio de automutilação inconsciente), ansiedade, frustração e uma reduzida capacidade de se focar nos estudos. Enquanto ele quebrava a cabeça para descobrir a melhor forma de apoiar o menino, vários professores e especialistas sugeriram Joshua e Noah como potenciais mentores.

Eu fiquei mais do que um pouco preocupado. Eu só podia imaginar quanto Joshua e Noah estavam suportando ao carregar o peso de um pai e dois avós lutando contra o câncer. Ainda assim, na minha profissão, eu já vivenciara como ajudar os outros tinha, na verdade, ajudado a diminuir cargas pessoais, então concordei.

Os meninos ficaram eufóricos.

“E eles de fato ajudaram!”, escreveu Jim mais tarde. Joshua e Noah se

reuniam com o menino todas as semanas. “Surpreendentemente”, Jim disse, “Joshua era o mais verbal, o mais tranquilizador, o melhor modelo para esse menino. Ele fazia perguntas gentis e compartilhava seus pensamentos. Noah fazia isso também, mas seus esforços eram mais esperados por conta de sua natureza franca. Parece que foi mutuamente terapêutico para todos os envolvidos. No final do ano letivo, aquele garoto do terceiro ano estava estável, e ele sempre procurou mais os seus filhos do que a mim quando precisava ser ouvido e receber palavras amigas. Isso sim era uma amizade recíproca!”.

Durante dois anos, Jim disse que viu toda a gama de emoções – tristeza, profundo lamento, lágrimas, humor, sarcasmo, silêncio e alegria. Tudo o que era esperado e normal, em sua opinião. “Eles sempre se queixam, mas sempre falam de você e Kristin e de como se sentem amados.”

Jim encerrou sua mensagem dizendo-nos que Joshua e Noah transpareciam dois temas cada vez que os via, e ele só podia acreditar que eles haviam aprendido aquilo em nossa casa: “Saiba onde você começou, onde você está e onde você quer estar; e não desista nunca”.

★ ★ ★

Matthew está em uma categoria própria. Como adolescente, luta com hormônios, emoções à flor da pele, namoradas, os rigores de ser bem sucedido e falhar nos esportes e na vida no colégio em geral. Quem vai dizer qual emoção vem de onde? Ele certamente não pode dizer, e não consegue explicar de maneira exata o que sente ou pensa sobre isso tudo, então eu não acho que a resposta possa ser conhecida.

Ao invés de focar em por que as emoções estão lá ou o que pode gerar essas emoções, eu sugeri que poderia ser mais importante se concentrar em o que fazer sobre isso. Uma vez que ele não conseguia controlar o que sentia ou quando sentia, talvez fosse melhor trabalhar em coisas dentro de sua zona de

controle – o comportamento e seu ambiente.

Em um dia particularmente difícil, nós nos sentamos juntos no sofá e ele desatou a chorar:

– Nada está indo bem, tudo está errado. É uma merda! – disse ele com raiva e lágrimas nos olhos.

Ele não gosta de falar sobre como será a vida sem um pai, e sempre resistiu a conversar comigo ou com outras pessoas sobre o assunto. Naquele dia, eu insisti. Ele e eu nos sentamos à mesa da cozinha enquanto Kristin lavava a louça depois do jantar.

Peguei um copo, enchi com água até a metade e o coloquei na frente dele.

– Este copo de água representa sua vida – comecei. – Todos nós achamos muito fácil descrever esta parte – disse eu, enquanto apontava para a metade vazia do copo. – Tudo bem, nós precisamos fazer isso para manter nossa noção da realidade e permanecermos humildes. Mas às vezes temos que trabalhar um pouco mais para descobrir o que está nesta parte do copo aqui – e aponte para a água. – O que é a água em sua vida? – perguntei a ele.

Matthew ficou sentado ali pensando por vários minutos, sem palavras.

– Bom, não estou doente – finalmente respondeu.

Eu ri.

– Bom, agora que sabemos o que você não é, vamos nos concentrar sobre o que você é. Concentre-se no que você tem, não no que não tem.

Ele continuou a olhar para a mesa à sua frente, com o rosto contorcido de desconforto. Nada.

– Vamos começar com algo realmente próximo de sua vida – disse eu. – Sua mãe e seu pai, dê uma avaliação sobre nós.

– Bom – disse ele –, vocês não me ofendem nem me tratam mal.

Mais uma vez reiterei a necessidade de se concentrar no que ele tem, não no que não tem. Então ele começou a listar o que fazemos por ele e como demonstramos nosso amor e carinho, mesmo quando ficamos bravos com seu comportamento.

– E sua namorada? – perguntei. – Ela é inteligente, bonita e está dois anos na sua frente, mas preferiu ter você como namorado do que qualquer um dos rapazes da classe dela. O que acha que isso diz sobre você?

Ele deu de ombros e disse que realmente nunca pensara sobre isso dessa forma.

– Tente fazer isso agora – sugeri.

Ainda assim, ele se sentou lá estupefato. Depois de alguns minutos de silêncio, perguntei:

– E seu violão?

Sua cabeça disparou. Sim. Ele era excepcionalmente bom em tocar violão. Tinha trabalhado duro para chegar lá, e não precisava ser Jimi Hendrix para saborear um pouco de orgulho por suas habilidades.

– E que tal seu canto ou a dedicação e a paixão que costuma aplicar na natação? – perguntei.

– Sim, mas ainda não sou bom o suficiente para me comparar com os caras mais velhos – respondeu Matthew.

Bati na metade vazia do copo.

– Sim, é importante saber o que ainda não se possui e que ainda precisa ser trabalhado, mas, uma vez que já falamos sobre isso, queremos nos focar aqui – mudei o dedo de lugar –, na água, na parte em que há alguma coisa.

Por fim ele reconheceu que, embora ainda não estivesse onde gostaria na natação, realmente já tinha percorrido um longo caminho. Na verdade, ele podia ver a lógica em quase tudo o que fez, desde andar de bicicleta até escrever.

Toda a discussão levou 25 minutos. Quando terminamos, ele se mexeu na cadeira, me olhou nos olhos e disse com uma tristeza aparente:

– Isso é difícil.

Sim. É. Mas você vai ficar cada vez melhor nisso quanto mais praticar.

★ ★ ★

Kristin, é claro, está tão perto dos detalhes e dos dramas da montanha-russa quanto eu. Sua modéstia significa que fazer com que ela fale sobre as bênçãos da vida seja tão difícil quanto arrancar isso de Matthew. Em toda a sua vida, sempre foi suficiente para ela viver um dia de cada vez, com seus instintos e, particularmente, sem muita preocupação em relação ao amanhã.

Da religião à política até o sentido da vida, seus pensamentos estão fortemente presos, mais do que se estivessem em Fort Knox. Nem mesmo minhas transferências a fizeram falar. Ela nunca teve problemas em reconhecer as dificuldades e em expressar tristeza ou raiva com seus próprios Bufords, mas sempre se manteve contente se distraindo com alguns pequenos hobbies, com o trabalho doméstico que precisa ser feito ou com os três filhos que ela gosta de criar.

Mas com meu câncer aos 38 anos? E com ambos os pais com câncer no começo dos 60 anos? Toda essa experiência forçou-a a abrir as fechaduras de seu cofre. Ela é retraída, mas não uma reclusa, por isso é muito mais difícil de manter o equilíbrio que ela deseja em relação a quanto e quando compartilhar.

– Você acha que eu me sinto bem em rir ou me divertir quando o meu marido está morrendo de câncer? – dizia ela em meio a lágrimas de partir o coração. – Eu me sinto culpada. Eu deveria estar aqui com você.

Não importa o que eu diga ou o que os amigos dela digam. Sua personalidade diz que está errado, e assim ela aceita.

Ela sabe que a vida não é justa, e sabe que não está sozinha ou que não é a única sofrendo, mas a raiva e a frustração ainda batem à sua porta todos os dias.

Sacos de drenagem, feridas abertas, implantes médicos balançando e um odor constante que faz o nariz arder colocam um verdadeiro amortecedor na vida, como se pode imaginar, para um marido e uma mulher aos 40 anos. Eu não estou inválido e sou fisicamente capaz, mas nossa vida é rotineiramente pontuada por períodos de tristeza completa que carregam um impacto dramático.

Essas condições redefiniram o significado do amor, do afeto e do comprometimento para ambos quase do dia para a noite. Elas nos impulsionaram para um relacionamento mais frequentemente visto aos 60 anos do que aos 40. Considerando a base que já tínhamos quando o câncer chegou, nossa transição foi relativamente suave, mas não sem luta. A mesma receita que tentamos implantar durante 18 anos ainda parece funcionar: comunicar-se e, se for preciso brigar, que seja uma luta justa, e depois ser cordial quando fizer as pazes.

Nada me leva às lágrimas mais rápido do que pensar que Kristin vai levar consigo a maior parte da “quase loucura, a tristeza insana, o medo absoluto e a confusão... A realidade desordenada e rodopiante dessa situação”, como David Murray tão eloquentemente colocou.

Para usar as palavras de Kristin:

– Sim, a vida é injusta, mas parece ainda um pouco mais sabendo que você vai perder seu melhor amigo, que aparentemente não se abala com as provações da vida, e uma alma gêmea que você sabe que revela o melhor em você, mesmo que ele o tire do sério de vez em quando.

★ ★ ★

O que as pessoas parecem realmente querer saber... Como é morrer em câmera lenta? Como é realmente estar vendo sua própria morte se aproximando?

Hoje? E falando só por mim? É uma merda. É lindo. É aterrorizante. É pura tortura. É pura alegria. E me parece um pouco irresponsável, porque sei que vou deixar minha família em troca de algo que sei que vai ser melhor.

Se você acredita que a vida não nos deve nada e devemos a ela tudo; que a vida tem a ver com a máxima experiência possível da viagem, seja ela boa ou má; e que a morte é parte da vida, então há uma estranha paz e um desassombro reconfortante em enxergar tudo se desenrolando à sua frente,

mesmo quando se está assustado ao saber que deixará a família em apuros.

Nós todos sabemos, ou pelo menos ouvimos falar, que a Morte supostamente vem até nós como um ladrão na noite. Eu peguei a Morte tentando entrar, e de alguma forma consegui lhe dar um chute na cara, por dois anos. Com raiva, felicidade e tristeza brotando dentro de mim enquanto escrevo isso, será que você consegue imaginar como isso foi bom e me fez sentir bem como soldado, considerando o que você já leu sobre minha vida?

A Morte vai entrar, mas eu sei exatamente onde ela está. Considerando o fato de que a Morte está chegando para todos nós, a capacidade de vê-la chegar e fazer com que ela aconteça segundo meus próprios termos é a segunda melhor coisa (a primeira é viver uma vida longa).

Eu vivenciei uma meia dúzia de cortinas se fechando, e estou realmente começando a me sentir um pouco culpado por não ter correspondido às expectativas. Meu funeral vai ser francamente um anticlímax.

Digo tudo isso com muita humildade, porque de vez em quando eu estendo a mão e agarro esse cabo eletrificado que é minha realidade diária e semanal.

Kristin e eu estávamos discutindo uma vez algumas coisas rotineiras de meus cuidados médicos e de repente ela me interrompeu, quase como se tivesse ficado irritada por me ver zombando da morte.

– Você não fica frustrado ou com raiva disso tudo? Nada parece perturbar você!

A verdade é que eu fico com raiva. Por exemplo, eu acredito que a atitude e a oração são importantes, mas fico irritado quando as pessoas insistem que essas são as causas e as curas para o câncer. E não é verdade que nada me perturba. *Muita coisa* me perturba.

Em todas as dúzias de vezes em que fiquei prostrado na cama por dias a fio – acredite em mim, eu estava perturbado.

E depois? Essa é minha pergunta sobre ficar com raiva ou ficar perturbado. A resposta para mim, durante a maior parte de minha vida adulta, tem sido

apenas algumas linhas adaptadas da Oração da Serenidade, que eu tento desesperadamente colocar em prática:

*Aceitar as coisas que não posso mudar,
mudar as coisas que posso,
e buscar informações e perspectiva com os outros
(Sabedoria) para que eu possa saber a diferença entre as duas.*

Se eu pudesse, editaria mais a Oração da Serenidade e adicionaria: “E mais tarde, quando você ganhar mais sabedoria, visitar as coisas que achou que não poderia mudar e tentar novamente”.

Eu sinto medo também, mas muito mais pelo que vai acontecer à minha família quando eu me for, e não do que está vindo para mim. Minha fé me diz para onde vou. Eu não estou ansioso para ir embora, mas muito animado por ver o que há do outro lado.

Minha família chora, gritamos, rimos e tentamos falar sobre o que tudo isso acabará por significar para eles. Nós nos concentramos sobretudo em viver a vida que temos e no que podemos fazer quando as coisas não saem como queremos. Neste último momento, eu estou muito mais agressivo em relação a providenciar uma liderança autoritária dentro de minha família e muito menos paciente no que diz respeito a aceitar desculpas.

Se alguma coisa disso tudo – as histórias para meus meninos ou este epílogo para vocês – soa como uma receita para saber como lidar com as coisas horríveis em sua vida, deixe-me ser muito claro em afirmar com grande convicção que, em minha opinião, é tudo uma tentativa. E é tudo mais fácil de dizer do que fazer. Tudo o que sei é que, enquanto fui capaz, eu tentei.

Então, se você cruzar com eles na sua vida, espero que diga aos meus filhos (ou aos seus filhos e filhas) para perseguir a moral desta história por tanto tempo quanto forem capazes.

1. O mais próximo que posso chegar de tal descrição está em meu diário no CaringBridge, em inglês:

<www.caringbridge.org/visit/markmweber>.

Nota e Agradecimentos do Autor

Sou um pouco alérgico a manifestações públicas de espiritualidade (receio que possam constranger a Deus), porém preciso fazer uma exceção aqui, porque prosseguir sem ao menos reconhecer a inspiração de Deus em minha vida não seria correto. Sou grato a Deus por me inspirar não apenas a ser bom, mas a ser *bom por alguma coisa*; e por ter tido fê suficiente em mim para me deixar viver do jeito que me parece que foi sua intenção – *imperfeitamente*. A verdadeira maravilha desta existência é que Ele não tenha tentado viver a vida por mim, e nem me poupado das experiências que me fizeram ser quem eu sou.

Eu tenho orgulho da vida que vivi, mas, quando as pessoas me chamam de herói ou me dizem como meus filhos são sortudos por terem a mim como pai, eu olho para minha direita e vejo minha esposa e amiga, Kristin, e me sinto humilde. *Ela* é que é a heroína, porque ela é a razão de eu ter conseguido ser o soldado, pai e homem que sou. No caso deste livro recebi um bônus, pois, embora o câncer esteja roubando meu tempo restante com Kristin, ela apoia meus esforços com amor e cuidado.

Meus pais, Dennis e Illean: perdoem-me por ter sido aquela criança chata que fui, mas espero que eu tenha compensado tudo como homem. Obrigado pela sólida formação que me deram, e por sempre terem permitido que eu fosse quem sou.

Aos meus filhos nasceu da persistência e da determinação do capelão John Morris. Mais de um ano atrás, comecei a vasculhar meus mais de 20 anos de escritos em meu diário e em meus e-mails para coletar algumas histórias importantes que eu pudesse compartilhar com meus filhos. Mais do que ninguém, John foi quem me convenceu a produzir uma versão que eu pudesse compartilhar do lado de fora de nossas quatro paredes, com outros filhos e pais e mães e filhas.

Meus agradecimentos vão ainda para o escritor Jay Heinrichs, que foi o primeiro a me ajudar a escolher entre as diversas abordagens possíveis para escrever este livro e então me incentivou a escrever cada história diretamente para Matthew, Joshua e Noah.

Quando escrevi para David Murray em 21 de junho de 2012, a respeito de uma possível colaboração neste livro, sua resposta educada foi: “Provavelmente eu não sou o cara certo para isso”. Mas, quanto mais conversávamos, mais eu me convencia de que ele era precisamente o cara certo para isso. Exatamente um mês depois, ele concordou com nossa parceria.

Quando ele me perguntou qual era o cronograma, contei-lhe que minha ideia era um presente de Natal, o que significava que teríamos que ter um rascunho pronto no final de setembro – apenas dois meses adiante. Ele respondeu que não achava que isso seria possível, mas acrescentou que “estou apostando que você é o tipo de sujeito que vai me provar que eu estava errado”.

David ouviu, observou os tópicos mais comuns em minha vida e então agressivamente me ajudou a encontrar um tipo de abordagem que eu jamais teria descoberto sozinho. Sua franqueza, humor, objetividade, simpatia e olhos aguçados ajudaram-me a transformar minhas histórias em *Minha História*.

Tenho uma dívida de gratidão assombrosa com um grande número de pessoas que me ajudaram com a versão que eu mesmo publiquei deste livro. Kerri Alexander, editora de Mitch Albom, se ofereceu para fazer o copidesque do livro e então insistiu em fazê-lo gratuitamente. Jim Kosmo, meu consultor

literário, forneceu conselhos e a amizade. Tom Kerber e Amy Quale, da Beaver Pond Press, me trataram como membro da realeza. E Paul Engleman forneceu uma avaliação adicional e um trabalho de edição que ajudaram este livro em centenas de maneiras. Agradeço também a Shel Danielson e a Scott Thomsen, da Holton House Audio, e Wynn Grothem, da Tri-Audio Productions, pela valiosa e generosa ajuda no audiolivro.

Um enorme obrigado à equipe extraordinária da Ballantine, que realizou feitos sobre-humanos para levar *Aos meus filhos* para o mundo. Obrigado especialmente ao meu editor Mark Tavani e à sua incomparável assistente, Betsy Wilson, por conduzir o esforço com tanta habilidade e cuidado. Para Libby Mcguire, Gina Centrello, Jennifer Tung, Richard Callison e Kim Hovey: obrigado por acreditarem neste livro e em mim. Estou maravilhado com a velocidade, a eficiência e o cuidado de Quinne Rogers, diretora de marketing, e da extraordinária equipe de divulgação, Susan Corcoran, David Moench e Cindy Murray. E para aqueles em Direitos Autorais, Digital, Jurídico, Vendas... – especialmente Denise Cronin, Toby Ernst, Matthew Schwartz e Laura Goldin – obrigado por tudo o que fizeram.

Os drs. Timothy Sielaff, Eduardo Ehrenwald (“Oscar”), Subbarao Inampudi (“Felix”), John Seng e, particularmente, a enfermeira Marie Kramer foram mais do que apenas minha equipe médica. Eles têm sido como uma família. A habilidade deles de trabalhar juntos fez com que o quinto diagnóstico fosse o correto, por isso seu presente para mim foram os dois últimos anos de minha vida.

Aos 59 homens e mulheres que me acompanharam nos últimos 18 anos (vocês sabem quem são) – obrigado por me fazerem a pessoa que sou. Três conselheiros e mentores em particular merecem destaque, pois foram como pais para mim durante todo meu tempo de serviço no Exército: coronel Terry Clemons, sargento-major Jim Barrett e coronel David Treuting. Além desses três homens, não há como eu listar mais nomes sem que sem querer eu deixe de citar um. Vocês simplesmente devem saber a quem me refiro.

Usei principalmente nomes verdadeiros neste livro. John Booth, Dennis Bryer, Ben Kramer, Avery James e Mike Burns são todos pseudônimos, então se uma das histórias deles parecer estar se referindo a você, ou é paranoia ou ilusão.

Meus agradecimentos ao major-general Richard Nash, por me conceder permissão para escrever este livro ainda estando em serviço ativo. Já que decidi utilizar minha patente para me identificar, sou obrigado a expressar que as visões e opiniões apresentadas neste livro são minhas e não representam necessariamente a opinião do Departamento de Defesa.

Em outubro de 2010, algumas centenas de familiares e amigos em todo o país, assim como centenas de soldados e todos os oficiais de mais alta patente da Guarda Nacional de Minnesota, se reuniram para lançar a *Operation True Grit* (Operação Bravura Indômita) em benefício da minha família. Relutei em aceitar uma ajuda da qual não precisávamos, e não sabia o que poderia fazer com tanta generosidade.

Este livro, então, é parte da resposta: a ajuda levantou quase que o exato valor em dinheiro necessário para publicar o livro por conta própria, o que, por sua vez, trouxe o livro à vida.

Essa generosidade também está nos capacitando a levar a Operação Bravura Indômita adiante. Kristin e eu vamos usar metade dos recursos provenientes da venda deste livro para ajudar os filhos de outros pais a vencer suas dificuldades para que possam viver vidas ricas e produtivas, assim como espero que aconteça com meus filhos.



Sobre o autor

O tenente-coronel Mark M. Weber nasceu e foi criado no Estado de Minnesota. Ele serviu por 23 anos no Exército dos Estados Unidos, cinco anos como soldado alistado na Guarda Nacional de Minnesota e 19 anos em serviço ativo como oficial. Ele serviu em diferentes locais nos Estados Unidos, no Pentágono, na Arábia Saudita e no Iraque.

Mark se graduou com distinção na Universidade Estadual de Minnesota, tem mestrado em História na Universidade Estadual de Jacksonville e mestrado em Gestão de Políticas Públicas na Universidade de Georgetown em Washington, tendo atuado como especialista em política na Universidade de Minnesota. Suas comendas e prêmios incluem a Legion of Merit [Legião do Mérito], a Bronze Star [Estrela de Bronze] e o Combat Action Badge [Distintivo Militar de Combate].

Em 13 de junho de 2013, aos 41 anos, Mark faleceu em casa, rodeado pela família e de frente para o jardim de que tanto gostava.